

Sarah Cohen-Scali

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

120

40°

20

max

42

130

Nasci no dia do aniversário do nosso Führer para ser o modelo da raça superior, e mesmo sabendo que era um predestinado, não levou muito tempo para que minhas crenças começassem, lentamente, a desmoronar...



Max

Sarah Cohen-Scali

Max

Uma Fábula Histórica Fascinante
e Perturbadora

Tradução
ROSANE ALBERT



Título do original: *Max*.

Copyright do texto © 2012 Éditions Gallimard Jeunesse.

Copyright da edição brasileira © 2016 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2016.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Nilza Agua

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Assistente de produção editorial: Brenda Narciso

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Bárbara C. Parente

Produção de ebook: [S2 Books](#)

CIP-Brasil Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Cohen-Scali, Sarah

Max : uma fábula histórica fascinante e perturbadora / Sarah Cohen-Scali ; tradução Rosane Albert. –

São Paulo : Jangada, 2016.

Título original: *Max*.

ISBN 978-85-5539-039-5

1. Ficção francesa I. Título.

15-10354

CDD-843

Índices para catalogação sistemático:

1. Ficção : Literatura francesa 843

1ª Edição digital: 2016

e-ISBN: 978-85-5539-043-2

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Primeira parte

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

Segunda parte

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

19.

20.

[21.](#)

[Terceira parte](#)

[22.](#)

[23.](#)

[24.](#)

[25.](#)

[26.](#)

[27.](#)

[28.](#)

[29.](#)

[Quarta parte](#)

[30.](#)

[31.](#)

[32.](#)

[33.](#)

[34.](#)

[35.](#)

[36.](#)

[37.](#)

[38.](#)

[Notas da autora](#)

PRIMEIRA PARTE

NÃO SEI AINDA COMO VOU ME CHAMAR. Estão na dúvida entre Max e Heinrich. Max, como Max Sollmann, o diretor administrativo da casa que em breve vai me acolher. Ou Heinrich, em homenagem a Heinrich Himmler, o idealizador da minha concepção e a dos meus camaradas que virão a seguir.

Pessoalmente, eu escolheria Heinrich. Respeito muitíssimo *Herr* Sollmann, mas é preciso sempre visar alto na hierarquia. *Herr* Himmler é mais importante do que *Herr* Sollmann. Ele é nada mais nada menos que o braço direito do Führer.

Mas isso pouco importa, ninguém vai pedir minha opinião a respeito.

ESTAMOS EM 19 DE ABRIL DE 1936. Já é quase meia-noite.

Eu deveria ter nascido ontem, mas não quis. A data não me convinha. Assim, não saí do lugar. Permaneci imóvel. Rígido. Ah, isso faz minha mãe sofrer, é claro, mas ela é uma mulher corajosa e suporta esse atraso sem reclamar. Além disso, tenho certeza de que ela aprova minha decisão.

Minha promessa, a primeira da minha vida que vai começar, é nascer no dia 20 de abril. Porque é dia do aniversário do nosso Führer. Se eu nascer nesse dia, serei abençoado pelos deuses germânicos e visto como o primogênito da raça suprema. A raça ariana. Aquela que doravante reinará absoluta sobre o mundo.

No momento em que falo com você, ainda estou no ventre da minha mãe e meu nascimento é iminente. Uma espera de alguns minutos apenas. Mas você não tem ideia da angústia que me revolve as entranhas! Estou muito inquieto! Ainda que eu não tenha nenhuma razão para duvidar disso, tenho medo de que a penugem que recobre meu craniozinho de bebê e, mais tarde, meus cabelos não sejam muito loiros. É absolutamente necessário que eles sejam loiros! De um loiro platinado. O mais claro possível, sem a menor nuance de

castanho. Meus olhos, *eu os quero azuis*. Um azul transparente, como a água cristalina que não se pode contemplar sem ter a impressão de ali se afogar. Quero ser grande e forte... Ah, mas estou me expressando mal! O que acabo de dizer é sem importância e enfadonho, não consigo encontrar as palavras certas. Normal. Não estou completamente pronto, não passo de um bebê... Soará melhor se eu lhe repetir as palavras do nosso Führer. Escutei um de seus discursos alguns meses atrás, quando eu ainda era minúsculo, apenas um feto, mas a voz dele era tão forte, tão vibrante, tão potente, que achou seu caminho até mim. Vibrei de prazer, e foi naquele momento que dei meu primeiro chute na barriga da minha mãe. Para demonstrar toda a minha alegria.

Nosso amado Führer disse: *“Devemos construir um mundo novo! O jovem alemão do futuro deve ser ágil e esbelto, vivo como um galgo, forte como o couro e duro como o aço de Krupp!”*.

É isso aí. Exatamente o que eu quero: ser ágil. Esbelto. Vivo. Duro. Coriáceo. Morderei em vez de sugar. Berrarei em vez de balbuciar. Odiarei em vez de amar. Combaterei em lugar de rezar! Oh, meu Führer, não o decepcionarei! Além disso, preciso me recompor. Por que essas preocupações? Elas são ridículas, injustificadas; é evidente que vou me parecer com minha mãe.

DEIXE-ME FALAR SOBRE MAMÃE. Alta. Loira. Ela prende seus lindos cabelos dourados abaixo da nuca ou os trança em coroa em volta da cabeça. Ela não se maquia nunca. A maquiagem serve para as mulheres orientais, para seus olhos escuros e esfumaçados como as baratas! Repugnante! A maquiagem é boa para as putas! (Não tenho medo dos palavrões, mesmo sendo ainda um bebê. É bobagem um bebê não falar francamente, até cruamente; isso só serve para enfraquecê-lo e deixá-lo tímido.) Voltemos à mamãe e seus cabelos: eles são lisos como cassetetes, ela jamais usou aqueles produtos que deixam os cabelos horivelmente ondulados ou que mudam a cor – bons para meretrizes! –, ela não fuma, porque prejudica a fertilidade, e tem quadris largos. Ela não é daquelas que mudam a alimentação para ficar magras. Além do mais, às vésperas de uma guerra, seria muito ridículo, porque um dia podem faltar alimentos e é preciso aproveitar a abundância enquanto podemos usufruir dela.

Mamãe se veste com saia marrom e camisa branca, e só usa sapatos baixos.

Graças à sua bacia larga, ela me carregou sem nenhum problema. Antes de ser obrigada a repousar, ela ficou trabalhando aqui, na casa de Steinhöring, no subúrbio de Munique. Ela participou dos arranjos e da decoração das nossas clínicas. Porque, você sem dúvida não sabe disso, eu não sou o único bebê que vai nascer. Somos dezenas e dezenas a caminho, o nascimento dos próximos já foi programado há muito tempo. As dezenas se tornarão centenas; as centenas, milhares. Formaremos um verdadeiro exército!

Os quadris largos de mamãe vão me facilitar a tarefa: poderei sair sem esforço, abrindo caminho para meus futuros meios-irmãos e irmãs, porque mamãe jurou ao nosso Führer que vai lhe dar um filho por ano.

Quanto ao meu pai, é um pouco mais difícil descrevê-lo. Não sei quem ele é. Nunca ouvi o som da sua voz. Não o conheço. E jamais o conhecerei. É assim que vai ser para todas as crianças do futuro. Teremos apenas um único pai espiritual: o Führer. Meu pai biológico encontrou minha mãe uma única vez. Uma noite. Para me conceber. Sei que ele é *Sturmbannführer* da Waffen-SS, ou seja, comandante de batalhão. Mais duas patentes na hierarquia e ele chegará a coronel. O que vai ser fácil quando a guerra começar e ele matar muitos inimigos, conseguindo assim a graduação necessária.

Espero mais tarde usar um lindo uniforme preto como o dele.

NO INÍCIO, SEM SABER O QUE A ESPERAVA, minha mãe se candidatou ao posto de *Schwester*, isto é, “enfermeira”. Ela escreveu uma carta e a resposta foi uma convocação para os gabinetes da Herzog-Max-Strasse. Lá, ela passou por uma série de exames. Foi pesada. Medida. Em pé. Sentada. Agachada. Inclinação para a frente. Para trás. Estudaram a forma do seu crânio e o mediram. Mediram também a altura da testa, a disposição dos olhos e a distância entre eles. Mediram o comprimento do nariz, a largura e a curvatura. Mediram o comprimento dos braços, das pernas e do torso. Mediram a distância entre os lábios e o queixo, e entre as maçãs do rosto e o nariz. Mediram o occipital, o pescoço. Os médicos foram despejando uma quantidade enorme de números que as secretárias anotaram em um registro. Depois as secretárias fizeram somas, subtrações, multiplicações, das quais escreveram o resultado. Anotaram também a cor da pele de mamãe, dos cabelos e dos olhos: branca, loiros, azuis. De qualquer modo, ela nem teria entrado nos gabinetes se tivesse uma pele ligeiramente morena, cabelos e

olhos castanhos. Mas os médicos estudaram também a cor de seus pelos, loiros como os cabelos, pouco numerosos, implantados no sentido correto.

Em seguida, mamãe foi encaminhada para as médicas, que a despiram completamente. Elas a examinaram com lupa. Tudo. Mesmo internamente. Sobretudo internamente. Lá onde entraria o sexo do seu futuro parceiro. Para me fabricar, a mim. *Alles in ordnung!*, elas disseram.

Conclusão, mamãe foi declarada “perfeitamente conveniente para a seleção”. Foi a melhor avaliação! Outras tiveram menos sorte, elas não conseguiram mais que “medianamente conveniente”, e outras, enfim, “de jeito nenhum”. Estas foram “reinstaladas”. Atenção! É uma palavra codificada, não quer dizer que as instalaram em outro lugar. Não, significa que elas foram “exterminadas”.

Lixo! Raus! Kaputt!

Há os palavrões e as palavras codificadas. Comigo podem usar tanto uns quanto as outras. Os primeiros não me chocam, e das outras eu conheço o sentido oculto. Enfim, vou precisar aprender uma longa série deles à medida que for crescendo. Aprenderei também os nomes em código. O programa dos anos que virão, estabelecido por nosso Führer, está crivado deles. Veja um exemplo: no momento, eu e meus camaradinhas devemos nascer muito secretamente. Ninguém ainda sabe o que significa realmente *Lebensborn*, o nome em código do nosso programa. Estou contando para você, mas não repita para ninguém. Isso quer dizer “fontes de vida”.

A vida programada. Regida em função de parâmetros precisos, estabelecidos antecipadamente. Uma vida que se nutre da morte.

Voltemos à mamãe. Ela ainda não tinha vencido nada. É muito difícil tornar-se uma *Schwester* completa! Não na primeira entrevista. Se mamãe tinha recebido a aprovação na primeira parte do exame, restava a segunda. Era preciso reunir todas as provas de seu pertencimento à raça nórdica e apresentá-las aos conselheiros da procriação, em outro gabinete, o do RuSHA (Gabinete superior da raça e do povoamento). Ela forneceu os papéis provando que seus ancestrais eram alemães desde 1750, que gozaram de perfeita saúde e que, em suas veias, não havia uma só gota de sangue eslavo. Menos ainda de sangue judeu. Então, aí vamos nós!

É com este ponto que eu me preocupo. Se os papéis são positivos, mas não se tem o sujeito na sua frente, como saber? O que eu quero dizer é que, por exemplo, se meu tetra-tetra-tetravô teve a infeliz ideia de ir para a cama com

uma judia, com a ajuda do mistério da genética, uma gota do sangue dessa criatura inferior não vai reaparecer no meu sangue e contaminá-lo, arruiná-lo??? Seria terrível!... Como saber disso? Como? Impossível.

A única certeza que tenho é que sou um menino. Sim, pelo menos nenhuma dúvida quanto a isso; para provar: esse pequeno volume no meu baixo-ventre. É meu sexo. Masculino. Estou muito contente por não ser menina! Porque as meninas, quando se tornam mulheres, são submetidas à lei dos três K: *Kinder, Küche, Kirche*[\[1\]](#). Enquanto eu prefiro o K de Krupp: tanques, canhões, fuzis, guerra...

Bem! Vamos acabar com os maus pensamentos! Impossível que eu tenha sangue judeu nas veias. Não tenho com que me preocupar.

Porque há o meu pai.

É o que me leva à terceira parte do exame pelo qual mamãe passou. Depois de ter sido observada pelos especialistas em procriação, depois do estudo de seus ancestrais, pediram-lhe para que enviasse uma foto em que estivesse de maiô. Os médicos e as médicas estudaram então a foto (acho que tiraram as medidas de novo) e a colocaram em comparação com outras fotos: as dos oficiais da SS, de calção de banho também. Para saber qual a melhor combinação possível, a melhor união. Imagine que você possui um garanhão e quer que ele reproduza: não vai escolher a égua de melhor desempenho para garantir um ótimo resultado? Como Krupp, em quem nosso Führer confia tanto, fabrica seus canhões, aqueles que logo se voltarão contra nossos inimigos para eliminá-los? Com o melhor aço, é claro! E o melhor aço é o resultado da fusão dos melhores materiais. Eu precisava ser o produto da união dos corpos mais nobres. Por isso é que os médicos e as médicas, examinando as fotos, escolheram meu pai. Loiro, olhos azuis, grande, esbelto... Vocês conhecem a cantilena.

Assim, se alguma vez uma pequeníssima, minúscula, microscópica gota de sangue judeu tentou reaparecer, tenho certeza de que meu pai deu conta dela na noite em que se encontrou com mamãe, aqui, em Steinhöring, em outro prédio que não este onde vou nascer.

AH! PRECISO FALAR UM POUCO de Steinhöring. É agradável contar tudo isso, faz passar o tempo, e de conversa em conversa, aproxima-se a meia-noite de 20 de abril, dia do meu nascimento.

Na casa, anteriormente, funcionava um asilo. Um asilo para deficientes

mentais, retardados, débeis mentais, ou seja, todos os seres inúteis que vivem à custa da sociedade. Parasitas. Eles foram “reinstalados”. (Não vale a pena me repetir, você se lembra do que isso significa, não é mesmo?) Em seguida, foi feita uma obra de grande porte para reformar o edifício. A mudança deveria ser radical. Uma mudança completa, compatível com a diferença entre os antigos pensionistas e os novos. Os antigos representavam a vergonha da pátria, os novos serão seu orgulho.

Antes de tudo desinfetaram o local, depois criaram salões, refeitórios, salas de parto, as de visita, as de tratamento, dormitórios para as jovens mães, berçários para os bebês e as varandas. Foi preciso derrubar paredes, levantar divisórias, rodear o pátio com uma cerca e plantar árvores bem altas para nos proteger dos olhares indiscretos. Um imenso canteiro de obras construído em pouco tempo, graças a uma importante mão de obra que trabalhou de graça: os prisioneiros vindos de Dachau – um campo onde ficam presos Testemunhas de Jeová, homossexuais, assim como os opositores do nosso Führer e do regime. (Infelizmente, existem esses tipos! Mas logo eles também serão “reinstalados”!) Eles trabalharam dia e noite, sem descanso, e assim construíram nosso *Heim*, além do prédio que mencionei há pouco. Lá onde se realizaram os encontros. As uniões.

É um prédio menor. Nele, há um salão de música, uma sala de jantar – geralmente, os casais selecionados jantam juntos antes de fazer o que deverão fazer – e os quartos. Os quartos não são tão acolhedores como os dormitórios do *Heim*. É de propósito. Nada de móveis supérfluos: uma cama, uma mesa, uma janela grande. Nada mais. Muito iluminados, mas também muito frios. Para que o encontro não dure muito tempo. Para que os parceiros, se não sentirem prazer – o que não é forçosamente o caso –, não adquiram gosto por aquilo que fazem. Aparentemente há moças que tentam se salvar no último momento, assim que compreendem o que se espera de uma *Schwester*. O que é que elas estavam pensando? Que iriam escolher seu parceiro e viver uma paixão? Que ingenuidade! Que inconveniência! É preciso desfrutar dos homens enquanto estão vivos. Muitos vão morrer no campo de honra. Os nascimentos diminuirão. Ora, a Alemanha não deve ser uma nação de velhos. É preciso garantir que isso não aconteça! Vamos em frente! Daí a nossa programação.

Além disso, o acasalamento é UM DEVER. Para servir à pátria. Para fazê-la sair da escuridão e guiá-la na direção da luz. O acasalamento não deve

mais ser um prazer. A vida sexual (eu repito, não tenho medo das palavras e já sei de muitas coisas) não é mais um caso pessoal, é uma obrigação, uma tarefa sagrada, destinada a objetivos elevados. Mesmo que assim doa. Mesmo que seja duro.

Acho que minha mãe sentiu dor quando ela se uniu ao meu pai.

Acho que ela não conhecia o significado da palavra codificada *Schwester*.

Acho também que ela quase desistiu e fugiu. Mas meu futuro pai e eu, nós a encorajamos. Meu pai, fazendo-a beber uma boa quantidade de *schnaps* para aquecê-la, relaxá-la e deixá-la pronta para cumprir seu dever. Quanto a mim, eu não passava de uma vaga ideia no espírito da mamãe, apenas uma voz interior, mas não parava de encorajá-la, repetindo: “É preciso fazer isso, mamãe! É preciso! Pelo movimento nacional-socialista! Pelo Reich! Pelos seus milhares de anos de domínio! Pelo futuro!”. Então ela voltou os olhos para o retrato do Führer, pendurado na parede do quarto claro e frio, cerrou os dentes e decidiu.

Ela fez o que devia.

E estou aqui.

E agora que o minuto passou, aí vou eu.

Saio!

Rápido! O mais rápido possível! Quero ser o primeiro do nosso *Heim* a nascer no dia 20 de abril. Nas salas de parto, já tenho muitos rivais em potencial. Preciso passar na frente deles, nem que seja por um segundo.

Me encoraje!

Pense naquilo que eu lhe disse: eu DEVO ser loiro. Eu DEVO ter olhos azuis. Eu DEVO nascer vivo.

Esbelto.

Coriáceo.

Duro.

Como o aço de Krupp.

Sou a criança do futuro. Concebida sem amor. Sem Deus. Sem Lei. Sem nada além da força e do ódio.

Heil Hitler!

[1] Crianças, cozinha, igreja.

FOI DIFÍCIL. Muito, muito difícil.

Para você, eu posso admitir, mas é para ficar entre nós, combinado? Porque a criança do futuro *não reclama jamais da dificuldade!*

Nem a evita.

Diante de mim, havia aquele túnel estreito em que eu deveria entrar e cujo final eu não via. Nada. Nem a mínima luminosidade para me orientar. Não passava de uma longa vala, juncada de armadilhas e obstáculos de todo tipo, em que eu poderia ficar preso a qualquer momento. No entanto, uma cabeçada, um movimento do ombro e eu conseguia ampliar meu campo de ação. Mas não muito. Não o suficiente. Percebi que, se quisesse seguir adiante eficazmente, seria preciso mudar de posição. Dando um quarto de volta à direita, me encontro sobre o ventre. Muito melhor. Pude ganhar um pouco de terreno. Somente preciso cuidar para não me embaraçar em minha trela, minha corda de rapel, aquilo que me mantém com vida – “o cordão umbilical”, se você preferir o termo técnico. Ele estava tão comprimido que fiquei com menos oxigênio.

Eu me saí bem. Progredi, progredi o mais rápido possível. Arrastei-me à força em terreno hostil, não hesitando em dar coices, golpes com os pés, com os punhos, com a cabeça, como um pequeno garanhão, como o pequeno guerreiro que sou... Percorri assim boa parte do caminho e comecei a perceber, longe ainda, uma luz ínfima que me guiava pelas trevas. Ela brilhava por trás da última barreira que me restava vencer... O Colo. O famoso Colo. A fronteira diante do mundo que me esperava.

Eu precisava tomá-lo de assalto.

Do lado de fora, ressoava uma algazarra infernal que chegava até mim cada vez mais distintamente. Era uma gritaria! Que crescia! Que trovejava! Um verdadeiro bombardeio! Minha passagem para fora provocava um

verdadeiro tumulto! Além disso, havia os gritos da minha mãe. Oh! Como ela urrava! Abominável! Nenhuma contenção! Francamente, não foi muito elegante da parte dela deixar-se levar assim pela dor. Por outro lado, cada berro provocava uma contração que me impulsionava para a frente; uma ajuda considerável. Eu tinha a impressão de ser uma bola de canhão catapultada para o campo inimigo. Ela sofria, a mamãe. Ela apertava os dentes, como na noite em que havia encontrado meu pai para me fazer. A fim de me assegurar de que ela não falharia no último momento, dei-lhe um tempo de repouso para que se recuperasse. Quando senti que ela estava perto do esgotamento, eu assoprei com minha vozinha interior: “Concentre-se! Preste atenção! Não tire os olhos do retrato do nosso Führer!” (Eu sei que há um pendurado na sala de parto. Há, na verdade, em todas as dependências do *Heim*.) “Nosso Führer está vendo você! Lembre-se do seu juramento de oferecer a ele seu *primeiro* filho; este é o momento de cumprir a promessa!” Então ela se recompôs, cerrou os dentes mais uma vez e assoprou bem forte antes de empurrar, empurrar, EMPURRAR FORTE, como lhe pedia a parteira, cuja voz eu ouvia. (Que garganta tinha ela também!)

MAMÃE REALMENTE se superou a partir daquele momento. Recusou a ajuda médica que lhe ofereceram, uma medicação para diminuir a dor. Bravo! Honra lhe seja feita. E isso servia aos meus planos. Porque, na sala ao lado, meu rival também progredia rapidamente. Até que a mãe dele, menos corajosa que a minha, aceitou a medicação, de modo que o pessoal julgou que podia deixá-la por uns instantes, e toda a equipe médica mobilizou-se em volta de mim e de mamãe. Josefa, a enfermeira-chefe, juntou-se à parteira, acompanhada de três outras enfermeiras. Um belo comitê de recepção!

Josefa colocou as mãos sobre a barriga da mamãe, precisamente no lugar onde eu me havia colocado. Agora que eu me aprontava para retomar a ofensiva, ela se pôs a gritar: “Meu Deus! Ele é grande! ah, sim, acho que ele é realmente muito grande!” E ela decidiu chamar o doutor Ebner.

Oberführer SS Gregor Ebner.

O médico-chefe da maternidade. Aquele que decide tudo. Que tem poder de vida e de morte. O representante do nosso Führer no *Heim*.

Eu me senti tão honrado! Pense um pouco, os soldados de primeira classe, recentemente engajados, raramente têm a oportunidade de ser beneficiados com a ajuda de seu coronel em pessoa! Eu disse a mim mesmo que era

preciso me mostrar à altura da situação e provar todos os meus talentos estratégicos para a última batalha. Sem esquecer que o objetivo era manter o doutor Ebner junto de mim e de mamãe. Era preciso acima de tudo que ele não passasse para a sala ao lado. Que não ajudasse meu rival! Eu devia aproveitar minha vantagem: a mãe dele, aliviada da dor, empurrava menos, e ele certamente iria se atrasar. Só me restava dar a minha cartada. Reunir minha coragem para atacar o Colo.

O mais rápido possível.

Parti. Avancei de cabeça sem contar com os dois ossos que na mesma hora fizeram uma saliência de um lado e do outro do meu crânio. Verdadeiros picos! E eu que achava que minha mãe tinha uma bacia larga! Eu tinha sido muito presunçoso!... Malditos ossos! Primeiro, foi meu nariz que bateu, depois minha boca, meu queixo. Mas dei conta da dor e me encontrei com a cabeça colada à barreira do Colo. Avancei ainda com a vantagem do vigor. *Vai! Vai! Para a frente, com toda a força!* Pouco importavam as deformações que eu me infligia! Eu teria um crânio na forma da cabeça de um obus quando saísse, e daí? Guerreiros não se preocupam com a estética. Além disso, os ossos de um bebê são maleáveis, eu não duvidava que, mesmo se ficasse com a cabeça deformada na saída, ela voltaria ao seu formato normal em seguida. O que importava era figurar na primeira posição no registro de nascimentos de 20 de abril. Mobilizei todas as forças de que dispunha, e o resultado: a barreira dava sinais de que estava enfraquecendo. Ah, sim, eu podia senti-la a cada empurrão, ela começava a ceder. Até que... Vlam! Ela se abriu!

VENCI!

Finalmente fui expulso para o exterior. Era meia-noite e um segundo. Que precisão!

A PRIMEIRA COISA QUE VI assim que saí foram as mãos do doutor Ebner. Com luvas brancas, ainda assim elas pareciam longas. Finas. Pálidas. Ossudas. Elas me agarraram com uma força que sua aparência não deixava pressentir. Ele as colocou de um lado e de outro da minha cabeça, parecia um torno, depois me puxou pelos ombros e me tirou. Tirou.

Eu berrei.

Para mostrar que estava bem vivo. Bem oxigenado.

– Bravo, *Frau Inge!* – gritou Josefa. – É um menino! É magnífico! Pode

ficar orgulhosa!

Obrigado pelo elogio. Mas isso não era novidade para mim.

Continuei meu reconhecimento e notei então as grandes botas pretas de cano alto que o avental branco do doutor Ebner cobria em parte. Magníficas! Adoraria me enfiar em uma delas. Eu poderia dormir ali. Vi também manchas de sangue sobre o branco do avental. Sangue de mamãe. O meu, talvez? Quem sabe um vômito! Ou um pequeno soluço! Nada mais normal do que haver sangue depois de um combate. Portanto devo me acostumar com isso desde agora. Depois, meus olhos se fixaram na insígnia de ouro do partido, presa na gola do avental do *Herr Doktor*. Como era bonita! Como brilhava!

Eu berrei. Uma e mais vezes. Porque eu queria agarrá-la, aquela insígnia dourada, isso me daria um imenso prazer! Mas não cheguei lá. Abandonei essa ideia e voltei meu olhar para o rosto do doutor Ebner. Lógico, a minha visão naquele momento estava longe de ser perfeita, mas dava para divisar uma cabeça calva, lisa e brilhante como a insígnia do partido. Enxerguei uma veia grossa e saliente no alto da sua têmpora. Vi que os lábios eram tão retos quanto os canos das botas. E cerrados. Eles não sorriam. Percebi que o *Herr Doktor* usava óculos redondos, por trás dos quais o olhar dele me observava. Azul. Claro. Muito claro. Transparente. Um abismo líquido em que eu tinha a impressão de mergulhar, de me afogar. Uma água glacial. De repente senti frio. Muito frio.

Berrei ainda mais alto.

Em meio aos meus gritos, percebi que Josefa se preocupava com a mãe da sala ao lado. Havia um problema com seu bebê que – um imbecil completo – tinha conseguido dar uns nós em sua corda de rapel. Josefa pediu ao médico que fosse vê-los. Ele levantou a mão esquerda sinalizando que ela deveria esperar – ele me segurava apertado contra ele encaixado na curva de seu braço direito – e lhe deu ordens para se arranjar sozinha com a parteira. Porque ele queria me examinar antes. A mim.

Que medo!

Eu sabia o que aquilo queria dizer. Significava que, embora tivesse conseguido vencer a corrida contra o relógio, minha vitória ainda não estava garantida. Como mamãe até tornar-se *Schwester*, eu havia passado apenas pela primeira prova para ser consagrado como o “bebê do Terceiro Reich, o primogênito da raça ariana”.

Faltava a prova das medidas.

HAVIA UM QUADRO afixado na sala de parto. (O quadro, como o retrato do nosso Führer, está em todos os cômodos do *Heim*.) Ele mostra a classificação das raças arianas. Em primeiro lugar, a “raça nórdica”; em segundo, a “westfaliana”, raça da união com a terra; e, em terceiro, a “dinárica”, aquela do amor profundo pela pátria. Os célebres Bismarck e Hindenburg são westfalianos puros, para citar dois exemplos. Mas um homem, um só, simboliza a união perfeita das três raças: o Führer.

Onde eu iria me situar nessa classificação?

O doutor Ebner cortou com um golpe seco de tesoura a minha corda de rapel – ela não me serviria mais para nada. Clac! E me levou para uma sala ao lado. Longe da mamãe. Ela queria me segurar nos braços, mas o doutor Ebner não lhe deu ouvidos. Quanto a mim, mesmo que um momento antes eu tivesse dado tudo por uma mamada no peito, não importava qual, para isso precisando passar para os braços de mamãe que tinha com que me satisfazer, naquele instante fiquei com meu apetite bloqueado. Por quê? Porque Ebner exigiu que não fosse incomodado sob nenhum pretexto.

Não gostei nada disso.

Ele mandou chamar sua secretária, que, depois de juntar-se a nós em uma sala que lembrava um laboratório, sentou-se diante de uma escrivaninha e abriu um grande registro. Havia muitas colunas na página virgem. A minha página.

Quando o doutor Ebner pede para ficar a sós com um recém-nascido, é um péssimo sinal.

Eu ouvi os boatos que corriam no *Heim* quando ainda estava na barriga da mamãe. (Há mulheres que não sabem segurar a língua, tagarelas que fofocam sem trégua e assustam os outros.) Algumas diziam que, quando o doutor Ebner, sozinho com sua secretária no laboratório, examina um recém-nascido e decide que ele não está de acordo, ele o “reinstala”. O próprio doutor. Em seguida, a secretária escreve no registro: “Natimorto” (= palavra codificada).

Eu não me sentia muito à vontade, pode crer. Mas, como mamãe, tranquei os dentes – pelo menos as gengivas, e fiquei preparado para o pior sem um gemido. Somente os vagidos normais. Minha vida seria curta, o que fazer? Ela pertencia ao meu Führer.

Depois de ter me lavado, o médico me pôs sobre uma mesinha, ao lado da qual estavam dispostos, bem alinhados, diversos instrumentos. Reconheci,

entre outros, uma balança, um metro, um compasso e um estojo, uma espécie de porta-joias, que continha cinco a seis pares de olhos – não de verdade, olhos de vidro –, com diferentes nuances de azul. Havia também uma paleta de amostra de cabelos do castanho-escuro ao loiro mais claro. À parte, separada dos outros instrumentos... uma seringa.

Ebner começou o exame.

“Tamanho: 54 centímetros.

Peso: 4 quilos e 300 gramas.”

Foram as únicas cifras que guardei, porque havia tantas outras em seguida e eu berrava de tal forma, que não ouvia mais a voz do doutor Ebner, que as enunciava rapidamente.

Comprimento dos braços.

Comprimento dos braços esticados em relação ao quadril.

Comprimento do torso.

Curvatura da concavidade do tórax.

Comprimento das pernas, do sexo, dos pés, das mãos.

Distanciamento entre os dedos, entre os artelhos.

Largura das orelhas.

Espaçamento do lóbulo.

Espaçamento entre os olhos.

Em seguida, ele avaliou meus reflexos. Reflexo de sucção: ele me apresentou seu dedo e eu me apressei a agarrá-lo, chupando-o. Forte. Gulosamente. O dedo dele tinha gosto de metal, de aço. Krupp da melhor qualidade. Foi bom. Reflexo dos pontos cardeais: ele me estimulava tocando em algum lugar e eu virava imediatamente a cabeça na direção indicada. Em seguida, ele me mostrou seus dois indicadores, eu os agarrei, bem forte, de tal modo que ele me levantou. Na sequência, encadeei o reflexo da marcha automática: um pé adiante do outro, mesmo balançando muito. Eu tinha a impressão de estar preso a um paraquedas. Se Ebner me soltasse, a queda seria garantida, e minhas pernas, nas quais eu me apoiava, me pareciam tão moles quanto *marshmallow*. Depois disso, Ebner passou a dar tapinhas, com força. Fiquei chocado! Abri os braços outra vez, os dedos afastados, depois os recolhi junto ao peito, os punhos fechados. Até ali tudo ia muito bem, eu estava confiante, confiava em meus instintos, o doutor Ebner parecia satisfeito, já que a veia que latejava na lateral da sua cabeça calva tinha quase desaparecido.

Em seguida, ele pegou as amostras de cabelos, colocou-as sobre a minha cabeça e disse à secretária para anotar que a minha penugem era bem, bem clara. (*Doas vezes clara, graças a Deus!*) Para os olhos, ele se serviu do estojo de olhos de vidro. Escolheu um olho que estava no topo do escaninho e o aproximou dos meus. “2 c!”, anunciou. “A confirmar dentro de dois meses.” Visto que o olho de referência era azul, deduzi que os meus também eram. “2 c”, será que isso queria dizer “duas vezes claro”, como para a penugem da minha cabeça? Na minha opinião, com essa parte eu não tinha mais com que me preocupar, Ebner tinha um ar confiante.

Chegamos ao exame do crânio. Um exame rigoroso, minucioso. Que me pareceu durar horas. Ebner o apalpou longamente, muito longamente, com seus dedos metálicos. O alto, as laterais, a parte de trás, as têmporas. A testa. Foi aí que comecei a perder a confiança que vinha ganhando com as medidas, os reflexos, a cor dos cabelos e dos olhos. Ah, como lamentei por ter me batido tão selvagememente no canal de saída, porque, idiota que fui, deformei minha cabeça! Ela era oval, em forma de “pão de açúcar”. Não redonda. Não redonda como a do doutor Ebner. Como ele era calvo, via-se bem que tinha a forma de uma bola de futebol, enquanto a minha não passava de uma minibola de rúgbi.

Maldita cabeça.

Que azar! Imagine eu falhar no último e derradeiro critério de seleção. Quando o doutor Ebner pegou o compasso e o aproximou do meu crânio, não tive um segundo sequer de dúvida quanto ao veredicto. Meu destino estava selado. Se bem que a abertura do compasso, até onde vi, era muito grande. Mas, se pelo menos eu tivesse sabido! Teria sido melhor nascer depois do meu rival – espere, será que ele nasceu nesse meio-tempo?, eu me perguntei maquinalmente apesar da minha perturbação. Pelo menos eu não teria me deformado assim.

Vamos, Oberführer Ebner! Já acabamos! Portanto, me “reinstale” logo, eu bem que mereço isso!

A ponta do compasso se aproxima; cada vez mais perto, ainda mais perto... Fechei os olhos e fechei meus pequenos punhos com toda a força antes que ele percebesse que meu coração batia como um tambor. Todo o meu sangue fluiu para a cabeça, eu estava roxo, o crânio prestes a explodir como uma bomba.

Mas não senti a ponta me trespassar... O que estava acontecendo? O doutor

teria se apiedado? Isso não parecia próprio dele. De todo modo, eu não queria a sua piedade! Seria a desonra! Ou, então... Não seria com o compasso que ele iria me “reinstalar”, mas com a seringa que eu tinha visto sobre a mesa. Evidentemente! A seringa servia para a picada de “reinstalação”.

Foi então que, apesar do meu estado de pânico e meus berros – que eu não havia interrompido durante todo esse tempo –, vi Ebner escrever, ele mesmo, sobre uma folha de rascunho apanhada com presteza, uma nova série de números. Em seguida, ele fez um cálculo mental em voz alta:

“O índice cefálico sendo o diâmetro transversal sobre o diâmetro anteroposterior multiplicado por cem, chegamos ao resultado de... 86 milímetros. *Oitenta e seis milímetros!* Escreva! Escreva rápido!”, ele disse à secretária. “A saliência occipital anterior é bem marcada e não há protuberância frontal. O índice cefálico confirma o que já aparecia visualmente, ou seja, a cabeça longa e estreita do recém-nascido.”

Ele fez uma pausa e, depois, dirigindo-se sempre à secretária, pronunciou uma palavra cujo sentido não entendi: “Conclusão: o menino é dolicocefalo”, disse ele. “Encaixa-se portanto em todos os critérios, sem exceção. Convém perfeitamente à seleção.”

Como? Sua língua se confundiu? Ele disse “convém perfeitamente” em lugar de “não convém de jeito nenhum”?... Eu não compreendia mais nada. “Dolicocefalo”, isso lembra “hidrocefalo”, ou seja, os bebês que têm a cabeça cheia de água, não? Os doentes, os retardados, como aqueles que viviam aqui antes que o asilo se tornasse um *Heim*.

Mas não. Depois de ter escrito as palavras do doutor Ebner no registro, a secretária se aproximou e curvou-se sobre mim. Com um sorriso radiante, ela se extasiava e se desmanchava em elogios. As palavras então se organizaram dentro do meu crânio deformado – afinal, nem tão deformado assim. Compreendi que a “dolicocefalia” é o último trunfo que classifica alguém dentro da raça ariana nórdica.

Urra!!!

Vitória!!!

Dessa vez, sem dúvida, eu podia verdadeiramente gritar minha vitória.

E não me privei disso.

Berrei. BERREI.

RECEBI UMA PORÇÃO de presentes quando nasci. Muitos.

Para começar, os presentes tradicionais, aqueles que todos os meus camaradinhas receberam: um candelabro, feito por um prisioneiro de Dachau, e um marco (uma quantia simbólica). A cada um dos nossos aniversários, recebemos mais um marco e uma vela para enfeitar o candelabro. E eu, como nasci no mesmo dia do nosso Führer, tive direito a uma caderneta de poupança que será regularmente abastecida.

Este começo de vida não é lindo?

Espere, isso não é tudo. Parece que vou receber um quarto presente. Uma surpresa. Josefa falou disso com mamãe sem lhe revelar do que se tratava. Mas, pela excitação toda – ela ficou vermelha como um pimentão, endireitou o busto, ficou em posição de sentido e pôs a mão sobre o peito como se o ar lhe faltasse –, eu diria que não deve ser algo sem graça. Deve ser uma grande surpresa. Alguma coisa importante, impressionante. Até imagino o que possa ser, mas seria tão bom que não ouse acreditar. Enfim, quem sabe? Por que não, depois de tudo? Fui o primeiro a chegar, passei por todas as seleções em primeiro lugar, então... Ah, quando penso nisso, sinto um nó na barriga! Veremos logo se meu sonho se realiza.

Em compensação, há uma coisa que me contraria: não tenho ainda um sobrenome, nem mesmo um nome. Não há pressa nenhuma, pelo que diz o pessoal, porque meus camaradas e eu não precisamos ser inscritos nos registros civis e não usamos o sobrenome de nossas mães. Assim, ninguém sabe o sobrenome de ninguém aqui. As *Frauen* chamam-se apenas pelos nomes... Pressa nenhuma. Fácil de dizer! Eu tenho pressa que definam meu nome, porque, enquanto espera, mamãe me chama de “Max”, como se a escolha do meu nome coubesse a ela. Pior ainda, cada vez que me carrega – num total de três vezes ao dia –, ela me chama de “meu Maxizinho”, ou me

cobre de expressões idiotas e bobas: “meu amorzinho”, “meu querido”, “meu pequenino”.

Não sou seu amor, não sou seu querido. E, sobretudo, não sou pequeno! Sou grande. Forte. Duro. Será que ela se esqueceu de como fui concebido? Felizmente Josefa está vigilante. Ela repreende mamãe com frequência:

– *Frau Inge*, vamos lá! Fale corretamente com o garoto! Ele a ouve, ele a compreende, não polua assim o cérebro do menino!

Mamãe deve ter feito uma expressão esquisita quando Josefa lhe disse isso, porque a enfermeira acrescentou num murmúrio compadecido:

– Bom, se você quer mesmo lhe dar um apelido, vou lhe confiar aquele que lhe demos pouco depois do nascimento: *Klein Kaiser*. “Pequeno Imperador.”

Klein Kaiser. Dois K. Nada mal. Melhor que Max, em todo caso. Vamos esperar.

MAMÃE É INQUIETA. Ela se esforça por encontrar alguma semelhança entre nós. Eu adivinho quando ela está fazendo isso quando ela me examina por alguns instantes, as sobancelhas franzidas e um olhar interrogativo, preocupado. A julgar pelo ar um nadinha sério que ela apresenta agora, nós não nos parecemos. Além disso, as outras *Frauen* confirmam isso: “Ah, mas não se preocupe, é que ele tem de puxar o papai, aquele belo homem!” E mamãe pensa, reflete. Reúne suas lembranças: o papai, o papai... Como era mesmo, o papai? Ela não se lembra mais. Normal. Era noite, fazia frio, a relação tinha sido curta e mamãe olhava somente para o retrato do Führer. Talvez dele tivesse restado apenas o rastro de um perfume, ou o cheiro acre de suor forte, de hálito avinhado, o eco de uma voz, de um gemido, a breve visão de uma tatuagem debaixo de uma axila – os oficiais da SS têm seu grupo sanguíneo tatuado nesse local. Bem útil em caso de transfusão.

Tenho a impressão de que mamãe tem maus pensamentos de vez em quando. Sinto isso, eu percebo. Por essa mania que ela tem de se endireitar de repente quando me carrega em seus braços. É só um pouquinho, não muito, apenas perceptível. Entretanto eu adivinho que na mente dela surgem muitos pensamentos: perguntas, dúvidas. Arrependimentos?

Não é nada bom ter dúvidas. Perguntas, menos ainda. É preciso não se interrogar nunca. Deve-se ter uma confiança cega em nosso Führer! Quanto aos arrependimentos, bom, é muito tarde para tê-los!

Quando sinto mamãe fraquejar assim, eu me ponho a berrar. O fato é que

essa atitude dela tem consequências desagradáveis para mim. Seu olhar vagueia sem vida, ela deixa o busto ir para trás e, como resultado, o seio escapa da minha boca, não consigo mais vê-lo para agarrá-lo e não posso mais mamar. Furioso, dou então o máximo de volume ao meu choro e isso não falha, atraio assim a atenção do doutor Ebner que, lá de cima, de seu gabinete no último andar do *Heim*, pega sua luneta para fiscalizar a varanda onde ficamos uns com os outros. Mamãe, que sente o olho da luneta fixado nela, examinando cada um de seus movimentos, se recompõe. Ela estica os lábios trêmulos num esforço para sorrir. E volta a me amamentar.

Eu sugo, sugo. Vigorosamente. Decididamente. Às vezes, mordo um pouco.

Devo reconhecer que, nesse aspecto, não tenho do que reclamar. Mamãe é uma ótima nutriz. No momento, agora que são passados três dias do meu nascimento, as enfermeiras anotaram em seu registro que mamãe já me deu 17.620 gramas de leite. Muito mais do que as outras mães. É preciso que ela continue nesse ritmo. Se ela continuar a me nutrir desse modo, terá direito a uma recompensa e poderá prolongar sua permanência no *Heim*. Quanto a mim, desde que forme uma equipe com ela, poderei bater um recorde. Como quando nasci.

Ah, verdade, me lembrei agora, eu não falei do meu desafiante, meu rival.

Kaputt. Tot. Morto.

Verdadeiramente natimorto, viu, não “desinfetado”. (Aprendi uma nova palavra codificada: “desinfetar”, que significa “praticar eutanásia”.) De fato, meu rival desinfetou-se sozinho estrangulando-se com sua corda de rapel. A parteira não conseguiu desfazer os nós em que ele estava preso. Ela temeu por sua própria vida quando precisou anunciar essa perda ao doutor Ebner. Certamente, ela corria sério risco de ser “reinstalada”. Mas Ebner não ficou bravo. Ao contrário. Depois de dar um rápido olhar ao pequeno cadáver, ele felicitou a parteira por ter assim economizado a picada que seria necessária lhe administrar caso tivesse vivido. Uma picada no crânio na altura da moleira. Um pequeno sobressalto, um pequeno soluço e... acabou! É completamente indolor. (Vi isso no laboratório onde passei pelos testes: a seringa que me deu tanto medo, ela servia para a “desinfecção”.)

Você quer saber por que seria necessário desinfetar meu rival? Porque é impossível manter no *Heim* um recruta *unharmonish*. Imagine que o bebê era moreno! Bom, as cabeças castanhas, isso pode ser acomodado, na falta de

alternativa melhor, mas há diferentes nuances de cabelo escuro. Meu rival tinha cabelo preto, cor de carvão. E coberto de pelos dessa cor, um verdadeiro macaco! E com a pele morena para coroar tudo... Ebner deixou sua cólera explodir, mas sobre os empregados do RuSHA, aos quais ele pediu o conjunto de fichas relativas à união que gerou esse produto defeituoso. Houve uma falha em algum lugar! Ou do lado da mãe, ou da parte do pai. Um dos dois certamente tinha falsificado seu certificado de arianidade. Ou, então, é aquilo que eu lhe dizia antes do meu nascimento: a genética permanece ainda um grande mistério. Felizmente logo será possível controlá-la para evitar fracassos como esse. Os erros desse tipo são muito úteis para o futuro.

Nessa ocorrência, não foi falha da genética. *Frau* Bertha, a mãe do macaquinho, foi quem mentiu. Ela tinha um judeu entre seus ancestrais! Ela foi transferida rapidamente depois do parto para uma fábrica de munições. Se não podia mais dar crianças ao Führer, que trabalhasse! Que fosse útil de outra forma.

Essa história lamentável serviu entretanto aos meus planos. Minha vitória, portanto, foi ainda maior. Meu primeiro morto em combate! Morto no ovo.

BEM, NÃO VAMOS FALAR mais de coisas desagradáveis. Vamos gozar um pouco de sol e de calma.

Neste momento, um suave sol de primavera lança seus raios sobre a varanda onde estão os berços. Há bem uns trinta deles. Talvez mais. E reina a calma, porque eu sinalizei para isso. Há pouco, quando comecei a chorar, todos os meus camaradinhas me imitaram. Foi um berreiro geral! As enfermeiras não sabiam mais o que fazer. Depois eu me calei e os outros me seguiram. Sou um verdadeiro comandante de tropas.

Gosto do silêncio durante a digestão para dormir melhor em seguida. Nossos berços ficam alinhados na varanda. Enfileirados, eles formam uma linha reta, perfeita, como um batalhão pronto para o ataque. São berços lindos, grandes, confortáveis, recobertos com um amplo tecido branco cujas bainhas são enfeitadas com babados, que nos protegem tanto do sol, porque às vezes ele é violento – nossos olhos claros são particularmente sensíveis, não se esqueça –, quanto de olhares indiscretos. Estamos no campo e é melhor desconfiar dos habitantes locais. O próprio doutor Ebner desenhou os berços e exigiu que o material fosse muito sólido para evitar qualquer

acidente. O tecido disfarça as barras. Ebner fiscaliza tudo, sabe? É ele quem recruta as enfermeiras e as amas de leite. Quem calcula as vitaminas que devemos tomar. É definitivamente um pai para todos nós. Ele vai controlar nossas vidas desde as fraldas que usamos atualmente até o uniforme da SS que um dia teremos a honra de vestir.

Graças a ele, nosso ambiente é de uma limpeza reluzente. Os móveis do *Heim* são muito bonitos e logo, ao que parece, outros, mais luxuosos ainda, nos serão entregues. Os que foram requisitados aos opositores do regime. Os *Heime* extras que estão sendo construídos espalhados pelo país poderão ser mobiliados graças aos despojos de guerra quando esta tiver começado. Nos anos que virão, certamente haverá ainda mais! Todas as riquezas roubadas pelos judeus, nós as retomaremos. Por toda a Europa!

Ebner fiscaliza igualmente a horta. O administrador fez com que se plantasse aí cenoura, espinafre, todo tipo de legume, fontes de vitaminas para nós quando tivermos idade para ingerir refeições sólidas. A propriedade que rodeia o *Heim* não cessa de ser ampliada, e apelou-se novamente para a mão de obra de fora. Já lhe disse antes, Ebner fiscaliza todo mundo com sua luneta: o comportamento das mães com seus filhos, as amas de leite, as enfermeiras, os fornecimentos, ele vigia para que nenhum camponês entre na propriedade. Veem-se alguns de tempos em tempos que arriscam um olhar por aqui e por ali. *Raus!* Ebner imediatamente despacha para cima deles um cão de guarda.

Nossa tranquilidade é então assegurada.

Mas seria preciso que Ebner dispusesse também de outro sistema de vigilância, um sistema de escuta. Para escutar as empregadas, você sabe. Quando as mães se encontram reunidas como neste momento, como elas falam!

Vou contar-lhe suas tagarelices um pouco mais para a frente. Será a ocasião em que vou lhe apresentar alguns dos meus camaradinhas. No momento, isso é impossível.

Mobilização geral.

As secretárias, as enfermeiras e o administrador pararam de trabalhar, Ebner deixa seu posto de observação na janela. Quanto às mães, se elas não interrompem nossas mamadas, juntam-se todas – e nós com elas – em volta do rádio que Josefa acabou de trazer para a varanda.

Um discurso do nosso Führer é transmitido ao vivo.

Imagine só! Todos os alemães, onde quer que estejam, nos escritórios, nas fábricas ou nas escolas, suspendem suas atividades para escutá-lo. Os que se encontram ao ar livre ouvem pelos alto-falantes instalados nas praças públicas. Escutar o rádio é um dever cívico. Aquele que não faz isso é denunciado e punido. É indispensável para a aprendizagem dos sentimentos unitários. Para criar uma comunidade nacional, solidária, conquistadora, mobilizada, seguindo o Führer.

Assim, estamos todos reunidos em torno da voz do Führer. Ninguém se mexe. Afinal, alguns dos meus camaradinhas não conseguem deixar de choramingar, mas Josefa aumenta o volume do rádio, de tal forma que a voz do Führer rapidamente supera a dos bebês. Ela sobe. Forte, poderosa, vibrante, exaltadora. Enche o ar, cobre o canto dos pássaros e o farfalhar das árvores sob o vento que se ouvia pouco antes.

Agora, silêncio! eu também estou escutando.

Bebo o leite da minha mãe.

Bebo as palavras do nosso Führer.

ESSE DISCURSO NÃO PODIA vir em melhor hora. Exatamente antes da sesta! Estou saciado. Vejo você mais tarde, porque agora preciso dormir. Isso contribui para o desenvolvimento do meu cérebro. Para o meu crescimento. E é crucial.

Josefa se aproxima de mamãe para me levar para o berçário. Mamãe reluta, ela gostaria de ficar um pouco mais comigo.

– Vamos lá, *Frau Inge*! – Josefa lhe diz. – Conhece bem o regulamento, não é mesmo? Não preciso lembrá-lo para você.

A contragosto, mamãe concorda. O sorriso que ela dá não é sincero, eu sei, eu sinto. Porque, veja você, parece que a corda de rapel, apesar de ter sido cortada, ainda funciona. Existe certa magia nela. É verdade que, se eu pudesse escolher, ficaria nos braços dela. Seu cheiro é agradável, os braços são quentes, o peito, macio, um verdadeiro casulo! Mas, por outro lado, a insígnia dourada do partido presa na blusa de Josefa brilha tanto! Ela me atrai, irresistivelmente... Eu me pergunto quando conseguirei pegá-la.

– POSSO ME SENTAR PERTO DE VOCÊ, *Frau Inge*?

– Certamente, fique à vontade.

Heidi.

Má decisão.

Mamãe se apertou para abrir espaço para ela ao seu lado no sofá. O que perturbou minha mamada. Ah, como são aborrecidas essas interrupções de mamada, esses incidentes que se repetem por qualquer motivo!

Heidi não escolheu mamãe por acaso. É uma chorona e já percebeu que mamãe estaria disposta a consolá-la. Bom, parece que chorar é normal para algumas mulheres depois do parto, mas Heidi, mesmo quando não está chorando, é esquisita. Ela tem alguma coisa que não funciona bem. Fica sempre afastada das outras. Amorfa, muda, fechada em si mesma, ela pode fixar um ponto no vazio sem se mexer durante horas. De quebra, o filho, Helmut, é tão molenga quanto ela. É difícil ouvi-lo, ele é tão calmo! Bom, apesar de tudo, é uma vizinhança bem tranquila para a mamada da noite.

Estamos no grande salão reservado para isso. O aposento é suntuoso, agradável, mobiliado com muitos sofás e poltronas, tapetes aqui e ali cobrem o chão. Além do calor suave fornecido pelo aquecimento central – luxo que desfrutamos no *Heim* –, um bom fogo crepita na lareira. Flores e cestas de frutas estão espalhadas aqui e ali, um piano se destaca num canto. Às vezes, uma das secretárias, quando acaba seu trabalho, toca uma música para nós; às vezes, como neste momento, é o gramofone que está ligado.

– Tudo bem? – pergunta mamãe, tocando de leve a mão de Heidi, que se sentou junto de nós com Helmut.

Heidi balança a cabeça para dizer “sim”, mas é uma espécie de linguagem cifrada entre *Frauen*; na verdade isso quer dizer “não”. E mamãe, como eu, entendeu perfeitamente.

– Se você quer... falar comigo, estou disposta a escutá-la – acrescentou num murmúrio, depois de ter lançado um olhar desconfiado para Josefa que, sentada na outra ponta da sala, está ocupada assinando alguns documentos.

Recuse, Heidi, recuse! Quero mamar tranquilamente. Sinto que, se você se puser a falar, não será nada divertido.

Eu a chamo de Heidi, e não “*Frau Heidi*”, porque ela é muito jovem, tem apenas 15 anos, creio eu.

É a caçula do *Heim*. Ela é grande, loira (sem dúvida) e muito musculosa. Ela devia praticar muito esporte antes de engravidar, porque os músculos dos braços e das pernas são perfeitamente delineados, como se fossem esculpidos. Diria que ela é uma atleta. Tem a pele dourada recoberta por uma penugem loira que cria reflexos faiscantes, prova de que ela deve respirar o bom ar da montanha. Em todo caso, ela é muito bonita, me agrada, com exceção dos seios. Muito pequenos. (Será que o desenvolvimento dos músculos freou o dos peitos?) Pobre Helmut, não é nada fácil para ele se alimentar. Deve lutar todos os dias para conseguir tirar algumas gotas de leite. Que infelicidade, me dá pena! Josefa diz que não tem importância, que ele tem reservas porque nasceu bem gordo, e que Heidi deve continuar a se esforçar para amamentá-lo no peito. É fácil falar! Josefa encontra a mesa posta a cada vez que passa diante dela, mas como reagiria se lhe apresentassem um prato com três feijões, assegurando-lhe que, de qualquer jeito, mesmo que coma apenas isso, ela pode retirar nutrição das suas reservas?

Mamãe interrompe de novo minha mamada e ajuda Heidi a colocar melhor seu bebê contra o seio. Não me incomodo desta vez, é preciso ser solidário com os companheirinhos! Muito importante, a solidariedade, a camaradagem. Ainda mais que parece que isso funcionou, e Helmut conseguiu abocanhar o mamilo. Heidi volta então seus grandes olhos azuis, lacrimejantes e agradecidos, para mamãe.

– Muito obrigada, obrigada – fala com voz trêmula.

Ela espera um instante, depois murmura numa voz que ameaça ficar embargada:

– Sinto tanta falta dos meus pais!

– Vai vê-los logo, não se preocupe.

– Ah, não, não acredito nisso.

– Mas, por quê?

– Porque jamais vou ter coragem de lhes contar o que fiz, o que me aconteceu. Tenho muita vergonha.

Ela se interrompe para abafar um soluço. Mamãe enfia a mão no bolso e tira um lenço, que estende para Heidi, recomendando que tente se controlar. (É o *meu* lenço!!! Aquele que ela põe no ombro para eu arrotar e regorgitar, se for o caso. Azar da mamãe, afinal será sua blusa branca que logo ficará manchada.)

– Me conte – insiste ela. – Isso vai aliviá-la. Fale como se eu fosse sua irmã mais velha.

Depois de alguma hesitação, ela começa. Heidi conta sua história.

ELA VEM DO BUND Deutscher Mädel (BDM).[\[2\]](#) Alistou-se voluntariamente, com o apoio da família. Que oportunidade de poder se engajar pelo Führer desde a idade de 14 anos, de servir à ideologia dele!

O BDM instalou seu campo em Obersalzberg, no sul da Alemanha – é a região preferida do Führer, ele adora passear por ali. Ar puro, paisagens magníficas alternam montanhas nevadas, campos verdejantes e florestas. As moças aproveitavam as vantagens de uma colônia de férias enquanto se tornavam úteis para a pátria. As atividades eram numerosas e variadas: canto, espetáculos, música, dança, mas também artesanato, passeios na floresta, construção de abrigos, ou seja, atividades físicas que as colocavam em pé de igualdade com os pensionistas do campo vizinho, rapazes com a mesma idade delas. Os jovens se encontravam de vez em quando, mais frequentemente durante um passeio. A chefe do campo cuidava de inculcar valores seguros a suas pupilas: disciplina, obediência, sacrifício, autocontrole do corpo.

As caminhadas eram perfeitamente cronometradas. Nada de tempo ocioso. Nada de tédio. Às 6h30, despertar. Às 6h35, sessão de esporte: de acordo com a semana, corrida de resistência e atletismo, ou ginástica, prática em aparelhos, acrobacia. Às 8 horas, chuveiro, arrumação dos alojamentos, depois reunião sob a bandeira. Das 8h10 às 8h30, café da manhã. Em seguida, a manhã era consagrada à política. O que é o nacional-socialismo? Por que ele vai salvar a nação alemã? Como se proteger de povos decadentes? Como dominá-los, e depois eliminá-los?... Portanto, assuntos apaixonantes. Às 12h15, almoço. Às 12h45, lazer livre. Para Heidi, ginástica novamente, porque ela era especialmente dotada e sonhava em participar das competições nacionais. Às 16 horas, pausa para o café. Às 16h10, sessão de

autocrítica, a autocrítica sendo indispensável para se tornar uma seguidora fiel do nacional-socialismo. Às 19h15, jantar e, enfim, das 19h45 às 20h45, bate-papo com as colegas. As moças ficavam sozinhas nos alojamentos. Elas deviam trocar e comentar as revistas e os livros fornecidos pela direção, mas, esclarece Heidi, o assunto principal delas era falar sobre os vizinhos. Os rapazes. Como ignorá-los? Eram tão bonitos!... Algumas até tinham tido um namoradinho antes de se alistar, o que não era o caso de Heidi. Mesmo sendo um pouco tímida, mesmo que as conversas das companheiras às vezes a fizessem ficar corada, ela as escutava de bom grado antes de dormir, precisamente às 21h30, o espírito repleto de bons sonhos e de amor.

Ah, como ela, Heidi, apreciava essa vida no campo! Saboreava cada minuto, cada segundo. Fervorosa, assídua, ela se apresentava como voluntária para as atividades extras, mesmo as mais maçantes. Ela se prestava ao exercício da autocrítica sem complacência, dava provas também de grande camaradagem. E foi logo recompensada, recebendo a distinção de passar a fazer parte da elite do campo.

Uma noite, a dirigente reuniu as felizes eleitas que, como Heidi, haviam se destacado por seu zelo. A reunião ocorreu na sala que normalmente era destinada aos espetáculos e às audições do coral. Em pé sobre o estrado que fazia as vezes de palco, a chefe anunciou duas novidades excelentes. A primeira: o nome de cada uma das moças ali presentes figurava numa lista enviada ao Führer, a qual ele assinara de próprio punho, depois de ter escrito uma palavra: *Glückwünsche!* (“Parabéns!”). As mocinhas acolheram essa notícia com aplausos e gritos de alegria. E tiveram o direito de admirar uma a uma a palavra escrita pela mão do Führer embaixo da lista.

Depois, a chefe do campo deu a segunda notícia. Havia proposto a elas uma grande missão. Uma grande missão a serviço da pátria... Qual? Quando? O que elas deveriam fazer? Que honra! Sim! Sim! Sim! Sem dúvida, elas aceitavam a missão! As perguntas e as exclamações surgiram de todos os lados, as mocinhas se esquecendo da regra elementar da disciplina – levantar o braço para pedir a palavra. A chefe de campo teve dificuldade para pedir silêncio, mas se mostrou indulgente. Pelo menos dessa vez. Além disso, não cabia a ela explicar em que consistia a missão. Isso estava a cargo de um oficial da SS que ela convidou a entrar na sala.

De pé. Sentido. *Heil Hitler!*

Depois de ter saudado a assembleia, o oficial deu a ordem de “descansar” e

subiu no estrado.

– Parabéns, senhoritas! – disse ele, repetindo o cumprimento do Führer. – Eis vocês, completas *Führerinnen*. Mas algumas podem fazer ainda mais.

O oficial fez uma pausa antes de prosseguir. Vinte pares de olhos azuis estavam voltados para ele, cheios de admiração, impaciência e esperança.

– Se dissessem a vocês que... vocês poderiam dar um presente magnífico, excepcional para o Führer, vocês aceitariam?

Todos os braços se levantaram ao mesmo tempo, em sinal de assentimento, enquanto os olhos azuis se enchiam de lágrimas.

– Mesmo que o presente represente um grande sacrifício?

Os braços permaneceram levantados.

– Um sacrifício de mulher? As mulheres que vocês se tornarão.

Os objetivos do oficial da SS tornaram-se um pouco mais enigmáticos. Heidi gostaria de pedir detalhes mais precisos, mas como nenhuma de suas colegas partilhava do seu desejo, ela se absteve. De fato, a explicação que lhe faltava não tardou a vir.

– Bem – concluiu o oficial da SS –, muito bem.

Ele tirou de uma pasta um maço de papéis que entregou à chefe de campo.

– Um contrato para cada uma de vocês – ele explicou. – Um contrato que as liga ao Führer, onde fica estipulado que vocês aceitam lhe dar seu primeiro filho. Um ato de bravura pelo qual eu as felicito antecipadamente e que honrará toda a vida de vocês.

Com essas palavras, ele desceu do estrado, despediu-se e saiu.

Heil!

Os braços se abaixaram pouco a pouco. Um leve murmúrio agitou as fileiras. A chefe de campo esperou que se acalmassem, depois ordenou que suas protegidas subissem ao palco, e as garotas se sentaram de pernas cruzadas junto dela, como se estivessem em algum lugar ao ar livre, num campo ou numa praia, em volta de uma fogueira.

– Vamos falar abertamente – ela lhes disse. – Vocês trabalharam duro, têm o direito de se divertir um pouco. Eu também já fui jovem, e sei bem que vocês só pensam numa coisa... encontrar-se com os rapazes do campo vizinho.

Risadinhas, risos abafados, rostos enrubescidos.

– Pois bem, vocês terão a oportunidade de fazer isso, não somente com a minha aprovação, mas também com a de suas famílias e a do Führer! Não

terão nenhuma obrigação, a não ser aquela de entregar o fruto de suas visitas ao campo ao lado. Seus filhos não serão inscritos no registro civil oficial. Vocês os terão em um *Heim* do *Lebensborn*, que os criará como bons alemães, verdadeiros nacional-socialistas. Eles estarão, posso lhes garantir, nas mãos mais seguras. O Estado as livrará de todos os problemas relacionados a eles, que não constituirão nenhuma carga moral ou econômica para vocês. Quanto a seus parceiros, nada as ligará a eles. Em seguida, vocês terão apenas um dever a mais: casar-se e ter outros filhos.

Em seguida, ela se levantou e entregou um contrato para cada uma das moças. Que assinaram. Todas. Inclusive Heidi, apesar das inúmeras perguntas que ela ainda tinha na ponta da língua e que não teve coragem de fazer.

A volta para os alojamentos se fez na mais completa euforia. “Formidável! Não teremos mais de nos esconder! Percebem a oportunidade que temos? Vamos unir o útil ao agradável!”

Heidi não conseguiu pegar no sono naquela noite. Ela repassava repetidamente os acontecimentos dessa noite excepcional. Empenhar-se pelo Führer. Servir à pátria. Dar seu filho. Ela tinha assinado tudo isso de uma só vez. Não se arrependia. Ah, não! Simplesmente se interrogava sobre a fase prática, porque, para dar um filho ao Führer, era preciso fazer um, e para fazer um, era preciso... Ela corou violentamente. Sozinha, no escuro, o lençol puxado até o queixo. Ela teve medo. Sentiu-se invadida por uma imensa onda de alegria. Sentiu calor. Sentiu frio. Depois uma imagem cruzou sua mente. A chefe de campo tinha falado a verdade. Está certo que ela não tinha a experiência de algumas de suas colegas, mas, como as outras, tinha sentidos, um corpo, um coração. Desde algum tempo, ela tinha notado um rapaz. Eles tinham trocado olhares, sorrisos. Um dia, ela até mesmo havia se esforçado para construir um abrigo sozinha e em tempo recorde, porque sabia que ele a estava observando. Agora, se pelo menos fosse com ele... Finalmente ela dormiu, com o coração cheio de esperança.

Mas não foi com ele que... Foi com outro. Com muitos outros. Porque, no campo ao lado, os rapazes já tinham quebrado havia muito tempo a barreira desses exercícios. As práticas sexuais eram para eles um esporte como outro qualquer.

– *Frau Inge*, eles... eles...

A voz de Heidi ficou embargada.

– Eles me...

Heidi não conseguiu terminar a frase. E seu olhar vagou até se fixar num ponto. Como sempre. Mamãe também permaneceu em silêncio, limitando-se a apertar com força a mão de Heidi. Ela me segurava contra seu ombro para que eu arrotasse e eu sentia as lágrimas molharem minha bochecha. Quentes, as lágrimas. Salgadas também. Uma delas escorregou até os meus lábios. Estragou o gosto do leite. Arrgh! Isso me deu ânsia e, é claro, vomitei. Em cima da linda blusa branca de mamãe que não tinha um lenço para protegê-la.

A palavra que Heidi não conseguiu pronunciar no fim da frase é “estuprada”. (Não se esqueça, apesar de ser um bebê, já sei muitas coisas.)

Bem, e então? O que aconteceu? Ela não teve o reflexo de cerrar os dentes, como mamãe? Ela não fixou os olhos no retrato do Führer, como mamãe? Não havia uma foto dele no campo dos rapazes? Impossível! E depois, sobretudo, o resultado é Helmut, não? Helmut está aí, agora. Loiro. Olhos azuis. Pode não ser tão coriáceo e duro como eu, mas, com uma mãe dessas, isso é compreensível.

Choro porque vomitei.

Helmut chora porque está com fome.

Ele ficou sem mamar enquanto a mãe dele contava a vida dela em meio às lágrimas. Ele vai ficar raquítico! *Herr Doktor* Ebner fica muito contrariado quando constata que um bebê está raquítico.

– Ora, ora, ora. O que está acontecendo aqui? – exclamou Josefa, voltando a passar por ali.

Mudança de vizinhança.

Já era tempo.

DEPOIS DE HELMUT, Ella. Uma menina. Isso muda um pouco as coisas. Ela é bem pequenina. Tem uns olhos! Eles não são apenas azuis, são turquesa! Verdadeiras pedras preciosas. Sinto até um pouco de inveja, devo confessar, porque não consigo esquecer que o doutor Ebner declarou, no laboratório onde me examinou depois do meu nascimento, que meus olhos eram *duas* vezes claros, mas seria preciso confirmar mais tarde. Nenhuma necessidade de confirmação para Ella, é evidente. Os olhos dela são pelo menos *quatro* vezes claros. Sua cabecinha careca, perfeitamente lisa e sem penugem, sugere que seus cabelos serão mais dourados que mel. E ela tem uma boquinha adorável, bem desenhada, fazendo beicinho.

A mãe dela se chama Ursula. Muito bonita também, tem uns 17 anos. Nada a ver com Heidi. Ela cai na risada por qualquer coisa, é o tipo de pessoa que goza a vida. E tagarela. Não é preciso arrancar as palavras da sua boca, ela conta sua história para todo mundo.

Quando Josefa mandou Heidi de volta para o quarto, logo em seguida Ursula veio se sentar ao lado de mamãe sem lhe pedir licença. E de novo a corda de rapel, o cordão mágico, funcionou a todo vapor. Senti que mamãe teria preferido ficar só. Está pensando ainda naquilo que Heidi lhe confidenciou. Ela se compadeceu. Até que ponto, eu me pergunto. Que desmancha-prazeres, essa Heidi! Em todo caso, estou bem contente de ter Ella como vizinha durante o tempo que podemos ficar nos braços de nossas mães antes de irmos dormir. A única coisa que me incomoda é o odor do tabaco, sou muito sensível a ele. Ursula cheira a cigarro! Aquele que ela fumou lá fora às escondidas antes da mamada. Péssimo para o leite. *Verbotten!* Proibido! Josefa deve estar gripada para não ter sentido.

Mamãe permanece silenciosa, sonhadora, a me olhar, acariciando a ponta do meu nariz, as bochechas, me abraçando. Em alguns momentos me aperta bem forte contra o seu corpo, como se tivesse medo que fossem me arrancar dela. Tenho a impressão de que ela me confunde com Heidi. Acho que ela quis envolvê-la em seus braços para consolá-la. Mas fez bem em se conter, seria inconveniente de sua parte. Em todo caso, não é motivo para me sufocar! Ursula, nesse meio-tempo, dispara a falar.

Ela veio da Renânia. Seus pais a renegaram e ela não deu a menor importância a isso. Jamais se entendeu com eles. Ela não ia bem na escola, saía muito, envolvia-se com os rapazes – ela é bem chegada em sexo, como se diz. Logo, era obrigada a mentir sempre, a se esconder, a faltar à escola. Até uma manhã em que sua vida mudou completamente. A Renânia havia acabado de ser anexada; o diretor da escola – um judeu! – tinha sido substituído por um diretor ariano. Quando chegou, ele reuniu todas as moças no pátio. Ursula esperava o sermão habitual: tenho a intenção de melhorar o nível deplorável deste estabelecimento; vocês devem trabalhar, ter boas notas, as ausências serão severamente punidas etc., etc.... Não foi nada disso.

– É preciso desde agora que vocês tomem consciência de que são verdadeiras alemãs – ele lhes declarou – e que o dever principal da mulher alemã é dar o maior número possível de crianças ao Führer. Para isso, não é preciso ser casada como lhes havia sido dito pelos povos decadentes.

Portanto, não rechassem os avanços dos jovens e tenham, a partir de agora, relações íntimas com eles, o mais frequentemente possível. Este é o seu mais estrito dever.

Ursula, como as outras moças, não acreditava no que estava ouvindo. Em lugar de mergulhar nos livros empoeirados e chatos, pediam-lhes para... (Ela não enrubescia como Heidi nessa parte do seu relato, ela caía na risada.) Durante essa mesma manhã, no curso de alemão, os alunos tiveram de fazer um ditado intitulado “O casamento biológico”. Pela primeira vez em sua vida, Ursula não cometeu um só erro, apesar das palavras difíceis, as concordâncias, as consoantes duplas, e tirou uma nota excelente. Esse ditado, ela o aprendeu de cor, e o recita para mamãe, sem perceber que esta, cada vez menos à vontade, não para de se remexer no sofá e procura um modo de escapar da companhia dela. “Podemos todos, hoje ou no futuro, nos entregar à experiência rica em emoção espiritual que consiste em procriar na companhia de um homem jovem e sadio, sem nos preocupar com os entraves que atravancam a antiquada instituição do casamento.”

Não foi preciso pedir a Ursula para pôr em ação o que estava no texto. Como já estava grávida – sem saber quem era o pai –, ela se perguntava como contar essa catástrofe para os pais. Então não teve necessidade disso, a catástrofe tendo se tornado uma bênção. Ela foi transferida para o RAD (“Reichsarbeitsdienst”, serviço de trabalho obrigatório) e, tendo em vista seu estado, foi dispensada de varrer, limpar os sanitários, descascar batatas ou esfregar o chão. Tinha apenas de limpar os retratos do Führer e fazer pequenos trabalhos burocráticos. Depois, ela veio parar aqui, no *Heim*. E puf! a pequena Ella estava entre nós. Minha opinião é que ela vai, logo logo, ter uma porção de meios-irmãos e irmãs...

Mas Ursula precisa prestar um pouco mais de atenção, ela é muito desajeitada! Ela quis se levantar – ela não para quieta – e, esquecendo-se de que tinha um bebê no colo, ia deixando cair a pobre Ella. Felizmente mamãe aconteceu para evitar o pior.

Mamãe está extremamente aborrecida. Só tem um desejo: que Ursula vá embora. Seu desejo é atendido sem demora, Ursula vai pessoalmente entregar Ella a Josefa, como se estivesse se livrando de um fardo pesado ou de outro objeto incômodo, enquanto dispomos ainda de meia hora em companhia de nossas mães. Tenho certeza de que vai fumar no pátio. Ou, então, ela tem um encontro. Ela adora se arrastar para as bandas do prédio anexo, você sabe,

aquele do qual já falei, lá onde acontecem as uniões, sempre repleto de oficiais da SS que passeiam por ali.

É DE ESPERAR QUE MAMÃE fique sozinha por alguns instantes. Ninguém vem se sentar ao nosso lado. Como ela está nervosa! Novo efeito do cordão mágico, ele me transmite o nervosismo dela. Se ela continuar assim, vou ter uma cólica... Mas ela se levanta e fica caminhando pela sala me embalando nos braços para que eu adormeça. Mas ela não me embala, ela me sacode! E já não tenho mais vontade de dormir. Não agora. Gosto muito de travar conhecimento com meus camaradinhas, ficar sabendo de suas histórias.

Vou dar uma bela regurgitada para que ela pare de se movimentar. Mas ela não parece captar a mensagem e continua a andar pela sala. Isso não me agrada, me dá tontura. Ah, finalmente ela para! Diante da parede onde estão pendurados os quadros: um retrato do nosso Führer, valorizado por um enquadramento perfeito, enfeitado por uma moldura dourada, um retrato do *Reichsführer* Himmler, de Speer, o arquiteto do Reich, de Goebbels, o ministro da Propaganda, e de Ley, o ministro do Trabalho. Isso deve acalmá-lhe um pouco os nervos... Mas, não. O que a está deixando assim? Sinto seu coração bater em ritmo acelerado, ela transpira, engole com dificuldade, como se tivesse um bolo na garganta, prende a respiração. E depois disso a retoma... a caminhada. Recomeça a percorrer o salão. Faz uma pausa diante das frases escritas em letras douradas e emolduradas acima do piano, a lista dos princípios aos quais todas as *Frauen* devem se submeter para servir à pátria:

- 1) *Não há ocupação mais nobre para uma moça do que a de esposa ou mãe.*
- 2) *A mulher não deve ser nem intelectual nem independente.*
- 3) *A posição social que uma mulher ocupa está em função do número de filhos que pôs no mundo.*
- 4) *A mulher não trabalhará fora do lar.*

Mamãe se contrai, agarra meus dedos e os aperta tão forte que me machuca. Depois, ela se volta bruscamente, lança um olhar assustado em direção à porta, como se quisesse fugir.

Ela me transmite seu nervosismo. Eu me sinto mal. Muito mal. É isso aí,

estou com cólicas. Dói muito. É uma verdadeira revolução nos meus intestinos!

Berro. A plenos pulmões.

– O que está acontecendo? – pergunta Josefa, alertada pelos meus gritos.

– Nada! Nada mesmo! – responde mamãe tentando controlar o tremor da voz. – Max regurgitou há pouco. Ele... ele está um pouco lambuzado.

– Mais um motivo para não sacudi-lo como está fazendo! – retruca Josefa.

Enfim alguém com juízo; ela percebeu que não gosto muito de ser carregado desse jeito. Isso, sem que ela tenha ideia das ondas negativas que recebo.

– Está com ar cansado, *Frau Inge*. Quer que eu ponha nosso Klein Kaiser na cama para que você possa ir dormir?

Josefa olhou fixamente para mamãe, sem piscar, esperando uma resposta. Ela sente – talvez não tão sutilmente como eu, mas o suficiente de qualquer maneira – que alguma coisa não vai bem. Mamãe não está alegre. Não ostenta o sorriso obrigatório. Não tem o comportamento adequado.

– Me dê ele – insiste Josefa. – Evidentemente, uma noite de repouso vai lhe fazer muito bem.

Pânico. Mamãe, por mais que esteja perturbada, quer, como sempre, ficar o maior tempo possível comigo junto dela, e recusa a proposta de Josefa, alegando que seu mal-estar passou e ela vai se sentar perto da lareira. Perto de *Frau Gertrud* e de seu filho Rudi.

FRAU GERTRUD.

Uma velha. Ela deve ter no mínimo 30 anos. Já é mãe de quatro filhos, que ela teve com o marido, um *Obersturmführer* muito respeitado. Ora, Rudi não tem nenhum laço de sangue com o *Obersturmführer*. As missões dele no estrangeiro são tão frequentes que *Frau Gertrud* passou a achar o tempo muito longo. Então, para se distrair... (Sempre essas reticências nos relatos das *Frauen*, que mania!) Para evitar o escândalo, *Frau Gertrud* escreveu a Max Sollmann, que lhe permitiu acomodar-se aqui, gratuitamente, e, em troca, ela vai deixar Rudi. Uma história simples. Corriqueira.

Ora, ora. O que está acontecendo? Ouço Josefa irritada. Ficou assim diante da *Frau Gisela*. *Frau Gisela* é uma *Schwester* como mamãe. Mas ela não teve de cerrar os dentes no prédio das uniões, bem ao contrário... Entende o que quero dizer? (Minha vez de usar reticências.) Ela teve a infeliz ideia de se

apaixonar pelo pai de Léni, sua filha. Então não se separa jamais da foto dele e, olhando-a, não para de divagar. Ela suspira enxugando uma lágrima, não deixa de verificar a correspondência duas vezes por dia, na esperança de receber uma carta de amor, que não vem. Ela é pior do que mamãe com a questão de apelidos que despeja sobre a pequena Léni que, a crer nos comentários idiotas de Gisela, é o retrato cuspido e escarrado do pai... Josefa acaba de confiscar-lhe a foto, lembrando-lhe que é *estritamente proibido* possuir uma, ainda mais mostrá-la. (Do mesmo modo, é *estritamente proibido* tirar fotos de nós, bebês.) É de muito mau gosto falar de nossos pais aqui.

Afinal, teria sido melhor para *Frau* Gisela que ela tivesse cerrado os dentes, como mamãe. Pelo menos, o sofrimento teria passado, enquanto, do jeito que foi, ele não acaba.

BOM, ACHO QUE por essa noite já basta. Por causa de Heidi e de Frau Gisela, Josefa agora está com um humor terrível. E mesmo que ainda não esteja na hora, ela decreta que sim, que devemos ir.

De todo modo, não posso contar com detalhes a história de cada uma das *Frauen* aqui presentes. Levaria muito tempo. Elas vêm de lugares muito diferentes. E o número delas não para de aumentar. Logo, quando a guerra começar, as francesas, belgas, holandesas se juntarão às nossas *Frauen* alemãs. Elas virão de todas as partes! Todas serão fecundadas pelos homens da SS!

Uma semente ariana. Um recipiente diversificado, mas selecionado de uma vertente e, no final, um produto único. Nós.

O exército de crianças loiras de olhos azuis.

O exército do futuro.

A vitória das crianças deve se seguir à dos exércitos, reza a divisa do *Reichsführer* Himmler pendurada na parede do nosso berçário.

Boa noite.

Sou ainda muito pequeno para dormir direto uma noite inteira, mas tenho com o que sonhar durante as próximas três horas.

[2] Equivalente da Juventude Hitlerista para moças.

VALEU BEM A PENA ESPERAR uma semana. De verdade.

Estou tão emocionado, tão comovido, que nem sei como contar o que acaba de me acontecer. Preciso de um tempo para me acalmar. O choque foi tão violento que tudo se misturou na minha cabeça. Apesar de ter um crânio dolococéfalo – marca da raça superior –, tenho a impressão de que ele não tem tanto espaço assim por dentro. Será que há um lugar determinado, no meu cérebro, destinado a receber e registrar para sempre os instantes maravilhosos que acabo de viver? Adoraria gravar a lembrança e guardá-la, intacta, indelével.

Acabei de ser batizado.

Mas não em uma igreja. Não do modo tradicional. Não me aspergiram com aquelas gotas pretensamente bentas, enquanto são resmungadas umas preces vagas em latim. De jeito nenhum. Fiquei aqui, no *Heim*, onde o batismo foi então substituído pela cerimônia do *Namensgeburg*, a “doação do nome”. E quem a presidiu, em pessoa?

Sim. Você adivinhou.

Era essa a surpresa, o presente extra, e eu não me iludi nutrindo esse sonho secreto. Fui assim recompensado porque nasci em 20 de abril como nosso Führer, e mamãe comigo, porque ela se sagrou campeã das amamentadoras. Ela tem em seu ativo um recorde de... 27.880 gramas de leite em uma semana!

Durante três dias, o pessoal ficou em pé de guerra: o doutor Ebner, Josefa, as secretárias, o administrador. Os berçários, já muito limpos, foram faxinados a fundo até que as paredes e o chão ficassem brilhantes como espelhos. O laboratório, as salas de parto, de trabalho, os escritórios, as cozinhas e as despensas não escaparam a essa limpeza gigantesca. Do lado de fora, o parque também recebeu cuidados especiais. Aliás, para a equipe de

jardineiros, os preparativos começaram bem antes do dia D. Aparar o gramado, podar as sebes, plantar mudas novas, lavar os cascalhos das alamedas com muita água para que cintilem ao sol, regar as flores. A mão de obra habitual, vinda de Dachau, teve seu efetivo duplicado. O resultado é grandioso: o gramado está verde-esmeralda, os canteiros de tulipas e de açafão estão floridos, as sebes e arbustos foram podados com precisão.

Ebner não parava de andar pra lá e pra cá, comandando uns e outros, fiscalizando tudo, desde o fundo do parque até os menores cômodos situados no alto do prédio, que servem de despensa para alimentos e móveis diversos. Ele até permitiu – e isso foi verdadeiramente excepcional – que alguns presos entrassem no interior do *Heim* para reforçar as equipes de limpeza. (Mas essa entrada é em “sentido único”, você entende?... Linguagem cifrada.)

Todas as *Frauen* receberam roupas novas: blusas creme com mangas bufantes e saias marrons, enfeitadas com uma fita fina de cetim vermelho na altura da bainha, para lembrar o vermelho da nossa bandeira. Mamãe, como uma *Frau* que iria receber uma distinção especial do Führer, ganhou uma roupa ligeiramente diferente: uma blusa branca com uma suástica bordada na manga direita e uma saia preta acinturada, com um cinto largo muito elegante. Nós, os bebês, fomos vestidos com macacões curtos, bufantes nas coxas, mangas franzidas e gola arredondada. Uma bandeirinha preta e vermelha do Reich foi colocada nos nossos berços.

Como a cerimônia seria filmada para a realização de um curta-metragem, uma equipe de cinema instalou-se no *Heim* desde cedo. Eu e mamãe, que seríamos as estrelas do filme – depois do Führer, é claro –, tivemos de ensaiar muitas vezes. Uma consultora técnica explicou à mamãe como ela deveria me carregar de modo a voltar meu rosto em direção à luz dos projetores. Ela lhe mostrou o modo como andar, o busto bem ereto, o modo como deveria sorrir, saudar nosso Führer, inclinar-se etc. De minha parte, eu não tive descanso. O cinegrafista não parava de girar em torno de mim, captando o menor dos meus movimentos, a menor das minhas caretas. Ele precisava conseguir filmar um sorriso, você sabe, aquele que é chamado “o sorriso para os anjos” dos bebês. Ele explicou à mamãe que tinha que gravar uma boa provisão de sorrisos meus para ter de reserva. Assim, se houvesse algum problema na filmagem direta, o diretor poderia corrigir alguns planos na montagem. No começo, me senti mal, estava incomodado pela luz cegante dos projetores. Evidentemente, nada de sorrisos encomendados, sobretudo no meio daquela

excitação toda. Mas creio que no final ele conseguiu dois ou três belos sorrisinhos gravados na película.

Nós rodamos também uma porção de cenas diferentes: mamãe trocando minhas fraldas, me amamentando, eu arrotando, eu dormindo tranquilamente... Em dois momentos sentimos vergonha: mamãe relutou em desnudar um seio diante da câmera; quanto a mim, não foi fácil exibir meu pipi, minhas nádegas e minhas fraldas molhadas, logo no grande dia. Mas chegamos lá à força de insistência e paciência. Em seguida, fomos gravar na sala de cerimônia. Grande plano nas flores, bolos, café, champanhe. *Zoom* em mamãe andando dignamente em direção ao Führer para que ele me tome em seus braços. Só que o Führer, nesse momento, era substituído por um técnico qualquer...

Em resumo, a manhã foi cansativa. Depois da mamada do meio-dia, dormi profundamente para estar em forma na hora H.

Que afinal chegou.

Os vigias com cães abriram o portão do parque e... ele avançou, em marcha lenta sobre a alameda central que atravessa o parque.

O carro pessoal do Führer.

O Mercedes 770 K.

Um modelo exclusivo. Fabricado por encomenda para ele. Ah, me deixe descrever com detalhes essa joia da nossa tecnologia moderna! Comprimento: 6 metros. Largura: 2,20 metros. Motor de 8 cilindros, 400 cavalos, com turbocompressores. Dupla ignição. Freios hidráulicos com circuito separado para a dianteira e para a traseira. Carroceria blindada, vidros especiais com dez camadas, à prova de bala. Circuito eletromagnético bloqueando as portas, pneus à prova de furos. Uma verdadeira fortaleza blindada sobre rodas! Na traseira, um banco especial eleva-se treze centímetros, liberando um pedestal sobre o qual o Führer se mantém em pé durante os desfiles. Preto. Conversível. A bandeira do Reich enfeitada a carroceria, do lado de fora, à esquerda do motorista. Espero que algum fabricante de brinquedos tenha a ideia mais tarde de fabricar uma miniatura desse carro. Já me imagino brincando com ela quando eu for maior, fazendo-a correr no chão. Vrumm, vrumm!...

Atrás segue um segundo carro, também Mercedes, mas um modelo mais comum. Os veículos estacionam diante da entrada. Todo o pessoal está ali enfileirado: Josefa à frente da equipe de enfermeiras, Marina e as secretárias,

o administrador e seus jardineiros. O doutor Ebner, vestido com seu mais belo uniforme da SS, vem receber o Führer, abrindo-lhe pessoalmente a porta do carro. Assim que nosso hóspede coloca um pé no chão, todos os braços se estendem. *Heil!* O Führer responde levantando a mão esticada. Sorrindo, ele dá um abraço caloroso em Ebner, enquanto os convidados descem do segundo carro e se juntam a eles: o *Reichsführer SS* Himmler, Max Sollmann (o diretor administrativo do programa *Lebensborn*, já falei dele para você antes do meu nascimento), assim como o doutor Karl Brandt e sua esposa. *Herr* Brandt é o médico pessoal do Führer. Ele quer dar um sopro novo à medicina moderna – e nós ilustramos uma parte muito importante dessa medicina do futuro, por isso sua presença hoje era indispensável. Logo, ao que parece, ele será promovido a alto-comissário do Reich para a saúde. Sua esposa, Anni Rehorn, como campeã de natação da Alemanha, é uma personagem de referência para a juventude alemã.

O pequeno grupo conversa um momento. Enquanto Ebner faz uma rápida descrição de nosso estabelecimento para o Führer, este abarca o parque com o olhar, depois admira a fachada do edifício e levanta a cabeça em direção aos andares. Nosso berçário fica no segundo andar, e foi como se o olhar do Führer atravessasse as paredes para pousar sobre cada um de nossos berços. Nós não podíamos, evidentemente, recebê-lo lá fora como o resto do pessoal, nem nossas mães. Josefa lhes dera ordem de permanecerem perto de nós. Cada uma devendo se manter em pé, bem ereta, ao lado do berço de seu bebê. Quanto às *Frauen* ausentes – aquelas que foram enviadas às fábricas de munições ou “reinstaladas”, Bertha, Heidi, Gisela e muitas outras –, foram substituídas por atrizes.

Inútil dizer que eu não consigo mais esperar. Fervo de impaciência, e sinto que mamãe tem um acesso de ansiedade. Pânico. Ela treme, tem as mãos úmidas, lança olhares ansiosos sem parar para a atriz que substitui Heidi, ao lado do berço de Helmut. Alguma coisa não vai bem. Logo agora! *Recomponha-se! Mas se recomponha já!* O cordão mágico funciona sempre em completa sintonia entre nós. Mas, se mamãe falhar, eu conseguirei salvar a situação sozinho?

Uma enfermeira tinha se colocado discretamente à janela e informa às *Frauen* o que se passa lá embaixo para que elas não percam nenhum pormenor. O Führer não está de uniforme, adianta ela, veste calças pretas e um paletó branco com uma braçadeira com a suástica na manga direita. (A

versão masculina da roupa de mamãe, para que eles combinem no filme! Que boa ideia! Reconheço aí o cuidado de *Herr* Ebner com os detalhes.) A enfermeira nos diz em seguida que o Führer aperta a mão do pessoal, pronunciando uma palavra gentil dirigida a cada um. Josefa está, ao que parece, roxa, à beira de um ataque de apoplexia. É a primeira vez que encontra o Führer em carne e osso. Se quando ela o escuta no rádio quase entra em transe, eu me pergunto se ela sobreviverá a essa emoção. Sem contar que, se por acaso essa visita não se desenrolar exatamente segundo os desejos do doutor Ebner, upa! ela vai direto para a fábrica de munições.

Os convidados entram agora no *Heim*. Vão visitar cada um dos cômodos, um por um. Os salões, os quartos, as salas de parto, as cozinhas, o laboratório, até chegarem enfim ao berçário.

É MUITO, MUITO TEMPO.

A espera é insuportável e a tensão aumenta. Uma *Frau* deixa seu posto e vai até a janela empoar o nariz à luz do dia, outra alega uma necessidade premente e corre para o banheiro, uma terceira decide de repente que deve refazer o coque de seu cabelo. Ah, as mulheres! Veja bem, da parte dos bebês, a situação não está melhor: um tem cólicas e se contorce no berço, berrando o mais alto que pode; o outro está com fome e a mãe entra em pânico porque não pode lhe dar o peito em posição de sentido. E não é que... Ah, não! Um deles está com diarreia! Este cheiro azedo, ácido! Que fedor! Rápido, rápido! Ele é trocado! Abanam para ventilar! E reza-se para que não repita a dose nos próximos minutos. Eu, felizmente, fiz um belo cocô com ótima consistência precisamente depois da mamada do meio-dia, para ficar tranquilo...

O que está acontecendo agora? A enfermeira que estava comentando há pouco a chegada do Führer lembrou-se de que tinha esquecido a última instrução de Josefa: colocar os berços dos bebês morenos – Ebner tinha conservado alguns – na terceira fileira, de maneira que não entrassem no campo da câmera. Preparativos de combate! Ela pede às *Frauen* que a ajudem rapidamente. E se, em meio ao pânico, elas me colocarem com os morenos, logo eu?

Chegou a hora. Passos ressoam na escada em direção ao berçário. A batida das botas se aproxima. O assoalho vibra. A porta se abre.

Heil! gritam as *Frauen* e as enfermeiras em uníssono.

Os convidados entram. A câmera roda. O grupo passa em revista a primeira fileira de berços. O Führer para diante de um, diante de outro. Aperto de mão. Felicitações. *Dê uma risadinha, bebê!* Está chegando a minha vez. Meu coraçãozinho emudece sob o ritmo das botas e faz bum, bum, bum. Mamãe mantém a mão sobre a minha barriga, como se tivesse medo que eu voasse. A mão dela está fria. Pesada. Maciça. Ela me sufoca! *Ei, retire a mão, está me fazendo mal!* Não posso nem berrar para lhe dizer isso. A dor me impede de abrir a boca no meu mais belo sorriso, como de manhã, com o cinegrafista. Devo estar fazendo uma careta horrível.

As botas param. Ufa! Mamãe retirou a mão para apertar a do Führer. Ele lhe fala. Baixinho. Tão baixinho que não consigo entender suas palavras. A voz dele não é nem um pouco parecida com aquela do rádio. Lá, ele grita, suas frases são sublinhadas, as palavras, escandidas. No rádio, é tudo diferente. Sinto que mamãe relaxa. E eu com ela. Em seguida, Ebner apresenta meu registro ao Führer, lá onde tudo está contido, desde a árvore genealógica dos meus pais até agora, passando pela minha concepção e meu nascimento. Tenho a impressão de já ter atrás de mim uma vida muito, muito longa, o tanto que a leitura dessas poucas páginas se estende. Depois, de repente, uma série de rostos se debruça sobre mim. Himmler, Ebner, Brandt, *Frau Rehborn. Recuem! Recuem já! Não vejo meu Führer!* Brandt abre o alto da minha roupinha para observar meu tórax, estica minhas pernas, os braços, apalpa meu crânio. Ei, eu não vou passar de novo por outra seleção, não é?! Eu sou o astro, é preciso não esquecer! Em seguida, *Frau Rehborn*, sorrindo, me faz cócegas nos pés. É muito desagradável. Os rostos se misturam como se dançassem uma valsa, o que me dá tontura.

Depois, sinto que me levantam. Bem alto, na direção do céu. Tenho a impressão de estar em um avião, meu estômago está revirado, sinto enjoo. Em seguida, uau! me descem. Tão brutalmente quanto me levantaram. Tenho o coração na boca, sinto um contato molhado na minha bochecha. A câmera roda. Roda. Não perde um minuto do que se passa.

O que se passa é que... Finalmente percebo, estou nos braços do Führer, que acabou de me beijar! Fico com medo de me “desinfetar” sozinho sob tanta emoção, um ataque cardíaco, a morte súbita de um bebê, que sou eu. Por que Ebner não pensou em me dar vitaminas?

A CERIMÔNIA, EMBAIXO, no salão, desenrolou-se sem nenhum problema.

Estava cheio de gente. Lotado! O pessoal, as *Frauen*, outras *Frauen* vindas de *Heime* de todo o país, os oficiais da SS recrutados para o prédio das uniões, ao lado, e mais os atores e atrizes a fim de que se formasse realmente uma multidão. Porque nosso Führer adora se dirigir a multidões. Ele não gosta de falar com um pequeno grupo restrito. Ele precisa da multidão para transmitir seu entusiasmo, para achar as palavras que inflamam, que vão direto ao coração, que fazem levantar e esticar o braço como um autômato! Cada ovação no fim de uma frase o inspira para a seguinte. E todos os que assistem vibram então com as inflexões de sua voz; os homens gostariam de pegar, agora, imediatamente, as armas necessárias para realizar os grandes projetos de futuro que ele descreve. As mulheres estão prontas a lhe oferecer tudo, o corpo, a vida, a alma. Algumas, aliás, não resistem ao choque emocional e desmaiam. O Führer explica como nós, as crianças do futuro, arianos de raça pura – da qual eu sou o único representante no salão, os outros ficaram no berçário –, vamos povoar não somente a Alemanha, mas a Europa inteira quando o Reich se estender, uma vez iniciada a guerra e resolvida a questão dos judeus. Vamos travar uma guerra santa contra o Estrangeiro a fim de salvaguardar a pureza racial do povo alemão.

É um grande momento, muito grande. Um momento grandioso. A vivacidade do Führer é tamanha que vemos o novo mundo, livre de toda degenerescência, ali, ao alcance da mão.

ACABADO O DISCURSO, obedecendo a um sinal do doutor Ebner, mamãe se adiantou para juntar-se ao Führer na tribuna. Ah, era uma mamãe totalmente transformada. Sem nenhum vestígio de tensão. Sem mais qualquer dúvida ou arrependimento. Tinha valido a pena cerrar os dentes uma noite, no quarto iluminado e frio do prédio das uniões, finalmente ela reconhecia isso. Tinha valido a pena ter dado à luz em meio à dor. Tinha valido a pena suportar as regras impostas pelo doutor Ebner e Josefa. Heidi não ocupava mais seus pensamentos, ela se sentia transportada pela alegria. Como se estivesse hipnotizada, ela parecia deslizar pelo chão, os pés não tocando mais o solo. Quanto a mim, eu, em seus braços, era um anjo caído do céu!

Exceto que... ainda assim houve um pequeno incidente. Quando o Führer me pegou nos braços para dizer em alto e bom som o nome com o qual me batizava oficialmente, eu tive... um vazamento. O discurso, ainda que apaixonante, exaltador, havia sido muito longo; bem que eu tinha tentado me

segurar, mas não aguentei mais. Pensei que Ebner ia me “desinfetar” ali mesmo, diante de todo mundo, de tanto que a veia em sua cabeça calva saltava e palpitava. Duas enfermeiras aproximaram-se rapidamente para limpar a mancha do paletó do Führer, molhado com meu xixi. Mas ele as afastou gentilmente, rindo. O público todo o imitou, inclusive Ebner, cuja veia se acalmou.

Em seguida, houve uma sessão de fotos. Mamãe e eu tivemos o privilégio de posar com o Führer. Mamãe receberá mais tarde a foto com dedicatória de próprio punho. Depois disso, fui levado para o berçário. Creio que a festa atingiu seu auge: música, champanhe, café, bolos. Pelo menos para o público. O Führer tinha se retirado para o laboratório com *Herr* Himmler e os doutores Ebner e Brandt. Para falarem da medicina do futuro. Para promoverem as grandes descobertas científicas que se anunciavam sob o signo do Terceiro Reich.

Quanto a mim, puf! fiz naninha. Estava esgotado.

Ah, ia me esquecendo de dizer o principal! Agora tenho nome e sobrenome.

Eu me chamo Konrad von Kebnersol. Dois K, como em “Klein Kaiser”. K, como Krupp. Como o 770 K, o Mercedes do Führer. Formaram meu patronímico a partir das sílabas que formam os nomes do doutor Ebner e de *Herr* Sollmann, e acrescentaram a partícula “von” para torná-lo nobre.

Konrad von Kebnersol. Foi escrito pela mão do Führer no meu registro. Soa bem, não?

Assim escapei de “Max”, o nome que mamãe teria escolhido.

MEU NARIZ ESTÁ ESCORRENDO. Estou com diarreia e sem apetite. Estou emporcalhado.

O que está acontecendo comigo? Dizem que o dia seguinte às festas são difíceis. É verdade. Parece que estou com gosto de cabo de guarda-chuva na boca, como as enfermeiras que beberam champanhe demais depois do discurso do Führer. Entretanto, meu batizado já ficou bem para trás. Dois meses já... Detesto ficar neste estado. Mole, irritadiço. Estou parecendo o Helmut, o filho da Heidi.

No fundo, acho que sei o que está me deixando adoentado.

ISSO SE PASSOU há duas noites. Eu dormia profundamente quando ouvi uns barulhos. Passos abafados, cochichos medrosos. O que é que estava acontecendo? O berçário não é verdadeiramente um lugar calmo, você sabe, e o choro deste ou daquele dos meus camaradinhas não é o único responsável pela agitação que o caracteriza. São coisas normais e eu me acomodo a elas sem problema. Em compensação, o que perturba muito é, por exemplo, o incidente provocado por uma *Frau*, vítima de um capricho repentino, que desceu às escondidas para ver seu bebê. As enfermeiras de plantão perceberam imediatamente e tentaram reconduzi-la ao quarto, e isso deu margem a discussões sem fim. Isso na melhor das hipóteses. Porque, às vezes... o bebê some. A *Frau* encontra o berço vazio.

– Não se preocupe! Seu filho está um pouco adoentado, nada de grave. Ele está na enfermaria – informam-lhe.

– Quero vê-lo.

– Neste momento é impossível. A doença dele é contagiosa, nós o pusemos em quarentena.

– Você está mentindo! Você está mentindo! – grita a *Frau* histérica.

Ela tem uma crise de nervos, a enfermeira chama por reforço e lhe aplicam uma injeção para acalmá-la. Como voltar a dormir depois de uma confusão dessas?

Tanto mais que fico me perguntando. Reflito. Eu me pergunto se “enfermaria” e “quarentena” não são palavras codificadas. Novas, cujo significado oculto ainda não conheço... Determinadas noites, é Josefa quem faz a ronda do berçário. Ela veste uma longa capa preta como se fosse sair e vem acompanhada de um homem. Ela passa em revista o conjunto dos berços, para diante de um ou de outro e diz: “Este aqui! Este aqui!... E aquele lá!” O homem pega aqueles que ela apontou, coloca-os dentro de uma espécie de berço grande portátil e, pouco depois, ouço lá fora o ronco de um motor; é uma caminhonete que parte e se afasta rapidamente. Igual às caminhonetes que entregam a comida, bem cedo de manhã. Só que, à noite, há apenas uma.

No dia seguinte, os berços permanecem vazios. Neles se encontram apenas a chupeta e o chocalho, únicos vestígios visíveis de seus antigos ocupantes. Se as mães ainda moram no *Heim*, a crise de nervos é certa. Se já foram embora, substituídas por uma ama de leite, não acontece nada. Aliás, poucas horas depois, os berços vazios recebem novos ocupantes.

Para onde vão os bebês que desaparecem durante a noite? Isso me preocupa. Será que existe... um tráfico? Será que Josefa – tão íntegra, tão devotada ao *Heim*, Josefa, o braço direito do doutor Ebner – os vende? Valemos ouro, afirmou nosso Führer. Então agora é fácil para você entender por que eu entrei em pânico quando, na famosa noite que quero lhe contar, ouvi os passos de Josefa pararem diante do meu berço.

De mim.

Disse a mim mesmo que eu estava no ponto para a caminhonete de entrega.

– Eu lhe faço esse favor, *Frau Inge* – murmurou Josefa nervosamente. – Um favor excepcional porque você fez uma trajetória excepcional. Mas, para seu próprio bem, é preciso que isso não demore muito.

Frau Inge? Não era então o homem do berço portátil que acompanhava Josefa. Isso me tranquilizou. Melhor ainda quando reconheci o cheiro de mamãe no instante em que ela me pegou no colo. Ela me apertou contra seu corpo e imediatamente percebi a tensão tão característica dos maus momentos. Ela tremia, e chorava. Suas lágrimas eram tão abundantes que

algumas caíram no meu rosto. Minhas fraldas estavam encharcadas, e isso só aumentou a sensação de frio que eu já estava sentindo.

– Vamos, vamos, *Frau Inge*! – insistiu Josefa. – Está fazendo mal a si mesma. Pegue, isso vai lhe dar coragem! Você a tinha esquecido no criado-mudo, guarde na sua bolsa!

Mamãe não respondeu nada. As lágrimas a impediam de pronunciar qualquer palavra, a não ser “Max!”, “Max!”, “Max!”. (Ela só segue a própria cabeça, e embora eu tenha sido batizado Konrad, ela continua a me chamar de Max, uma ideia fixa.)

– Afinal, *Frau Inge* – acrescentou Josefa –, esta foto é magnífica! Tem dedicatória do Führer! Você teve uma oportunidade incrível!

A foto tirada no dia do meu batismo. Bem que poderiam mostrá-la para mim!

Vendo que mamãe não reagia, Josefa a enfiou na bolsa dela e fez sinal para as duas enfermeiras de plantão. Elas ladearam mamãe, que ainda me carregava em seus braços, que não queria me deixar, que me beijava as mãos, as bochechas, o nariz, as pálpebras, que me apertava de tal modo que me sufocava.

– Será que poderei escrever? – perguntou ela. – Será que vocês poderão me enviar outra foto dele? Me contar as novidades?

– Você sabe muito bem que isso é proibido pelo regulamento – respondeu Josefa num tom frio. – Regulamento que, neste momento, já estou infringindo, não se esqueça, *Frau Inge*.

– Oh, eu lhe suplico! Eu lhe peço!

– Não me force a avisar o doutor Ebner – ameaçou Josefa como último recurso.

Ela me arrancou dos braços de mamãe tão brutalmente que meus dedos, que estavam entrelaçados em uma mecha dos cabelos dela, arrancaram alguns fios. As enfermeiras pegaram mamãe, cada uma por um braço, e a levaram até a saída. Ela continuou a chorar. A gritar. Na escada. Lá fora. Até que o ronco de um motor encobriu seus gritos. Um carro partiu. Afastou-se. Depois, só restou o silêncio. Um grande silêncio. Um silêncio completo. Ainda mais marcante depois de todos aqueles gritos, ele me pareceu insuportável.

Eu tinha ainda as lágrimas de mamãe no meu rosto, os cabelos dela presos nos meus dedos. Uma corrente de vento e eles se foram, embora eu quisesse

guardá-los de lembrança. Fiz xixi e ninguém veio me trocar. Não consegui dormir de novo. Eu me pus a chorar, tão forte que todo o berçário me imitou.

Foi um berreiro dos diabos.

NO DIA SEGUINTE, para a primeira mamada, me vi nos braços de uma desconhecida, o nariz pressionado contra seu peito que, ainda que opulento, não tinha nada de aconchegante. Ela tentou enfiar seu mamilo na minha boca, mas eu virava sistematicamente o rosto. Essa desconhecida não tinha cheiro! Ela não despertava nenhuma tensão! Nada. É óbvio, não havia o cordão mágico entre mim e ela. O cordão mágico só funcionava com mamãe. Que tinha ido embora na noite anterior. Havia partido definitivamente, percebi naquele momento.

Experimentei uma sensação estranha, tinha a impressão de que o cordão estaria sempre ali, entre meus dedos, mas eu podia segurá-lo, agitá-lo, que ninguém na outra ponta me respondia mais.

Tentei raciocinar. Se Helmut tinha superado a partida de Heidi, se Léni tinha se acostumado com a ausência de Gisela, se dezenas de outros tinham conseguido ficar sem o cordão, por que eu não conseguiria também? Eu, que tinha sido batizado pelo Führer em pessoa, eu que era, de algum modo, o Eleito. Eu deveria dar o exemplo. Deveria ter sido o primeiro a viver a experiência da separação, já que era o veterano do *Heim*. Só que mamãe, como campeã das amamentadoras, tinha tido o privilégio de ficar mais tempo que as outras. Por isso o cordão tinha se consolidado um pouco mais.

O leite da ama, que tentei engolir, era nauseante. Tinha um gosto ácido. Uma textura pesada. Era nojento. Argh! Não engoli nada.

Nas mamadas seguintes, engoli duas ou três gotas, que vomitei em seguida. Meu esôfago estava queimando, uma verdadeira tortura. Nos dias seguintes, fiquei mal-humorado o tempo todo e berrava a toda hora. Impossível ficar deitado sem ser acometido pelas cólicas. Por outro lado, tinham me transferido, eu não dormia mais no berçário com os mais novinhos, mas com os maiores, em outro cômodo. Aliás, o berçário estava ameaçado de superlotação. Os recém-chegados amontoavam-se, amontoavam-se, quase ao acaso, não mais em berços, mas numa espécie de aquário grande. Pareciam pintinhos numa estufa. O barulho das obras só aumentava meu mal-estar. (Era preciso remanejar os espaços para acolher todos eles). Mesmo no colo, eu não me acalmava mais. A fome me

atazanava, deixei de fazer luxo e me resignei a mamar o leite nauseante. Resultado: a diarreia, o piriri!

Me puseram em dieta seca e água de arroz.

ATÉ QUE COMPREENDI que precisava reagir. E rápido. Dois acontecimentos me fizeram tomar consciência disso.

Um. A visita semanal ao laboratório do doutor Ebner.

Herr Ebner apertou os lábios com nojo, enquanto abria minhas fraldas sujas com essa substância esverdeada e viscosa, malcheirosa, totalmente inconsistente com as fezes bem-feitas de uma criança de raça pura, prova de saúde excelente, de nutrição perfeita do corpo. Ah, como fiquei com vergonha!... Quando Ebner me pôs na balança, tive a impressão de que, por trás de seus óculos redondos, os olhos de aço se paralisaram, como duas bolas de gelo. Na têmpora, a veia estava mais saltada do que nunca. Ele ditou meu peso para a secretária, que o anotou na coluna adequada. Eu tinha perdido setecentos gramas depois da última consulta! Era demais. Se isso continuasse... Ebner não terminou a frase. Ora, eu sei que as reticências fazem parte da linguagem em código. Eu estava em vias de ficar raquítico. *Unharmonish!*

Recupere-se, Konrad! Recupere-se rápido!

Segundo acontecimento. Ursula.

Ela se encontrava ainda no *Heim*, embora muitas vezes tenha pedido a Josefa para antecipar sua partida.

– Estou cansada de ficar enfurnada! Farta das fraldas! Das sextas, das mamadas e de todo o resto! – repetia ela. – Vocês não tinham dito que eu devia fazer de novo para dar outra criança para o Führer?

– Sim, é claro – lhe respondia Josefa –, mas é preciso respeitar um intervalo, você sabe disso!

Ursula também dava bastante leite para seu bebê, por isso estava condenada a permanecer mais tempo no *Heim*. Para quebrar o tédio, ela se dedicava então à sua atividade favorita: fazer fofoca.

Estávamos na varanda. A ama de leite tentava me fazer beber uma mamadeira de água que eu recusava. Depois de insistir um pouco, ela acabou por desistir e se contentou em manter a mamadeira perto da minha boca, disfarçando para poder ficar tomando sol. Foi então que Ursula veio sentar-se perto de nós.

– É isso aí, eu sei! – ela declarou com ar triunfante.

– O que é que você sabe?

– Sei para onde mandaram Édith, Klaus e Markus.

A outra gorda vaca leiteira não pareceu compreender a que Ursula estava se referindo, mas eu, sim. Édith, Klaus, Markus foram os bebês indicados por Josefa na outra noite, que tinham partido na caminhonete de entrega.

– E agora, onde eles estão? – perguntou a ama de leite num tom negligente. (Ela, não tendo absolutamente nada para fazer, contentava-se em alimentar a conversa.)

– Eles foram enviados para o Instituto Steinhof de Viena, ao *Spiegelgrund*, o anexo para crianças, pavilhão 15 – revelou Ursula, cochichando.

– Ah, bom! Então vão cuidar deles lá!

– Você nem chegou perto! – retrucou Ursula com um sorriso malicioso, prosseguindo com seu joguinho de adivinhações.

Impaciente para revelar seu grande segredo, ela logo emendou:

– Eles foram incluídos em um novo programa chamado “Morte misericordiosa”.

Ela continuou em voz baixa, interrompendo-se em intervalos para ter certeza, com olhadelas rápidas, de que nenhuma orelha indiscreta a escutava. Sobretudo as outras *Frauen* que estavam na varanda. Eu não perdi uma sílaba do que ela disse. E notei as novas palavras em código.

“Morte misericordiosa”: isso significa que os bebês, uma vez chegando ao pavilhão 15, são mortos. “A morte misericordiosa” não é exatamente sinônimo de “desinfecção” ou “reinstalação”, é diferente, mais sutil, é “dar a morte após uma doença declarada”. Isso porque os médicos dos *Heime* perceberam que, mesmo nós, crianças de raça ariana pura, tendo sido programadas com o maior cuidado, o maior rigor, mesmo que sejamos o fruto de um acasalamento impecável, uma vez nascidas, não estamos imunes a uma doença que se revele com o crescimento. Uma constatação triste. Uma enorme decepção. Klaus, por exemplo, apresentou lábio leporino. Édith tinha sido atacada de surdez, e Markus sofria de asma. Outros defeitos tinham sido descobertos nesse ou naquele bebê, fora de Steinhöring. Essas taras eram inadmissíveis para a nova geração de senhores e mestres que estávamos destinados a representar.

Por quê? – se interrogavam os médicos. Qual poderia ser a causa, a origem precisa dessas doenças que afetavam o crescimento? Como vencer as

anomalias congênicas? Para remediar o problema, era preciso pesquisar. Fazer experiências. Testes.

Nos bebês doentes alojados no pavilhão 15.

Em primeiro lugar enquanto estavam vivos, depois, quando estivessem mortos. Dissecavam-se seus cadáveres, conservavam-se suas cabeças, cérebros e órgãos em formol, dentro de vidros enfileirados em prateleiras. Etiquetados.

Outra palavra em código: “insuficiência cardíaca”. A fórmula clínica inscrita nos registros para justificar a causa de suas mortes.

Depois dessas revelações, Ursula observou a reação da vaca gorda, que ficou em silêncio por um bom tempo, abrindo e fechando a boca como uma marionete manipulada por uma mão, sem o acompanhamento de uma voz.

– Não acredito em você! Em nada disso! – ela acabou por declarar.

Ofendida por ela ter duvidado de suas palavras, Ursula reforçou seus argumentos. E do que então trataram nosso Führer, o *Reichsführer* Himmler e os *Herr Doktor* Ebner e Brandt, aqui mesmo, no *Heim*, depois da cerimônia do *Namensgebung*? Todo mundo sabe que o *Reichsführer* Himmler é apaixonado pelas pesquisas científicas, não? Por que então, depois da visita ao laboratório do doutor Ebner, determinados berços se esvaziaram, hein?

– Mas quem lhe disse isso? Como ficou sabendo?

– Gosto muito de fazer meus contatos, você sabe – afirmou Ursula. – Aqui só tem mulheres, é entediante; assim, de vez em quando, eu converso com os motoristas que fazem as entregas da manhã. Foi um deles que me contou tudo. Ele está contente porque isso aumenta seu trabalho. Ele entrega os alimentos de manhã e, à noite, vem buscar os “coelhinhos”.

Nova palavra em código. Os “coelhinhos” são os bebês que servem de cobaia e que são levados ao instituto de Viena, pavilhão 15.

A ama olhou para Ursula sem dizer uma palavra durante um bom tempo, sem mesmo tentar abrir a boca como tinha feito antes. Em seguida, passou de relance um olhar inquieto pelas *Frauen* que estavam na varanda, como se quisesse tomar uma delas como testemunha, depois sacudiu a cabeça com ar desiludido.

– Ah, vocês, as jovens! O que não inventam! – exclamou.

Ela deixou-se cair para trás para expor o rosto ao sol, enquanto Ursula, ofendida, afastava-se para devolver seu bebê à cama e ir, como sempre, fumar um cigarro às escondidas.

MARKUS, ÉDITH, KLAUS.

Markus, o asmático. Édith, a surda. Klaus, o de lábio leporino.

Eu tinha tido contato com eles o tempo todo. No berçário, nossos berços eram encostados uns nos outros. Suas doenças seriam... contagiosas?

E a diarreia, a falta de apetite que eu estava sofrendo atualmente, eram doenças que podiam interferir com o crescimento? Taras? Defeitos intoleráveis para um bebê de raça pura? Eu tinha acabado de passar por uma consulta no laboratório do doutor Ebner. As reticências! As reticências se puseram a dançar diante dos meus olhos, enormes, ameaçadoras. As reticências significavam: “Coelhinho. Para ser entregue no pavilhão 15”.

Não! Não! Não quero ser um coelhinho! Não quero ser cortado em pedaços!

Fui tomado por uma crise nervosa, meus braços se abriram tão violentamente que a mamadeira com água caiu no chão e fui atirado ao seio da ama de leite, onde abocanhei o mamilo como se fosse engoli-lo. Mamei. Até a exaustão. Mesmo que o leite não tivesse um gosto bom como o de mamãe. E fechei as nádegas rezando para que aquela refeição, tão volumosa, não fosse parar nas minhas fraldas.

Na noite seguinte, tive pesadelos horríveis. Sonhei que era um “coelhinho”. Que me davam injeções nos olhos para que ficassem mais azuis. Sonhei que me davam veneno. Sonhei que me afogavam num balde como se fosse um gatinho. Que me jogavam no fogo. Que me estrangulavam. Sonhei com a boca retorcida de Klaus, ela se deformava, se deformava, abrindo um buraco tão gigantesco que acabava me engolindo. Sonhei com a orelha surda de Édith, eu a via nadar no formol, como um peixe gordo no aquário.

Tive medo, um medo terrível, reconheço.

Então lutei. Lutei para superar meu medo. E aqui estou.

AGORA ME SINTO BEM MELHOR. Não recuso mais nenhuma mamada, ganhei peso. Saí fortalecido dessa prova.

Compreendi que o sacrifício dos meus camaradinhas era necessário para que a medicina do Reich tenha o melhor desempenho do mundo. Markus, Édith, Klaus e todos os “coelhinhos” dos outros *Heime* podem ter certeza, eles vão contribuir para grandes descobertas: vacinas contra a tuberculose e o tifo (doenças transmitidas pelos judeus e pelos ciganos), medicamentos para

curar os ferimentos dos nossos soldados no fronte. Porque assim que a guerra começar, muitos dos nossos homens, infelizmente, serão feridos. Compreendi que formamos uma cadeia onde cada elo, mesmo o menor, tem sua importância. Os mais fracos morrem para que os mais fortes tornem-se invulneráveis.

Agora não fico mais chocado com a partida dos “coelhinhos” no meio da noite. Isso é necessário. Muito. Ouvi dizer que, em mais de uma clínica de Viena, outros “institutos científicos” – nova palavra em código – serão abertos. Antigas prisões serão transformadas em “hospitais para crianças”, com “salas de cirurgia” ultramodernas. (Você me compreende, não é mesmo?, não preciso me repetir. Combinemos o seguinte: as palavras entre aspas serão sempre palavras em código.) O *Reichsführer* Himmler pretende abrir uns cinquenta “institutos de pesquisa” suplementares. A medicina vai dar passos gigantescos! Aliás, quando não houver mais muitos “bebês-coelhinhos”, a guerra fornecerá outros para a pesquisa: os prisioneiros.

AÍ ESTÁ. Estou aliviado por ter confiado a você, com sinceridade, esse instante de fraqueza e de dúvida, esse momento difícil por que passei. Fiz minha autocrítica. Cumpri assim um dos deveres essenciais de todo bom nacional-socialista.

Agora, nenhum problema mais. Como, durmo, cresço. Estou perfeitamente são. *Harmonish!*

E também... acabou o cordão mágico. Ele não existe mais. Cortei realmente o cordão. A lembrança de mamãe se dissipa com o correr do tempo. Fica cada vez mais indistinta, como um reflexo que, na superfície da água, estremece e acaba por desaparecer. Nem mesmo sei mais como era seu cheiro, ou a sensação de me aninhar na almofada macia do peito dela. Logo terei esquecido sua existência. Então riscarei esta palavra, “mamãe”, do meu vocabulário. Ela me é inútil agora, e já tenho trabalho demais com todas as novas palavras em código que preciso aprender para ficar me ocupando com esta.

É bom sentir-se livre, sem amarras. Eu me deixo embalar por qualquer braço, mamo em qualquer peito. Na verdade, logo passarei para a mamadeira.

Estou ficando grande. Forte. Duro.

Como o aço de Krupp.

É UMA VERDADEIRA mania aqui, a reorganização! E tudo aquilo que vem com ela: entrega de novos brinquedos, novos móveis, reforço das equipes de limpeza (os prisioneiros autorizados a entrar no *Heim* para trabalhar).

Ah, isso! não temos tempo para ficar entediados. Tudo se move! Tudo se modifica! Todas as *Frauen* foram trocadas. Agora só estão aqui as novas que vêm dar à luz.

Josefa está superexcitada. Corre de sala em sala, percorre andar por andar. Nada escapa ao seu olhar penetrante de ave de rapina: aqui, um retrato do Führer não foi espanado adequadamente, lá, em cima do piano, as flores estão murchas, o tapete, na entrada, não está colocado corretamente, e aquele bebê ali, desde o começo da manhã, está com o nariz sujo! Ela grita com as enfermeiras, berra com as secretárias, chama a atenção das *Frauen*, briga com os prisioneiros. (Ela se irritou com um deles outro dia e bateu-lhe com tanta força que o rosto dele sangrou, em seguida, repreendeu-o porque tinha sujado o chão com sangue, e espancou-o com mais força ainda.) Em resumo, o humor dela está terrível, e está evidente que até o choro dos bebês – o barulho característico e indissociável do *Heim*, tanto como o som das máquinas para uma fábrica – a deixam nervosa. Já faz bem uns quinze dias que as secretárias estão em plena atividade. Estão enterradas sob uma correspondência tão abundante que precisam fazer hora extra para dar conta do serviço.

Acho que tudo isso, a reorganização, os móveis novos, a tensão que toma conta do *Heim*, também é um código. Isso quer dizer que teremos visita.

Tenho um palpite sobre isso. A correspondência a que as secretárias devem responder são os pedidos de adoção.

Em outras palavras, nós, bebês de raça ariana pura, depois de concebidos com o maior rigor científico, depois de passar pela seleção quando nascemos

e escapado de sermos despachados como “coelhinhos”, seremos distribuídos pelos quatro cantos da Alemanha.

Vamos sair! Vamos conhecer o mundo lá fora!

Nossos futuros pais adotivos, casais formados por oficiais da SS e suas esposas, têm exigências bem precisas: alguns querem um recém-nascido, outros um bebê de três a seis meses, que não precise mais ser alimentado no peito; há os que querem um menino, outros, uma menina. (Felizmente, somos todos grandes e loiros, com olhos azuis, o que reduz um pouco o campo dos critérios de escolha.) As secretárias, antes de responder aos diversos pedidos, devem levar em conta a graduação dos pais solicitantes. Quanto mais graduado, mais bonito será o bebê que lhe será destinado. Por exemplo, um *Oberscharführer*, um simples sargento, não pode pretender adotar um bebê tão perfeito quanto um *Obersturmbannführer*, tenente-coronel, o qual será menos bem servido do que um *Obergruppenführer*, um general de exército. Quanto ao pedido de um soldado de primeira classe, *Sturmmann*, ele nem é levado em consideração, sua requisição vai para o lixo ou vai ser jogada na pilha de processos pendentes. Quando houver um excedente de bebês, o que não é o caso atualmente, talvez se possa respondê-los. A tarefa das secretárias é, pois, delicada: proibição formal de se confundirem na hierarquia, sem o que haverá um serviço de devolução ou de troca muito difícil de gerir. Para tratar cada pedido, elas devem estudar as fichas raciológicas dos bebês, avaliar as compatibilidades, traçar curvas, gráficos, relacionados com estatísticas idôneas. É muito trabalho, penso eu.

Quanto a nós, evidentemente, fomos preparados para esse momento. Lavados e perfumados, com fraldas limpas e roupas novas. Os recrutas (eu chamo assim os recém-chegados, os que acabaram de nascer) estão no berçário, e os veteranos, dos quais eu sou o líder do alto dos meus sete meses, ficam num dormitório separado. Aqueles que ainda não sustentam a cabeça são deitados em belos linhos bordados. De barriga para baixo. Posição imposta pelo doutor Ebner, que constatou que, graças à maleabilidade dos ossos do crânio, se a cabeça do bebê repousar sobre a têmpora, isso acentuará sua dolicocefalia. Aqueles que já conseguem se sentar sem balançar muito são colocados sentados em suas camas com grades, escorados por almofadinhas para amortecer o impacto em caso de queda. Enfim, aqueles que, como eu, se mostram mais ativos, deixaram as camas com grades e foram amarrados a uma cadeirinha adaptada.

As meninas de um lado, os meninos de outro.

ESTAMOS PRONTOS para a visita. Os carros de nossos futuros pais chegam à alameda principal. Nenhuma enfermeira está à janela para nos descrever o que acontece lá fora, como na ocasião da visita do Führer. As enfermeiras falam apenas com as *Frauen*, não com os bebês. Ora, as *Frauen*, por conveniência, foram confinadas a seus quartos e formalmente proibidas de sair. Em geral, as enfermeiras são mudas conosco: elas nos dão banho, nos trocam, nos vestem, sem dizer uma palavra. Para não perder tempo e manter o ritmo, obtendo assim um rendimento melhor. Mas, de tempos em tempos, quando Josefa não está vendo, algumas se aproveitam para deixar escapar seu aborrecimento. “Ah, não acredito, você fez xixi de novo! Por que é que está chorando desse jeito, fecha essa boca, está bem?” A mim, pessoalmente, esses rompantes de linguagem não me incomodam, tenho uma couraça, como você sabe, e esse tipo de comentário, ainda que muito desagradável, não me perturba. Tanto mais que sempre encontro um meio de me vingar: um jato de urina bem na vertical em direção a uma blusa branca recém-lavada, uma cagadinha em uma fralda que acabou de ser trocada, um arroto sonoro bem na cara da enfermeira, e, como último recurso, um berreiro de estourar os tímpanos, de pôr os nervos à prova. Berros que parecem que jamais vão parar, que dão vontade de enrolar seu autor em suas fraldas e jogá-lo pela janela – delito pelo qual nenhuma enfermeira foi acusada até agora.

Eu bem que gostaria de ter informações sobre os carros das famílias que se candidataram. Já que vou ser adotado, adoraria partir num Mercedes.

Para dizer a verdade, não tenho a menor vontade de ser adotado. Se for escolhido hoje, eu me submeterei às ordens, ao processo, já que a adoção é um componente essencial do programa *Lebensborn*. Devemos povoar a Alemanha, de sorte que as famílias sejam cada vez mais numerosas, e quando a guerra tiver começado e trouxer seus frutos, será preciso povoar os países anexados, dar-lhes um sangue novo. Tudo bem. Mas eu nutro outra esperança, um sonho secreto... Além disso, acabo de me recuperar do afastamento da minha mãe. Acabo de riscar a palavra “mamãe” do meu vocabulário. Você foi testemunha do que isso me custou: fiquei doente, emagreci, duvidei, tive medo, quase fui embarcado na caminhonete de entrega, portanto, ter outra mãe, uma mãe adotiva, para quê? Eu me questiono sobre o que esperam de mim: será preciso fingir amor por essa mulher?

Como? Eu me preocupo porque acho que não vou conseguir, não fui concebido por ela.

Meu sonho secreto, unir-me ao *Deutsches JungVolk* o mais rápido possível. Infelizmente não posso queimar etapas. Tenho que esperar cinco anos e meio. É bastante tempo! Aos 6 anos, serei considerado um *Pimpf* (“garoto”) e poderei começar minha educação: uma iniciação nos esportes, em técnicas de combate, no aprendizado da história nazi. Aos 10 anos, depois de ter passado por nova seleção física (porque no momento sou um ariano puro, mas será preciso verificar de novo, nunca se sabe), farei parte dos milhares de crianças que todo ano, no dia 20 de abril, são oferecidas como presente de aniversário ao nosso Führer e integram as *Napolas*, as escolas de elite do Reich. Ah, será um grande momento da minha vida, essencial, solene. Deverei prestar juramento. Sabem qual? Já conheço a fórmula de cor:

“Em presença deste estandarte de sangue, que representa nosso Führer, Adolf Hitler, juro consagrar toda a minha energia e toda a minha força à defesa do nosso país. Estou pronto a dar minha vida por ele!”

Fiquei arrepiado quando pronunciei essas palavras em pensamento, dentro do meu crânio dolococéfalo.

Na *Napola*, fim da brincadeira! Eu seguiria um treinamento intensivo até os 18 anos, quando, por fim, poderia entrar para o exército. Para combater. Esse é o futuro da nova juventude alemã imaginado por nosso Führer. Ele afirmou – eu ouvi isso num discurso que ele fez no rádio há alguns dias, exatamente antes da sexta – que cada criança alemã seria a partir de agora segura pela mão, de etapa em etapa. Ele disse... Espere, quero me recordar exatamente de suas frases. Sim, me lembrei:

“Faremos crescer uma juventude diante da qual o mundo tremerá. Uma juventude imperiosa, intrépida, cruel. É assim que a quero. Ela saberá suportar a dor. Não quero ver nela nada de fraqueza, nada de brandura. Quero que ela tenha a força e a beleza das feras jovens. Eu a farei praticar todos os tipos de exercícios físicos. Antes de tudo, que seja atlética: é o mais importante. E assim eu a conduzirei à inocência e à nobreza da natureza. Não quero nenhuma educação intelectual. O saber apenas corrompe meus jovens”.

Logo, ele acrescentou, haverá uma estrutura adaptada para crianças de zero a seis anos. Infelizmente, ela ainda não está instalada, falta pessoal. É por isso que devo ser adotado para preencher esse período de carência.

DEVO GANHAR TEMPO. Se conseguir dar um jeito de retardar minha adoção, isso será um bônus. Na espera, eu mesmo me treino. Já superei meu medo, já suportei a dor, como quer nosso Führer, com o episódio da doença que se seguiu à minha separação de mamãe. Eu me encarrego também do meu treinamento físico: quando uma enfermeira me troca, eu espero sempre o momento em que ela se distrai. Por exemplo, quando ela se demora procurando uma fralda limpa, eu me aproveito disso e tento me deslocar, escorregar, para cair da mesa sobre a qual ela me colocou. Já aconteceu isso uma vez. Até que não doeu tanto! Eu me ponho frequentemente em pé na minha cama, agarro uma das barras e me levanto o mais alto possível; em seguida, dou um impulso com os pés, levanto as nádegas e fico de cabeça para baixo. Testo assim meu medo do vazio... Preocupadas com essa vivacidade que elas julgam extremada e perigosa, as enfermeiras preveniram Josefa, que passou a informação ao doutor Ebner.

– Konrad é dotado de *Draufgängertum*! – ele declarou, depois de muita reflexão. – É perfeito! Perfeito! É uma qualidade primordial, essencial à nossa juventude.

Draufgängertum quer dizer “audácia, temeridade”. Isso significa que em mim o instinto de preservação está reduzido ao mínimo. É um dos primeiros ensinamentos transmitidos nas *Napolas*. Em outras palavras, sou um superdotado!

Porém, seguindo as ordens do doutor Ebner, Josefa pediu a duas enfermeiras que ficassem atentas e que me amarrassem firmemente. Não tem importância! Eu me imagino agora como um prisioneiro de guerra e tento escapar roendo os laços que me prendem.

Por ora, paciência! Eu me entrego ao destino. Veremos se serei adotado hoje.

E AÍ VAMOS NÓS; a porta se abre.

Josefa, toda sorridente – apesar dos olhares preocupados e ansiosos que lança disfarçadamente para verificar se tudo está em ordem –, faz entrar o primeiro grupo. A princípio, ela deixa os casais circularem à vontade antes de orientá-los para os bebês que já lhes tinham sido destinados previamente, que melhor correspondiam ao seu perfil. As mulheres estão perfeitamente à vontade. Os oficiais, evidentemente, não estão, e prefeririam sair para fumar um cigarro lá fora esperando que as respectivas esposas fizessem a escolha.

Eles as acompanharam por educação, por galanteria, mas, no fundo, não dão a mínima importância a isso. Para eles, tanto faz qual dentre nós será o escolhido. Eles têm outras coisas na cabeça, bem mais importantes. A preparação da guerra, já. Nada menos que isso.

As mulheres agitam-se pela sala, entusiasmadas e comovidas ao mesmo tempo.

– Eu – declara uma delas –, quero escolher entre as meninas! Já tenho três meninos, que fazem uma tremenda bagunça na casa, agora uma filhinha, bem calma, seria perfeito!

– Imagine que para mim é o contrário, até agora só tive filhas e adoraria um garotinho com um temperamento bem forte.

Para outras, pouco importava o sexo. Elas queriam adotar uma criança nova na esperança de obter a cruz de bronze, de prata ou de ouro. (As cruzes são atribuídas às mães alemãs com mais mérito, numa cerimônia oficial que se realiza uma vez por ano, em 12 de agosto, dia do aniversário da mãe do Führer. As mulheres que têm quatro filhos recebem a cruz de bronze, as que têm seis, a cruz de prata, e as mais valentes, que têm oito ou mais, a cruz de ouro. As cruzes dão direito a inúmeras vantagens: bônus, benefícios, a atribuição de uma empregada a ser retirada da população de prisioneiros que povoam os campos etc.)

Baldur e Bruno, meus vizinhos mais próximos, atraíram a atenção dessas senhoras.

Então, você, vamos ver! Ah! Sim! Você me estende os bracinhos! Quer que mamãe o carregue, não é mesmo? Será que você sabe sorrir? Vamos! Me dê um sorrisinho! E um beijinho, será que você já sabe dar um beijinho?

Pesado e embalado, poderíamos dizer para Baldur. A escolha foi rápida. Em compensação, a mulher interessada em Bruno pede informações suplementares a respeito dele antes de se decidir. Ele tem boa saúde? Bom apetite? Dorme à noite? Sem dúvida ainda é um pouco cedo, mas já se tem alguma ideia do temperamento dele? Em caso de algum problema, qual a solução que a administração do *Heim* propõe? Josefa responde educada mas firmemente à sua interlocutora, que Bruno faz parte da elite dos bebês e que, por consequência, ele não apresentará nenhum problema. Entretanto, uma troca seria viável excepcionalmente.

Em seguida, é a vez de Trudel e Erna, as meninas que estão bem na minha frente...

E EU ME IRRITO! Tanto quanto os oficiais, que em grande número acabam por sair da sala dando carta branca a suas esposas. Mas um deles teve paciência suficiente para ficar com a mulher, enquanto ela se aproxima de mim. Josefa, que a acompanha, apressa-se a me elogiar.

– Este aqui é um dos nossos melhores elementos – ela afirma, orgulhosa.

Depois, ela lê em voz alta o conteúdo da minha ficha raciológica, insistindo sobre todos os critérios que faziam de mim um magnífico espécime da raça ariana.

A mulher se ajoelhou para ficar da minha altura. Ela pegou as minhas mãos, apertou minha bochecha, fez cócegas no queixo, nos pés. Eu me esforço, como o marido dela, para me mostrar paciente. É preciso passar por isso... Enquanto fixo nela meus grandes olhos azuis – aquele olhar típico dos bebês que, uma vez que prende você, não o abandona mais e acaba por fazê-lo sentir-se pouco à vontade se não for acompanhado de um sorriso –, a mulher se põe a fazer um longo discurso. Ela me explica que na casa vou encontrar dois irmãos mais velhos, de 10 e 8 anos, Friedrich e Rudolf, assim como duas irmãs, de 6 e 4 anos, Katharina e Cora, que estão à minha espera e que querem tomar conta de mim. Elas já treinaram com suas bonecas para poder trocar minhas fraldas, me vestir; aprenderam canções de ninar, para me embalar à noite. Vou dividir o quarto com os meninos. Terei um grande jardim à minha disposição, onde, como eu ainda não sei andar, o cão, batizado de Rex pelas crianças, não terá permissão de se aproximar de mim. Mais tarde, porém, poderei jogar bola para ele. Ela me dá uma profusão de detalhes sobre minha vida futura... Que se anuncia *mortalmente aborrecida*!

Meus ouvidos zumbem, a voz da mulher se perde pouco a pouco num blá-blá-blá confuso, não estou mais em condições de escutar o que ela me diz. Ela me pega no colo e meu olhar é atraído por sua boca, cujos lábios estão pintados com um tom de vermelho alaranjado, desagradável. Coloco ali meu dedo. O contato é pegajoso, viscoso, deixo meu dedo avançar para a bochecha dela, traçando assim riscos avermelhados. Ela finge achar engraçadinho meu gesto desordenado, enquanto Josefa, com um sorriso forçado, lhe estende um lenço para tirar as marcas desagradáveis.

– Eles são bem engraçadinhos nesta idade, não é mesmo? Vai saber o que lhes passa pela cabeça!

O vermelho dos lábios não me agrada, procuro no rosto da mulher outro

detalhe que poderia me atrair. Em vão... Acabo por me virar quando ela tenta me beijar. (Argh! Só faltava essa!) Seu marido, o oficial da SS – eu preferiria estar nos braços dele, adoraria escutá-lo. Será que ele tem um posto importante na Waffen-SS? Será que ele se encontra com nosso Führer? Será que tem o privilégio de circular na roda dos que o acompanham? Fará parte do grupo de conselheiros? Quando nosso Führer tiver invadido os países que espera conquistar desde o início da guerra, será ele enviado, por exemplo, para a França, com toda a família, eu nela incluído, então?... Mas ele permanece mudo, lança-me apenas olhares distraídos quando a mulher o chama de lado, como faria se, em uma loja, ela lhe pedisse a opinião para escolher um vestido novo... Eu mesmo vou tratar de achar as respostas às perguntas que faço. Há estrelas bordadas sobre seu lindo uniforme preto, vou contá-las, assim saberei qual seu posto na hierarquia. Além do mais, isso me servirá de passatempo...

ENTÃO, SE NÃO ME ENGANEI, se contei certo – o que não está nem um pouco claro, visto que essa infernal dona de casa não para de me chacoalhar, continuando a despejar seu discurso insosso –, ele tem três estrelas e duas divisas, o que quer dizer que ele pode ser *Obersturmführer* ou *Hauptsturmführer*. Hesito entre os dois. A menos que seja *Obersturmbannführer*?... Não, não, eu disse qualquer coisa, misturei tudo!... E eu que pensava saber de cor a lista das insígnias e dos postos que lhes correspondem; me deu um branco de repente... Bom, nada de pânico! É o falatório incessante dessa mulher que me impede de me concentrar. Preciso fazer uma memorização rápida. Vou recitar desde o começo até o meio, como se fosse a primeira estrofe de uma cantiga. Se eu não titubear, continuarei com a segunda parte...

Então, vamos lá:

“1 divisa para o *Sturmmann*, soldado de primeira classe.

2 divisas para o *Rottenführer*, cabo.

1 estrela para o *Unterscharführer*, primeiro-cabo.

1 estrela e 1 divisa para o *Scharführer*, sargento.

2 estrelas para o *Oberscharführer*, primeiro-sargento.

2 estrelas e 1 divisa para o *Hauptscharführer*, adjunto.

3 estrelas para o *Untersturmführer*, subtenente.

3 estrelas e 1 divisa para o *Obersturmführer*, tenente.

3 estrelas e 2 divisas para o *Hauptsturmführer*, capitão”.

Aí está! Cheguei à metade da lista sem cometer nenhum erro, sem ter a mínima hesitação. Agora, a parte seguinte!

“4 estrelas para o...”

O QUE ACONTECEU? O casal desapareceu. Estou preso de novo na minha cadeirinha. *Frau* Josefa e uma enfermeira, em pé na minha frente, me observam com ar inquieto.

– Não sei realmente o que há, *Frau* Josefa – diz a enfermeira em voz baixa.

– De repente, ele ficou com um ar esquisito. Entretanto, hoje de manhã, ele estava ótimo, eu lhe asseguro... Será que ele vai ficar doente?

– E eu que pensava que ele seria o primeiro a ir embora! Que o disputariam!

Josefa, visivelmente decepcionada, afasta-se sem dizer mais nenhuma palavra e vai se juntar ao casal no outro lado da sala.

Acho que entendo o que se passou. Eu me concentrei tanto na minha declamação de patentes que devo ter ficado com um ar completamente idiota.

Portanto, não deixarei o *Heim* hoje. Melhor assim!

Espero que Josefa não esteja muito contrariada e que isso não acabe nos ouvidos do *Herr Doktor* Ebner. Não preciso que meu ar apalermado me faça passar por um “coelhinho”. Assumi um grande risco. Mas é isso, a intrepidez da juventude, tal como quer nosso *Führer*, não?

Em todo caso, estou bem contente, por hoje evitei a adoção e foi um ganho para o meu sonho secreto. Não passo de um bebê, mas não sou feito para a vida em família.

Preciso encontrar um meio de me ocupar inteligentemente nos próximos seis anos.

DOMINAR MEU MEDO. Resistir à dor. Suportar a dor. Ter a força de uma fera jovem. Como deseja nosso Führer.

Devo fazer minha imaginação trabalhar, me persuadir de que tudo isso não passa de... não sei... um exercício, uma simulação, um treinamento que pratico na Escola dos *Pimpfe*.

Só que ainda não sou um *Pimpf*. Apenas um bebê! E isso é bem verdade.

Está escuro. Está frio. Estou realmente com medo.

E dizer que, durante as semanas que acabaram de se escoar, usando e abusando da minha *Draufgängertum*, me esforcei para desencorajar os pais adotivos que se interessaram por mim. Fui astucioso e isso funcionou. Sou o único bebê de nove meses que permaneceu no *Heim*.

E agora estou sendo castigado.

Porque acabo de ser “adotado”. (Empreguei uma palavra que não existe em código, mas eu a inventei para a ocasião e logo você vai compreender o sentido oculto.)

Tudo se passou muito depressa. Foi na noite passada.

Um barulho suspeito no dormitório. Um estalo. Depois, silêncio. Apuro o ouvido. O barulho recomeça. Muitas vezes seguidas. Alguém está aí. Alguém que se esforça para andar o mais silenciosamente possível. Alguém que parece se assustar com seus próprios passos, porque os estalos no chão são acompanhados de um arfar. Uma respiração rouca. Parece de um animal. Um cachorro? Que teria escapado da vigilância dos soldados de plantão lá fora e teria entrado no *Heim*? Impossível. Um cachorro pode arfar dessa maneira, mas anda sobre quatro patas. Não duas. Será que é Josefa que vem buscar um “coelhinho”?... Não. O passo de Josefa é firme e cadenciado, mesmo quando ela quer ser discreta. E Josefa só escolhe os “coelhinhos” entre os recém-nascidos, no berçário. Quem, então?...

O barulho recomeça, uma corrida mais rápida e ininterrupta dessa vez. O suspeito parece estar descalço. Por alguns instantes, eu não o ouço mais, se bem que me pergunto se não se trata de um fantasma, ou que estou sonhando. De repente, sou enrolado nas cobertas em que estou dormindo. Levantam-me. Carregam-me. Não consigo saber se estou nos braços de uma criatura – viva ou fantasmagórica? – ou nas garras de uma ave de rapina. Não vejo nada. As cobertas me deixam numa escuridão total. O chacoalhar me indica que a criatura que me carrega está correndo, e então desce as escadas depressa. Depois disso, um bafo gelado penetra sob as cobertas. Estamos do lado de fora. Não por muito tempo. Outra corrida, depois me empurra para me fazer entrar em um buraco. Parece a toca de um animal. Minhas cobertas se abrem, mas ainda não vejo nada. Aqui cheira a terra, umidade e mofo. Grãos de poeira se insinuam entre meus lábios. Começo a tossir. Eu devia mais era berrar – por que não fiz isso antes no dormitório? Mas não tenho tempo nem de começar o menor berreiro, e já estou de novo empacotado. Mais uma descida. A criatura me encaixa em seu braço esquerdo e me mantém firmemente apertado contra ela. Então, compreendo que não se trata de um fantasma, porque os fantasmas conseguem atravessar as paredes e os obstáculos. Quanto às aves, elas voam, não se enfiam nas profundezas da terra. Agora a criatura se segura com a mão direita – a que está livre – a uma espécie de escada que ela desce, degrau por degrau. Este mergulho nos infernos parece que dura horas.

A fuga, enfim, chega ao final. A criatura se deixa cair no chão. Escuto sua respiração, irregular, sincopada, arfante. Dá a impressão de que vai morrer. Espero que morra! Alguns instantes se passam na imobilidade e no silêncio. Estou de tal modo em pânico que não encontro forças para berrar. Alguma coisa me diz, de qualquer modo, que o esforço seria em vão, ninguém me ouviria. Depois a criatura se reanima e me põe no chão, delicadamente dessa vez, até com certo cuidado, colocando a mão sob a minha cabeça para que eu não a bata no piso. Ela se afasta e escuto o rascar de um fósforo. A chama vacilante de uma vela produz uma luz fraca.

Estou numa caverna.

A criatura volta rapidamente a me carregar em seus braços e por fim vejo seu rosto. Magro, descarnado, pálido. A pele, transparente, está esticada sobre as maçãs, ressaltando os ossos sob ela. Uma das bochechas está marcada por uma longa cicatriz, um ferimento que deve ser bem recente,

porque ainda está vermelho e inflamado. Os cabelos distribuem-se de maneira irregular, em determinados locais dá para ver o couro cabeludo, em outros, uma penugem cresce em pequenos tufo de fios lisos e hirsutos. Os olhos são grandes, imensos, arregalados, quase saltando das órbitas, como se consumissem pouco a pouco o rosto, como se fossem acabar por devorá-lo. São azuis. De um azul claro. Num breve instante, esse detalhe me conforta. Mas esses olhos azuis têm um olhar angustiado, cheio de um medo selvagem, animal. Será que é meu próprio medo que eles refletem?

A criatura é uma mulher.

Ela fede.

O suor, a urina, misturados a outros cheiros ruins que ainda não consigo reconhecer, me dão um enjoo violento.

Quero vomitar.

Compreendo enfim o que aconteceu. Esta mulher... é uma prisioneira. Uma daquelas que, para a preparação das visitas das famílias adotivas, foram autorizadas a entrar no *Heim* para trabalhar. Ela conseguiu, Deus sabe como, escapar da “reinstalação” e se escondeu nesta caverna. E ela me roubou. (Maldita seja Josefa e sua obsessão por limpeza! Ela teria feito melhor se tivesse mandado as *Frauen* lavarem o chão, ou se ela mesma tivesse se encarregado da tarefa! Então eu não estaria ali!)

Eu, um bebê da raça dos senhores, nos braços de uma representante da escória da humanidade.

Quem é exatamente esta mulher? Uma judia? Uma cigana?... Impossível! Ela tem olhos azuis... A menos que... A menos que haja judeus e ciganos com olhos azuis. A natureza pode dar lugar a essas aberrações?

O que vai acontecer agora? Será que... Será que ela me roubou para me comer? Me devorar cru? Ah, sim, certamente esse é o destino que está reservado para mim. Os judeus e os ciganos são seres desprezíveis com hábitos imundos. Como são vis e covardes, eles roubam crianças. Eles as atraem com bombons – envenenados, na verdade. Nos jornais que Josefa lê há muitos desenhos que mostram isso.

Coragem. Sou um bebê *Pimpf*. Saberei morrer com dignidade.

Ela não me comeu.

AO CONTRÁRIO, tentou me alimentar.

Ela dormiu bastante tempo. (Ela deve estar escondida nessa caverna há vários dias, e a corrida desta noite para subir até o dormitório de onde ela me roubou e o medo tremendo que deve ter sentido a esgotaram.) Sua cabeça e o alto das costas estão apoiados na parede, o resto do corpo está esparramado no chão, braços e pernas afastados. Ela está com a cabeça inclinada para o lado, o pescoço totalmente entortado, como uma marionete desarticulada. Quanto a mim, estou em equilíbrio instável sobre as coxas dela. De vez em quando, em seu sono, ela é presa de tremores, uma convulsão violenta que a faz estremecer e contrair os músculos – o que me faz deslizar um pouco mais sobre as coxas em direção aos joelhos. Depois, ela relaxa novamente e mergulha na inconsciência. A cada sobressalto, ganho alguns centímetros, esperando assim chegar logo ao chão. É preciso agora mobilizar minha *Draufgängertum* para tentar rastejar pelo chão com a força dos braços até achar uma saída. (Nunca tentei rastejar ou engatinhar, já está na hora de começar essa etapa do meu desenvolvimento.)

Mas não tenho oportunidade de tentar nem uma coisa nem outra. Ela acorda sobressaltada, pega-me novamente em seus braços com uma vivacidade surpreendente e me aperta contra ela. Bem forte. Como se de repente ela visse alguém querendo me tirar dela. Infelizmente, não há ninguém. Em seguida, ela desabotoa o paletó do seu uniforme (imundo, fedido e esfarrapado) e me aperta contra o peito. A pele dela está úmida de suor. Como faz frio na caverna, ela deve estar com febre, por causa de uma doença qualquer. Os judeus e os ciganos transmitem parasitas, ela pode estar com sarna, lepra, tifo, ou coisa pior ainda... Sinto suas costelas salientes sob a pele. O peito, como o rosto, não passa de um conjunto de ossos. Acabo por compreender que ela quer que eu pegue seu seio.

No começo, fiquei com muito nojo. Que horror!

Depois, uma espécie de instinto despertou em mim. Qualquer coisa foi ativada no fundo do meu cérebro, como uma espécie de sinal. Lembrei-me do período em que a gorda vaca leiteira se esforçava por me fazer beber seu leite. Mas essas lembranças são muito longínquas. Há algumas semanas, me dão uma mamadeira de manhã e outra à noite, ao meio-dia como uma papinha de cenoura ou de espinafre, preparada com legumes da horta. Então, pôr minha boca num seio é um retrocesso, uma regressão indigna para mim... Mas o fato é que estou com fome. Não sei se ainda é noite ou se, lá fora, o dia amanheceu. Como ter uma referência na escuridão dessa caverna? O dia, a

noite, tudo se mistura para mim por instantes. Muitas vezes eu acordo uma enfermeira para que ela me dê comida no meio da noite. Neste momento, meu estômago dolorido me manda aceitar qualquer coisa. Então, tento pegar o seio dela... Só que ela não o tem! Ou não tem mais. No lugar, ossos, sempre os ossos, nada mais que ossos! Como vou fazer, hein?... Por fim, ela me ajuda, aperta com força a pele e um simulacro de mamilo acaba por aparecer. Consigo afinal prendê-lo entre meus lábios. Só que, por mais que mame, puxe, aspire, morda, nada acontece. Acho que a machuquei – tenho um dente que começa a despontar –, porque ela grita e me afasta violentamente. Pensei que ela ia mesmo me bater. Ou me jogar contra a parede. Mas não, ela me puxa docemente contra ela, começa a rir e a chorar ao mesmo tempo, balançando-se de um lado para outro para me ninar e acalmar meu choro. (Estou tão nervoso que, dessa vez, esgoelo a plenos pulmões.)

Ela não para de repetir uma palavra em sua língua. Língua de selvagem. (Ídiche? Români?) Começa por “Ma”. Em seguida, vem um som engraçado, como se ela estalasse a língua no céu da boca. Qualquer coisa como “tchéche” ou “xétche”.

“Ma-tché-tche... Ma-xétche”, ela repete, enquanto seus lábios franzidos se abrem no que parece ser um sorriso.

Não consigo explicar bem o que acontece em seguida. A primeira sílaba dessa palavra em língua selvagem, “Max”, ela ressoa em meu cérebro diversas vezes, provocando uma espécie de eco que revive uma lembrança ainda mais distante que aquela da gorda vaca leiteira. Eu me lembro que antes da vaca gorda havia outra *Frau* que me carregava no colo. Que me ninava, exatamente como faz a prisioneira nesse momento. E aquela *Frau* me chamava de “Max”.

Paro de berrar. Bruscamente.

De tanto refletir, de tanto solicitar as engrenagens do meu cérebro, sinto-me vazio de uma hora para outra. Sem *Draufgängertum*. Estou esgotado. Adormeço.

ACORDAMOS AO MESMO TEMPO. Em que momento? Não tenho a menor ideia. Uma hora depois, um dia, dois, talvez até mais. É a fome que nos tira do sono. Estou com cólicas, meus intestinos estão dando nós. Quanto a ela, sua barriga faz todo tipo de barulhos, como a água que verte gota a gota numa caverna. O medo me assalta de novo, digo a mim mesmo, é isso, ela,

ela tem sua refeição bem próxima, ela vai resolver me comer. Mas não. De jeito nenhum. Ela tira do bolso do paletó uma mamadeira. (Ela certamente a roubou do dormitório antes de me pegar.) Durante um momento, ela olha para a mamadeira com ar ávido, depois me olha. De repente um olhar tão maldoso! Olhar de ave de rapina. Leio em seus olhos o que ela está pensando: “E por que vou dar este leite para você se estou tão faminta?”. E, na minha cara, ela se põe a beber gulosamente. Que papelão! Mas não passa de três ou quatro goles, e coloca o bico na minha boca.

Eu bebo. Eu bebo.

Glut e glut e glut!

Como está gostoso! Frio, mas gostoso. E então, de repente, fim! Ela tira a mamadeira de mim embora ainda sobre um bom terço de leite. Eu me ponho a chorar novamente. Ela me embala, mas isso não me acalma, ao contrário! Em seguida... Milagre! Ela pronuncia duas palavras. Em alemão.

– *Für später! Für später!* [\[3\]](#) – ela me diz.

Ela não quer que eu beba tudo de uma vez, porque, senão, não terei mais nada para depois. Que me importa! É agora que estou com fome! AGORA!

Ela me embala ainda, repetindo seu “Max-qualquer coisa”. Paro de chorar. É mágica, esta palavra com harmonia estranha tem um efeito calmante em mim... Ela recomeça a falar. Falar. Não em sua língua selvagem, mas em alemão. Um alemão perfeito, sem nenhum sotaque.

Ela me conta sua vida. Começa me dizendo que é alemã. (Que alívio para mim!) Eu relaxo e a ouço. Há alguns meses ela esperava um bebê. Mas, uma manhã, seu marido e ela foram presos pela Gestapo. Foram acusados de “insulto à raça”. (Eu me alegrei rápido demais, esta mulher é alemã, certamente, mas faz parte dos indivíduos que nosso Führer condena. Ela cometeu uma das faltas mais graves que existem: uniu-se a um judeu! Que horror!) A mulher continua sua história, diz que não sabe o que aconteceu com o marido. Ela foi conduzida ao campo de Dachau. Na chegada, foi espancada selvagememente por um SS, que golpeou sua barriga com os pés e um cassetete. Sua barriga grande que carregava um bebê. Isso provocou o parto. Então, quando estava por terra, caída na neve, o rosto ensanguentado, o SS gritou para ela: “Anda! Anda! Puta! Deixa sair seu bastardo judeu! Para ver com quem ele se parece!... Vamos! Força! Força!”. Ela berrou. Chorou. Fez força. E o bebê saiu. Assim, na neve manchada de sangue. Em seguida, o SS deu um tiro na cabeça dele.

A MULHER CHORA quando para de falar. Eu também. Mas não sei se por causa do que ela acaba de contar ou porque continuo com fome.

Ela me aperta ainda mais forte contra seu corpo. E acrescenta, entre dois soluços, que seu bebê, ela queria chamá-lo de Maciej.^[4] Um nome polonês, porque seu marido era de origem polonesa.

MACIEJ. MACIEJ. Ela repete este nome. Mais uma vez, e outra. Ela me beija.

Não sou Maciej, não sou seu bebê! Me chamo Konrad, ou Max!... Não sei mais... Meu pai não é judeu! Uma Frau se uniu a um oficial da SS para me conceber. Esse oficial da SS, pode ter sido ele que matou seu Maciej!

Se eu pudesse dizer-lhe isso. Mas é impossível, então ela continua.

Maciej. Maciej... E me beija. Por toda parte, nariz, testa, boca, mãos e pés. No começo, isso me desagradava, depois eu me lembro de que a *Frau* de tanto tempo atrás, aquela que me embalava como a mulher está fazendo neste momento, também me beijava. Além disso, o contato de seus lábios úmidos me aquece, me protege do frio glacial que reina na caverna.

Quanto a este “Maciej”, repetido como uma litania, me ajuda a adormecer.

CONTRA A MINHA VONTADE, estou encharcado. Mas de verdade, hein. Completamente molhado. Xixi, cocô, tudo. O cocô não está bom, igual àquele que quase me levou à caminhonete de entrega. O pior é que Magda (o nome da mulher) não acordou ao mesmo tempo que eu. Na verdade, seus períodos de sono são cada vez mais longos. Ela não tem mais sobressaltos enquanto dorme. O corpo, sempre desarticulado em posições esquisitas, permanece imóvel como o de um cadáver. Por fim, ela abre um olho e se dá conta do desastre... O leite, ela pensou em roubar, mas as fraldas, não. Ela entra em pânico por um momento, não que o cheiro a incomode – não está pior que o dela –, mas porque ela vê que meu traseiro está tão vermelho quanto o de um macaco. Isso me incomoda atrozmente e me contorço como um verme. Mesmo as cobertas que me envolvem estão molhadas. Então Magda tira a roupa. Completamente. Como sua calça comprida já está em farrapos, fica fácil para ela rasgá-la um pouco mais para fazer uma fralda, que ela passa entre as minhas pernas e amarra do lado. Em seguida, ela me enrola em seu paletó.

Neste momento, estou vestido com o uniforme dos prisioneiros! De mal a pior. Mas, depois de tudo, ninguém me vê. Ninguém mais me ouve, aliás,

caso contrário teriam vindo me procurar. Será que pelo menos perceberam minha ausência?... Aparentemente, não. O *Heim* é tão grande quanto uma fábrica. Achem uma cama vazia, e daí? No mínimo três outras são ocupadas na mesma hora.

Então, mesmo que esteja vestido com roupas vergonhosas, pelo menos estou seco. Mesmo que os braços que me carregam sejam os de uma mulher que se uniu a um judeu, eles me trazem calor e me acalmam. Como sua voz. Tão frágil. Tão doce. Tão presente, agora que a voz do Führer, aqui, nesta caverna, não soa mais. Não temos rádio, é lógico. Sinto que, à medida que o tempo passa, essa voz se reduz a um murmúrio, que se afasta para longe, dentro do meu cérebro, em direção ao escaninho do esquecimento.

MAGDA ME DÁ O RESTO do leite da mamadeira. Depois disso, por horas, dias, noites, não sei mais, ela me faz roer um naco de pão seco – resto de um de seus primeiros furtos, antes de me roubar. Ela pega as migalhas e as enfia na boca para amolecer, em seguida as dá para mim, e posso engoli-las sem engasgar.

O pedaço de pão logo logo acaba também. Assim como o miolo de uma maçã. Os ossos de frango em que ainda resta um pouco de carne. As cascas de uma batata, de uma beterraba.

Depois, mais nada. *Nada.*

Nichts.

A fome. O frio. A letargia.

Magda se põe a falar. Ela me conta sobre Maciej. Como ela o amava quando ele estava em seu ventre. Como gostaria de tê-lo visto crescer.

Maciej. Maciej. Maciej...

QUANDO FECHO OS OLHOS por muito tempo, Magda me sacode delicadamente até que eu os abra. Ela tem medo que eu morra dormindo. E eu, de minha parte, faço a mesma coisa. Eu me esforço para, me agitando, tocar uma das mãos ou um pé no rosto dela e acordá-la. O pouco de *Draufgängertum* que me resta serve para isso. Sei que estou ligado a ela. Se ela morrer, eu também morrerei.

E eis que uma questão vem martelar minha cabeça. De tanto dormir nos braços de Magda e não dormir mais de barriga para baixo como recomenda

aquele outro, aquele que se encontra em algum lugar acima de nós, o *Herr Doktor* de olhos de gelo – qual é mesmo o nome dele? –, acho que meu crânio está pouco a pouco se deformando. Não é mais dolicocefalo, não é mais alongado e ovalado, enquanto as lembranças longínquas acorrem em primeiro plano. Lembro-me de repente do “cordão mágico”. Aquele que funcionava com a *Frau* que me alimentava há muito tempo, muito... muito tempo. Essa *Frau* era... minha mãe... Sim, era *Mutti*. “Mamãe”. A palavra que eu tinha riscado do meu vocabulário.

Mutti. Magda a repete toda vez que consegue acordar.

– *Mama ist da. Habe keine angst.*

Mamãe está aqui. Não tenha medo.

MAS O CORDÃO MÁGICO não funciona por muito tempo.

Com o passar das horas, dias, noites, do tempo que transcorre na caverna, ele se torna inoperante.

Quando eu o puxo, a resposta demora cada vez mais. Até o momento em que não há mais resposta. Até o momento em que eu mesmo não tenho mais forças para puxá-lo. Dessa vez, definitivamente, é o fim da minha *Draufgängertum*.

Fecho os olhos e me abandono nos braços que, ao longo das horas, dias e noites que se passam nessa caverna, se fecham em volta de mim. Frios, rígidos como ganchos.

[3] Para mais tarde!

[4] Pronuncia-se em polonês “Matchiei”. (N. T.)

PARECE QUE FOI PRECISO quebrar os ossos das mãos e dos braços do cadáver que me mantinha prisioneiro.

Pelo que dizem, fiquei cinco dias na caverna. Dois deles com o cadáver.

Quando me acharam, fui dado como morto. Não tinha mais nada de um bebê da raça dos senhores. Sujo, mergulhado em urina, fezes e vômito, magro, estava apenas um pouco mais gordo que os ratos que, ao que parece, tinham começado a roer o pouco de carne que me restava.

MEU DESAPARECIMENTO passou completamente despercebido, como eu supus.

A enfermeira de plantão na noite em que fui roubado, encontrando minha cama vazia pela manhã, não disse nada a ninguém. Incapaz de dar uma explicação – como um bebê podia ter-se evaporado dessa maneira durante o sono? –, temendo uma punição severa se alguém percebesse sua negligência imperdoável, ela comprou a cumplicidade de uma secretária para montar um dossiê falso de adoção com meu nome. Josefa, quando voltou de uma missão de inspeção em outro *Heim*, ficou sabendo assim que Konrad, o persistente, Konrad, o temerário, Konrad que ninguém até então quisera adotar, tinha enfim encontrado uma família. Engolindo a mentira, ela se alegrou com a excelente notícia.

O alerta foi dado pelo jardineiro. O bom homem notou certa manhã que um canteiro de grama, um dos que ele mais se orgulhava, tinha sido remexido. No início, chegou-se à conclusão de que era um ato de sabotagem e o culpado foi procurado entre o grupo dos prisioneiros ligados à jardinagem. Como não se conseguiu achar um único culpado, “reinstalou-se” o grupo inteiro. Em seguida, o jardineiro, querendo reparar os estragos, revirou o montículo de terra para lançar ali novas sementes. Descobriu então

a abertura de um poço seco. No buraco bem profundo, na parede, os degraus. Ele comunicou imediatamente sua descoberta. Chamaram reforços, e homens desceram pelo poço e seguiram um longo trecho de um corredor subterrâneo, que levou à entrada de uma caverna não mencionada nas plantas do edifício do tempo em que ele era um asilo.

E assim estourou o escândalo.

Alarme. Grande agitação. Interrogatório. Represálias. “Reinstalação” imediata da enfermeira e de sua cúmplice. Deportação do arquiteto que tinha reformado o *Heim*. Quanto ao cadáver da prisioneira, ele foi dependurado na entrada de serviço do *Heim* e ficou exposto muitos dias, como exemplo, até que fosse completamente devorado pelos corvos.

O doutor Ebner tinha então de decidir minha sorte. Que fazer do farrapo em que eu havia me tornado? A caminhonete de entrega?... Visto meu estado lastimável, eu não me parecia nem com um “coelhinho” digno de seu nome. Morreria durante o transporte antes de chegar a uma “instituição científica”.

Restava o incinerador.

Que desperdício! Ebner não conseguia se resolver a reduzir a cinzas a criança que ele mesmo tinha trazido ao mundo, o primogênito do programa *Lebensborn*, que tinha tido a honra de ser batizado pelo Führer em pessoa. Era um sacrilégio. Ele decidiu então me manter. Em seu laboratório. Como objeto de estudo a fim de ir adiante com suas próprias pesquisas. Eu sofria de uma desidratação profunda em consequência do jejum prolongado por que havia passado. Tinha perdido quinze por cento do meu peso, minha pressão arterial ameaçava cair a todo instante, provocando um “choque hipovolêmico” (termo médico para dizer que eu iria morrer).

Como eu, jovem representante da raça ariana, iria resistir a essa condição de morte iminente? – se perguntava o doutor Ebner. Quanto tempo iria durar minha agonia? As respostas a essas perguntas forneceria dados preciosos para o futuro da ciência. Mobilizando toda a sua energia, o *Herr Doktor*, desde logo, anota no meu registro – aquele que foi criado no meu nascimento – a descrição rigorosa e minuciosa do meu suplício.

Eu tinha os olhos enterrados nas órbitas, a pele fria e insensível, a língua “assada” – mais um termo médico, significando que ela estava completamente seca, vermelha e recoberta por uma camada amarelada. Eu sentia sede constante. Uma sede atroz que me torturava. Quando os dedos do

doutor Ebner me pinçavam a pele na altura do abdômen, a prega flácida que se formava não se desfazia. Para completar, eu não urinava mais.

O doutor Ebner procedeu a uma reidratação urgente, via venosa, com soro. A intenção era me curar, mas aquilo não matava minha sede. Minha boca, seca como papelão, meus pobres e pequenos lábios ásperos como lixa reclamavam qualquer coisa para mamar. Qualquer coisa! Por mais que eu berrasse, ninguém conseguia me entender.

Eu sofria ainda de taquicardia e de oscilações de consciência acompanhadas de um delírio persistente. Ah, as visões terríveis que eu tinha! Elas vinham em sequência, não deixando um instante de se repetir. De início havia a visão daquele seio que eu pedia tanto que ele acabou por aparecer em sonho. Carregado de promessas daquele leite que eu tanto desejava, ele me enchia de alegria, mas tão logo eu o prendia entre os lábios ele inchava, inchava, ficava enorme, monstruoso. Ele me sufocava e acabava por me esmagar sob seu peso como se eu fosse uma barata debaixo da sola de uma bota.

Em outras ocasiões, eu me via na barriga da minha mãe, tranquilo, bem aquecido na bolsa d'água, quando de repente ela era vítima de tremores. Tremores terríveis que iam crescendo até a bolsa se romper. Sem abrigo. Sem proteção. E os tremores se transformavam num verdadeiro cataclismo, como se rompessem o ventre que me guardava. Eu então era empurrado para a frente. Empurrado. EMPURRADO. Eu ouvia os gritos, os insultos: me chamavam de bastardo! De judeu! Isso me dava um medo terrível, eu tentava recuar, mas era impossível. Começava a ver a luz, uma luz branca, brilhante e fria, quando... pam! um estampido. E meu crânio explodia.

UM CALVÁRIO ABOMINÁVEL. O doutor Ebner me tirava uma amostra de sangue a cada quatro horas e recolhia minha urina a cada seis horas para analisar. Ele me pesava oito vezes por dia, verificava minha temperatura, a quantidade de minhas fezes. Auscultava meus pulmões, tirava radiografias para verificar o tamanho do meu fígado. Media o perímetro craniano. Espreitava sinais de convulsão.

Meu martírio durou três dias e três noites. Até o dia em que, enfim, a febre cedeu. Minha pele retomou o aspecto normal, assim como minha língua, enquanto começava a ganhar peso.

Ebner, que não tinha deixado minha cabeceira, me observava com atenção

redobrada, completando suas anotações, seus gráficos e seus números. Eu estava na fase de remissão. Era preciso me reidratar agora por via oral e verificar se eu suportaria. Recebi uma mamadeira. Enfim. De água. Muita água. Depois, pouco a pouco, de leite. Recomecei a fazer xixi. Cocô. Minúsculos dejetos no início, ridículos, como os de uma cabra, depois belas fezes bem formadas.

Vinte e quatro horas se passaram. Quarenta e oito horas. Minha temperatura permanecia estável. O peso continuava a aumentar. Ebner auscultava. Pinçava. Apalpava. Espreitava. Sem prega cutânea. Sem diarreia. Sem vômito.

Não era remissão, era cura. Total. Um verdadeiro milagre. Não, não um milagre. Exultante de alegria, Ebner tinha diante dele, na minha pequena pessoa convalescente, a prova tangível de que a raça ariana podia resistir às doenças que dizimavam as raças inferiores.

Eu era um senhor. De verdade.

DEPOIS DA CURA, a convalescença. Combinada com um período de reeducação – no sentido próprio do termo.

Essa foi obra de Josefa. Ela se sentia responsável pelo mal que eu havia sofrido. Como não fez parte da onda maciça de “reinstalações” quando me encontraram meio morto, seu senso de dever a tinha obrigado a fazer seu *mea culpa*, pedindo demissão. Como podia ter se deixado enganar de tal maneira por uma subalterna? Era imperdoável.

Sua demissão, entretanto, foi recusada, e Josefa encontrou a oportunidade de se redimir quando o doutor Ebner, depois de ter me trazido de volta à vida, me confiou a seus cuidados. Ela estabeleceu como ponto de honra devolver-me toda a minha soberba. Porque eu a tinha perdido.

Não havia mais um grama de *Draufgängertum* em mim. Nada. As semanas correram, chegou o dia 20 de abril de 1937, eu estava com um ano de idade, mas não conseguia ficar em pé, mesmo com a ajuda de um apoio. Nenhum som articulado saía da minha boca. Eu não queria mais engolir alimentos sólidos, qualquer que fosse. Precisava de leite, só de leite. Pior ainda, tirado do peito. Não conseguia dormir se alguém não me carregasse nos braços, me embalasse por muito tempo, sussurrando palavras doces. Além dos maus hábitos de que eu precisava me livrar... eu não atendia mais pelo meu nome, Konrad. Não virava a cabeça quando alguém o pronunciava. Estava me

tornando deficiente mental. Autista, talvez. Incapaz de qualquer comunicação, só me expressava por berros. E tudo o que se fazia não surtia efeito. A paciência de Josefa se esgotava: ela tinha me levado para passear no salão – na ausência das *Frauen*, a quem eu poderia assustar com meu comportamento – e passar em revista todos os retratos dos representantes do Reich, mas meu mau humor não se desfazia. Ao contrário, dobrava.

Josefa percebeu algo pior: diante de um uniforme marrom ou preto, eu ficava fora de mim. Até me senti culpado um dia por um ato que fez mal ao moral da infeliz: quando ela estava inclinada sobre mim para me trocar, agarrei a insígnia do partido presa na blusa, arranquei-a e joguei-a no chão com violência.

O que foi que aquela cadela dissidente fez?, perguntava-se Josefa, desconcertada pelo meu comportamento. Não contente por ter me roubado, ela estragou, corrompeu meu espírito! Ela fez de mim um meio-judeu porco! Ela tinha destruído em poucos dias o trabalho de muitos meses – até mesmo de muitos anos, se levamos em consideração o período que havia precedido minha concepção.

A criança do futuro deve ser viva e esbelta, tinha dito o Führer. Eu estava prestes a ficar gordo, obeso, por só me alimentar com leite e recusar os legumes. *Coriáceo*. Eu estava mole e flácido, permanentemente deitado ou sentado, sem jamais me exercitar para ficar em pé, quanto mais tentar andar. *Duro como o aço de Krupp*. Eu chorava o tempo todo. Chorava.

Josefa decidiu empregar mão forte para me disciplinar.

ELA ME PÔS EM QUARENTENA. Meu corpo estava são e salvo, sem dúvida, mas meu cérebro não, tendo sido infectado do pior modo possível. E eu não devia contaminar os outros. Então eu ficava sozinho ao longo do dia, fechado num quarto na parte de trás do edifício, para abafar o som do meu berreiro constante.

Josefa vinha me visitar várias vezes por dia, para me lavar, me vestir e me alimentar. Eu não queria deixá-la me vestir? Tudo bem. Eu ficava nu. Não queria comer a papinha? Muito bem. Ela punha o prato no chão e ia embora. A fome acabaria por me amansar. À noite, nada. Eu podia arrebentar os pulmões, estender os braços desesperadamente para que a porta se abrisse, para que alguém me carregasse, que me embalasse, que me acalmasse, não vinha ninguém. A porta do quarto permanecia fechada e eu acabava

dormindo no chão, esgotado. Eu chorava ainda mais alto quando acordava depois de ter recobrado as forças durante a noite.

Josefa arranhou um jeito de encobrir meus berros.

Ela colocou no quarto em que eu estava confinado um aparelho de rádio, sintonizado em uma estação que irradiava repetidamente os discursos do Führer. Em alto volume. Eu não conseguia rivalizar muito tempo com a potência vocal do nosso Führer. Acabei me calando para escutar; depois, pouco a pouco, comecei a apreciar essa presença sonora.

As engrenagens do meu cérebro gradativamente foram se encaixando de novo em seus lugares.

Eu voltava a ser o que havia sido. Certa manhã, Josefa teve a felicidade – seus olhos se encheram de lágrimas – de me encontrar em pé e vestido. Ou quase. Eu havia tentado vestir o calção e me atrapalhei, meus dois pés tinham se enfiado na mesma perna; não tinha conseguido encontrar o decote da malha e minha cabeça estava entalada na cava da manga, mas eu estava em pé. Ereto, direito, solidamente apoiado nos pés, sem qualquer apoio.

Meu bracinho direito estava estendido como um arco de violino.

E eu pronunciei enfim minhas primeiras palavras:

– *Sieg Heil!*

AGORA, TENHO 4 ANOS.

Sou muito bonito. Todo mundo diz isso. Tenho que acreditar, porque percebo que ninguém passa por mim sem se virar para me olhar. Atraio os olhares. Sobretudo os das *Frauen*.

Meu diagnóstico racial é excelente, ainda que não seja definitivo. Muitas características físicas ainda não estão definidas em crianças de pouca idade como eu, e é preciso esperar um estágio de desenvolvimento mais avançado. Apesar disso, todas as esperanças são permitidas.

Sou muito grande para a minha idade, esguio, seco, quase magro, sem que isso seja alarmante, muito pelo contrário. (Não tenho carência de nada. Não nos falta nada no *Heim*: sêmola, arroz, aveia em flocos, cacau, frutas frescas, legumes, ainda que lá fora já comecem a distribuir os tíquetes de racionamento. A guerra começou há um ano.) Essa ligeira tendência para a magreza destaca o desenho nascente de meus pequenos músculos – braços, coxas, panturrilhas – e promete um corpo atlético. Meus cabelos não são apenas loiros, são platinados, quase brancos, e o contraste com o azul dos meus olhos é surpreendente. Dois abismos de água turquesa rompendo uma massa de neve. Quando eu os pouse sobre uma *Frau*, são fulminantes, o coração dela se derrete. Dolicocéfalo eu era quando nasci, e assim permaneci. Minha pele é branca, levemente rosada, como se um toque de pincel tivesse roçado de leve minhas bochechas. Minhas orelhas não são de abano – por Deus, não! –, elas são pequenas, bem-feitas, como conchas. Meu rosto é estreito, meus lábios, finos, minha testa, alta. Meu nariz, afilado, implantado bem alto também, traça uma linha ininterrupta até meu queixo.

Uma cara de anjo. Um anjo ariano.

NEM DÁ PARA ACREDITAR, ao me ver, que quase morri. Não guardo nenhuma lembrança da terrível provação que vivi e que quase me foi fatal. Mas Josefa não cessa de me contar com detalhes, assim como às outras *Frauen* novas que se integraram ao *Heim*, esse episódio sinistro. Fui feito prisioneiro por uma puta dissidente que me torturou e me deixou passar fome. Ela tentou me matar, mas, apesar da minha pouca idade, fui mais forte do que ela e, no final, quem sobreviveu fui eu! E assim illustrei uma das principais teorias do nosso Führer: “O que torna o homem superior ao animal é sua capacidade de sobreviver às batalhas mais selvagens”.

Josefa afirma também que fui vingado, porque um acontecimento muito importante se passou na noite de 9 para 10 de novembro de 1938 –, um ano e meio depois do meu sequestro pela puta dissidente. Aquela noite é chamada *Kristallnacht*, a “Noite dos Cristais”. Por todo o país, algumas centenas de sinagogas foram destruídas, assim como milhares de indústrias e estabelecimentos comerciais judeus. Foram mortos cem judeus, centenas de outros se suicidaram ou morreram em consequência de ferimentos, e mais de 30 mil outros foram enviados para campos de concentração. Josefa me diz que, assim, nenhuma mulher alemã se sentirá tentada a se unir com um judeu. Ela me garante que a partir dali estou em segurança, que nunca mais serei exposto a um perigo semelhante.

Em todo caso, essa façanha da minha jovem vida, de tanto ser contada, recontada, divulgada – cada um acrescentando um detalhe inventado –, tornou-se uma lenda no *Heim*. Tornei-me uma espécie de mascote.

Sendo assim, foi decidido que eu não seria adotado. Foi mais ou menos como se tivessem me colocado numa vitrine. Sou uma amostra perfeita, uma espécie de joia que pode ser admirada, mas não pode ser tocada, quanto mais levada. Sirvo de referência para as *Frauen* grávidas e para as recém-paridas: eis o retrato futuro dos fetos que elas carregam no ventre, dizem umas às outras; assim é que crescerá seu bebê. Isso levanta o moral das tropas em caso de dúvidas. O mesmo acontece com as mães adotivas quando visitam o *Heim*. Elas ficam pasmadas diante do meu rostinho de anjo e se desfazem em lágrimas quando Josefa conta minha história, o traumatismo que me foi infligido e que superei. Elas também querem me tomar em seus braços, me acariciar, me beijar, me mimar, mas... não podem me tocar! *Verboten!* [\[5\]](#) E se lamentam não poder me levar, elas escolhem voluntariamente outro bebê, seguras de que será parecido futuramente com o modelo que represento.

BOM. ESTÁ CERTO. Fico muito orgulhoso.

Só que o outro lado da moeda é que fico entediado. Ser paparicado, mimado, adulado, não é a melhor maneira de entreter minha *Draufgängertum*. Não esqueci meu sonho secreto. Gostaria de ter companheiros dignos desse nome. O que é que posso fazer no meio de todos esses bebês que só pensam em mamar e dormir? O casulo do *Heim* ficou muito apertado. Preciso de ar. Estou sufocando. Queria me mexer. *Sair, ver o mundo!*

Enquanto isso, lá fora, as coisas esquentaram. Depois da anexação dos Sudetos, da Checoslováquia e da Áustria, a invasão da Polônia, no ano passado, agravou a situação e os ingleses e franceses declararam guerra. Somos aliados da URSS, que contribuiu para esmagar a Polônia. Mas, de todo modo, mesmo sem a ajuda dos russos, nosso exército provou sua superioridade e, ao que parece, a França está prestes a capitular. Invadimos também a Bélgica, a Dinamarca e a Noruega. Uma invasão fulminante! A Inglaterra, por seu lado, tenta alguns bombardeios em resposta aos nossos sobre Londres, mas eles não têm maiores consequências. Dizem que os habitantes de Berlim, longe de ficarem traumatizados, adotaram o hábito de se divertir reunindo-se nos locais supostamente atingidos pelo inimigo.

Em consequência de todas essas anexações, o *Heim* está atualmente de cabeça para baixo: esperamos uma carga de qualidade excepcional. Noruegueses e dinamarqueses. Inútil fazer as mulheres passarem por uma seleção, sabemos antecipadamente que as mulheres nativas desses países preenchem perfeitamente todos os critérios da raça nórdica. Também nossos oficiais da SS receberam ordens de praticar uma “ocupação delicada”. Isso quer dizer que eles, sobretudo, não devem proceder a prisões e execuções maciças (como em Smolensk, por exemplo, onde os judeus são executados aos milhares, com uma bala na nuca). De jeito nenhum. Eles devem seduzir as mulheres norueguesas, convidando-as para ir ao cinema, ao restaurante, ao museu ou ao concerto. E, depois, crau! Acasalamento. Depois o parto, aqui, na Alemanha. De boa vontade ou à força. Com certeza, os bebês que nascerão dessas uniões serão *harmonish*. Um magnífico presente para o Führer da nação alemã. (A oferta de boa vontade ou à força vai variar, porque as norueguesas são bonitas, mas será que são inteligentes o suficiente para compreender a necessidade de seu sacrifício?) Grandes, loiros, dollicocéfalos,

os bebês noruegueses serão dotados da aparelhagem completa das crianças do futuro e terão provavelmente uma porcentagem fraca de “coelhinhos”. Quando penso nisso, sinto uma ponta de ciúme. E se um deles me destronar?

Preferiria não ter que viver esse momento.

Esperando que minha sorte seja decidida, eu me ocupo como posso. Ando, corro, disparo, berro. Desde que se apresente uma oportunidade, eu semeio o pânico no berçário, fazendo incursões repentinas. Imagino que os berços enfileirados são soldados inimigos a quem devo combater. Eu os bombardeio com fraldas ou mamadeiras, o que estiver ao alcance da minha mãozinha. Quando sou obrigado a me dedicar a atividades menos perturbadoras para meus jovens camaradas, eu me contento com os brinquedos. Tenho alguns magníficos – como a alimentação, nada nos falta aqui, as diversas requisições nos garantem remessas permanentes. Com meus aviões e soldados de chumbo, sou um piloto da Luftwaffe. Vuum! Vuum! Faço lindas acrobacias no céu, e bum! jogo uma bomba sobre Londres! Brinco também com uma esplêndida maquete de uma fortaleza. Sou agora um soberano medieval que reina sobre seus súditos. Mas meu brinquedo favorito é um simples martelinho de madeira. Nas minhas mãos, ele se torna o martelo de Thor, a mais poderosa arma concebida pelos antigos povos nórdicos, meus ancestrais. Ora sou um dos dois anões que fabricaram esta arma fabulosa, ora, melhor ainda, sou Thor em pessoa, deus dos Raios e Trovões. Uso luvas de ferro para lançar o martelo contra meu adversário e, alguns segundos depois, o martelo volta às minhas mãos (é aí que se encontra sua magia). Combato os gigantes de gelo! Sou invencível!...

Pode ser que, logo, a lenda se torne realidade. Sim, há grande possibilidade de que o martelo de Thor seja novamente fabricado. É um dos objetivos estabelecidos por nosso *Reichsführer* Himmler. Ele enviou equipes de pesquisa à Finlândia para estudar e analisar os velhos cantos mágicos que detêm o segredo da fabricação do martelo.

Às vezes, também, meu brinquedo de madeira se torna a espada sagrada do rei Artur. Artur era um rei criança, como eu! Uma criança guerreira! Eu cavalgo meu corcel e parto em busca do Santo Graal! E encontro o cálice da imortalidade! E bebo dele! E me torno imortal!

ZAPT! ACABO DE LANÇAR o martelo-de-Thor-espada-sagrada-do-rei-Artur em cheio no rosto de Josefa. Ela vai ficar brava e vai me deixar de castigo no

quarto. Sei que a aborreço brincando assim por toda parte do *Heim*. Às vezes, por mais que eu seja o mascote que sou, ela bem que gostaria de me dar uma palmada. Que ela fica tentada, fica!

Mas Josefa não se irrita como de hábito, ao contrário, ela me dá o seu mais belo sorriso, aquele que ela reserva para as grandes ocasiões e as visitas oficiais. Ela me avisa que devo juntar meus brinquedos para que possa colocá-los na minha mala com o resto dos meus pertences. Porque... Porque... Adivinhe!, me diz ela, abrindo um sorriso exagerado.

Porque... EU PARTO AMANHÃ!!!

Vou para longe, bem longe. Em missão, ela acrescenta sussurrando.

Para onde? Para onde, então? Para algum lugar na Alemanha ou para um país estrangeiro? Com quem eu vou? Com ela? Como vou viajar? De avião? De Mercedes? Qual será minha missão? Recuperar o martelo de Thor? O Santo Graal? Não tenho capacidade de lhe fazer tantas perguntas tão claramente quanto gostaria e isso me deixa com raiva, eu sapateio de impaciência! De qualquer modo, pouco importa! O ar de conspiração que Josefa assume enquanto pega minha mão e o modo como ela cochicha e lança olhares enviesados para se certificar de que ninguém a ouviu falar de bagagens e de partida me indicam que a missão deve ser mantida em segredo.

Segredo de Estado!

É ruim não saber o que esperam de mim. Mas ainda bem que eu gosto de surpresas. O que vale é que, enfim, deixo o *Heim* para iniciar uma nova etapa da minha vida.

UM ENCONTRO MARCADO, um pouco mais tarde, em um lugar desconhecido, dá sequência às minhas aventuras.

[5] Proibido!

SEGUNDA PARTE

VIAJEI DE MERCEDES, um carro preto lindo, escoltado por motociclistas que liberavam a estrada diante de nós para que fôssemos o mais rápido possível. O trajeto durou dois dias, contando com a noite passada a meio caminho na casa de um alto dignitário do partido, um colega do doutor Ebner.

Munique, Ingolstadt, Nuremberg, Bayreuth, Leipzig, Dessau, Potsdam. Imagine só o meu atordoamento! Eu, que jamais havia me aventurado além da sebe de choupos que separa o *Heim* dos campos de Steinhöring, passava pelas maiores cidades da Alemanha. Descobria, enfim, minha pátria! Eu me sentia extasiado. Abria meus grandes olhos para aproveitar plenamente a paisagem que desfilava por trás dos vidros do carro. Adoraria parar, passear em uma dessas cidades, mas entendi logo que nenhuma visita estava prevista no programa. Não se tratava de uma viagem turística, longe disso. Algumas paradas para fazer xixi, poucas, nada mais. (Eu me esforçava para me segurar e não molhar meu calção, o que nem sempre era fácil.) De todo modo, conforme avançávamos em direção ao leste, a paisagem se modificava, ficando cada vez menos hospitaleira, e o meu desejo de passear passou.

Depois de cruzar a fronteira da Polônia, só se via um vasto campo de ruínas. Casas bombardeadas, destruídas, fumaça de incêndios, feridos e cadáveres nos campos ou nas estradas, comboios que se arrastavam, cercados por nossos soldados. De tempos em tempos, mesmo que passássemos por eles a toda velocidade, eu percebia um rosto, lívido, pálido, deformado pelo medo.

Os poloneses. Prisioneiros.

VIAJEI NA COMPANHIA só de adultos, e bem importantes. Minha postura foi exemplar. Ajuizado, me conservando bem ereto, tratando de saudar com o braço estendido as diversas personalidades que se encontraram conosco ao

longo do trajeto, cuidei de não fazer nenhuma pergunta, apesar da curiosidade que me devorava.

Com exceção do doutor Ebner e de *Herr Sollmann*, o diretor administrativo do *Lebensborn*, que visitava frequentemente o *Heim*, eu não conhecia ninguém. Josefa não fazia parte da festa, o que, cá entre nós, era muito bom para mim. Eu precisava de mudança, e me encontrar de novo cercado por aquela pele velha me desagradaria. Josefa dali por diante pertencia ao passado, e eu precisava esquecê-la. Ela havia me apertado nos braços, até mesmo tinha ensaiado uma lágrima ao me soltar. Hipócrita! Na realidade, ela estava bem feliz por se ver livre de mim. Penso que a lágrima era mais pelo doutor Ebner. Ela tinha uma queda por ele. De minha parte, eu me livreii rapidamente do abraço dela.

Tchüss! Adeus! Obrigado por tudo! Pode ser que um dia nos vejamos novamente!

Ao lado de Ebner e de Sollmann ficava *Herr Tesch*, advogado de profissão. Em Berlim, um segundo carro juntou-se a nós, dessa vez com uma equipe formada de mulheres. Quatro no total. Durante todo o percurso, os *Herren* e as *Frauen* se comunicavam, mudando de carro para discutir com o doutor Ebner e *Herr Sollmann*. Quando eu não estava muito cansado, abria bem minhas orelhinhas para escutar o que eles diziam. Coisas muito importantes.

Na verdade, eles não pararam de trabalhar, o Mercedes servindo de escritório e, dependendo da circunstância, de sala de reunião. Estudavam dossiês, cartas, circulares enviadas pelo *Reichsführer* Himmler. Elaboravam atas, previsões orçamentárias, indicando trens, comboios que deviam se dirigir para essa ou aquela direção – nomes poloneses, muito complicados para que eu conseguisse memorizá-los.

A chefe das mulheres era *Frau Inge Viermetz*, primeira assistente de *Herr Sollmann*. Sua missão: representar os “fisionomistas”. Especialistas capazes de reconhecer num relance se o indivíduo se classifica como pertencente à raça nórdica ou não. Sob suas ordens, *Frau Müller*, do NSV (National Socialistische Volkwohlfahrt). Trata-se de um organismo que cuida do “bem-estar do povo alemão”. Por fim, havia *Frau Kruger*, representante do Jugendamt, o “Gabinete para a Juventude”. Todas essas *Frauen* levavam insígnias em seus uniformes; foi assim que pude adivinhar a que organismo elas pertenciam, porque sou imbatível no reconhecimento de patentes e

insígnias. Quanto à última *Frau*, ela se dizia representante das “*Braune Schwester*”.

AS “IRMÃS MARRONS”. Ora, isso era um enigma. *Schwester*, eu sabia que era uma palavra em código, que não significava nem “irmã” nem “enfermeira”. As *Schwester* são as *Frauen* destinadas à reprodução, aquelas que concebem e gestam as crianças do futuro como eu. Mas as *Schwester* de lá são loiras, não morenas ou marrons. São também jovens e belas. Ora, a que se encontrava no carro conosco era velha e feia, para não dizer repugnante.

“*Braune Schwester*”, eu precisaria esperar antes de incluir essa locução à minha lista de palavras em código.

Como bônus, fiquei sabendo, em um momento em que fingia estar dormindo e em que os adultos falavam sem receio de que eu ouvisse, que eles haviam me incluído – eu, Konrad von Kebnersol, 4 anos de idade – em uma missão que levava o nome em código de “Operação”... “Operação sei-lá-o-quê”, já que infelizmente a última palavra se perdeu no blá-blá-blá da conversa.

Qual poderia ser o objetivo dessa missão secreta? Por mais que eu pusesse em ação as engrenagens do meu cérebro super-hiperinteligente, não consegui adivinhar. Minha curiosidade foi aguçada de tal maneira que você não pode nem imaginar.

POZNAN. FIM DA VIAGEM.

Nossos quartos ficavam em uma das poucas casas que se mantinham em pé, perto da prefeitura. Esta tinha sido requisitada pelo doutor Ebner e sua equipe. Eles se reuniam lá permanentemente durante o dia para trabalhar sem descanso. Outras personalidades, já presentes na cidade antes da nossa chegada, juntaram-se a eles. Havia um vaivém incessante.

A casa é bonita, grande e muito bem mobiliada. Os antigos proprietários deviam ser muito ricos. Nós nos instalamos no térreo, porque os andares acima tinham sido bombardeados. Eu herdei o quarto de uma das crianças. Tudo foi mantido, o menino não levou nada ao ir embora: suas roupas pendem ainda do encosto de uma cadeira, o armário está cheio, e os brinquedos estão espalhados pelo chão. Na minha opinião, ou ele *kaputt*, ou foi feito prisioneiro.

Não gosto de ficar restrito a esse quarto, prefiro me aventurar pelos andares superiores, entre os escombros, o entulho, os pisos destruídos. Divirto-me pulando de um lado para o outro, por cima de um buraco, me posicionando sob uma janela cujo vidro foi quebrado, como um *sniper* identificando seu alvo antes de atirar. Exercícios excelentes para entreter minha *Draufgängertum*. Bem melhor do que ficar colorindo desenhos como me recomenda *Frau Lotte*, a *Braun Schwester* que cuida de mim! Não é a mesma que estava no Mercedes durante a viagem, mas também é velha e feia. E muito burra. Colorir desenhos! Já sei ler e contar! Josefa me ensinou. Sou capaz até de resolver problemas de cálculo. Por exemplo: um saco contendo trinta bombons, um judeu rouba 25, quantos bombons sobram no saco? Sobram $30 - 25 = 5$. Fácil!

Frau Lotte tem um falso ar de Josefa. Ereta em seu uniforme, sempre a me vigiar, a me passar sermão. Eu a respeito, é preciso, mas interiormente eu fervero. Já fui suficientemente rodeado de *Frauen*. Achava que essa viagem à Polônia iria mudar essa situação! Não sou mais um bebê, sou um *Pimpf* agora! E, como tal, adoraria ter companheiros *Pimpfe*.

Enfim, o que me consola é que *Lotte* não está aqui apenas para me dar as refeições, mas para me ajudar a me vestir e me lavar – coisas que terei de fazer sozinho daqui em diante –, mas também para me preparar para minha missão. Aquela que tenho de desempenhar bem para servir ao nosso Führer, para ser útil à pátria. A primeira etapa dessa preparação consiste em aprender algumas palavras em polonês, a pronunciá-las com o menor sotaque possível. No começo, tive dificuldade, é uma língua bárbara, mas eu me esforço todos os dias e melhora cada vez mais. Já sei duas frases inteiras que recito perfeitamente, sem hesitação, como um verdadeiro polaquinho:

Dzien dobry! Mam na imie Konrad. A ty? Chcesz sie ze mna pobawic? O que quer dizer: “Bom dia, eu me chamo Konrad. E você? Quer brincar comigo?”.

Nos próximos dias, devo aprender a dizer: “Tenho 4 anos. E você? Você tem irmãos e irmãs? Onde você mora? Você vive só com sua mãe?”. E muitas outras coisas ainda. Tenho muito trabalho. Mas isso me agrada, e... não sou idiota. Mesmo que *Frau Lotte* não queira me dizer nada sobre a minha missão, tudo me leva a crer que vai consistir em grande parte em ir ao encontro de crianças.

Estou com pressa.

AÍ ESTÁ! Foi dada a partida!

Começo hoje. *Frau* Lotte me deu roupas quentes e sapatos grossos, porque está muito frio lá fora. Neva, há um vento que vai despentear a bela cabeleira loira. Lotte cobriu seu uniforme: um casaco longo marrom-escuro em forma de saco de batatas, com uma grande gola branca e punhos brancos. Sobre o casaco, ela usa uma espécie de avental cinza, com um bolso grande, que ela encheu de bombons, tabletes de chocolate e fatias de pão. (Enfim entendi o significado desse nome, “*Braun Schwester*”: tem a ver com o uniforme. As *Schwester* querem se fazer passar por verdadeiras irmãs, religiosas, o que não é nem um pouco o caso. Com que objetivo? É ainda um mistério.)

Não entramos num Mercedes, mas subimos num Volkswagen preto, um carro muito mais discreto, que se adapta melhor à nossa missão secreta. Outra *Schwester* nos acompanha. Vestida de maneira idêntica, ela leva uma caixa grande cheia de doces e uma mochila cheia de fichas. No volante, um *Unterscharführer*.

Deixamos Poznan pela periferia e passamos por uma série de cidadezinhas. A maior parte delas tinha sido incendiada ou bombardeada. Nas fazendas, não sobrou quase nada, as granjas não passam de um amontoado de ruínas calcinadas. As igrejas tiveram a mesma sorte. Tudo cheira a carne queimada.

Agora que entramos em um vilarejo que parece mais preservado, a *Schwester* ordena ao soldado que pare, abra o teto do carro e dirija bem devagar. Esquisita a ordem de abrir o teto com o tempo que está fazendo, mas é divertido e gosto dessa sensação de frio no rosto, adoro sentir os flocos de neve fundindo-se com minha cabeleira platinada. Neve sobre a neve...

Seguimos, lentamente, sem barulho, até uma escola. Paramos. Estacionamos a alguns metros da entrada, o carro fica escondido por trás de umas árvores. Silêncio total. Ninguém desce do carro. Ninguém fala. Esperamos... o quê? Qual o interesse de parar se não podemos passear? As *Schwester* me mandam ter paciência, de permanecer ajuizadamente quieto. Depois de alguns minutos, começam a chegar mulheres, que se colocam diante da porta da escola.

Psiu! Compreendo que preciso ficar imóvel, tudo bem se eu não precisar prender a respiração. Embora vejamos as mulheres que conversam umas com as outras, elas não suspeitam da nossa presença. É engraçada essa brincadeira de esconde-esconde de espionagem.

Depois de algum tempo, ouve-se o som de um sino e a porta da escola se abre, deixando sair um grupo de garotos. Alguns correm para suas mães e vão embora com elas, outros se reúnem em grupos de dois ou três para percorrerem juntos o caminho de volta para casa, outros se preparam para voltar sozinhos e seguem em diferentes direções. São esses que interessam às *Schwester*. Elas os observam com muita atenção, apertando os olhos para ver melhor, o que acentua as inúmeras rugas que marcam o rosto delas. Parecem abutres, chacais espreitando sua presa. Seguindo a direção do olhar delas, compreendo que elas observam unicamente as crianças loiras. Há um bom número delas, o que me deixa surpreso. Como pode ser isso? A loirice não é reservada unicamente aos alemães e aos noruegueses?

– Aquele deve servir! – afirma *Frau Lotte*.

– Não, os olhos dele são muito eslavos.

– Aquele lá, então?

– A testa dele não é muito alta!... Ali, aquele que segue à direita!

Frau Lotte deixa o carro e segue a criança apontada pela colega, que para de falar. Segurando-me pelo braço, ela me intima a continuar quieto. Obedeço. Como sempre. Sou programado para obedecer, mas ardo de impaciência. Paciência, paciência! Qualquer coisa me diz que não vou demorar a entrar em ação.

Lotte aborda a criança. Bate-lhe nas costas para que se vire para ela, depois passa a mão pelos cabelos dela num gesto que pretende ser afetuoso, mas não passa de um embuste. Em todo caso, em mim, ela não fez isso nunca; adivinho que, antes de mais nada, ela quer saber se o crânio do polaquinho é dolicocefalo. De longe, pelo movimento dos lábios, pela maneira como mexe os braços, percebo que ela está falando com o garoto, fazendo-lhe perguntas. Ela tenta entabular conversa, mas, aparentemente, não está funcionando. Imóvel na calçada, o pequeno não pronuncia uma palavra. Nada muda quando ela lhe mostra os tesouros do bolso do avental e lhe diz para escolher alguma coisa. O menino tem um ar de quem está ao mesmo tempo assustado e tentado. Assustado com a *Schwester* – o que eu compreendo; com seu uniforme marrom, ela parece um espantalho, e seu sorriso forçado, congelado nos lábios, a torna ameaçadora. E tentado pelo conteúdo da sacola. Bombons, biscoitos, grossas fatias de pão, que ele fixa com os olhos – azuis, novo espanto de minha parte – tão arregalados que parecem prestes a saltar das órbitas. Eu me pergunto quem vai vencer: o medo ou a fome?

O medo foi mais forte. Sem tirar os olhos das guloseimas, o garoto começa a recuar, lentamente, andando como se fosse um caranguejo. Dentro de alguns segundos, ele vai acelerar e fugir.

É neste momento que eu intervenho.

– Lembre-se do que aprendeu! Vá! – me diz a *Schwester* que ficou comigo no carro.

Desço logo, saltitante, e, com ar descontraído, vou ao encontro do polaquinho. Cumprimento *Frau* Lotte como se a conhecesse naquele minuto e, depois de ter pedido permissão (em polonês), enfio a mão no bolso do avental, retiro de lá um tablete de chocolate e lhe dou uma bela mordida. Em seguida, como o menino me lança um olhar cheio de inveja, eu lhe estendo o tablete com o meu mais belo sorriso. (E um sorriso meu não é uma ameaça! Deixa-me ainda mais bonito.)

O polaquinho se atira literalmente sobre o tablete de chocolate, que devora em segundos. Depois disso, ele se empanturra de biscoitos e de bombons. A partir daí, fácil, só tenho que repetir minhas frases em polonês: “Bom dia, como você se chama? Onde é que você mora? Quantos anos você tem? Etc. etc.”. Ele me responde sem hesitação, continuando a se deliciar. Ele me diz que tem 5 anos, mora com a mãe, que o pai morreu, que tem dois irmãos de 8 e 6 anos, e conclui me dando seu endereço. *Frau* Lotte anota escrupulosamente as informações numa ficha, depois se despede de nós, dando um tapinha de novo em nossas cabeças. Sorrio para mostrar que apreciei o gesto – o que me custa, detesto que me toquem, e acima de tudo detesto essas pancadinhas, as mesmas com que se costuma acariciar os cães. Continuo acompanhando o menino por mais um trecho, e ele agora não para mais de falar. Um verdadeiro tagarela. Não compreendo mais nada do que ele está falando, meu conhecimento do polonês limita-se às frases aprendidas de cor, mas balanço a cabeça com ar de entendimento. Depois de alguns minutos, digo que minha casa fica na direção oposta à dele e me despeço para voltar discretamente até o carro onde as *Schwester* me esperam.

“Do *widzenia!*” “Até logo!”

Gostaria de poder ficar com ele, que é muito mais simpático do que as *Schwester*. Infelizmente, o dever me chama.

O RESTO DA MANHÃ se desenrola de modo idêntico: identificação de um ou mais garotos loiros de olhos azuis na saída de uma escola, abordagem,

conversa etc. À tarde, passamos por jardins de infância e parques municipais – ao menos os que sobraram depois dos bombardeios. Isso até escurecer.

Nem preciso dizer que na volta estou exausto. Não tenho vontade de brincar com o martelo de Thor nem de *sniper* nos andares da casa. É com dificuldade que janto; estou cheio de tanto comer chocolates e bombons.

Amanhã, nova ronda.

E nos dias seguintes. E, assim, por muitas semanas.

VOCÊ DEVE imaginar que, nesse meio-tempo, eu andei me informando, com minhas orelhinhas grudadas na porta do gabinete do *Herr Ebner*, que, à noite, organiza reuniões de trabalho. Agora já sei para que sirvo e, sobretudo, sei o que acontece com as crianças que abordamos por meu intermédio.

Eis o processo: no fim do dia, as *Schwester* reúnem as fichas com os endereços anotados e as dão a uma brigada especial, composta de soldados da SS, encarregada de ir procurar as crianças. Não somente aquelas com quem eu falei de dia, mas também seus irmãos e irmãs se tiverem menos de 6 anos de idade e se apresentarem os critérios essenciais: a loirice, os olhos azuis. Acredito que eles os peguem à força.

É esta a famosa “Operação Machin-coisa”, da qual sou um dos protagonistas essenciais: o roubo da elite das crianças polonesas para germanizá-las, para torná-las crianças alemãs tão perfeitas como aquelas que, como eu, saíram do *Lebensborn*.

Uma ideia do nosso *Reichsführer* Himmler: “É preciso germanizar, por todos os meios, as crianças estrangeiras de raça boa”, ele decretou, “mesmo que precisemos roubá-las. É preciso absorver aquilo que a progenitura do inimigo possa ter de bom”.

É uma operação de grande envergadura. O exército da juventude alemã vai ter assim suas fileiras duplicadas, triplicadas, quadruplicadas, seu número será inigualável. As *Frauen* dos diferentes *Heime* não são suficientes. As norueguesas e dinamarquesas recentemente requisitadas também não, ou então seria preciso que cada uma delas pusesse no mundo entre vinte e quarenta filhos, o que é impossível. Ao pegar crianças já existentes, as perspectivas são ilimitadas. Que ideia de gênio! É como se fosse uma transfusão de sangue. Sangue novo é dado à Alemanha enquanto se enfraquece o inimigo.

A POSSIBILIDADE DE TER coleguinhas *Pimpfe* tão numerosos me motiva, e me empenho ainda mais na tarefa. O doutor Ebner, muito satisfeito com meus serviços, não para de me felicitar, tanto que minha condição de mascote foi mais que reforçada. Graças a mim, a “Operação Coleguinhas” – inventei um nome em código apropriado para mim – vai de vento em popa, agora que acertou o passo. Seu funcionamento precisou ser ajustado. No começo, eram só soldados da SS que intervinham, pegando as crianças onde quer que estivessem, arrancando-as dos braços das mães, o que acabou por criar um verdadeiro pânico. Então, incluíram as *Braune Schwester* para adular as crianças. Isso funcionou no princípio, mas no final das contas deu no mesmo, acabaram compreendendo que as *Braune Schwester* eram como pássaros de mau agouro. Quando uma criança via uma delas, saía correndo.

Enquanto eu, com minha cara de anjo, não somente não as afugento como as atraio. Todas elas, meninos e meninas, querem ser meus coleguinhas.

MUITOS MESES se passam assim. Infelizmente, os boatos circulam. Começam a me associar às *Braune Schwester*. É muito humilhante para mim. (Elas não são apenas feias, são verdadeiras vacas!) E, sobretudo, existe o risco de eu não ser mais tão eficiente.

Mas ao doutor Ebner, meu protetor, nunca faltam boas ideias.

Então *exit* as *Braune Schwester*; daqui em diante, trabalharei com Bibiana.

BIBIANA.

Em polonês, significa “dama do lago”. Gosto demais desse nome. Eu o interpreto como um sinal do destino. Sou o rei criança, como era o rei Artur, a criança guerreira que um dia beberá o cálice do Santo Graal e alcançará a imortalidade. Não posso sonhar com uma companheira melhor do que a “dama do lago”.

Essas são minhas motivações pessoais. A realidade é bem menos poética. Bibiana é uma delatora.

Frau Lotte, quando a apresentou para mim, não disse isso nesses termos, ela empregou uma linguagem tatibitate, cheia de subentendidos, de falsidades:

– Konrad, queridinho! Venha cá um pouquinho! Deixa de lado o martelo, sim? Vai acabar por furar o olho de alguém com isso... Diga bom-dia para a Bibiana! Ela vai se juntar à nossa equipe. Vocês vão jogar juntos um jogo novo. Você vai fazer de conta que ela é sua mãe, vai passear com ela e vai se encher de novos coleguinhas... Olhe só o disfarce novo que eu trouxe para você! É preciso vesti-lo sem reclamar, hein? Sim, eu sei, ele está sujo, esburacado, mas é justamente para que pareça verdadeiro! Você vai se disfarçar de garotinho polonês!

Conversa fiada. Blá-blá-blá, tudo isso. Compreendi perfeitamente do que se tratava.

Bibiana, mesmo que fale muito bem o alemão, é polonesa. Ela vem do campo de concentração de Ravensbrück. As *Schwester* devem ter esperado alguns dias antes de apresentá-la a mim, tempo suficiente para ela ganhar um pouco de peso, para não parecer tanto um cadáver ambulante. Ela ainda está muito magra: o vestido flutua ao redor dela como um saco, seus braços dificilmente são mais grossos que os meus, o peito é completamente chato,

como se seus seios tivessem sido aspirados para o interior do corpo. Os cabelos foram raspados por causa dos piolhos e ela esconde a cabeça careca com um lenço. Mas a natureza lhe deu um dom: ela é grande, loira e tem olhos azuis tão claros quanto os meus e, o que é perturbador, ela tem certa semelhança comigo. O que lhe valeu a salvação. Propuseram-lhe então uma troca: ela deixaria o campo para vir para cá, a Poznan, onde, fazendo-se passar por minha mãe, percorrendo comigo diversos vilarejos, ela se ligará com as mulheres sozinhas que tenham crianças loiras com olhos azuis. Ela conseguirá os endereços delas que, em seguida, serão entregues às *Braune Schwester*.

Entre trair ou morrer, ela preferiu trair. O que é compreensível. Mesmo que seja muita covardia. Eu não trairia jamais! Mas os delatores têm sua utilidade. Há muitos deles que trabalham na prefeitura com os *Herren Ebner* e *Tesch*.

O que retenho do palavrório de *Frau Lotte* é que minha missão dá uma nova guinada. Ela se torna perigosa: eu, a criança-amostra-da-raça-pura-ariana, a criança eleita, que em breve fará 5 anos – consequentemente indefesa –, daqui em diante vou passar meus dias em companhia de uma prisioneira. O episódio não deixa de ter relação com aquele que já vivi, cujas lembranças que tenho vêm por intermédio do que Josefa me repetia seguidamente: a puta-dissidente-unida-a-um-judeu que me roubou quando eu não passava de um pobre bebezinho, que me torturou, me fez passar fome, que esteve a ponto de me matar.

Está certo que, aqui, as coisas são um pouco diferentes, todas as precauções foram tomadas para garantir minha segurança, um carro conduzido por um soldado da SS nos seguirá em nossas peregrinações, e Bibiana foi advertida de que, diante do menor passo em falso, o soldado lhe dará um tiro na nuca. Mas suponho que esse carro vai nos seguir de longe, para não atrair a atenção e não levantar suspeitas, o que me deixará à mercê de uma insanidade súbita. Se Bibiana, em algum momento, tomada pelo remorso, decidir de repente voltar atrás e renunciar a trair seus compatriotas? Se, antes de morrer, ela direcionar sua raiva sobre mim e me estrangular? Ou me empurrar de um barranco? Ou me jogar num poço? Bastarão poucos minutos. E, então, fim!

Raus, Kaputt, Konrad! Morto a serviço da pátria.

A perspectiva desse perigo não me desencoraja. Muito pelo contrário, me excita, exacerba as energias da minha *Draufgängertum*. A confiança que

meus superiores depositam em mim subiu um patamar.

Daqui para a frente, sou mais que um espião, sou um *infiltrado*!

EU ME PRESTO de bom grado ao jogo e pego os trapos fedorentos que Lotte me dá. Tiro rapidamente as calças curtas azul-marinho, a camisa marrom de manga comprida, a gravata e o boné, e os troco por uma malha disforme e esburacada e uma calça toda amarrotada, que despencaria até meus tornozelos se não estivesse presa na cintura por um cordão que serve de cinto. Não estou bem vestido, mas é muito divertido. Além disso, daqui para a frente minha higiene corporal será reduzida ao mínimo. Uma lavadinha rápida do rosto e das nádegas, mais nada. Pouco importa se eu estiver com as unhas sujas, os dentes amarelos – já tenho quatro dentes permanentes, dois em cima, dois embaixo – e um hálito pestilento.

E aí vamos nós, Bibiana e eu, pelos caminhos dos campos poloneses. Só que... ficamos muito tensos, desconfiados um do outro. Bibiana mais do que eu. Ela está visivelmente morta de medo, pois sabe que, ao menor capricho meu, ela pode ser reenviada direto para o campo.

“Bibiana se portou muito mal hoje! Ela me maltratou! Ela me chamou de porco alemão filho da puta!”

Isso é o que eu poderia muito bem dizer, na volta, a Lotte, que nos espera.

Claro! Eu estou livre para inventar qualquer coisa! Que ela se recusou a me dar de comer, que não quis comunicar um endereço porque aquela era uma amiga dela. Que mais? As mentiras são próprias da minha idade, não são?

Então Bibiana fica na defensiva, me trata formalmente, baixa os olhos quando seu olhar cruza com o meu, anda sempre atrás de mim, a distância, ou na rua, deixando a calçada para mim, como devem fazer os poloneses quando encontram um alemão. Na hora do almoço, ela me olha comer, não ousando tocar nas provisões contidas na cesta que Lotte nos deu, contentando-se em comer minhas sobras, um pedaço de pão que eu mastiguei, um purê em que mergulhei minhas mãos sujas, uma compota que eu cuspi. Enfim, não somos nem um pouco naturais, e muitos dias se passam sem que alguém morda a isca.

Voltamos de mãos vazias. Nem um só endereço.

Isso não vai nada bem. As *Schwester* mostraram abertamente seu descontentamento. Isso é bem mais perigoso para Bibiana do que para mim;

ela corre o risco de voltar para o campo, e eu, de ser rebaixado. Voltar a colorir desenhos com *Frau* Lotte na casa meio bombardeada.

Então, certa manhã, Bibiana decidiu reagir. Foi direto ao ponto.

– Konrad – ela me disse, me chamando pela primeira vez pelo nome –, ninguém jamais vai acreditar que sou sua mãe se você não me der a mão.

Sou grato a ela por ter me falado francamente, sem rodeios, por colocar em termos claros o problema que nos atinge. Ela passa a me tratar sem formalidade, e eu passo por cima dessa falta de respeito, mas... lhe dar a mão? Isso já é um pouco demais, não é mesmo? Não vou me sujar todo tocando nela? Eu fixo nela meus grandes olhos azuis que produzem tanto efeito, sem que ela abaixe os dela como costuma fazer. (O que, no fundo, é normal, meus olhos azuis, já percebi, só perturbam quem tem os olhos escuros, e os de Bibiana são de uma limpidez notável. Nem a menor impureza em volta da íris. Eles são dignos da melhor nota da palheta do doutor Ebner.) Um sorrisinho repuxa seus lábios, enquanto ela espera minha resposta. Lanço um olhar enviesado para o carro que se encontra em alguma parte da estrada, bem longe, à margem do campo em que nos encontramos. Reflito... Peso os prós e os contras. É verdade que, quando fazia a ronda das portas das escolas com as *Schwester*, tinha notado que o primeiro gesto das crianças era dar a mão para suas mães. Sua proposta era pertinente.

Bom.

Concordo.

Isso faz parte dos riscos assumidos da minha missão como infiltrado. Escorrego minha mão na de Bibiana, e acerto meu passo com o dela em vez de caminhar à sua frente. Meu coração bate forte no peito. É que detesto contatos físicos! Tenho horror a eles! Não estou acostumado. No *Heim*, ninguém jamais teve a ideia de me dar a mão. Ou, então, faz tanto tempo que já esqueci... Eu me pergunto se minha pele não vai arder, se não vou sentir comichões ou outro sintoma típico de doenças contagiosas.

Aparentemente, não.

Tudo bem.

O contato da mão de Bibiana não é muito desagradável. É bem menos do que o de *Frau* Lotte, que, de vez em quando, me pega pelo braço quando demoro a obedecer, me agarrando com seus dedos aduncos. Sinto que a pele dela, enrugada e seca, é áspera como papelão. Raspa. Aqui, não, é bem macia. Caminhamos um momento em silêncio, depois Bibiana acrescenta:

– Será preciso que de vez em quando eu o carregue... Tudo bem? – ela diz inclinando-se para mim.

O QUÊ?

Paro de imediato. Retiro minha mão rapidamente, como se uma abelha tivesse me picado. Agora Bibiana passou dos limites! Diante da ideia de que ela possa me pegar no colo, sinto uma onda de pânico me invadir. Ninguém, jamais, me carregou. Pelo menos nos últimos meses, melhor, anos. Isso remonta ao tempo em que eu era um bebê de colo, tanto que não guardo mais nenhuma lembrança da sensação que isso provoca. Eu começo a tremer, sinto calor no corpo todo, o sol que suportei até esse momento – estamos no verão e faz um calor terrível nesse maldito campo polonês – bate no meu crânio dolocéfalo, minhas orelhas queimam, mal consigo respirar. Digo a mim mesmo que, se alguma vez Bibiana me carregar à força, berrarei até agitar todo o vilarejo em que estamos prestes a entrar. Vou chutá-la até que ela me solte, em seguida, rolarei pelo chão, baterei a cabeça no chão para que sangre. E, então, será o fim dela! O *Unterscharführer*, no carro que nos segue, verá certamente que alguma coisa está errada, e ela receberá uma bala na nuca!

Vendo minha reação, Bibiana também entra em pânico. Dá três passos para trás. Suas bochechas rosadas pelo sol mudam de cor, ficam pálidas, parece que o sangue deixou seu rosto.

– Não se preocupe! Não se preocupe! – ela gagueja. – Deixa pra lá! Não vou forçá-lo a...

Ela não tem tempo de terminar a frase, porque eu também recuo violentamente e, tropeçando numa pedra, me desequilibro e caio.

– Ah, meu Deus! – ela grita, ajoelhando-se ao meu lado. – Você se machucou?

O incidente fez barulho. Atraímos a atenção, não do *Unterscharführer* no carro, mas de uma polonesa que passava por ali. Ela vem em nossa direção e compreendo que pergunta para Bibiana o que aconteceu. Bibiana diz que eu tive um mal-estar de calor. Uma ligeira tontura sem gravidade. Está tudo bem... Está tudo bem. A mulher me observa enquanto eu me levanto e esfrego as mãos onde verte um filete de sangue. Ela nos propõe ir à casa dela para eu lavar as mãos. Não tem muita coisa para nos oferecer, um pouco de pão e água fresca. Isso ajudará a dissipar meu mal-estar e depois, como ela tem dois filhos, um menino da minha idade e uma filha de 6 anos, eu posso brincar com eles, o que me acalmará, e eu pararei de chorar.

Vamos e, à noite, voltamos enfim com um endereço.

DIANTE DESSE PRIMEIRO sucesso, digo a mim mesmo que devo seguir me esforçando.

A partir do dia seguinte, quando andamos, Bibiana e eu, de mãos dadas, eu penso, reflito. Será que tento o colo? Será que vale a pena?... Avalio o risco. Não é tão grande assim. De um lado, há o *Unterscharführer* que pode mirar de longe com seu fuzil, de outro, o fato de que posso muito bem me defender sozinho. Sou muito violento quando quero... Veremos no que dá. Se não tentar, não posso saber o que vai acontecer. Estou prestes a ir adiante, mas... me dou um tempinho, decido dar ainda três passos. No terceiro, me jogo para ela.

Um. Dois. Dois e meio. Dois e três quartos... Três.

Paro de repente.

– O que aconteceu, Maciej? – Bibiana me pergunta.

(Ah, sim, me esqueci de dizer: ontem, na casa da polonesa que nos deu de beber, conversamos, eu não compreendia tudo o que ela dizia, mas, quando me perguntou como eu me chamava, eu tive uma presença de espírito incrível. Se tivesse dito Konrad, como me havia feito repetir *Frau Lotte* – aquela idiota! –, estaria tudo perdido, eu seria desmascarado. Então tive o reflexo de falar um nome polonês. Disse: “Me chamo Maxtche!”. Isso me saiu assim, espontaneamente, nem sei por quê. Afinal, sim, eu sei, adoro esta sílaba: “Max”. Ao ouvir minha resposta, a mulher polonesa se pôs a rir. Ela me corrigiu:

– Matchiei, é assim que se diz! Não Max-tche! Repita comigo! – ela disse com ar enternecido.

Os erros de pronúncia das crianças sempre enternecem as mães. Por sua vez, Bibiana ficou com ar de surpresa pelo meu reflexo. (Ela ficou foi estupefata!)

Agora, Bibiana me pergunta o que eu tenho, por que parei de repente, e começa a ficar com uma palidez amarelada, como ontem. Ela tem medo que eu tenha outro acesso de raiva.

Como resposta, eu lhe estendo os braços.

– Você... Você quer que... (ela não se atreve a continuar, ela tem medo)... Você quer que eu o carregue?

Sim, é isso! Não me olhe com esses olhos de peixe frito. (Será que algum

peixe tem olhos azuis?)

Ela se aproxima de mim delicadamente, como se fosse pegar uma cesta de ovos frescos. Ela se inclina, passa as mãos por baixo das minhas axilas e, upa! ela me levanta.

– Puxa, você tem uma aparência frágil, mas pesa um bocado, homenzinho!
– exclama com voz divertida, ainda carregando uma pontinha de angústia.

A angústia provocada pelo medo de que eu me ponha a berrar de repente. Porque tenho o rosto todo crispado, as sobrancelhas franzidas, os lábios apertados, os punhos fechados. O fato é que nem eu sei se vou me pôr a gritar ou não. Ainda não decidi. Enquanto espero, mantenho-me rígido. Ela, por seu lado, fica um pouco mais segura. Passa o braço direito sob minhas nádegas e com a esquerda sustenta minhas costas. Em seguida, retoma a caminhada. Delicadamente, como se, carregando uma leva de ovos, se aventurasse também a caminhar sobre ovos.

E, bem...

Não é desagradável. Pelo menos por agora. Tenho a vantagem de que isso me poupa os pés. Porque meus sapatos grosseiros de polonês que cheiram a bacalhau têm as solas tão gastas que as rachaduras penetram a planta dos meus pés... Relaxo um pouco. Aproximo minha cabeça da de Bibiana. Até então, tinha mantido distância dela e isso me deu dor na nuca. Senti seu cheiro. Ela recende a suor, mas não muito azedo. Em todo caso, o hálito dela não fede como o de *Frau* Lotte. Quando aquela lá fala comigo, expele gotinhas de saliva, e tenho a impressão de que vou cair duro, tão mortal é o seu hálito. Relaxo mais ainda e deixo meu rosto encostar no dela. Com um olhar de esguelha, percebo que ela também se descontraíu. Com a mão esquerda, aquela com que apoia minhas costas, ela pega minha mão direita e a aperta. Tudo bem, isso eu já conheço desde ontem. Outra espiada e vejo que ela sorri. Um sorriso molhado. Como se seus olhos se enchessem de lágrimas à medida que seus lábios se esticam.

Reconheço o sorriso típico das *Frauen* cujos corações derretem diante da minha carinha de anjo.

À noite, voltamos com três endereços no bolso.

QUANTO MAIS nos tornamos amigos, Bibiana e eu, mais endereços trazemos.

No dia seguinte, ela me carrega várias vezes pelo caminho que devemos

percorrer para chegar ao vilarejo que as *Schwester* nos mostraram num mapa. Ameaço mesmo um acesso de braveza porque, em determinado momento, ela quer me colocar no chão, enquanto eu não quero andar. Uma polonesa se aproxima de nós e lhe diz:

– Como eles conseguem ser manhosos nessa idade; é terrível, hein?

Resultado: o endereço de uma casa onde vivem quatro crianças.

Dois dias depois, Bibiana me diz:

– Vamos ver se você sabe correr bem rápido! Tente me alcançar!

Eu a alcanço (porque ela trapaceou, me deixando ganhar), passo-lhe uma rasteira, ela cai e me carrega na queda. Rolamos os dois juntos pelo chão, que está enlameado e pegajoso porque acaba de chover.

Na volta, à noite, a *Schwester* me diz:

– Argh! você está realmente nojento! Um verdadeiro polaquinho!

Do que está reclamando, velha chata? Você recebeu seis endereços hoje, não é mesmo?

Outro dia, Bibiana me faz cócegas, começo a rir, rir bem alto. Depois ela cola seus lábios na minha bochecha... Esquisito. Mais para nojento. Não grito, não choro, mas devo fazer uma cara engraçada enquanto esfrego vigorosamente o rosto, porque Bibiana cai na risada. Quando ela me pede para fazer a mesma coisa, não, não quero. Pelo menos agora, não.

UMA TARDE, dormimos os dois depois do almoço. Em pleno sol. Sou o primeiro a abrir os olhos. Sacudo Bibiana e ela não acorda. Fico com medo. Com muito medo. O que se passa na minha cabeça? É difícil explicar. Parece que me lembro do relato de Josefa: quando bebê, eu tinha ficado nos braços do cadáver da puta dissidente que tinha me roubado. Acho que Bibiana está morta. Será que todas as mulheres que vêm dos campos de prisioneiros se parecem e morrem de repente? Tenho a impressão de que Bibiana e a puta dissidente que me torturou têm o mesmo rosto. Ah, tudo isso é muito confuso na minha mente. Às vezes, há imagens que vêm me assombrar, mas elas são fluidas, se movem. Como meu cérebro é muito jovem para guardar as lembranças, os casos se misturam. Então, mesmo depois de terem ido embora, as lembranças de vez em quando fazem suas incursões.

Logo, nesse dia, vendo que choro enquanto sacudo Bibiana, uma mulher se aproxima de nós.

– O que aconteceu, meu pequeno? Sua mãe está machucada?... Mas, olhe,

ela não tem nada! Está só dormindo!... Nossas crianças estão traumatizadas, não é verdade? É preciso reconhecer que têm motivo para isso! – acrescenta ela para Bibiana quando esta acorda.

Passamos o resto da tarde na casa dessa mulher. Ela nos falou de seus amigos que vivem no vilarejo vizinho.

Naquela noite, bolsos cheios de endereços.

SEGUIMOS NESSE RITMO por semanas. Até o dia em que Bibiana, do nada, me pergunta:

– Diga-me, Maciej, onde está sua mãe?

Não lhe respondo. Estou comendo. Não posso fazer duas coisas ao mesmo tempo, mastigar minha salsicha e falar. Falar a sério, pelo menos, expressar aquilo que digo a você claramente, mas que minha boca de criança de cinco anos não é capaz de formular distintamente. Solto então algumas expressões típicas de uma criança da minha idade. Do tipo:

– Eu, sem mamãe!

Bibiana baixa os olhos. Ela se põe a mascar uma folha – estamos sentados no chão, em uma floresta, foi ela que decidiu isso, disse que tínhamos trabalhado a manhã inteira, que podíamos descansar um pouco. Acabou por reduzir a folha a fragmentos.

– Compreendo – falou com voz triste, depois de um instante de silêncio. – Sua mãe morreu, é isso? Em um bombardeio? Afinal, você também foi vítima como qualquer um.

Não é nada disso. Bibiana se engana completamente. Não tenho mãe. É uma palavra que risquei do meu vocabulário. Nem sei mais o que significa exatamente, fora o que vejo ao observar as crianças polonesas.

– E seu pai?

Continuo mastigando a salsicha, mas está difícil de engolir. Estou cansado de salsichas! *Frau* Lotte prepara todos os dias a mesma coisa para eu comer. Por que ela não coloca bombons na cesta de lanches, como no bolso grande do avental de seu uniforme quando saía para fazer a ronda? Faço uma careta, a salsicha me enjoa.

– Seu pai também morreu, é isso, não é? Pobre Maciej, você é um orfãozinho?

Grossas lágrimas começam a correr pelas faces de Bibiana. Ela está triste. É ridículo ficar triste assim por nada. Ela mesma falou tudo, fez as perguntas

e deu as respostas.

Como não desejo vê-la tão abalada e como, de qualquer jeito, não sou retardado, consigo formular frases quando quero, digo de uma só vez:

– Minha mãe é a Alemanha, e meu pai, o Führer!

E estendo o braço. Bem esticado. Como se fosse uma espada. *Heil Hitler!*
– berro em seguida.

Bibiana recua rapidamente. Um brilho estranho passa por seus olhos. Por um instante, tenho a impressão de que ela vai me dar um tapa. Mas não, ela se aproxima, pega o meu braço, abaixa-o, puxa-o na sua direção e beija minha mão. Eu resolvo então fazer a mesma coisa. Eu a beijo também. No rosto.

Cheguei a pensar que naquele dia bateríamos nosso recorde de endereços. Bom, não. Enfim, já tínhamos feito uma boa colheita. Mas, misericórdia, que bicho mordeu Bibiana?

Quando voltamos, em vez de entregar os papéis e se despedir de mim para ir dormir no porão da prefeitura como todas as noites, Bibiana se plantou diante das *Schwester* e, com um ar arrogante que eu nunca tinha visto nela, que transfigurava seu rosto, que a tornava hedionda, ela, que é tão bonita, comeu todos os papéis com os endereços. Ela os enfiou na boca, rapidamente, antes mesmo que as *Schwester*, estupefatas, tivessem tempo de reagir.

Por que ela fez isso? Por quê? Se ela estava mesmo com fome, bastava ter me dito e eu daria minha salsicha para ela. Eu, que fui obrigado a comê-la e, resultado, ela está me pesando no estômago.

Estou com dor na barriga.

Quero vomitar.

A DOR NA BARRIGA não me abandona.

Tenho a impressão que meus intestinos se recusam a obedecer às ordens dadas por meu estômago. Uma verdadeira revolta. Em vez de ficar no lugar, eles se contraem, se torcem, fazem barulhos engraçados, murmúrios, como se uma voz na minha barriga reclamasse e gemesse sem parar. *Frau* Lotte diz que estou com diarreia por causa de uma doença contraída pelo contato com Bibiana. Mas não estou com diarreia, eu sei. Enxergo direitinho o que cai na privada quando vou ao banheiro, certo? Boa consistência. Às vezes até demais. Reconheço isso pelo barulho que fazem meus cocôs quando eu os expulso. Pluf! Pluf! Como projéteis.

Sentir dor na barriga na minha idade é sinal de *perturbação psicológica*. Como a *Schwester* está cansada de saber! Em linguagem simples, isso quer dizer que qualquer coisa não está bem na minha cabeça, em seguida a uma contrariedade, a um acontecimento traumático.

Não faço nada há vários dias. Fico sozinho a maior parte do tempo – ou quase. Lotte está comigo na casa, mas sempre com o nariz enfiado nos dossiês, classificando as fichas das crianças que ela tem o endereço, colando nelas letras codificadas ou cores. De todo modo, sua presença não conta. Muito feia. Muito velha. Não é uma boa companhia.

Preferiria voltar a aprender cantigas ou fazer contas, como antes.

Não faço nada além de sonhar. Os dias que acabo de viver me passam em sequência, como se fosse um filme. Rápido! De manhã, era preciso acordar depressa, vestir-se, enfiar o disfarce engraçado, Bibiana chegava e nós partíamos para o campo, de mãos dadas.

Mãos dadas.

Revejo as longas caminhadas, as corridas, as cócegas, as brincadeiras engraçadas. Revejo o rosto de Bibiana, seus olhos azuis límpidos, os círculos

vermelhos que o sol pintava em suas bochechas, os cabelos loiros que começavam a crescer sem piolhos. Às vezes até escuto sua voz.

Penso também em todas as crianças com quem cruzei. Quando íamos à casa das polonesas, ficávamos ali uma hora ou duas, e eu tinha tempo para brincar. Às vezes isso não corria tão bem, porque tenho um temperamento de porco, amo dar ordens, berrar, ser o chefe. Cheguei a dar um golpe com o martelo-de-Thor-espada-Excalibur na cabeça de uns polaquinhos, ou derrubei-os no chão e os chutei, para imitar os soldados da SS nas ruas quando eles decidem, a troco de nada, porque lhes deu na telha, atacar um polonês. Quando acontecia isso, Bibiana fazia cara de que iria me castigar, que me daria uma surra; na realidade, ela só me dava um tapinha no traseiro. Bem que eu gostava.

Tudo isso me faz falta, os encontros, as atividades. Detesto a ociosidade. Não tem mais graça brincar sozinho nos andares da casa bombardeada. Fico assim sentado no chão por muito tempo e, durante meu devaneio, não sei bem qual o mecanismo que move meu corpo, e balanço o peito para a frente e para trás. Quando Lotte me vê assim, ela me sacode, me segura pelos ombros e diz:

– Vamos lá, Konrad, o que há com você? Não quer se comportar direito? Parece um judeu velho rezando!

Vaca. Ela sabe tocar na ferida. Pulo, endireitando o corpo, e estendo o braço para lhe mostrar que não sou um judeu velho. Sou a criança-amostrada-raça-ariana! O espécime mais perfeito, concebido segundo as diretrizes do *Reichsführer* Himmler! O protegido do doutor Ebner! Mascote do *Lebensborn*! *Sieg Heil!!!*

Pelo contrário, é ela que deve ter sangue judeu nas veias, por ser velha e feia. Não compreendo por que o doutor Ebner não a fez passar por uma seleção. Não precisaria nem avaliar o nariz ou a testa ou a posição das orelhas ou a altura das maçãs do rosto, já que se vê bem que nada, no seu rosto, corresponde às normas da raça nórdica. Quanto aos olhos, eles são tão pequenos e pretos como bolinhas de gude. Como os do urso de pelúcia que encontrei no quarto do menino que vivia na casa antes que eu me instalasse nela. Ele devia cuidar muito bem do urso, porque ele estava quentinho na sua cama, debaixo das cobertas. Eu o despedacei para acalmar meus nervos. Arranquei-lhe o nariz, os olhos, abri sua barriga, até que ele não parecesse

com mais nada. O urso polaco então não era mais do que um monte de trapos!

Quanto mais cresço, mais me dou conta de como os adultos são estranhos, cheios de contradições. As *Braune Schwester* passam seguidamente por estágios junto aos “fisionomistas” para serem capazes, à primeira vista, de saber se uma pessoa pode ter a pretensão de fazer parte da raça nórdica ou não. Elas nunca tiveram a ideia de se colocar diante de um espelho? De pedir para si mesmas a “reinstalação”?

PROCURO, APESAR DE TUDO, não ficar mais com a boca aberta como se quisesse pegar moscas, o olhar vazio, balançando o corpo. Eles poderiam acabar me tomando por retardado e me enviar para a “desinfecção”.

Mas não sou nem um pouco retardado. Sei perfeitamente o que aconteceu com Bibiana. Acabei por entender que não foi por fome que ela comeu os endereços diante das *Schwester*. Compreendi que se tratava de um ato de revolta. E a revolta... ela é punida. Muito severamente. Nos primeiros dias, vendo que ninguém vinha me procurar de manhã, perguntei:

– Quando a Bibiana vai vir?

– Ela não virá. Nem hoje, nem amanhã. Ela não faz mais parte da nossa equipe – respondeu *Frau Lotte* num tom contido, tomando o cuidado de não cruzar seu olhar com o meu.

Uma frase em código.

Primeiro significado possível dessa frase: Bibiana se sufocou com os papéis que engoliu. Mas não estou convencido disso. Segunda possibilidade: ela acabou por levar uma bala na nuca. É claramente o mais provável. Lotte me afastou quando Bibiana teve sua fome por papel, ela me levou rapidamente para o quarto para que eu não visse a sequência de operações, ou seja, a outra *Schwester* que chama um soldado, e pam! o soldado que atira. Vi esse tipo de cena muitas vezes pela janela da casa quando brincava de *sniper*. Os soldados reúnem um grupo de homens ou de mulheres culpados de sabotagem, alinham-nos contra o muro, e pam! pam! pam! os executam. Ou então eles matam um grupo de inocentes para punir os culpados que não conseguiram pegar. Ou então os prendem dentro de uma igreja e a incendiam.

Terceira possibilidade: Bibiana foi mandada de volta para Ravensbrück. E, se ela já não estiver morta, isso não vai demorar a acontecer.

Ou, então...

Então, poderia haver uma quarta possibilidade, mas essa não corresponde à linguagem em código das *Schwester*, faria mais parte da minha linguagem codificada. Bibiana é a dama do lago. Ela voltou às suas águas mágicas, lá onde mais ninguém pode atingi-la. Bastaria que eu bebesse do cálice da imortalidade e poderia ir ao encontro dela. Mas quando? Seria preciso que as equipes de pesquisa do *Reichsführer* Himmler se apressassem em achá-lo, aquela droga de cálice.

POR QUE BIBIANA resolveu se revoltar? Quando ela se entupiu com seu papel, não pensou um segundo em mim? Por que me fez conhecer as sensações *das mãos dadas, dos braços, das brincadeiras e das corridas*, para me abandonar em seguida?

Eu a odeio. Tanto melhor se ela foi morta depois de tudo!

É preciso que sua imagem vá se juntar às outras no fundo do meu crânio dolicocefalo, nos compartimentos nebulosos do meu cérebro, aquelas que pouco a pouco são lançadas no esquecimento. Sou jovem, isso deverá ser rápido. Mas, enquanto espero...

Eu me ressinto.

Tanto mais que, aferrada à sua ideia fixa – que minha dor na barriga é em virtude de uma pseudodiarreia –, Lotte me pôs em dieta seca. Arroz, cenouras cozidas na água e doce de marmelo. Não somente é horrível, mas me deixa pior, porque estou completamente constipado. Minha barriga está dura de tanto cocô acumulado que não quer sair. Quando vou ao banheiro, solto uma série de peidos que mais parece uma rajada de metralhadora. Digo a mim mesmo que lá embaixo, na água da privada, sob minhas nádegas, se alguma vez existiu algum ser vivente, nenhum terá sobrevivido a tal ataque de gás asfixiante. Apesar da dor, isso me faz rir. Poderiam me soltar de um avião sobre um campo inimigo, minha barriga explodiria, fazendo tanto estrago quanto uma bomba.

Ainda rio um pouco saindo do banheiro, depois a tristeza toma conta de mim novamente. Eu me sento no chão ou me enfio na cama com meu disfarce de criança polonesa. Ponho sob o nariz o sapato furado que fede ou a calça imunda, e inspiro, e isso me faz bem. Encontro aí, em alguns lugares, um pouco do cheiro de Bibiana.

Para me distrair, Lotte me sugere desenhar. Isso é mais para deixá-la em

paz, para que possa continuar a classificar as fichas e escrever os relatórios sem que eu a perturbe. “Ah, ficou muito bonito!”, ela exclama quando acabo, lançando um olhar distraído sobre a folha que eu rabisquei. Ela não compreendeu o significado do desenho: os traços de lápis pretos, na horizontal, a representam. Morta. E os pontos vermelhos em volta são o sangue que escorre. Porque ela levou um tiro na cabeça.

À NOITE, TENHO dificuldade para dormir. Não sentia isso antes na época das rondas de carro com as *Schwester* e das caminhadas com Bibiana, porque ficava muito cansado e, assim que pousava a cabeça no travesseiro, puf! dormia imediatamente, mas há muito barulho e agitação na casa. O doutor Ebner regressa tarde da noite com *Herr* Tesch e outras personalidades importantes. Eles não param de discutir, às vezes até brigam. A discussão continua no gabinete.

Os oficiais da SS, reunidos no refeitório, põem música tão alto que podem estourar os tímpanos. Às vezes me levanto e, sem que ninguém perceba, vou dar uma espiada. Embriagados de tanto beber *schnaps*, todos estão rodeados de uma porção de *Frauen*. No começo, não entendi bem o que eles faziam, mas, depois, sim.

Eles se acasalam.

ALGUMAS NOITES, as *Frauen*, quando chegam, estão bem-vestidas e muito maquiadas. Comem uma porção de coisas que não são encontradas mais em todo o país (guloseimas, chocolate), dançam com os oficiais, riem, bebem também muito *schnaps* ou champanhe, quando há. Depois, tiram a roupa toda e ficam nuas. Ou de calcinhas. Ou de sutiã. Ou apenas com as meias de seda e os saltos altos. Elas se deitam no chão sobre os tapetes, ou em uma mesa bem no meio dos pratos, ou em uma poltrona, ou em um sofá. Ou permanecem de pé, encostadas à parede, e é nesse momento que os oficiais vêm meter seu pipi nelas. Pode-se dizer que isso as diverte mais que o álcool. De tanto colar os lábios contra os dos oficiais, o batom delas borra e se espalha em volta da boca, como se elas sangrassem. Essas *Frauen* são alemãs. São prostitutas. Putas. Elas são pagas para se acasalarem com os oficiais.

Em outras noites, as mulheres são polonesas. Sei disso porque elas estão vestidas como pessoas comuns, não estão maquiadas, não jantam com os

oficiais, não dizem uma só palavra e não se divertem de forma alguma. Pelo contrário. Elas não bebem, ou os oficiais as obrigam a tomar à força uma boa golada de *schnaps*, e elas quase afogam. E quando o pipi dos soldados entra nelas, algumas choram, gritam, outras apertam os dentes com força esperando que acabe logo.

As putas se acasalam com os oficiais mais graduados, e as polonesas com os simples soldados. As putas gritam “sim, sim!”. E as polonesas, “não, não!”. Elas são violentadas.

OBSERVO TUDO ISSO com muita atenção. É interessante ficar sabendo como são feitos os bebês. Porque alguns desses acasalamientos vão produzir bebês, isso é certo. Assistir a um acasalamento contribui para a extensão dos meus conhecimentos e para desenvolver minha inteligência. A mim ninguém jamais poderá contar lorotas, me enganar com bebês que chegam em cestinhas entregues por cegonhas ou qualquer outra asneira desse tipo.

Foi desse jeito que fui fabricado? Com uma puta alemã tirando suas roupas para deixar entrar o pipi ariano?... Ela bebeu *schnaps* se divertindo, ou ela chorava apertando os dentes?

EU ME ESGUEIRO pela casa para espionar as putas e os soldados muitas noites seguidas, o que me faz dormir muito tarde e me deixa suficientemente cansado para dormir uma boa parte do dia seguinte. Assim o tempo passa mais depressa.

Mas o tédio toma conta de mim. Uma vez que se assista a um acasalamento, revê-lo muitas vezes seguidas não apresenta mais nenhum interesse. É sempre a mesma coisa. E, depois, entre as mulheres polonesas violentadas pelos soldados, por mais que eu procure, nunca vejo Bibiana. Ela realmente deve estar morta; decididamente, é preciso que eu aceite essa ideia.

Percebo que alguns soldados da SS, assim que terminam seu assunto com as *Frauen*, saem no meio da noite. Eu me pergunto aonde vão a essa hora. Isso me intriga tanto, que uma noite me escondo em um de seus carros.

NÃO É UM CARRO, é mais uma caminhonete. Eu subo na parte de trás, coberta com uma lona, e espero. Muito tempo. Vejo dois SS saírem da casa. Não andam em linha reta, estão bêbados, com as calças meio arriadas. Eles abotoam desajeitadamente a braguilha, ajeitam o uniforme enquanto trocam piadas, antes de subir na caminhonete, na frente. Acendem um cigarro cada um, e a fumaça me dá uma vontade enorme de tossir. Mas ela tem a vantagem de encobrir o cheiro de *schnaps* que invade a cabine.

Alguns minutos depois, uma *Schwester* junta-se a eles. Eu já a vi uma ou duas vezes. É a mais velha e a mais feia de todas. Ela é muito grande, magra, com braços longos e nodosos que parecem tentáculos. Tem um queixo quadrado, coberto por uma penugem escura, como um homem. Olhos maldosos. Bem pequenos. Bem negros. Olhos de tubarão.

O motorista dá a partida. O movimento da caminhonete acentua o enjoo causado pelo cheiro de *schnaps* e da fumaça. Minha barriga, ainda em mau estado, põe-se a roncar e fico com medo de que ela denuncie a minha presença. Os solavancos não ajudam nada. Estamos seguramente percorrendo uma daquelas estradas rurais completamente esburacadas, e a caminhonete não para de raspar nos obstáculos. Tento me segurar como posso para não rolar, como um saco de batatas, de um lado para o outro e para conter minha vontade de vomitar.

Eu me acostumo pouco a pouco com o desconforto dessa viagem improvisada que, felizmente, não dura muito.

A caminhonete para depois de alguns quilômetros. Os soldados e a *Schwester* descem. Adivinho que eles tentam fazer o mínimo barulho possível, porque apagam os faróis, fecham delicadamente as portas, sem batê-las, sem trocar uma palavra, e caminham com cuidado, na ponta dos pés.

Como não perceberam minha presença, assim que eles estão suficientemente longe, eu me arrisco a levantar uma ponta da lona.

Estamos diante de uma casa. Eu a reconheço imediatamente. É uma das últimas onde nós fomos recebidos, Bibiana e eu. (Abriram a barriga dela para recuperar este endereço?) A *Schwester*, ladeada pelos dois SS, aproxima-se da porta, esforçando-se sempre para não fazer barulho. Depois, levanta a mão e a encosta na testa, sinalizando. É agora! Um dos SS dá um chute forte na porta, que cede imediatamente. A partir daí, acabam o silêncio e as precauções. Escuto uma sucessão de barulhos, portas que batem, cadeiras que tombam, objetos que se quebram, o martelar das botas dos SS, as ordens berradas por eles, tudo sendo logo encoberto por um grito estridente. Da mulher que mora na casa. Ao qual responde imediatamente o choro das crianças. As luzes da casa se acendem sucessivamente, uma primeira janela, depois uma segunda, uma terceira, parece uma guirlanda de fogos que se ilumina. E, por trás das cortinas, como sombras chinesas que vão e vêm, figuras correm, se agitam, lutam. Imóvel, congelado, os olhos arregalados, a boca aberta como quando divago sozinho no meu quarto, fico lá, agachado na caminhonete, fascinado com o espetáculo.

Compreendo.

Estou assistindo a um dos sequestros de crianças polonesas orquestrados pela Gestapo e as *Braune Schwester*. Parece que tive faro ao escolher esta caminhonete. Vou enfim conhecer todas as etapas da “Operação Coleguinhas”! Recompensa justa para mim, que tenho sido um dos seus principais agentes durante longos meses.

Os dois soldados da SS saem, trazendo pela mão um menino cada um, enquanto a *Schwester* carrega uma menininha. Ela a encaixou no quadril como um pacote, de tal modo que a garotinha, em posição horizontal, está com a cabeça mais baixa que os pés. A mãe, que não para de berrar, sai por sua vez, e corre de um lado para o outro tentando recuperar um dos filhos. Ela agarra a mão de um, os cabelos do outro, mas, no que toca neles, já eles lhe escapam, não pode lutar contra a força dos soldados que a rechaçam com brutalidade. Ela tenta então salvar a filhinha, que lhe estende os braços chorando. Chega a agarrar a *Schwester*, cujo passo é menos rápido do que o dos soldados, entretanto esta consegue se livrar e a esbofeteia violentamente. A mulher cai no chão.

Os soldados, chegando à caminhonete, levantam a lona e suspendem os

meninos, colocando-os ao meu lado – eu trato de me esconder no fundo para que não me vejam. A *Schwester* mantém a menina em seus braços, colocando-lhe a mão na boca para abafar os gritos dela. Na confusão, ninguém percebe a minha presença. Foi por pouco. Graças à mãe das crianças. Ela se levanta e, ainda que grogue pela bofetada da *Schwester*, consegue chegar até a caminhonete, cuja beirada ela agarra. Um dos soldados bate em sua mão com a coronha do fuzil para que ela a solte. Ela não cede, apesar da mão sangrando. Ele continua a bater, bater, até quebrar-lhe os ossos. O outro soldado está ocupado em segurar os meninos, que querem ajudar a mãe a subir na caminhonete, com o risco de levar uma coronhada.

A mãe cai por terra uma segunda vez.

A lona é baixada sobre nós. A caminhonete parte.

A mãe continua a berrar. Berrar. Quando estamos suficientemente longe, não a ouvimos mais.

Tudo isso se desenrola em poucos minutos.

Eles me reconhecem. Os dois meninos poloneses. Lembram-se até do meu nome. O falso, aquele que eu usava com Bibiana.

– Maciej, Maciej! Você está aqui, você também? Aonde estão nos levando, diga? Aonde?

Começo a compreender o que eles me dizem. Tenho certeza de que me reconheceram. Isso quer dizer que são meus amiguinhos. Isso significa que eles não fazem parte daqueles com os quais briguei ou em que bati quando brincávamos. Ou, então, visto a urgência da situação, eles se esquecem disso ou não me culpam mais... Eu, também, acho que me lembro de seus nomes. O menor, aquele que treme da cabeça aos pés, a tal ponto que escuto o barulho dos seus dentes batendo uns contra os outros, é... Andrzej. Isso mesmo! O outro, o irmão mais velho, que em pânico me faz as perguntas, é Jacek.

– Sim, sim, me roubaram também – respondo.

O que não é verdade, bem entendido, mas que ele não percebe, ainda mais que, antes de subir na caminhonete, tive o cuidado de vestir meu disfarce de criança polonesa.

– Não sei para onde estão nos levando – lhe digo.

Isso é verdade.

– *Mamo? Mamo?...* Bibiana?

Esse Jacek tem uma santa memória. Espero um pouco, depois:

– *Ona nie zyje* – respondo.

“Ela está morta.” Aí também eu disse a verdade. E abaixo a cabeça. E sinto dor na barriga pensando em Bibiana, em tudo que sofri por causa dela, nesses últimos dias.

Jacek, vendo que estou triste, me dá tapinhas no ombro para me consolar. De repente, ele se sente melhor. A mãe dele está apenas com a mão quebrada, não está morta, ele espera revê-la. Eu continuo irritado por mais um instante – tinha me esforçado para esquecê-la, aquela maldita Bibiana, e agora Jacek me faz pensar nela novamente, e a imagem do seu rosto vem me assombrar. Acabo levantando a cabeça e digo a Jacek que estou feliz por estar com ele e o irmão, que isso me reconforta. E é verdade. Esta noite é sem dúvida a mais emocionante que vivi desde o começo da minha jovem vida. É bem mais agradável estar com amiguinhos do que assistir a acasalamientos repetitivos ou de me entediar sozinho na minha cama.

Acalmados, tranquilizados por uns tempos, Jacek e seu irmão se aconchegam contra mim. Nós três ficamos bem juntinhos.

Nosso silêncio não tarda a chamar a atenção da *Schwester*, que dá uma espiada na traseira da caminhonete para ver o que está acontecendo. Eu me escondo rapidamente atrás de Jacek, o que lhe confirma que estou com medo e que sou um deles. Em seguida, como a *Schwester* está de costas novamente, voltamos a conversar, cochichando para não sermos ouvidos.

Tranquilizo meus novos coleguinhos. Eu lhes digo, falando o que consigo em polonês, que não há por que se preocupar. Embora não saiba aonde estão nos levando, tenho certeza de que tudo acabará bem. E é verdade! Eles devem ficar contentes! Foram tirados de uma vida miserável para se tornarem verdadeiras crianças alemãs! É formidável! Eles terão muitas oportunidades! Infelizmente, meu vocabulário é insuficiente para explicar-lhes tudo isso na língua deles, então me satisfaço em abrir um grande sorriso, que acaba por acalmá-los. Eles acenam com a cabeça me olhando com seus grandes olhos – azuis – cheios de lágrimas. Parece que, lá na frente, a irmãzinha deles também se acalmou, porque não ouvimos mais seu choro. Escutamos apenas os soluços que marcam sua respiração.

Rodamos mais um pouco, depois a caminhonete para novamente, e a mesma cena se repete. Uma casa. Uma porta arrombada. Gritos. Golpes. E outras crianças vêm se juntar a nós. Todas as vezes, mais crianças, até que não sobra mais espaço na caminhonete.

A cada parada, o choro e os gritos ressoam, mas Jacek e eu nos encarregamos de acalmar as lamentações dos recém-chegados. Chegamos ao destino. Sozinhas, as crianças da nossa caminhonete descem sem chorar, formando ajuizadamente uma fila, como nos ordenam as *Schwester* e os soldados que nos esperam.

Estou orgulhoso dos meus companheirinhos que sabem se comportar bem. Estou orgulhoso da confiança que têm em mim.

VIAJEI DE MERCEDES, de caminhonete e, agora, sem dúvida vou tomar um trem. Quantas descobertas em tão pouco tempo!

Estamos na estação de Poznan.

Reina a maior confusão. Soldados com cães, oficiais, as *Schwester*, as *Frauen* de uniforme. E crianças, é claro, um mundo de crianças! Os soldados nos colocam em fila indiana na plataforma. De um lado e do outro há dois trens. Um leva o letreiro “Kalish”, o outro “Auschwitz”. Eu me pergunto qual dos dois vamos tomar, Jacek, Andrzej e eu. (Tivemos sorte de não sermos separados na descida da caminhonete quando nos colocamos em fila.) Enquanto esperamos, em pé na plataforma, sinto que a angústia volta a atacar Jacek e seu irmãozinho. Normal, há muitas crianças, a maior parte delas não para de chorar e gritar. A angústia é contagiosa. Devo confessar que, se eu não soubesse que estou a salvo, também ficaria com medo. Os soldados, os cães, seus latidos, o vapor ameaçador que sai das locomotivas, as ordens disparadas pelos soldados, os gritos das crianças, o choro. Ninguém se entende. Além disso, a noite está fresca. Eu não passo muito frio, estou usando a malha do meu disfarce: mesmo furada, ela me mantém aquecido, enquanto os outros estão de pijama. (Normal também, já que estavam dormindo quando foram levados.)

A FILA AVANÇA LENTAMENTE. Muito lentamente. Começo a me cansar de esperar. A paciência nunca foi meu forte. Tento sair da fila, mas um soldado percebe e, com um empurrão, me força a voltar para o meu lugar, enquanto seu cão me mordisca os calcanhares. Que audácia! Não falo do cão, mas do soldado, que não tem sequer duas divisas em seu uniforme, um simples *Rottenführer*! Quando ele souber que se tratava do protegido do doutor Ebner, vai se arrepender! Mas não quero me dar a conhecer agora. É bem mais divertido me fazer passar por um polaco.

Eu me ponho na ponta dos pés a fim de ver o que está acontecendo no fim da plataforma. E quando descubro, dou um grande suspiro de alívio, embora certamente não grite de alegria. O doutor Ebner. Ele está lá. Em companhia de muitas *Frauen* que reconheço, pois elas vêm frequentemente assistir a reuniões na casa meio bombardeada. Eu então me permito mandar um chute na canela de uma *Schwester* que nos empurra para que nos apertemos mais na fila. Há tempos que queria fazer isso!

A fila avança aos trancos. Cada criança para diante do doutor Ebner que, com um aceno da mão, a manda para a direita ou para a esquerda. Quem segue à direita sobe no trem de Kalish, os outros no de Auschwitz.

É uma seleção. Uma seleção rápida, porque o doutor Ebner não tem os instrumentos para medir e seu estojinho com os olhos de vidro e os cabelos postiços, como no *Heim* quando ele examinava os bebês. Compreendo, à medida que a fila avança, que ele indica para o trem de Kalish as crianças loiras com olhos azuis, enquanto os morenos e raquíticos vão para o outro. (Na precipitação dos sequestros, os soldados e as *Schwester* pegaram das casas todos que lhes caíam nas mãos, sem fazer uma triagem. Acontece que entre irmãos e irmãs muitos não tinham a mesma cor de cabelo.)

Digo logo a Jacek que conheço bem o senhor calvo de óculos redondos. Nenhum problema, ele não vai nos separar. Apesar de seu ar severo, ele é muito gentil. Gostaria de acrescentar que *Herr* Ebner é meu segundo pai, logo depois do Führer, que ele me trouxe ao mundo e jamais me abandonou, mas é muito complicado explicar tudo isso em polonês. A única coisa que me preocupa é que, uma vez diante do doutor Ebner, ele me reconhecerá e a brincadeira acaba.

Bem, tenho ainda algum tempo pela frente, a fila não avança muito rápido e estamos posicionados quase no final dela.

Como sempre sinto necessidade de me mexer – ao contrário de Jacek e seu irmão, que ficam lá, imóveis, esperando a sua vez –, eu me agito, me viro, olho à direita, à esquerda, e é nesse momento que, apesar da agitação que reina, escuto um ruído.

– Psiu! Psiu!

Eu me viro na direção de onde vem o barulho – é um chamado – e vejo um menininho que faz um breve sinal com a mão à guisa de resposta. Imediatamente, ele escapa da fila e corre até uma das caminhonetes estacionadas no aterro na entrada da estação. Nem os soldados nem as

Schwester o viram. Ninguém. A não ser eu. De onde estou vejo agora suas pernas e nádegas, porque ele se agachou atrás da caminhonete. Ele espera alguns segundos, depois foge como um coelho até a orla do bosque que fica ao lado da estação.

O que é que ele está maquinando?... Um instante depois, vejo que uma segunda criança faz a mesma coisa, depois uma terceira, uma quarta. Digo a Jacek: “Não saia daí, já volto!”, e dou cotoveladas para me colocar no fim da fila. Pego a mão do menininho que se apronta para escapar como os outros, fazendo-o compreender que quero ir com ele. O garoto hesita um instante, em pânico, pede que eu espere a minha vez, depois acaba por acenar com a cabeça e vamos em frente.

Seguimos até a caminhonete. Uma parada. Olhares assustados na direção dos soldados, dos seus cachorros, das *Schwester*. Pelo menos o que se pode ver dali. Como estamos agachados, vemos apenas as botas dos SS, a coronha de seus fuzis, as patas dos cães, o focinho deles quando abaixam a cabeça para farejar o chão, a barra dos vestidos marrons em forma de saco das *Schwester*. “*Raz! Dwa! Trzy!*”, o menino cochicha para mim. “Um! Dois! Três!” E nos enfiamos no bosque.

E lá, eu descubro, escondido atrás de uma moita, um grupo de mulheres. Polonesas. São umas dez, mais ou menos. São as mães. Elas deviam saber que as caminhonetes viriam para a estação e as seguiram para recuperar os filhos. A maior parte dos garotos que conseguiu sair da fila já está nos braços das respectivas mães. Aquele com quem corri acaba de reconhecer a sua e se agarra a ela.

E eu?... Eu, bem... eu fico plantado lá, de pé. Sozinho, é claro, já que não tenho mãe. Tenho um ar abobado. Depois, de repente, sinto uma mão que pega a minha e me puxa vivamente. Alguma mulher vai querer me carregar? Por quê? Ela está me confundindo com seu filho?... Não vejo nada. Está muito escuro, a luz do poste que ilumina a plataforma não chega até nós. No espaço de alguns segundos, sentindo aquela mão que me puxa, os braços febris que em seguida me envolvem, uma ideia louca me atravessa e digo para mim mesmo... é Bibiana. Bibiana não morreu, ela voltou, é ela que me abraça, que chora de alegria, porque me encontrou. Ela conseguiu se salvar de Ravensbrück, ela se uniu às outras mulheres e veio aqui só por minha causa. Apenas por mim.

MAS NÃO É BIBIANA. É a mãe de Jacek, eu a reconheço pela mão quebrada que ela enrolou numa faixa toda ensanguentada. Ela me aperta contra seu corpo e não cessa de repetir no meu ouvido: “Jacek! Andrzej!”. Os nomes de seus filhos. Ela deve ter visto que eu estava ao lado deles na fila e me pede que vá procurá-los. Ela soluça. Me suplica. Torce as mãos, o que deve doer muito.

Hesito. Reflito.

Depois lhe digo... sim. Tudo bem!

Refaço o caminho no sentido inverso. Eu me escondo atrás da caminhonete. Espero. Em seguida, me junto à fila novamente. Vou me esgueirando distribuindo cotoveladas até Jacek e seu irmãozinho.

– Onde você estava? – me pergunta Jacek.

Pálido, ele treme tanto que seu irmãozinho se põe a chorar novamente. Fico contente por terem ficado tão inquietos com a minha ausência, por lhes ter feito falta.

Jacek realmente tem uma aparência muito boa. Lindos olhos azuis, espessa cabeleira loira. Não quero que ele vá ao encontro da mãe. Para que serve uma mãe, além de lhe provocar uma tempestade na barriga quando se vai? Seria muito injusto Jacek ser condenado a permanecer um polaquinho comum. Ele *deve* se tornar um alemão. Ele merece. Vejo isso em seus olhos azuis.

Então saio da fila outra vez. Agora, abertamente. Corro tão rápido, que consigo escapar do soldado que tenta me pegar e vou diretamente na direção do doutor Ebner. Ele me reconhece.

– Konrad! Por caridade, o que está fazendo aqui? – ele me pergunta com a cara fechada.

Já dá para ver a veia grossa pulsando em sua têmpora.

Como resposta, estendo o braço na direção onde as mulheres e as crianças estão escondidas.

O alerta é dado imediatamente. Os soldados soltam os cães.

GRAÇAS A MIM, foi possível salvar uma porção de crianças que voltariam com suas mães aos seus casebres, para passar fome e fugir dos bombardeios ou dos tiros dos SS. Em vez disso, as crianças encontraram uma mãe de adoção. A minha. A Alemanha. Do mesmo modo que engrossarão no futuro as fileiras da poderosa juventude alemã. E serão como irmãos para mim.

COMO ESTOU CONTENTE! Você nem pode imaginar. Não tenho mais dores na barriga, me sinto em plena forma.

O doutor Ebner me felicitou.

– Ah, Konrad! Konrad! Você jamais deixará de me surpreender! – ele exclamou.

Seus lábios finos e apertados quase esboçaram um sorriso quando ele pronunciou essas palavras. As *Frauen* dos diferentes departamentos que também estavam presentes na estação me cobriram de elogios. Mesmo as porcas das *Schwester* reconheceram meu mérito. Aquela que estava na caminhonete onde eu estive escondido relatou ao doutor Ebner que, graças a mim, as crianças tinham se mostrado muito mais calmas e mais fáceis de selecionar. Logo, os cumprimentos choveram de todos os lados!

Só que *Herr* Ebner me deu uma bronca. De volta à casa bombardeada, ele me levou até seu gabinete. Encontramo-nos cara a cara, o que não acontecia desde que tínhamos deixado o *Heim* de Steinhöring.

– Konrad, eu lhe disse! – ele começou.

Trancou a porta com duas voltas da chave, sentou-se em uma cadeira e me fez um sinal para chegar mais perto. Posição de sentido, peito ereto. Pés juntos. Queixo erguido. Braços ao longo do corpo. Olhar voltado para o alto da sua cabeça calva. Para ser franco, eu estava meio amedrontado. Achei que *Herr* Ebner ia me fazer passar por um exame médico, uma nova seleção, já

que ele é especialista no assunto. Felizmente eu tinha tido tempo de tirar meu disfarce de polonês. Ele cheirava a mijó e merda porque as crianças, na caminhonete, tinham feito suas necessidades nas calças de tanto medo. Eu tinha tomado um banho e vestido meu uniforme de *Pimpf*: calças curtas, camisa marrom de manga, gravata, boné, que tive o cuidado de retirar diante de *Herr Ebner*.

– Konrad, você tem consciência de que correu um perigo muito grande?

Que perigo?, perguntei com um simples olhar, cruzando com o dele, levantando meus grandes olhos azuis cheios de inocência. Eu esperava que, naquele momento, para o caso de ter sido prevista uma pequena verificação da evolução do meu pertencimento à raça nórdica com o crescimento, ele se desse conta de que meus olhos continuavam muito claros. (Eu mesmo verifico regularmente, quando encontro um espelho, se meus olhos escureceram.)

– Poderiam ter confundido você com uma criança polonesa. Um erro simples, por desatenção, poderia ocorrer e... (ele estalou os dedos) você partiria para Auschwitz.

– O que é Auschwitz? – perguntei-lhe, com ar inocente; embora eu já soubesse, queria mais detalhes.

– Um lugar onde as crianças polonesas trabalham.

Sua frase cheirava a linguagem em código. Não tive nenhuma dificuldade em traduzi-la. “Lugar” = campo. “Onde as crianças trabalham” = onde elas são exterminadas.

– Você entende? – acrescentou Ebner, pegando meu queixo entre seu polegar e o indicador, forçando-me a olhá-lo, já que eu tinha abaixado os olhos. – Sua perda teria me causado muito desgosto, você sabe.

Ah, como os adultos se traem estupidamente! “Sua perda” = sua morte. Prova de que eu peguei bem o sentido da frase anterior. Em Auschwitz, não se trabalha, se morre. Ou então se morre de tanto trabalhar.

– Você tinha ordens para permanecer aqui e não sair – disse *Herr Ebner* com voz severa. – As ordens não devem ser desobedecidas jamais, você sabe disso.

– *Jawohl, Herr Doktor!* Mas nosso bem-amado Führer disse que as crianças devem desenvolver sua *Draufgängertum*!

Essa frase longa, eu a lancei sem pensar. Ela me saiu assim, de uma só vez, sem tropeçar em nenhuma palavra, embora, pouco antes, eu tivesse

pronunciado mal a palavra “Auschwitz”. Tinha transformado o som “sch” em “se”, porque estou sem um dente da frente e, às vezes, isso me faz ciciar.

Ebner não conseguiu esconder o efeito que a frase lhe causou. Eu o havia surpreendido com minhas belas palavras.

– *Richtig!*[\[6\]](#) – ele disse, balançando a cabeça.

A partir daí, ele não podia mais me passar um sermão ou me ameaçar com um castigo. Reprovar minha atitude na estação, os riscos a que me expus, significaria pôr em dúvida os princípios do nosso Führer, o que é *absolutamente proibido*. Tanto que as crianças alemãs têm ordem de denunciar os pais se julgarem que eles duvidam dos princípios fundamentais do nacional-socialismo. Portanto, eu poderia denunciar Ebner, já que ele era um pouco meu pai. Passaram-se alguns instantes de silêncio, depois aproveitei minha vantagem para perguntar:

– E o que é Kalish?

Eu tinha notado, na estação, que um dos trens trazia um letreiro com esse nome.

– É um *Heim*, como aquele em que você nasceu, exceto que não se recolhem bebês ali, mas crianças estrangeiras racialmente aceitáveis, que aprendem como se tornar verdadeiras crianças alemãs.

– Como numa escola?

– Como numa espécie de escola, sim.

Balancei a cabeça para fazê-lo acreditar que eu tinha compreendido. Mas eu não tinha entendido. Não exatamente. “Uma espécie.” Linguagem em código de novo, só que dessa vez o significado real me escapou. Não tive coragem de perguntar detalhes. Ebner tinha se levantado, dando a entender que pretendia trabalhar em sua escrivania, o que significava que eu deveria deixar o terreno livre. Mas, antes de me despedir e sair, decidi interrogá-lo a respeito de Jacek e Andrzej. Eles tinham ido para Kalish ou para Auschwitz?

Ebner fez um gesto com a mão em direção aos dossiês empilhados sobre a escrivania. A resposta à minha pergunta estava em algum lugar naqueles papéis. Ele me diria logo.

Jamais obtive a resposta, nem naquela noite, nem nos dias seguintes. Talvez Jacek tenha partido para Kalish e Andrzej para Auschwitz. Jacek era maior e mais forte que o irmão, então isso me pareceu lógico. Ou, por falta de atenção, como tinha dito *Herr* Ebner, ambos poderiam ter sido enviados para Auschwitz. Para a morte. Essa possibilidade me contrariou por um instante.

Eu gostava deles, sobretudo de Jacek, poderíamos ter nos tornado companheirinhos. Poderíamos ter nos tornado irmãos.

Mas logo me esqueci disso, porque o doutor Ebner ordenou que fosse organizada uma grande festa em minha homenagem, como recompensa pelo serviço que eu havia prestado à pátria. Ele disse que festejaríamos na mesma ocasião o meu aniversário, já que o dia 20 de abril passado tinha sido completamente esquecido. (Todos os outros tinham sido esquecidos, mas Ebner tinha esquecido que tinham sido esquecidos.)

Assim, no dia seguinte, meus cinco anos e meio seriam comemorados.

Linda festa!

Mesmo se agora ela está se degenerando. Mas não me importo. Eu me divirto, é melhor do que ficar sozinho no quarto. Estou me divertindo até mais do que no começo da noite.

No início, todos estavam bem comportados ao redor da mesa grande e arrumada para a ocasião, no refeitório. Eu, a figura principal, forçosamente estava sentado entre *Herr* Ebner e *Frau* Lotte. Não queria passar por bobo. Entre os convidados, havia *Herr* Tesch, dois ou três outros oficiais da SS, *Frau* Viermetz, *Frau* Müller, *Frau* Kruger – presentes na estação na véspera, quando da minha expedição –, *Frau* Lotte e algumas outras *Braune Schwester*. Se alguém tivesse pedido minha opinião, jamais convidaria para minha festa de aniversário *Frau* Lotte e suas irmãs gêmeas. Para estragar o clima, não há nada melhor do que esse bando de urubus. Do mesmo modo não convidaria os outros. Todos adultos. Nem um pouco divertido. Junto comigo, gostaria que estivessem Jacek, Andrzej, todas as crianças da caminhonete, por que não? Mas ninguém pediu minha opinião.

O humor não estava para gracinhas. Todos só falavam de negócios, declaravam números, estatísticas, comentavam as notícias do fronte. Fiquei sabendo assim que os russos não eram mais nossos aliados e iríamos invadir seu país. Tarefa nada fácil, aparentemente; nossas tropas, estacionadas em Moscou e em Leningrado, passavam frio. Também soube que os japoneses eram nossos amigos. (Os japoneses, entretanto, não são nórdicos... Ora, os russos também não!) Em todo caso, eles não são de meias medidas. Eles destruíram, de surpresa, a parte principal da frota americana no Pacífico. A parte ocidental da Europa estava ocupada por nossos exércitos, assim como o sul. É verdade, acusamos perdas graves na Luftwaffe, por causa dos

superpilotos da Royal Air Force, mas os convidados não estavam com um ar muito preocupado.

Eu escutava só um dos lados, isso me aborrecia. Que íamos ganhar a guerra, era sabido desde o princípio, nada de novo sob o sol!

No fim do jantar, tive direito a um belo bolo, todo coberto de chantili. De verdade. Incrível, visto a penúria reinante! Assoprei minhas cinco velas e meia de uma vez só. O doutor Ebner anunciou que, como presente, eu receberia a soma *astronômica* – ele insistiu nessa palavra – de cem Reichmarks na minha caderneta de poupança, assim como uma vela a mais para enfeitar o candelabro que me foi dado quando nasci, no *Heim*. Os convidados exclamaram “Oh!” “Ah!” “*Wunderbar!*”. Quanto a mim, pouco me importou essa soma *astronômica*. Não tinha nada de real. Não era dinheiro vivo com que eu pudesse comprar bombons. Então me contentei com o bolo, me empanturrei, na cara de *Frau* Lotte, para me vingar das cenouras cozidas na água, do arroz e do doce de marmelo com que ela tinha me entupido ultimamente.

– Devagar, Konrad! Devagar! Você vai ter uma indigestão! – ela me dizia de vez em quando, num tom cortante, lançando-me um olhar sombrio com seus olhos de tubarão.

Não me amole, sua vaca! Esta noite é meu aniversário, faço o que eu quiser! Sou um herói! Tenho o direito de me empanturrar!

Comi até o que sobrou no prato dos adultos. Eles não perceberam, porque, depois de terem batido palmas quando assoprei as velinhas, apenas provaram sua fatia de bolo e voltaram a conversar entre si. Ninguém mais prestava atenção em mim. Supunha-se que eu fosse brincar com os presentes que havia recebido além da soma *astronômica* e da vela. Eram jogos requisitados nas lojas de Varsóvia; eu sabia porque estavam ainda com as etiquetas. Mas eu preferi comer a brincar. Brincar sozinho não tem graça.

Depois Ebner declarou que todos estavam convocados ao seu gabinete para uma reunião de cúpula, a fim de registrar por escrito o que havia sido dito durante o jantar. (Os oficiais superiores adoram documentos e correspondências, já notei.)

Os convidados então deixaram a sala. *Frau* Lotte não percebeu que eu não a seguia. Ela tinha bebido champanhe demais. Mal conseguia se manter em pé quando saiu. Na minha opinião, ela nem chegou ao gabinete de Ebner, deve ter ido direto roncar em sua cama.

É AGORA QUE A verdadeira festa começa. É agora que começo a me divertir de verdade, com os soldados que acabam de chegar à sala, como nas outras noites.

Eles já estão de pileque, porque começaram a noite lá fora, num cabaré, com as putas alemãs. O que há de bom com as putas é que elas não são cheias de pose como as *Schwester* ou as *Frauen* graduadas. Elas são naturais, divertidas, não se atrapalham com regras idiotas. Nenhuma delas me diz:

“Está na hora de dormir! Vá escovar os dentes e pôr seu pijama!”

Esse tipo de chatice. Ao contrário, elas insistem para que eu fique. Acho que elas gostariam de ser mães; o fato é que todas elas têm uma queda pela minha cara de anjo.

– Que amor que ele é! Um chuchuzinho, este camaradinho! Venha aqui um pouco!

Elas me põem no colo, acariciam meu cabelo, apertam a ponta do meu nariz, me dão grandes beijos úmidos que deixam marcas vermelhas em minhas bochechas. Eu deixo, embora normalmente não goste que me toquem. Com elas, não sei por que, é diferente. Algumas me levam até o meio da sala e, segurando minhas mãos, fingem dançar comigo. Elas me deixam provar champanhe. Eu molho um dedo no copo, e elas caem na risada vendo minha careta. É amarga, a champanhe, pinica um pouco, mas não é tão ruim no final.

As putas sempre viram de uma vez o copo. Ficam cada vez mais bêbadas. Não paro de passar de uma para a outra. Sobre os joelhos, nos braços. Uma, então, decide me mostrar seu peito.

– Você vai ser um moleque danado de bonito! – diz ela. – Você vai ter muito disso, mulheres. Nunca é cedo demais para começar seu aprendizado. Vamos lá! Primeira lição de ciências naturais!

E ela desabotoa a blusa. Desnuda as mamas. Não é verdadeiramente uma descoberta para mim já que, quando não conseguia dormir, antes da aventura na estação de Poznan, eu assistia a essas noitadas pela fresta da porta entreaberta. Mas ninguém sabia disso; então, para não humilhar a puta, faço cara de surpresa. Na verdade, estou espantado por constatar que as mamas podem ter tantos formatos. Há as grandes, as pequenas, algumas lembram maçãs, outras peras, algumas se mantêm bem firmes, outras caem. Eu me pergunto se há “mamas nórdicas”. Se é possível avaliar sua colocação, sua

separação, a distância que as separa do umbigo ou do pescoço... Certamente. Os especialistas do RuSHA devem ter, em alguma parte em suas pastas, normas referentes às mamas.

Agora, visto que as horas correm e as garrafas se esvaziam, as putas não se ocupam mais de mim e fazem com os soldados o que costumam fazer. O acasalamento. Para não ficar parado ali, brinco com as bonecas que ganhei de presente. Tiro suas roupas e as coloco nas mesmas posições que as putas (quando consigo isso, porque as bonecas verdadeiramente não são tão flexíveis quanto as putas). Se me canso da brincadeira, passo para outra. Eu fantasio que, entre todas as taças que estão sobre a mesa, se encontra o cálice do Santo Graal, aquele que contém o elixir da imortalidade. Devo adivinhar qual é, então bebo o fundo de todas as taças, uma a uma.

E caio desmaiado.

É *Frau* Lotte que dá o alerta na manhã seguinte.

Não me encontrando na cama, ela percorre a casa toda até me encontrar no chão, debaixo da mesa do refeitório, no meio das garrafas vazias. Ela se cansa de repetir meu nome, me dar umas palmadinhas, me sacudir, e nada. Não acordo, não reajo. Fico completamente mole em seus braços quando ela me levanta, os braços e as pernas balançando, a cabeça caída. Como um morto. Em pânico, ela avisa o doutor Ebner. Rápido! Rápido! Sou levado de ambulância até o hospital, lá onde são tratados os soldados feridos no fronte. O doutor Ebner, rodeado de outros médicos, procede a exames e se dá conta de que tenho uma taxa alarmante de álcool no sangue. Estou em “coma etílico” – o termo médico para “caco cheio”. É muito grave.

Quase morro. Como se só em Auschwitz se pudesse morrer.

Acabo por acordar, incólume como depois do episódio de desidratação quando era bebê. O doutor Ebner está espantado: acaba de ter uma prova a mais da minha superioridade. Sou *verdadeiramente forte como o couro e duro como o aço de Krupp*. Sou *verdadeiramente a criança-amostra-da-raça-ariana*. Mas há uma coisa que Ebner ignora: se consegui me recobrar, é porque, em uma das taças que bebi, estava escondido o elixir da imortalidade. Desde então ele corre em minhas veias. Agora, nada mais pode me deter. Sou *imortal, invencível!*

Durante os meses que se seguem, continuo minha missão de infiltrado. Ebner julgou minha presença entre as crianças polonesas tão benéfica que, duas ou três vezes por semana, faço exatamente a mesma coisa que fiz na

minha primeira fuga. Tranquilizo as crianças no momento em que elas são tiradas de suas mães. Eu lhes afirmo que não devem se preocupar, que vão reencontrar os pais, e enquanto esperam ficarão em uma linda casa. Invento qualquer coisa, deixo minha imaginação voar, enquanto falo cada vez melhor o polonês. Na plataforma da estação, circulo à vontade entre as filas de espera. Os soldados e as *Schwester*, sabendo o papel que desempenho, fingem que me maltratam como aos outros, mas jamais me machucam. Eu converso aqui e ali. Às vezes o doutor Ebner me leva até o trem de Auschwitz quando o pânico é muito grande. Eu subo em um vagão, a tempo de inventar uma história: “Vamos a um lugar muito interessante, um grande parque com bangalôs”. Quando o choro se acalma, eu desço, bem na hora que o trem parte.

Às vezes, tenho vontade de ficar. Agora que sou imortal, por que não faria uma viagem a Auschwitz?... Mas Ebner me vigia. Ele manda um soldado ficar de olho em mim quando subo no trem.

Isso não impede que, de vez em quando, haja incidentes. Uma noite, um cão me mordeu violentamente a perna. Ele escapou do controle do soldado que o mantinha seguro. Arrancou-me um bocado de carne, precisei ficar de cama muitos dias e agora tenho uma grande cicatriz, que parece um ferimento de guerra. O que me faz ainda mais *coriáceo*. (Ainda bem que ele não me mordeu no rosto. Eu teria perdido minha bela cara de anjo.)

Mas a maior parte dos incidentes é provocada pelas mães. Elas decididamente não conseguem se conformar em nos dar seus filhos. Como aquela que, não sei mais em qual vilarejo – esqueci o nome –, preferiu estrangular o filho do que vê-lo levado. Você consegue imaginar isso?!!! Ou aquela outra, então, que se estendeu sobre os trilhos no momento da partida do trem.

As mães têm cada ideia! São loucas! Ainda bem que estou livre disso.

Mas uma, certa noite, me marcou. Ela tinha conseguido escapar da vigilância dos soldados e subido no trem de Kalish para recuperar o filho. Evidentemente, eu a denunciei ao doutor Ebner, e, quando os soldados a pegaram, ela berrou enfurecida contra mim.

– Maldito! Você é maldito! – ela gritou.

Acho mesmo que ela nem era polonesa, mas cigana. Os ciganos, como os judeus, fazem magia negra e roubam crianças, como se sabe. Mas eu não sou

uma criança como as outras. Sua maldição não me atingirá jamais. *Sou imortal.*

ACABO POR CANSAR do meu trabalho na estação.

É como os brinquedos. Quando são novos, gostamos deles, depois, os deixamos de lado. Sobretudo, me cansei de ver todas as noites as crianças partirem juntas, enquanto eu fico sozinho na plataforma da estação. Tenho de voltar para a casa meio bombardeada e acabar a noite completamente sozinho, no meu quarto. Para encontrar de novo *Frau Lotte* na manhã seguinte. Já não consigo suportá-la, ela e seus olhos de tubarão e hálito de latrina!

Que se dane. Quero me mandar daqui.

[\[6\]](#) Exatamente!

É UM GRANDE MOMENTO para mim. Mais uma página virada na minha vida.

Estou com 6 anos. Entro para a escola.

Nada de maleta ou material escolar. Nem tampouco hábitos novos. Visto minha roupa normal de *Pimpf*. Na minha mala, o candelabro dado pelo Führer quando nasci, com seis velas, uma bolsinha de toalete e algumas mudas de roupa. Mesmo que o doutor Ebner me acompanhe, não andamos de mãos dadas como faria um pai acompanhando o filho no primeiro dia de aula. Eu me esforço para cadenciar meu passo com o dele. *Links. Recht. Links. Recht.* “Esquerdo. Direito. Esquerdo. Direito.” Os soldados ficam em posição de sentido à nossa passagem e nos saúdam.

Um primeiro dia de escola pouco comum. Normal. Eu não sou uma criança comum. E Kalish não tem nada de uma escola comum.

É um antigo mosteiro que arrumaram para nós para a ocasião. Ele é rodeado por um muro muito alto, encimado por arame farpado, impossível de escalar. Nessa escola incomum, nenhuma criança vem de bom grado, nenhuma foi acompanhada pelo pai ou pela mãe, e todos pensam apenas em uma coisa: fugir. Prova disso é a guarda postada perto do grande portão; armados com submetralhadoras, os soldados percorrem o pátio com seus cães.

Kalish é a escola das crianças tiradas de seus pais.

O “SS Gaukinder *Heim*” é a central do *Lebensborn* na Polônia.

SÃO CERCA DE 21 HORAS. É noite. O pátio está deserto. As crianças já devem estar deitadas. Mas ainda não estão dormindo. Pelo menos, não todas, porque escuto gritos abafados que vêm de direções diferentes, atrás de uma porta trancada, atrás de uma janela, lá no primeiro andar, assim como no

andar de cima. Se apuro bem o ouvido, consigo distinguir que os gritos vêm um pouco de todos os lugares, como um ruído de fundo, um ronronar regular que faz vibrar o conjunto de edifícios. Ouço também os choros que escapam da capela situada na entrada.

Não me viro, faço de conta que não está acontecendo nada, imitando o doutor Ebner, que permanece imperturbável enquanto cruza o pátio. *Herr Ebner* me explicou tudo durante o trajeto no carro que nos levou de Poznan a Kalish. Ele me disse que aqui as crianças polonesas são ensinadas a se tornarem alemãs. É um aprendizado difícil e rigoroso. Então, se são castigadas severamente, se apanham, é para o bem delas. Para que sejam felizes mais tarde.

De qualquer maneira, estou tão contente, tão animado com a ideia de ficar rodeado de crianças da minha idade, de afinal viver entre elas, que chego a abstrair os gritos e os choros. Estou acostumado com isso, as crianças também gritavam e choravam em Poznan.

EM TODO CASO, eu não choro, mesmo estando com um pouco de medo de encontrar a diretora.

Johanna Sander. Chegamos à porta do gabinete.

Grande. Loira. Olhos azuis. À primeira vista só consigo ver dela um vulto alto vestido com um uniforme marrom. Quando ela levanta o braço para nos saudar com um sonoro “*Heil Hitler!*”, percebo a pistola enfiada na cinta. Uma Luger 9 milímetros. Ela me lembra Josefa. Mas é um modelo aprimorado. Mais forte. Mais autoritário. Josefa não carregava uma pistola na cintura.

Coloco no “*Heil Hitler!*” que lanço como resposta todo o vigor de que disponho, mas minha voz me parece fraca, fininha.

O encontro é rápido. *Herr Ebner*, depois de ter trocado um aperto de mão com *Frau Sander*, entra no gabinete, instala-se e começa a estudar os dossiês que o esperam. *Frau Sander* e eu ficamos sozinhos na soleira da porta.

Ela me adianta logo de início que sabe tudo sobre mim. Graças à correspondência que o doutor Ebner lhe endereçou a meu respeito. Com a carta na mão, ela põe os óculos.

– Konrad von Kebnersol – ela lê em voz alta. – Nascido no lar de Steinhöring, em 20 de abril de 1936, no dia do aniversário do nosso Führer... – prossegue ela – ... Batizado pelo Führer em pessoa!

Ela tira os óculos e me observa longamente. Da cabeça aos pés. Eu faço a

mesma coisa, sem, entretanto, parecer arrogante. Ela tem ombros imponentes, rosto largo, testa bem alta, lábios bem desenhados, cujos cantos abaixados lhe dão um ar severo, cruel. Para falar a verdade, se eu não fosse uma jovem fera, ela me daria medo. Sei perfeitamente que ela não é do tipo que se impressiona com minha cara de anjo, meus cabelos platinados e meus olhos azuis muito claros. Espero que na correspondência de *Herr* Ebner, na parte que *Frau* Sander não releu para mim, ele seja bem específico, com números que sustentem que correspondo perfeitamente aos critérios da raça nórdica. Que, por outro lado, tenho a meu crédito atos notáveis de bravura: a resistência ao meu sequestro por uma puta dissidente quando ainda era bebê, minha participação na “Operação Coleguinhas”, primeiro com as *Braune Schwester*, depois com uma delatora polonesa, e por fim o quanto foi útil meu papel na estação de Poznan.

– Batizado pelo Führer em pessoa! – repete *Frau* Sander, depois de um longo silêncio.

Seu olhar azul se tolda de lágrimas.

– Batizado pelo Führer em pessoa!

Eu me pergunto quantas vezes ela vai repetir essa frase. Parece um disco riscado.

Ela se volta para o doutor Ebner que, levantando ligeiramente o nariz do dossiê que começou a examinar, confirma com um aceno de cabeça distraído.

– O Führer em pessoa!

Uma lágrima acaba por rolar na bochecha esquerda e, milagre!, os cantos dos lábios levantam-se pouco a pouco para esboçar uma careta que lembra um sorriso. Mas esse sorriso não é endereçado a mim. *Frau* Sander não me olha mais, ela fixa um ponto longínquo, na outra extremidade do corredor em que se encontra o gabinete. Como se alguém fosse aparecer. Exceto que não há ninguém ali, eu verifico com uma espiada com o canto do olho. Ela deve ter tido uma visão. A do Führer andando em direção a ela.

Afinal ela se volta para mim e acaricia o topo da minha cabeça. Docemente. Com cuidado. Quase com preocupação, como se minha cabeça fosse de porcelana e corresse o risco de se quebrar. Entretanto, adivinho que esta mão, grande e forte, que agora desce pelo meu rosto, roçando e afagando até meu queixo, está acostumada a distribuir palmadas... Creio que se *Frau* Sander me acaricia assim é para ter a honra de tocar qualquer coisa que o

próprio Führer tenha tocado, para entrar em contato com ele por procuração, por intermédio de uma pessoa – no caso, eu.

Estou me sentindo mal. Meu coração dispara. Não gosto nem um pouco do contato dessa mão. Mas me esforço para suportá-lo.

Frau Sander se recompõe enfim. Retira a mão. Enxuga as lágrimas. Apaga o sorriso. Em um quarto de segundo, seu rosto recuperou toda a severidade.

– Já sabe o que se espera de você aqui, Konrad? – ela me pergunta em tom seco e autoritário que não tem mais nada a ver com a exaltação que ela tinha apresentado quando repetia sua litania.

– Sim, já sei. O doutor Ebner tinha me explicado. Estou aqui para servir de exemplo para as crianças polonesas da minha idade. Elas devem acreditar que sou de origem polonesa como elas, mas que já me integrei completamente aos ensinamentos ministrados em Kalish, que fizeram de mim um perfeito alemãozinho. É por isso que falo tão bem o alemão, enquanto a minha língua materna, o polonês, eu esqueci. Devo me mostrar positivo para meus camaradas. Encorajá-los a aprender. Devo afirmar-lhes, todas as vezes que tiver oportunidade, que eles têm muita sorte por terem sido adotados pela Alemanha.

– Perfeito! – ela aprova. – Perfeito! Vá instalar-se agora!

Com essas palavras, ela me confia a uma vigilante, que ela chama com um estalar de dedos, e me apresenta assim:

– Eis o Konrad. Batizado pelo Führer em pessoa!

Como se fosse meu sobrenome.

Deve ser um código, porque o rosto fechado da vigilante muda completamente. Quando ela havia se aproximado de mim, tinha me lançado um olhar duro, glacial, mas ao ouvir “BFP” (“Batizado pelo...”, você sabe o que vem a seguir, não vou repetir mais uma vez essa frase), ela sorri para mim e me pede gentilmente que a siga. Está me levando ao meu dormitório, esclarece ela, mas, se eu quiser comer qualquer coisa antes de dormir, podemos desviar para a cozinha. Eu recuso o oferecimento. Ela insiste, me estendendo uma barra de chocolate que tira do bolso. Mas acredito que às crianças polonesas ela oferece o chicote, cujo cabo enfiado em uma de suas botas eu percebo.

Não, obrigado.

Não quero favorecimentos. E se um dos meus futuros camaradas nos vê, hein? Nem bem acabo de chegar e já serei desmascarado, e não poderei mais

desempenhar meu papel.

DEMOREI PARA DORMIR. Não tenho o costume de me deitar tão cedo. Os barulhos do dormitório não me incomodam. É uma soma de pequenos ruídos – dentes rangendo, o ressonar das crianças, suspiros, tosse, o roçar das cobertas – que se unem de forma regular e ritmada. Na casa meio bombardeada de Poznan, os SS e suas putas alemãs faziam bem mais estardalhaço. As crianças abafam o choro para não serem ouvidas pela *Aufseherin*^[7], postada na porta como um cão de guarda. Uma palavra soa sem cessar. Repetida, cochichada, dita como uma prece: *mamo* “mamãe”. Depois vem a frase inteira: *Chce moja mame* (“Quero minha mãe”). Os polonesinhos ainda não riscaram essa palavra horrível de seu vocabulário como eu fiz, há muito tempo. É por isso que eles sofrem. Apagar essa palavra da memória deles é uma das primeiras coisas que vou lhes ensinar nos próximos dias. Depois disso, eles se sentirão bem melhor.

Está escuro como dentro de um forno, mas quando a vigilante me levou até minha cama, ela iluminou o caminho com uma lanterna, e assim pude contar quarenta leitos. Vinte de um lado, vinte do outro. Dos meus camaradas, só vi vagas formas escondidas sob as cobertas. Daqueles que não tinham se coberto da cabeça aos pés com o lençol – como se aquele tecido fino e puído pudesse protegê-los –, pude perceber um tufo de cabelo, uma mão, um pé.

Meu vizinho da direita também não está dormindo. Ele não para de se virar de um lado para o outro. De vez em quando, eu adivinho, pelo ranger das molas, que ele se inclina na minha direção. Tem vontade de falar comigo, mas não ousa, por medo da *Aufseherin*. Ela poderia ouvir, poderia ver – graças ao feixe luminoso da lanterna com que varre regularmente as camas – que ele desrespeitou o regulamento.

Depois de um tempo, ele acaba por adormecer, sua respiração é regular e um leve ressonar escapa de seus lábios. Um cheiro de urina vem da cama dele. A menos que seja da cama situada à esquerda da minha. Ou, então, de todas as camas.

Isso fede.

O dormitório inteiro fede a urina. Eu nunca fiz xixi na cama. Ou isso foi há tanto tempo que já me esqueci.

Somados os choros abafados, as *mamo* sussurradas, os gritos agudos se fundem com o efeito de um pesadelo. *Aj! Nie! Nie, nie mnje! Litosc! De -*

repente, um corpo se levanta e volta a cair molemente no colchão. Compreendo o significado desses gritos. Em Poznan, eu os ouvia frequentemente. “Ai!” “Não! Não eu!” “Piedade!” Esses gritos não chamam a atenção da *Aufseherin*, ela deve estar acostumada com eles.

O SONO NÃO VEM. É difícil para mim quebrar meus hábitos de uma hora para outra. Na casa meio bombardeada de Poznan, eu circulava livremente à noite, ia escutar atrás das portas sem que *Frau* Lotte percebesse. Mas, em comparação com a *Aufseherin*, *Frau* Lotte tinha a aparência e os modos de um anjo.

Quero me levantar. Que me importa se o regulamento proíbe que eu faça isso. De qualquer maneira, a *Aufseherin* não poderá me punir. Agora mesmo, quando sua colega me conduziu ao dormitório, ela, com o mesmo tom de adoração de *Frau* Sander, repetiu a fórmula mágica. “BPFP”. (Creio que é uma frase em código que circulou entre todos os membros do pessoal antes da minha chegada.) Então, lá vou eu, me levanto, me dirijo a ela e lhe digo que quero ir ao banheiro. Ela já retirou o chicote da bota e se prepara para levantá-lo para descê-lo em mim, mas, ao reconhecer o BPFP, ela para e me deixa passar. Faço de conta que me dirijo para a porta que ela me indica e, assim que a vigilante dá as costas, mudo de direção.

Eu me aventuro até o fim do corredor, onde se encontra outro dormitório. Os gritos que soam por trás da porta são de bebês. Daí não haver uma *Aufseherin* montando guarda. Lógico. Esses cativos não correm risco de escapar. Empurro a porta para ver o que se passa lá dentro.

Uma multidão. De berços. Uma infinidade de berços de todos os lados. Isso me lembra Steinhöring. Exceto que, na minha lembrança, os berços eram bem mais bonitos, não meio quebrados, bambos e sujos como esses aqui. As paredes eram brancas e limpas, havia janelas. Aqui, as paredes são cinza e não há nada além do que uma pequena claraboia aberta no teto. Os bebês menores devem ter uns seis meses, os mais velhos, um ano. Os de um ano são mais compridos, mas quase nada mais gordos. Parecem coelhos.

Coelhos.

Lembro-me na hora dessa palavra em código. Uma das primeiras que aprendi. Será que todos esses bebês vão ser colocados em caminhonetes e deixados em um hospital onde serão cortados e seus pedaços enfiados em potes de vidro?... Não, estou misturando tudo! *Herr* Ebner me explicou que

havia bebês em Kalish, além das crianças, e que esses não ficariam por muito tempo, eles são os primeiros a partir para a Alemanha, onde famílias adotivas os aguardam.

Espero que lhes deem um banho antes da partida, porque eles cheiram a cocô. Isso empestia! Em alguns berços, vejo nitidamente filetes de merda transbordando das fraldas e se espalhando nos lençóis. É atroz, esse fedor! Sou obrigado a tapar o nariz para não desmaiar.

Berreiro e choradeira por toda parte. Com esse cocô grudado no traseiro, é claro que os bebês estão com a pele irritada, assada. Devem estar com o bumbum todo vermelho. Há apenas duas *Aufseherinen* para todos esses bebês fedidos e choramingões. Deitadas em camas colocadas em cada extremidade do cômodo, elas dormem. Quando uma delas acorda e, com má vontade, se levanta, distribui mais palmadas e xingamentos do que mamadeiras e fraldas limpas para os bebês.

Vou embora. O pandemônio incessante me incomoda e o fedor me dá enjojo. Penso em passar pelos outros dormitórios, mas o cansaço me vence. Devo dormir se quiser estar em forma amanhã, quando realmente começarei minha vida escolar.

Volto para a cama e adormeço em seguida.

TENHO PESADELOS durante a primeira parte da noite. Eu me vejo mergulhado em uma imensa onda de xixi e cocô. Sonho que, sentado sozinho no refeitório, me forçam a beber xixi e a comer cocô. Vejo os bebês do dormitório na outra ponta do corredor se levantarem juntos, como um exército de pequenos seres maléficos. Eles me cercam e me bombardeiam com suas fraldas pingando merda ácida, que queima a minha pele, que atinge meu rostinho de anjo, que me desfigura.

Acordo sobressaltado. Meu lençol está úmido e tenho medo de ter feito xixi na cama. Mas não passa de suor. BFP não faz xixi na cama! Adormeço novamente e, dessa vez, meu sono é tranquilo. Sonho que meus camaradinhas são todos limpos, bonitos, reluzentes como moedas novas, impecáveis.

Germanizados.

No dia seguinte, às 6 horas da manhã, a *Aufseherin* percorre o dormitório dando grandes golpes com um bastão nas camas, às vezes nas pernas das crianças, que saltam como molas.

 Vigilante.

OS DIAS EM KALISH são bem cheios. Ritmados. Programados minuto a minuto. Não há nunca um tempo ocioso. Sem descanso.

Isso é de propósito. As crianças devem encadear uma atividade na outra. Sem parada. Se pararem, elas pensam. Se pensarem, vão se lembrar. Dos pais, dos irmãos, da casa, dos brinquedos, do prato preferido. Tudo o que compunha suas vidas antes de serem levadas. Ora, elas devem se esquecer daquela vida. *Definitivamente*.

Esse sistema é muito eficiente, eu verifiquei isso em mim mesmo. Quanto mais os dias passam, mais a minha estada na casa meio bombardeada de Poznan se distancia. Parece mais um sonho. *Frau* Lotte e as *Braune Schwester* parecem fantasmas sem rosto. Se eu não tivesse a oportunidade de cruzar regularmente com o doutor Ebner – ele trabalha aqui na seleção dos novos –, acho que já teria me esquecido dele também.

6 horas. Ginástica.

A juventude deve ser atlética! – disse nosso Führer. Então é melhor começar a formar músculos e criar resistência desde a mais tenra idade.

A ginástica faz bem ao corpo. E é boa para o espírito, que se esvazia de qualquer pensamento insidioso. O esforço físico passa uma esponja no cérebro.

Quando nos levantamos, saímos vestidos como estamos, de malha e calção, isto é, meio nus. Devemos dar duas voltas correndo no pátio. No ritmo dos apitos das *Aufseherinnen*. Quem se atrasa, leva uma bastonada. Se alguém sai fora do círculo perfeitamente regular que devemos formar, leva uma bastonada. Quem não levantar os joelhos suficientemente alto dentro do ritmo – um, dois, um, dois! – recebe um golpe. Inspirar, expirar, inspirar,

expirar. É só nisso que pensamos. Caso contrário, com o frio do inverno, tossimos e ficamos sem ar, ou, no calor do verão, ficamos sem fôlego e desmaiamos.

No inverno, não enxergamos direito, ainda está escuro lá fora, nossos olhos estão inchados e colados de sono, as pernas vacilam. Congelamos, porque a transição entre a cama e o ar glacial lá fora é brutal. No verão, também não enxergamos logo, porque o contraste entre a obscuridade do dormitório e a claridade do dia é cegante, porque o ar já está sufocante e carrega consigo a umidade da noite.

No começo, dizemos “Não vou conseguir chegar lá jamais!”, e depois, sim, conseguimos. Porque não há escolha. Fora de questão chamar pela mãe no pátio. Mamãe não virá. Não virá mais. Nunca. Correndo, se esquece o significado da palavra “mamãe”. *Eins! Zwei! Eins! Zwei! Schneller! Schneller!* (“Um! Dois! Um! Dois! Rápido, cada vez mais rápido!”) Só essas palavras ocupam o espírito.

ISSO ACORDA.

Uma vez terminada a ginástica, voltamos ao dormitório. Sempre em passo de marcha. Todos ficam em posição de sentido ao lado da sua cama, enquanto a *Aufseherin* inspeciona os lençóis. Aqueles que molharam as cobertas durante a noite são privados do café da manhã e castigados: eles levarão o lixo, limparão os banheiros ou descarregarão as mercadorias do abastecimento. Os outros arrumam suas camas. Alinhadas, as cobertas alisadas, sem uma ruga, a borda deve ficar em linha reta, paralela à parede.

Em seguida, banho. Com água fria, tanto no verão quanto no inverno. Às 7h30, café da manhã. Todas as crianças reúnem-se num imenso refeitório. A primeira metade do salão é ocupada pelos maiores, com 10 a 12 anos, e a outra, pelos menores de 10, dos quais eu faço parte. Pelo número de lugares vazios nas fileiras dos grandes, dá para adivinhar que muitos deles sofreram castigo. Normal. Os grandes têm dificuldade em aceitar a germanização. Muitas lembranças. Muito claras, essas lembranças. Isso embaralha a mente. A ginástica não é suficiente para desembaralhar. Enquanto os pequenos, com exceção do xixi na cama, mostram-se dóceis. É preciso dizer também que eles suportam mal quando são presos a um poste no meio da quadra e chicoteados em caso de desobediência. Os maiores pensam que chegarão a aguentar o golpe, mas, na maioria das vezes, eles só presumem sua força, e também acabam por gritar *Mamo!* Só que *Mamo* não pode soltá-los do poste

ou parar os golpes de chicote. Só a *Aufseherin* decide o fim do suplício, de acordo com seu humor.

O café da manhã é rápido. Apenas o tempo de engolir uma caneca de infusão de chicória e um pedaço de pão preto. Em seguida, concentram-se todos no pátio. Chamada. Uma hora de imobilidade total, sob pena de ser castigado de novo. Muitas vezes, vemos nesse momento a chegada de caminhões trazendo os novos, que passam pela seleção em uma sala a que não temos acesso.

O resto da manhã é consagrado às aulas. Quando a professora entra, é preciso saudá-la com o braço estendido e gritando *Heil Hitler!*. É automático para mim que estou acostumado a saltar e estender o braço assim que vejo um uniforme, o que não é o caso dos meus camaradinhas, que executam isso com muita moleza.

Punição para os molengas.

Assim que a professora se senta diante de sua mesa, cada criança, em sequência, deve dizer seu nome e a data de seu nascimento. O que não é tão fácil como parece, porque se trata de dizer seu *novo nome alemão*, que lhe foi atribuído quando chegou a Kalish. A mesma coisa para a data de nascimento, uma falsa, dada pelo doutor Ebner. Se alguma vez um menino tropeça ao pronunciar seu nome, castigo. Alguns têm sorte, como, por exemplo, “Johann”, ex-“Jan”. Em compensação, passar de “Ryszard” a “Rutger”, de “Tadeusz” a “Tomas”, ou ainda de “Wojciech” a “Wolfgang”, é mais delicado. Se a data de nascimento dita não corresponde àquela inscrita no registro da professora, castigo.

– Você! – a professora chama em seguida apontando uma criança ao acaso.

– O que aconteceu com seus pais?

– Meu pai morreu, assassinado por um bandido polonês!

Boa resposta.

– E você?

– Minha mãe morreu de tuberculose!

Bom.

– E você?

– Minha mãe morreu porque era alcoólatra!

Melhor ainda.

Entretanto, a melhor resposta continua sendo esta: “Minha mãe morreu porque era uma puta!”. Mas, por mais que a professora a ensine para as

crianças, elas não a retêm, ou muito raramente. Não é problema para mim dizer que a minha mãe era uma puta quando ela me faz essa pergunta. Elas eram gentis comigo, as putas de Poznan, eu me lembro delas.

Em todo caso, nunca se deve dizer: “Meus pais foram fuzilados”. Ou “Foram mortos em um bombardeio”. Isso pode valer a punição máxima.

Die Kapelle. A Capela.

Todas as crianças empalidecem e tremem de medo quando ouvem essa palavra. Quem é mandado para a Capela, situada na entrada do mosteiro, fica de joelhos a noite inteira sobre o chão gelado, os braços estendidos em cruz, sem se mexer, sem beber nem comer, sob o olhar de uma *Aufseherin*, que bate nele, caso o garoto se mexa.

Na minha classe, é muito raro que algum dos meninos responda mal; entre os grandes, em compensação, é frequente. Para terminar, é preciso sempre finalizar a resposta com a seguinte frase, repetida em coro pelo conjunto da classe: “Sou reconhecido à Alemanha por ter me arrancado da decadência do meu meio!”.

Nos dias em que sou interrogado, respondo de um fôlego só, com voz forte, em um alemão perfeito:

– Eu me chamo Konrad! Nasci no dia 20 de abril de 1936! Não tenho pais, exceto o Führer, meu pai e meu guia, e a Alemanha, minha mãe pátria!

A professora manda então que meus colegas me aplaudam. Durante a hora que se segue, eles devem repetir depois de mim todas as novas palavras alemãs da agenda do dia, esforçando-se para não falar mais um alemão rudimentar – que eu bem que gosto, é engraçado – e para se livrar do sotaque. Não se diz: “Sou contente adotado por alemã família”, mas: “Estou contente por ter sido adotado por uma família alemã”.

Depois de um recreio curto, durante o qual é proibido falar em polonês, sob pena de passar pelo poste ou pela Capela, voltamos para a classe. Dependendo do dia, estudamos história, aritmética ou canto. Em história, devemos colorir em rosa num mapa todos os países que já fazem parte do Reich, e em verde aqueles que em breve farão. Fácil! Rosa: a Polônia, a Ucrânia, a Iugoslávia, a França, a Bélgica, Luxemburgo, os Países Baixos, a Noruega, a Dinamarca, a Suécia, a Grécia. Verde: a Rússia, a África do Norte. Para não se atrapalhar, existe uma manha: pintar de verde todos os países que não foram coloridos em rosa e pronto.

Em aritmética, devemos resolver problemas, como: *Para seu aniversário,*

a mãe de Helmut encomendou um bolo. Sabendo que, durante a noite, a confeitaria foi roubada por judeus que levaram três quartos do bolo, quanto sobrará do bolo para a festa de Helmut? O resultado é evidente, em todo caso para mim, que já fazia esse tipo de exercício com *Frau* Lotte em Poznan. Para o coitado do Helmut, sobra apenas um quarto do bolo.

Em certos dias, nada de aula, mas prova surpresa. Com a ajuda de desenhos, devemos reconhecer as diferentes patentes dos uniformes da SS. Meus coleguinhas entram em pânico nessas ocasiões, enquanto eu respondo a todas as questões num piscar de olhos. Eu conheço as patentes da SS de cor desde que era bebê.

O final da manhã é consagrado ao desfile em passo de ganso diante de Johanna Sander. À tarde, os que receberam punição executam seus castigos, tarefas penosas; os outros fazem trabalhos de jardinagem ou de marcenaria.

E é isso! O dia acabou. Depois de um jantar frugal, apagam-se as luzes. E fazemos naninha.

O QUE MAIS ME DÁ prazer em Kalish é o recreio no pátio, a companhia dos coleguinhas.

Gosto muito deles. Sinto-me bem entre eles, que não demoraram a perceber que eu era o melhor, o chefe, o modelo a ser seguido. Eles me veem sorrindo, portanto estou bem – não sabem que recebo rações suplementares de alimentação –, eles constataam que meu conhecimento das matérias que nos ensinam me livra das surras e dos castigos, então, muito naturalmente, dizem a si mesmos que, ao me imitar, eles podem tornar a vida mais suportável e abreviar seu sofrimento. Basta que aprendam as lições.

Assim mesmo, de vez em quando, alguns, intrigados com meu comportamento, sentem a necessidade de me interrogar longe da presença da professora.

– Verdade, Konrad? Você jamais pensa em sua mãe? Você nunca mais falou polonês? Não tem vontade de chorar e de morrer? – me perguntam eles.

Como resposta, me ponho a recitar um longo relato que invento pela metade. Para que acreditem numa mentira, descobri que é preciso juntar-lhe alguns elementos de verdade. Então, pego a história que Josefa me contou um montão de vezes quando eu estava no *Heim*, meu sequestro pela puta dissidente, meu cativeiro numa caverna, e eu a conto do meu modo.

Respondo a meus camaradinhas: sim, às vezes penso em *mamo* – eu

semeio meu relato com algumas palavras em polonês para torná-lo mais autêntico –, mas essa *mamo* não tem mais rosto. Conto que nós dois estávamos numa caverna para nos proteger dos bombardeios, em Varsóvia, e que *mamo* foi atingida, que ela morreu e eu fiquei três dias entre seus braços rígidos como ganchos, sem beber nem comer. Eu teria morrido se uma enfermeira alemã, Josefa, não tivesse me encontrado e levado ao doutor Ebner. Quando pronuncio o nome do doutor Ebner, meus colegas têm um movimento de recuo e seus olhos enchem-se de pavor. Logo eu me apresso a acrescentar: o doutor Ebner tem um ar sinistro com sua cabeça calva, a veia grossa na têmpora e os olhos gelados, mas na verdade ele é muito gentil. É, sobretudo, um excelente doutor, porque me curou de desidratação quando eu ainda era bebê. Termino dizendo que não é tão difícil esquecer sua *mamo*, eu sou a prova!

Quando acabo o relato, meus camaradas me olham com olhar de assombro e admiração, e eles exclamam:

– Coitadinho do Konrad bebê! Você sofreu muito!... Alguns alemães gentis, será que isso é possível?

Resultado: os alunos da minha classe fazem enormes progressos e vão rapidamente para a adoção. Chegam novos. E eu começo, mais uma vez, a ajudá-los.

ENTRE AS MATÉRIAS que nos ensinam e as atividades obrigatórias, algumas eu amo, outras eu detesto. (Creio que é assim em todas as escolas, não é uma particularidade de Kalish.)

Minhas atividades preferidas, em ordem crescente:

A ginástica de manhã. Gostaria que as sessões fossem mais longas, mais difíceis, que, por exemplo, houvesse corridas de obstáculos como aquelas que os maiores fazem. Corro rápido e tenho boa resistência.

Marchar em passo de ganso. Adoro isso. Exceto que é ridículo marchar em passo de ganso quando se está vestido de calções curtos e meias soquete. Seria preciso um uniforme. Uma arma na cintura.

Do que não gosto:

Arrumar minha cama. Em Poznan, *Frau* Lotte não me obrigava nunca a arrumar a cama, uma prisioneira polonesa que fazia a limpeza da casa se encarregava disso. Na maior parte do tempo, eu me viro para passar a tarefa para meu vizinho de dormitório, Wolfgang (ex-Wojciej). Em troca, eu deixo

que ele copie de mim durante as provas surpresa ou passo para ele debaixo da mesa o meu café da manhã. (O que não me causa nenhum problema, já que, como BPFP, posso ir à cozinha a qualquer momento pedir uma porção extra).

História e matemática. O nível é muito fraco na minha classe. Posso marcar as respostas de olhos fechados, enquanto me entedio e fico babando de boca aberta. Além do que não suporto ficar fechado em uma sala a manhã inteira.

O que detesto acima de tudo: deitar cedo à noite. Não consigo me acostumar.

ÀS VEZES TENHO vontade de não ser a criança modelo. Acho que isso estimula muito pouco minha *Draufgängertum*. Corro o risco de me tornar um fraco. Então faço uma besteira muito grande. De repente, me ponho a falar em polonês, alto e forte. Ou, na classe, respondo atravessado. Nos mapas, pinto em verde o que devia ser rosa, ou pior, deixo em branco os países que devem ser invadidos pela Alemanha. Eu me ponho a falar num alemão rudimentar, canto desafinado, troco as palavras do *Horste Wessel Lied*. Em lugar de: “A rua livre para os batalhões marrons”, canto: “para os batalhões vermelhos”.

As *Aufseherinnen* e as professoras ficam furiosas nesses casos e tentadas a usar o chicote, isso lhes dá comichão, elas ficam vermelhas, roxas, começam a gaguejar, pretextando que devo estar cansado, e resistem à tentativa de me arrebentar. Ou se vingam em qualquer outro menino. Ora, um dia conseguirei acabar com uma delas!

A PESSOA QUE EU ODEIO de verdade, ainda mais que o fato de me deitar cedo, é *Frau Sander*. A diretora.

Por causa dela, fiquei mal da barriga vários dias. Não a dor de barriga causada pela alimentação horrorosa que nos dão no refeitório. (BPFP come bem, melhor do que os outros.) O mal-estar na barriga típico de uma *perturbação psicológica*. Aquela doença contra a qual pensei estar imunizado.

Isso aconteceu em uma manhã, exatamente antes da concentração no pátio. Eu andava ao lado de Wolfgang, meu vizinho de dormitório, que se tornou meu amigo. Diante de nós, a certa distância, um SS cruzou o pátio. De repente, ouço um estalido seco. Wolfgang desaba. Sinto que alguma coisa

espirra no meu rosto, um líquido quente e pegajoso. Vejo em seguida a cor vermelha na minha camisa, nas minhas calças. No chão, vermelho também. Que sai da cabeça de Wolfgang. Um filete que rapidamente se transforma numa poça. Compreendo que se trata de sangue. Entendo que o estalido seco há pouco foi um tiro. Compreendo que Wolfgang está *morto*.

Tot. Kaputt.

De início, acho que foi o SS quem o matou. Mas não. Ele nem parou quando passou por nós. Ele carregava uma pilha de dossiês e não poderia ter atirado. E já estava na outra extremidade do pátio. O tiro – meus ouvidos se lembram disso e me dizem – partiu do alto. Levanto a cabeça e vejo *Frau Sander*, na janela de sua sala, que repõe sua Luger no coldre e se debruça no parapeito para terminar seu cigarro.

Foi ela que atirou uma bala na cabeça de Wolfgang. Porque, ao vigiar o pátio como faz todas as manhãs, ela percebeu que Wolfgang não tinha saudado corretamente o SS de acordo com sua patente. Da janela, viu que ele não estendia o braço. Ela *viu* Wolfgang, mas não o *ouviu*.

– Konrad! – ele me disse antes de ser abatido. – Não sei se devo saudar um oficial a partir de uma estrela e uma divisa ou de duas estrelas!

Não tive tempo de lhe responder que era a partir de uma estrela e uma divisa, os ornamentos do uniforme do *Scharführer* que vinha na nossa direção. Wolfgang teve um branco na memória, justamente naquele momento. Enquanto na véspera, na prova surpresa, ele tinha acertado tudo. Sem mesmo copiar de mim.

Essa falha da memória lhe custou um tiro na cabeça.

NAQUELA NOITE, no dormitório, tive ainda mais dificuldade para dormir. Depois de as luzes se apagarem, eu tinha o costume de recitar para Wolfgang a lista de estrelas e de divisas com as patentes correspondentes. Isso o ajudava, era uma garantia para ele em caso de prova no dia seguinte, e para mim, a lenga-lenga da recitação me ajudava a adormecer. Dava mais resultado do que contar carneirinhos.

A cama vazia ao meu lado me deu dor na barriga. E a dor na barriga me lembrou aquela que eu tinha sofrido na casa de Poznan, depois do desaparecimento de Bibiana. Eu achava que tinha esquecido Bibiana, e eis que me lembro dela. Seu rosto surge de repente em um dos nichos do meu cérebro. O rosto dela se associa à dor na barriga. E como as lembranças

voltam em cascata, eu me recordo da terrível dor na barriga que tive uma época, no *Heim* de Steinhöring. Exceto que nenhum rosto está associado a ela. Está muito distante.

Já vi os SS fuzilarem poloneses quando eu brincava de *sniper* na casa bombardeada de Poznan. Mas era da janela do sótão, no último andar. De longe, os poloneses e os soldados pareciam muito pequenos, como brinquedinhos. O sangue que espirrava nas paredes parecia uma pintura.

O sangue não espirrava em mim.

Em Poznan, *Frau* Lotte tinha me tirado rapidamente da sala para que eu não visse a bala se alojar na nuca de Bibiana. Mas a que se alojou na testa de Wolfgang, eu a vi bem de perto.

Tive pesadelos duas noites seguidas. Sonhei que a cabeça de Bibiana com seu buraco na nuca ficava sobre o corpo de Wolfgang. Sonhava que a cabeça de Wolfgang com seu buraco na testa se encaixava no corpo de Bibiana. Sonhava que minha cabeça tinha um buraco na nuca e um buraco na testa.

E fiz xixi na cama. Duas vezes seguidas. Sem ser punido pela *Aufseherin*, já que BFP não pode ser castigado. Mas, se alguma vez a *Aufseherin* me tivesse castigado, eu a teria matado. Eu faria mil buracos na cabeça dela!

Compreendi, durante as duas noites em que a cama vizinha à minha ficou vazia, que as lembranças não são tão fáceis de apagar. Mesmo com o tempo intensamente ocupado de Kalish. Mesmo quando se tem um crânio dolococéfalo.

A CAMA AO MEU lado já está ocupada. Wolfgang foi substituído rapidamente.

A dor na barriga passou, mas não a vontade de retardar minha hora de dormir. Meu novo vizinho, derrubado pelo ritmo de Kalish, dorme como uma pedra, assim que põe a cabeça no travesseiro.

Enquanto isso, eu me entedio.

Então me vem uma ideia. Que trabalho já há algum tempo.

As meninas.

Ficamos separados delas. Nós as vemos quando descem dos caminhões e, depois, puf! elas desaparecem. Mas sei que elas são selecionadas antes de irem embora. Aqui. À noite. Sei que ficam completamente nuas para as seleções.

Eu me levanto e vou ao encontro da *Aufseherin*. Não lhe digo que tenho a intenção de espionar as meninas nuas, claro, apenas que preciso falar com o doutor Ebner. Já é tarde, a *Aufseherin*, contrariada, franze as sobrancelhas, hesita, mas acaba me deixando passar.

Ela não tem escolha. Sempre se deixa passar o BFPF, sobretudo quando ele menciona seu protetor, o doutor Ebner. Sobretudo depois da morte de Wolfgang. Porque, desde aquele dia, o BFPF trata as *Aufseherinen* como merda. Ele as denuncia quando elas vão fumar escondido. Ele as delata quando vão se encontrar secretamente com os soldados atrás do muro. Quando elas roubam mantimentos. Quando, durante seu intervalo, elas desligam o rádio durante a transmissão de um discurso do nosso Führer. O BFPF as denuncia a toda hora, mesmo que elas não infringam o regulamento. O BFPF não hesita em mentir. O BFPF sabe que a delação é incentivada pelo Führer.

AS SELEÇÕES DOS NOVOS são feitas em duas salas, no subsolo do prédio, uma para os meninos, uma para as meninas. Quando peço ao doutor Ebner permissão para permanecer com ele na sala dos meninos, ele parece surpreso com meu pedido, mas não coloca obstáculos. Meu comportamento é exemplar, Johanna Sander confirmou isso para ele, tenho uma influência muito boa sobre meus camaradas. De vez em quando me comporto mal, mas é uma exceção e, por outro lado, esses desvios contribuem para me fazer passar por um polaquinho de verdade aos olhos dos meus colegas. Continuo a não dormir bem, meus passeios noturnos aborrecem o pessoal, mas, afinal, a insônia não é uma característica dos caracteres fortes?... Minha presença em uma seleção pode ser útil. Os novos chegam – sujos e acabados depois de uma longa viagem de trem onde foram empilhados em vagões superlotados – e podem ver em carne e osso o que Kalish vai fazer deles daqui a algumas semanas: uma bela criança cheia de vida, com as bochechas rosadas, os cabelos limpos, roupas impecáveis. (Nenhum vestígio mais do sangue de Wolfgang nas bochechas e nas roupas do BFPF, que exhibe novamente sua linda cara de anjo.) Para tranquilizá-los, acalmar sua angústia, eliminar seu pânico.

Herr Ebner aceita meu pedido, com a condição de que eu fique num canto e não atrapalhe o andamento das operações.

Concordo. Prometo que ficarei quieto como uma estátua. Sento-me num banquinho que ele me indica e me comporto tão discretamente que, depois de certo tempo, ninguém percebe que passo para a sala ao lado.

NÃO ME DECEPCIONO. Há muitas meninas! Loiras. Olhos azuis. (Eu nem deveria mais mencionar isso.) Com 10 a 12 anos de idade. E é bem o que eu imaginava: elas estão completamente nuas! São as grandes que me interessam, não as fedelhinhas que choramingam quando alguém toma delas o urso de pelúcia ou o brinquedo que tinham conseguido guardar desde o momento em que foram levadas.

As grandes também choramingam, porque uma *Aufseherin*, com um golpe de bastão – bem leve, o golpe, apenas uma encostadinha, não é preciso assustá-las bem na hora da seleção –, as obriga a abaixar os braços que elas cruzam sobre o peito para cobri-lo. Não vejo por que elas fazem tanta questão. Não têm nada para esconder. Apenas seiozinhos nascentes, mais ou

menos acentuados em algumas, mas que, no conjunto, parecem mais uma saliência de carne do que seios.

O engraçado é que elas obedecem abaixando os braços e, em seguida, colocam as mãos na parte de baixo da barriga para esconder também o que elas têm lá. E, zapt! um novo golpe as obriga a ficar com os braços longe do corpo! Descubro que, embaixo, também, elas não têm muito a esconder. Nem mesmo pelos! Nem a sombra de uma penugem! Nada, apenas a fenda que se desenha entre duas porções de carne rosa. Sei muito bem o que há lá, nas mulheres. Eu vi nas putas de Poznan quando elas tiravam a roupa para se acasalar com os SS. Há um tufo grande de pelos. Debaixo dele, uma grande fenda que estica como um elástico e se abre para deixar entrar o sexo dos SS.

As meninas passam diante de uma primeira *Frau* de blusa branca. Com um metro, ela as mede. Cabeça. Quadris. Bacia. Para algumas, isso se dá rapidamente. “Má impressão!”, diz a *Frau* antes de passar para a seguinte. Habitudo como estou com as locuções em código, compreendo logo que essa é uma delas. “Má impressão” quer dizer “Não ficaremos com ela”, tradução: “Deve ser morta”, ou, na melhor hipótese, “Deve ser transferida para um campo”.

Em compensação, aquelas que dão “Boa impressão” (= “Ficaremos com ela”) passam para uma segunda *Frau* de blusa branca, que lhes tira uma foto. Foto do corpo, sobretudo do peito, da bacia e das nádegas, e foto do rosto, de frente e de perfil. A partir daí – decididamente, é bem complicado –, separam-se as meninas que causaram “Boa impressão” em duas filas. Uma fila que parte imediatamente para a *Heimschule* de Illenau, uma escola como Kalish, mas só para meninas. Lá, elas serão germanizadas, como acontece com meus coleguinhas, e adotadas em seguida por uma família alemã.

As meninas da outra fila passam diante de uma terceira *Frau* de blusa branca. Ela começa por tocar-lhes os seios. Ela os apalpa, aperta-os, puxa--os, empurra-os para dentro, e também os mede. Como se conseguisse assim adivinhar qual a forma que terão mais tarde: grandes, pequenos, arredondados, em formato de pera ou, ainda, como ovo frito? Darão muito leite? Pouco?

Depois, ela as estende sobre uma mesa, mede novamente a bacia para verificar o número dito pouco antes por sua colega e separa suas pernas.

Para olhar sua fenda.

As meninas entram em pânico nesse momento. Começam a chorar, a

gritar, e suas pernas tremem tanto que uma *Aufseherin* vem em socorro para imobilizá-las. Elas têm medo que a *Frau* enfie em suas fendas a lanterna que ela tem nas mãos para examiná-las. Mas ela não faz isso. Evidentemente! Não se enfia uma lanterna em uma fenda! Aí só se enfia o sexo. Um sexo de SS. É isso que pode entrar aí, eu vi em Poznan.

Uma vez terminado o exame sobre a mesa, a *Frau* diz outra frase em código: “Boa para reprodução para a causa do Führer”. (Fácil de compreender o que isso quer dizer, o código é verdadeiramente explícito. Pelo menos para mim.) Por fim, as meninas passam por uma quarta *Frau* de blusa branca que, com o auxílio de um instrumento que lembra um lápis comprido, e de onde sai uma fumacinha, lhes faz uma tatuagem. Ela lhes desenha uma espécie de pastilha no antebraço e na nuca. Isso não parece ser muito doloroso. As meninas gritam antes de ser tatuadas, debatem-se para se livrar da *Aufseherin* que as segura com força, mas, no momento em que o lápis as tatua, elas não gritam mais, não tremem mais.

Preciso pensar um pouco. Qualquer coisa me escapa. Qual é a diferença entre as meninas com pastilhas e as outras? Com pastilhas ou sem, todas vão para Illenau e são inscritas no registro das adoções. Essa maldita pastilha deve servir para alguma coisa, uma utilidade particular. É uma marca. Uma marca de reconhecimento... Eu me aproveito da confusão que uma menina faz antes de receber a pastilha – ela berra e se debate tanto que todas as *Frauen* se amontoam sobre ela para ajudar a *Aufseherin* – e me aproximo discretamente do registro de adoções... Lá, eu vejo que as que levam a pastilha são inscritas em uma coluna especial, com um número: 16.

O que será que isso quer dizer? Entendo as palavras em código, mas os números codificados... Bem, o melhor é raciocinar como se fosse um problema aritmético. Recapitulo os dados do enunciado: as meninas ganham a pastilha depois do exame da fenda, quando a *Frau* diz que sua fenda é “boa para a reprodução para a causa do Führer”...

É isso aí!

Dezesseis, isso quer dizer 16 anos. As meninas com pastilha são adotadas até a idade de 16 anos. Tempo para que cresçam, tempo para que suas fendas alarguem-se suficientemente para que o sexo de um SS possa entrar ali. Sem dúvida! Aos 16 anos, elas são acasaladas com os SS e fazem bebês. Lindos bebês loiros de olhos azuis. Presentes para o Führer. Como eu!

Seguindo então com meu raciocínio, as meninas com pastilhas são as

futuras putas. Que vão fazer bebês *como eu*. Isso quer dizer que minha mãe – minha mãe biológica, aquela de quem me esqueci, com exceção da dor na barriga quando ela foi embora – também era uma puta?... É por isso que, quando a professora faz aquela pergunta na aula, sou o único a poder dizer que minha mãe era uma prostituta?... É possível. Isso pode explicar o fato de eu me entender tão bem com as putas de Poznan. Que elas adorassem me carregar no colo e me dar de beber champanhe... Sim, isso me parece muito provável.

Bem, nesse meio-tempo as meninas com pastilhas são apenas *futuras* putas. Sem seios. Sem pelos. Não se divertem. Não são engraçadas. O espetáculo não muda nunca. As medidas. As fotos. A mesa. A pastilha.

Estou cansado. É a primeira vez que fico raciocinando até tão tarde da noite. Acho que vou me deitar. Volto para a sala ao lado. Mas, antes que eu dê boa-noite para o doutor Ebner para ir dormir, paro congelado.

O cansaço vai embora. De repente. Nem pensar em ir para a cama. Volto para o meu banquinho.

E olho, com toda a minha atenção.

MEUS LINDOS OLHOS AZUIS, tão claros, se põem sobre um par de olhos não menos azuis, não menos claros. Fascinantes. Têm um olhar cruel, arrogante, não se vê nele a menor sombra de medo. Um verdadeiro olhar de fera jovem, prestes a mostrar os dentes, a rugir. Esse olhar, sozinho, diz em alto e bom som: “Estou cheio de vocês, por tudo que vocês são”.

Acima desse par de olhos, uma cabeleira cuja loirice não foi prejudicada pela sujeira e pelo suor. O menino a quem pertencem esses olhos e esses cabelos é grande. Adivinha-se que sua magreza é apenas temporária. Apesar de as costelas estarem salientes sob a pele, o desenho dos músculos das coxas e das pernas ainda é visível. Basta lhe darem durante alguns dias as mesmas porções de comida do BFP e ele retomará sua força natural. Ele é bem mais velho que eu, deve ter, não sei direito... 12 anos, talvez? É estranho como ele se parece comigo. Olhando-o, tenho a impressão de me ver diante de um espelho com alguns anos mais.

Este menino sou eu na idade dele.

Ele poderia ser meu irmão mais velho.

A tal ponto que eu me pergunto se a *Frau*-puta que o pôs no mundo e a minha não são a mesma pessoa. Deve haver um engano em alguma parte. Ou

o menino não é polonês, ou eu não sou alemão. Nesse caso, a historinha que gosto de contar aos colegas, à tarde, durante os trabalhos de jardinagem, poderia ser verdadeira? Não sei. Não sei mais. A única coisa de que tenho certeza é que *eu o quero perto de mim. Ele deve se sair bem na seleção* para que nós não fiquemos separados. É a primeira vez que compreendo por que, na estação de Poznan, as crianças gritavam tanto para não serem separadas de seus irmãos, por que ainda aqui, sujeitos a receber chicotadas ou a passar pela Capela, os irmãos tentam a todo custo se ver, se encontrar, trocar uma palavra.

A SELEÇÃO SE DESENROLA quase do mesmo modo que acontece com as meninas. Os meninos também estão nus. Mas não os estendem sobre uma mesa para examiná-los com uma lanterna. (A vantagem de ter um pipi que pende do lado de fora, e nada do lado de dentro.) O que não impede, assim que ficam nus, que os mais velhos tenham o mesmo reflexo das meninas. Eles põem a mão sobre o pipi para escondê-lo. Todos, exceto o garoto de olhar cruel. Ele não se importa de exibir seu pipi, e faz bem, isso o livra de receber umas bordoadas.

Um primeiro médico (há dois oficiais de camisa branca além do *Herr Ebner*) mede os meninos. Crânio. Pescoço. Tórax. Pernas. Braços. Seguem-se as frases em código. São diferentes daquelas usadas para as meninas. Aqui, diz-se que “os garotos representam um aumento desejável da população”, “um aumento tolerável”, ou, então, que eles são “indesejáveis”. Fácil. Dispensa tradução.

O menino com o olhar cruel é classificado entre os “desejáveis”. Ufa! Uma primeira etapa foi vencida! Isso me parecia evidente, bastava olhá-lo, mas nunca se sabe, as medidas são traiçoeiras, devem corresponder a uma escala bem precisa. Ele é fotografado e depois encaminhado para o segundo doutor. Eu gostaria que ele fosse examinado por *Herr Ebner* pessoalmente, mas, sentado à sua mesa, ele não participa diretamente da seleção. Ele se contenta em supervisionar e dar um novo nome e uma data de nascimento àqueles que foram escolhidos. Morro de vontade de lhe dizer para vigiar seu colega, ou, melhor, de se levantar e ir ele mesmo examinar o garoto de olhar cruel. O doutor Ebner é infalível, é incomparável para reconhecer os melhores representantes da raça nórdica! Tenho vontade também de ir até o garoto e dizer-lhe:

– Não tenha medo, você chega lá, eu também passei por isso. Eu também fui medido e examinado, desde meu nascimento, depois durante meu crescimento. Você vai se sair bem.

Mas o menino não parece estar com medo. Nada se mexe em seu rosto, nem um músculo, parece estar de máscara.

O médico examina o pênis dele. Mede o comprimento desde o alto, a largura passando uma fita em volta, afasta a pele para deixar aparecer a glândula, que ele apalpa longamente. Ele a aperta, a achata, como se quisesse julgar sua elasticidade. Apalpa em seguida as duas bolas que a ladeiam. (Os colhões, é como se chamam.) Ele as sopesa para ver se estão bem colocadas. Ou, talvez, também para imaginar, como os seios das meninas, se serão grandes, mais tarde, ou encolhidas. Os outros meninos, constrangidos, assustados com esse exame, tremem, recuam, tentando se subtrair a esses dedos que os manipulam sem respeito.

Mas o menino de olhar cruel, não, nem um pouco. Ao contrário. Pela primeira vez, os músculos de seu rosto se distendem, ele não mantém mais os maxilares cerrados um contra o outro, mas entreabre levemente a boca, enquanto os lábios esboçam um sorriso. Os olhos – seus lindos olhos azuis, tão claros, tão fascinantes – se iluminam enquanto fixam o médico inclinado sobre seu pipi. Jamais uma criança, fosse menino ou menina, havia sorrido durante uma seleção. Muito menos ainda naquele momento do exame! O que acontece com ele?! Será que, por acaso... isso lhe provoca... coisas? Como os SS de Poznan, quando as putas ficavam com os pipis deles nas mãos? Eles tinham ar de quem estava adorando aquilo, eles lhes pediam para não parar... Alguma coisa está errada! O médico é um homem, não uma puta... Ah, é isso! Compreendi! Esse menino que tomei por uma fera jovem, por... meu irmão mais velho... é apenas um... homossexual! Um pederasta! Um pederastazinho sujo! Ah, não! Que decepção! O Führer detesta os homossexuais! Os homossexuais recebem um triângulo cor-de-rosa e depois são enviados para um campo! O menino é maldito, MALDITO!

NÃO. EU ME ENGANEI. Se o menino sorri assim, não é porque isso lhe provoque coisas quando lhe mexem no pipi e nas bolas. É apenas porque... porque ele está fazendo xixi nas mãos do doutor. Não se trata de uma escapadinha involuntária. É uma mijada intencional. Um belo jato de urina

desenhando uma curva perfeita. Um jato possante que atinge não somente as mãos do médico, mas seu rosto, já que ele estava inclinado sobre o pipi.

Quero dar risada! Ah, sim, sinto um ataque de riso se aproximando, mas ele é logo sufocado pelo medo.

Eles vão espancá-lo. Vão arreventá-lo. Vão quebrar a linda cara de anjo. Ele vai ficar completamente desfigurado! O médico que recebeu em pleno rosto a mijada está de tal modo furioso que acerta um murro tão violento no menino, que o derruba no chão. Agora, sangue espirra do menino. O nariz, fraturado, sangra abundantemente. O lábio está partido. E como ele ainda exhibe seu sorrisinho irônico, o oficial lhe dá um chute – com a bota – em pleno rosto. Na altura dos olhos, dos lindos olhos azuis, tão claros, tão fascinantes! Que não vão ser mais os mesmos. O olho direito começa a empolar, as pálpebras estão inchadas, as maçãs do rosto estão afundadas. Amaldiçoando e xingando o menino – “Cão danado! Bostinha! Verme polaco!” –, o oficial faz um sinal para o soldado postado diante da porta. Sei o que isso quer dizer, esse código: “Levem-no!”, “Matem-no!”.

Não! Não quero que matem esse garoto!

No momento em que me preparo para saltar do meu banquinho para ir até o doutor Ebner para que intervenha, ele mesmo, com um gesto, detém o soldado que já trazia o garoto puxado pelos cabelos. Manda todos se calarem e pede ao médico que lhe dê a folha em que anotou as medidas do pipi que mijou.

Contanto que as medidas sejam boas! Eu faço um esforço para me convencer de que não existe nenhuma razão de preocupação por esse lado. É bonito, o pipi dele! E seus colhões também! Estão bem posicionados! Já são bem grandes! Além disso, não é possível que o doutor Ebner não tenha notado a semelhança entre mim e esse menino. É um “desejável” da melhor qualidade. Não se pode matá-lo apenas porque fez xixi em um oficial. (Tento afastar a lembrança de Wolfgang, morto por uma falta bem menos grave.)

Ebner observa longamente o menino, estendido no chão, grogue, atordoados depois dos golpes que recebeu. Meu coração bate descompassado. Ele devia tê-lo observado antes, quando o nariz não estava sangrando, quando as pálpebras não estavam inchadas. Ele não se parece com mais nada agora, pelo menos não comigo.

Espero o veredicto do doutor Ebner. Sinto um formigamento correndo pelos braços e pelas pernas, até a ponta dos dedos, dos artelhos, respiro com

difficuldade, meu peito se agita num ritmo cada vez mais rápido. Fecho os punhos com tanta força que minhas unhas se enterram nas palmas das mãos. Tenho vontade de quebrar a cara do oficial. Tenho vontade de quebrar a cara do doutor Ebner se seu veredicto for negativo. Ou melhor: o revólver que o soldado leva na cintura, será que eu teria tempo para pegá-lo? Sim, certamente. Eu sou rápido. Aprendi aqui mesmo a correr bem depressa. Uma vez com o revólver nas mãos, atiraria sobre tudo o que se mexesse.

O silêncio se eterniza. Eu me dou ainda três segundos de espera, nada mais. Então, enfim, o doutor manda que o soldado não leve o menino para fora, mas que o conduza até a *Aufseherin* encarregada das roupas limpas, para que ele tome um lugar na fila, diante da sua escrivaninha.

O incidente está encerrado. Todos retomam seus lugares. E eu, minha respiração. Minha calma.

Está ganho. O menino precisa apenas esperar sua vez. Assim que tiver um nome e uma data de nascimento, ele irá para o dormitório dos grandes, onde irei encontrá-lo.

Eu me apresso em saber que nome vão lhe dar.

Quando chega a vez dele, o doutor Ebner consulta rapidamente as informações referentes a ele, tanto o nome (polonês) quanto a data do nascimento; então, depois de uma breve reflexão, dita para a secretária:

– Lukas. Nascido em 18 de março de 1932.

Lukas. Lukas, com K, como Konrad, como o aço de Krupp. Escolha excelente! Adoro este nome! Em compensação, quanto à data de nascimento... Faço rapidamente a conta de cabeça. $1942 - 1932 = 10$. Lukas não tem 10 anos, ele tem mais dois, pelo menos. O doutor Ebner sabe disso perfeitamente, mas sabe também que as famílias alemãs não adotam crianças com mais de 10 anos. Essa data de nascimento falsificada confirma que o doutor Ebner aprecia Lukas. Ele sabe que o garoto dará um perfeito adolescente alemão. Um magnífico *Jungman*.

Exceto que...

– *Mam na imie Lucjan! A nie Lukas! Jestem Polakiem! A nie Niemcem! Cretino! Idiota! Que deu em você? O que é que você tem na cabeça?*

“Eu me chamo Lucjan! Não me chamo Lukas! Sou polonês, não sou alemão!” Foi isso que o garoto gritou. Alto e forte. Olhando bem nos olhos do doutor Ebner.

A *Aufseherin* levanta rapidamente o chicote e lhe dá um primeiro golpe. O

garoto não liga e repete a frase.

Segunda chicotada. Que o derruba no chão, como o murro do oficial havia feito antes. Ainda assim, ele levanta a cabeça.

– *Lucjan! Mam na imie Lucjan!*

Terceira chicotada. Suas roupas novas estão em frangalhos. A pele, por baixo, também. Ela está riscada com três longas marcas vermelhas, de onde o sangue verte.

Quarta chicotada.

ESTA, FUI EU QUE LEVEI. Porque enfim pulei do meu banquinho. E me joguei em cima de Lukas.

NÃO RECEBO DE LUKAS uma palavra sequer de agradecimento quando somos transferidos para a enfermaria. E, no entanto, levei muitas das chicotadas destinadas a ele. Eu saboreei! A *Aufseherin* estava descontrolada. Na sua fúria, exaltada, no gosto que sentia em bater, e bater de novo, e mais uma vez, ela não viu que estava batendo no BPFP em pessoa. Que a pele – branca, perfeita, amostra da raça superior – que ela chicoteava e lacerava sem dó, era a mesma que o Führer, uma vez, tinha acariciado com a própria mão. Mesmo o doutor Ebner levou tempo para me reconhecer. (Como eu tinha saído discretamente para ir ver as meninas, ele achava que eu tinha ido embora fazia muito tempo.)

O chicote no BPFP.

Sacrilégio!

BPFP estava mal. BPFP perdeu a consciência. BPFP pensou que ia morrer.

Entretanto, nenhuma palavra na enfermaria quando, depois de recobrar a consciência, Lukas e eu estamos estendidos de barriga para baixo, incapazes de nos mexer sem que tenhamos a impressão de que nossas costas vão se quebrar em mil pedaços. Incapazes de articular qualquer coisa além de longos gemidos de dor. Como dois velhinhos semiparalisados.

Nada muda quando nossos ferimentos saram e deixamos a enfermaria. Lukas para integrar o grupo dos maiores, eu para voltar ao meu. Meus colegas, ao menos eles, me recebem como herói.

– Bravo, Konrad! Você é realmente corajoso! Konrad, pequeno, mas muito forte! Verdadeiramente, muito, muito resistente para não ter morrido sob o chicote da puta da *Aufseherin*!

Em outras circunstâncias, essas palavras me encheriam de orgulho. Neste momento, não. Não tenho necessidade do reconhecimento deles. Eu quero o de Lukas. Que ele não tenha me agradecido, ainda deixo passar. (Os

poloneses são realmente porcos para educar tão mal seus filhos.) Mas, se pelo menos ele falasse comigo! Que me dissesse qualquer coisa! Mesmo *Gowno!* (“Merda!”). Tentei abordá-lo nos dias que se seguiram, sem sucesso, ele nem me vê. O olhar dele passa por cima de mim, como se eu fosse um objeto postado no seu caminho, um cascalho, uma pedra, um obstáculo a contornar. Ele adota o mesmo comportamento com todo mundo. Isso pelo menos me acalma, tenho o consolo de saber que ele não age assim somente contra mim. No dormitório, na classe, nenhum menino conseguiu estabelecer o menor contato com ele. É como se tivesse a boca colada.

Entretanto, há momentos em que ele acha um meio de abri-la, a sua boca, sua boca enorme!

Na aula de história, por exemplo, quando ele decreta, de repente, numa linda manhã, olhando a professora bem nos olhos, que a entrada dos americanos na guerra vai virar o jogo e que, aliados aos europeus, eles acabarão pondo a Alemanha de joelhos. Quando ele afirma que a Alemanha não conseguirá jamais invadir a Rússia. (A professora, perto de sofrer um ataque de apoplexia, não encontra palavras para responder-lhe.) Quando, em vez de repetir as palavras do vocabulário alemão, ele grita sua tradução em polonês. Quando ele se põe a repetir seu antigo nome, Lucjan. Quando se recusa a marchar em passo de ganso. Em resumo, quando ele enfrenta sistemática e intencionalmente, sempre que tem oportunidade, o sacrossanto regulamento.

Ele recebe todas as tarefas, todas as punições, todos os castigos. Quase não vai mais à aula de manhã, passa o tempo limpando as latrinas e as lixeiras, quando não vacila sob o peso das caixas de abastecimento que descarrega, sozinho, sob a mira de um fuzil. É tão seguidamente amarrado ao poste no pátio, que agora parece que o lugar é reservado só para ele. Como também a Capela. Ele passa mais noites lá do que no dormitório.

No começo, eu o acho corajoso. Eu o admiro. Pode-se dizer que ele tem uma sagrada *Draufgängertum!* Mas não é mais coragem, é loucura. E ele me enlouquece na mesma ocasião. À noite, quando estou deitado na cama enquanto ele ainda está preso ao poste depois de ter passado ali o dia inteiro, transido de frio, com o estômago vazio, abandonado como um cão, agora que a noite caiu, digo para mim mesmo: “Esqueça-se dele! Deixe-o morrer! Vá pegar sua porção extra na cozinha, empanturre-se para passar o tempo, e volte para a cama! De manhã, ao amanhecer, o cadáver dele terá sumido...”. Mas

eu me levanto, deixo o dormitório e vou desamarrá-lo. É mais forte que eu. Eu o ajudo a atravessar o pátio, a subir as escadas, a chegar ao seu dormitório. Dou-lhe de comer – minha porção extra. Arrumo suas cobertas, como se ele fosse um bebê, e fico junto dele até que, esgotado, ele acaba dormindo.

Sem me dizer uma palavra.

É mais forte que eu, porque sei que, se o deixar morrer, terei ainda direito a mais uma crise daquela maldita perturbação-na-barriga-psicológica. Será uma dor na barriga monumental e, dessa vez, não vou me recuperar, vai me deixar prostrado.

Passam-se alguns dias. Lukas recupera as forças e recomeça. E eu de novo nessa tarefa ingrata. Ao amanhecer, vou até a Capela, onde a *Aufseherin*, depois de tê-lo obrigado a permanecer imóvel a noite inteira, depois de ter batido nele, o deixou estendido inconsciente no chão gelado.

Ele perde a soberba nesse momento. Febril, tremendo de frio, gemendo de dor, ele está muito fraco para se livrar dos meus braços. Então me aproveito disso. Eu o obrigo a beber um caldo quente, com toda a delicadeza, em pequenos goles, ou então lhe enfio na boca pedacinhos de pão que mastiguei para amolecer. Os papéis estão invertidos. Sou eu o irmão mais velho, e ele, o caçula indefeso. Que chora. Claro que ele chora, o que é que você acha? Ninguém aguenta apanhar e ser xingado indefinidamente sem se abater, sem verter todas as lágrimas de seu corpo! Quando geme e expele muco sangrento pelo nariz, ou quando a febre o faz delirar e ele enfim me dirige algumas palavras, incoerentes, apenas audíveis, eu o incentivo, lhe digo:

– Acalme-se! Estou aqui! Isso vai passar! Isso vai passar! Basta fazer o que eles mandam e eles o deixarão em paz!

Acrescento que no início também senti falta da minha mãe (você que o diga!), mas que acabei me conformando. Eu lhe conto minha história de bombardeio na caverna de Varsóvia, os dias que passei entre os braços do cadáver da minha mãe. Ele me escuta fixando seus grandes olhos azuis cheios de confusão nos meus, aperta minha mão com força. Imagino agora que a partida está ganha. Estou certo de que, do jeito que as coisas estão, nossa amizade, nossa fraternidade enfim está selada... Mas, quando ele vence a febre, acaba sempre por esboçar um sorriso irônico, gozador. Eu me sinto ferver de raiva. Tenho vontade de pegar o chicote que a *Aufseherin* deixou no chão e golpear com ele a sua boca para arrancar esse maldito sorriso.

– Eles vão matá-lo! Sabe disso? – eu lhe disse um dia, berrando. – Vão acabar por matá-lo. Já mataram por bem menos que isso.

E é verdade. Está diante do nariz dele. Está diante do *meu* nariz.

Pense bem, se eu o desamarro do poste, se vou buscá-lo na Capela, se levo comida para ele quando está sozinho, não é só na minha qualidade de BFPF. É porque o doutor Ebner deu ordens para me deixarem fazer isso. Ele quer saber até onde Lukas é capaz de ir. Uma espécie de teste, uma experiência sobre a resistência física de um adolescente. Para mais tarde, caso nossos soldados mais jovens entrem no combate.

EBNER ME CONVOCOU quando saí da enfermaria depois do incidente do chicote, na noite da seleção. Ele exigiu que eu explicasse as razões do meu ato cujas consequências poderiam ter sido *catastróficas*. (Ele insistiu nessa palavra!) O elemento modelo de Kalish se rebelando! É o cúmulo!

Eu lhe disse tudo o que tinha no coração. Sem titubear. Sem enrubescer. A mim também Kalish deixou mais forte, mais arrogante. A não ser que isso se deva ao fato de eu ter crescido.

Disse a Ebner que eu não tinha outra mãe exceto a Alemanha, outro pai que não fosse o Führer – a ladainha ritual –, exceto que acrescentei uma estrofe pessoal: daí para a frente, queria um irmão. *Tinha direito a um irmão de carne e osso. E esse era Lukas.*

Ebner refletiu por um longo momento, esfregando o indicador na veia grossa que latejava em sua testa.

– Tudo bem, Konrad, tudo bem! – ele me disse. – Quero mesmo lhe dar um irmão. Ainda mais que você tem razão, Lukas é um espécime magnífico. Uma semente da melhor qualidade que não foi plantada no lugar certo e que precisamos recuperar. Sua estada em Kalish acaba dentro de três semanas. Em seguida, você partirá para um destino que vou lhe comunicar no momento oportuno. Lukas poderá ir junto. Com a condição de que você consiga torná-lo um verdadeiro alemão daqui até lá. Você tem três semanas, nenhum dia a mais!

Aqui estou, no final das três semanas. Estou a ponto de conseguir, de ganhar minha aposta. Depois de dez passagens pelo poste e cinco noites na Capela – um verdadeiro recorde –, Lukas parece ter se acalmado.

Continua sem falar, nem comigo nem com os outros, mas não provoca mais qualquer incidente. Não infringe mais o regulamento. Aceita mesmo, de

manhã, marchar com passo de ganso. Com sua postura e elegância naturais, com a força que emana de sua silhueta mesmo emagrecida, ele atrai os olhares, inclusive o de Johanna Sander, que – excepcionalmente – lhe dirige algumas palavras de elogio.

Há porém uma artimanha nisso. Uma dissimulação.

Nessa noite mesmo, ele me atinge com o último golpe traiçoeiro.

Ele foge.

NINGUÉM SABIA DIZER como ele conseguiu escapar à vigilância dos soldados e dos cães, como escalou o muro sem ficar preso no arame farpado. Além disso, ninguém, exceto eu, se fez essas perguntas. A urgência era encontrá-lo. Uma verdadeira caçada humana foi organizada para capturá-lo. Uma batida de três dias e três noites por toda a redondeza. Em vão. Soldados e cães voltam babando.

Três noites em branco para mim. Três noites de pesadelo. Vejo Lukas despedaçado pelos cães que acabam por encontrá-lo. Que o devoram como um pedaço de carne qualquer. Eu me vejo reduzido à condição de um zumbi. Uma vez Lukas morto, eu não existo mais, fico amputado, não tenho mais nem braços nem pernas, não sou nada além do que um ventre torturado. Uma barriga-enorme-que-dói-atrozmente!

Chega o quarto dia. Durante a chamada da manhã, quando estamos todos reunidos no pátio, uma massa escura cai de repente de uma árvore e se esborracha no pavimento. O que é? Um corvo? Um gato morto? Uma bomba que vai explodir e nos arrebentar?... Nem corvo nem gato, mas de certa forma uma bomba, sim. É ele. É Lukas. Depois de ter dado a volta nos arredores de Kalish sem encontrar meios para se afastar suficientemente e fugir de verdade, ele se refugiou na árvore onde, no fim de suas forças, esgotado pela fome e pela sede, ele adormeceu.

Johanna Sander. A diretora. Ela está presente durante a chamada, e o destino quer que Lukas caia a seus pés. (Eu me pergunto mesmo se isso não foi de propósito, se ele não programou despencar diante dela para tentar assustá-la.) Surpresa, ela recua rapidamente, recupera a presença de espírito, lança um olhar breve sobre a coisa estendida no chão, como olharia um tomate podre que teria, ao se espatifar, ameaçado sujar seu belo uniforme. Essa imundície, no chão, não tem mais nenhuma relação com o adolescente cujo porte ela admirava quando ele marchava em passo de ganso, alguns dias

antes. Não passa de um dejetos do qual precisa se livrar. Daqui em diante, pouco lhe importam as ordens de Ebner, ela é a diretora de Kalish, e vai prová-lo, e já teve o suficiente desse cão sarnento polaco que semeia a desordem em seu estabelecimento.

Ela leva a mão à cintura para empunhar sua Luger.

– Não!

O grito vem da minha garganta. Possante. Ressoa no silêncio. Nada a ver com a vozinha aflautada com que cumprimentei *Frau* Sander na minha chegada. Até eu fico surpreso. Transtornada pelo ultraje, interrompe imediatamente seu gesto, enquanto me dirijo a ela com passo firme e seguro. Passo bem cadenciado, como ela gosta. Coloco-me em posição de sentido e lhe digo:

– Eu mesmo quero matá-lo!

O olhar de *Frau* Sander, cheio de cólera poucos segundos antes, quando percebe de quem partiu aquele grito que ousou opor-se a ela e de quem não tinha reconhecido o autor, se suaviza. Não somente ela reconhece o BFPF, mas toma consciência de que o BFPF, pelo teor do seu pedido, decidiu tirar a máscara diante de todos os seus pseudocamaradas e mostrar de qual tempera é feito. A mais dura. A melhor.

As crianças do Führer não têm medo de matar, seja qual for sua idade.

Ela não se engana. Estou prestes a ir até o fim. Estou prestes a matar Lukas. Devo fazer isso. Já que ele quer tanto morrer, que morra pela minha mão! Se for eu a matar Lukas, não sofrerei, não ficarei perturbado, não terei dores na barriga. Nunca mais terei dor na barriga. Terei construído definitivamente uma carapaça de aço Krupp.

Chegou o momento para o BFPF ser consagrado por um novo batismo. O de sangue.

Pego a Luger que *Frau* Sander estende para mim com um sorriso aberto, mostrando todos os dentes. Eu me viro para Lukas e miro. A cabeça. A testa. Como com Wolfgang. Bem lá onde, em alguns dos seus compatriotas sujos – não é o caso dele, já que, sabe-se lá por que razão, ele apresenta todas as características de um nórdico puro –, as sobrancelhas se encontram. Apenas um buraquinho, e tudo estará acabado, para ele e para mim. Nunca atirei com uma pistola de verdade, só brincava de *sniper*, mas não vou errar meu tiro, sei disso antes de atirar, o alvo está próximo. É uma brincadeira de criança.

Voltando a si depois do atordoamento provocado pela queda, Lukas

levanta para mim seus olhos, tão azuis, tão claros. Que, ainda, trazem um brilho de provocação.

“Você não é capaz!”, eles me dizem.

Claro que sou capaz. Chega, não posso suportar indefinidamente as humilhações e as afrontas que Lukas me fez sofrer desde sua chegada. Está na hora de pôr um fim nisso.

Ele adivinha minha determinação. Compreende que vou puxar o gatilho, meus dedos estão posicionados. Ele se encolhe rapidamente, rola sobre si mesmo e agarra meus pés para me desequilibrar. O tiro sai imediatamente antes que eu caia no chão. No vazio? Em uma criança? Um soldado? Na própria *Frau Sander*?... Não dá tempo para verificar. Rolamos no chão e lutamos como cães. Chutes, joelhadas, socos, mordidas, tudo vale. Em tempos normais, Lukas teria levado a melhor sobre mim, mas ele está enfraquecido pela fome, por todos os castigos que sofreu, pelos três dias de perambulação. Acho mesmo que, na queda, caindo da árvore, ele tenha quebrado o braço direito. Percebo isso pelo berro de dor que ele solta cada vez que o braço dele encosta no chão. Então me aproveito disso. Dou um jeito, sempre que posso, de me jogar sobre o braço quebrado. Se seus ossos estão trincados, estou decidido a reduzi-los a pedacinhos. Além disso, me aproveito da minha desvantagem – sou menor que ele –, e me enrolo como uma bola para me proteger de seus golpes, dou-lhe golpes de cabeça na barriga, levanto-me mais rápido e pulo em cima dele. Ele foi tão subalimentado nos últimos tempos que deve estar pesando o mesmo que eu. Quando fico a cavalo sobre ele, faço pressão sobre o peito e o impeço de respirar, aperto minhas pernas em volta do seu abdômen para prendê-lo como num torno. Arranho seu rosto com minhas unhas, tento cravá-las nos olhos dele. Sua juba loira, eu a puxo, tenho a impressão de que poderia arrancá-la como a um escalpo. Tenho um prazer louco em quebrar-lhe a cara. O efeito de espelho que experimentei na noite em que o vi pela primeira vez é multiplicado. Eu quebro sua linda cara de anjo. Eu quebro *minha* linda cara de anjo. Aquela que os serviços do *Lebensborn* produziram com tanto cuidado, com seleções, medidas, cálculos, fotos... Por seu lado, Lukas tenta colocar as mãos no meu pescoço para me estrangular. Por instantes, ele consegue, seus dedos chegam a encontrar o caminho, mas o braço quebrado o impede de fazer pressão suficiente para me asfixiar. E sabe o que mais?

Afinal consegui que ele soltasse a língua! Ele fala comigo. Em alemão, ainda por cima.

– Porquinho alemão de merda! – ele cochicha na minha orelha. (Meu rosto está encostado no dele, minha bochecha achatada contra a dele, tento mordê-lo.) – Você não é polonês! É protegido dos porcos nazistas! Eles mataram minha família! Você e os seus mataram minha família!

– Sim, com certeza sou alemão! – lhe respondo. (E cuspo nele, bem nos olhos para cegá-lo, para sujar esses olhos que não merecem ser azuis.) – Faço parte da raça dos senhores! Sou a criança preferida do nosso Führer! Tanto melhor que sua família esteja morta! Me agradeça porque vou ajudá-lo a se juntar a ela!

Depois, não estou mais em condições de entender o que ele me diz. Muita confusão. Gritos ressoam no pátio. Todo mundo está lá, à nossa volta, nos olhando. A raiva que nos inflama, a Lukas e a mim, comunica-se aos outros. O regulamento é esquecido. As crianças saíram das filas para formar um círculo em torno de nós. Uns tomam o partido de Lukas, outros, o meu. Alguns, sobretudo entre os menores, choram e nos pedem para parar. Os cães são mantidos na trela com firmeza. Os soldados não intervêm para nos separar. Muito pelo contrário. Eles também escolhem e incentivam seu favorito nesse combate mortal. Porque, se eu não conseguir matar Lukas, eles se encarregarão.

Apenas uma pessoa não se mexe. Não diz palavra. E entretanto se encontra na fileira da frente. Eu a percebo vagamente através da nuvem avermelhada de sangue que escorre do meu crânio e tolda meus olhos, quando, esgotado, arrasado, desmorono sobre o corpo de Lukas, que não reage mais. *Herr Doktor Ebner*. Ele também está lá, desde o começo.

Ele estava presente no meu nascimento. Foi ele que me trouxe ao mundo. Quando abri os olhos foi para ele que eu olhei. E é olhando para ele que vou fechá-los. O círculo se completa.

Matei Lukas e vou morrer.

NÃO ESTOU MORTO.

Estou na enfermaria.

O doutor Ebner está à minha cabeceira. Mais uma vez! Em que altura do dia nós estamos? Uma hora depois da luta? Um dia? Um mês? Um ano?... Não tenho a menor ideia.

Sinto dor em tudo. Meu corpo está moído. Tenho vontade de chorar. De berrar para poder respirar, para fazer entrar o ar que me falta. Como um bebê. Como quando Ebner me tirou do ventre da *Frau*-puta que me deu à luz.

Tento me levantar. Não é nada fácil me pôr em posição de sentido estando deitado. Com a impressão de estar privado de meus membros. Tenho ainda direito a um sermão... Dessa vez passei dos limites, serei devolvido de Kalish, não vão mais me confiar nenhuma missão. Etc. etc. etc. Não me importo com o que Ebner vai me dizer. Não me importo com mais nada, inclusive com ele. Além disso, já estou farto de ficar colado ao Ebner desde o início dessa vida maldita!

Mas seu discurso não tem nada a ver com as minhas suposições.

– *Jungmannen!* O corpo a corpo é uma das disciplinas essenciais ensinadas nas escolas de elite do Führer. O enfrentamento corpo a corpo livra os jovens futuros chefes do medo de acabar com uma vida. Vocês provaram, pelo seu combate, sua aptidão para integrar uma *Napola*. É uma grande honra para vocês. A *Napola* de Potsdam, perto de Berlim, vai recebê-los assim que seus ferimentos sararem. O que deve acontecer daqui a quatro dias.

Ele faz a saudação, bate os calcanhares e vai embora.

MEU CÉREBRO funciona lentamente. Não consigo atingir plenamente o sentido do que acabo de ouvir. Coloco a mão na testa e percebo que a minha

cabeça está envolta em bandagens. Esse curativo grosso deve certamente dificultar a circulação das informações no meu cérebro. Ou, então, de tanto ser golpeado, meu crânio não é mais dolicocefalo e fiquei idiota.

Tento recapitular o que Ebner disse. O modo como falou. Ele me felicitou em vez de me dar uma bronca. Ele anunciou que vou ser enviado para uma *Napola*, o que sempre sonhei. E não uma qualquer, mas uma das melhores, perto de Berlim, embora eu pudesse ir parar em uma daquelas que foram criadas nos territórios ocupados do Leste. Então, tudo bem, está bom assim. Está muito bom... Mas por que ele disse “vocês” e não “você”?... Será que já me considera um *Jungman* completo?... *Jungman*. Ele não disse *Jungman*. Ele disse *Jungmannen*. No plural.

Meu coração dá um salto dentro do peito. Eu me viro para a cama ao lado, apesar da dor que esse movimento provoca.

E vejo Lukas estirado nela.

Ele está com a cabeça envolta em faixas também, o rosto inchado, o braço direito engessado. Parece uma múmia. Sentado na cama, as costas confortavelmente apoiadas em um travesseiro, ele me olha, levanta a mão esquerda e acena. Oi.

– Eles acham que me domaram – ele me diz, indicando a porta que Ebner acabou de fechar. – Isso porque eu murmurei duas ou três frases em alemão. Não aprendi alemão com eles. Minha mãe falava essa língua correntemente.

Ele se interrompe, pega um prato colocado na mesinha de cabeceira e põe um pedaço de tocinho sobre uma fatia de pão, antes de acrescentar, mastigando sem nenhuma discrição:

– Vochê não she perguntou por que voltei e me eshcondi na árvore, quando podia ter eshcapado desha shhpelunca de mosshteiro?

Balancei a cabeça à guisa de resposta. Perdi minha voz ouvindo a dele.

Ele acabou de mastigar, engoliu. Arrotou ruidosamente.

– Voltei para procurar você, bobinho!

BOBINHO COMO VOCÊ.

Não ligo para o insulto. Estou acostumado com xingamentos, eu os ouço o dia inteiro, mesmo quando não se destinam a mim. De todo modo, os insultos valem mais do que o silêncio que Lukas me infligiu durante longos meses. O importante é o que ele disse antes de me chamar de bobinho.

Me procurar.

Voltou.

Para mim.

Ele voltou para me procurar.

Não acredito no que ouço e minha voz não se decide a se firmar.

– Tenho uma dívida com você – prossegue Lukas. – Isso é tudo. Não comece a sonhar! Uma vez quites, acabou, não teremos mais nada um com o outro!

Depois do pedaço de toicinho no pão, ele devora uma tigela de sopa, depois ataca uma maçã com uma valente dentada. O prato e a tigela vazios na minha mesinha indicam que ele devorou minha porção enquanto eu dormia. Tenho a impressão de que ele seria capaz de devorar os móveis – é preciso reconhecer que ele tem um atraso a repor. Estou com uma dor de cabeça atroz e o barulho da mastigação castiga meus tímpanos.

– O que é que você tem? Engoliu a língua? Já foi bem mais prosa.

Ele termina a maçã, comendo o miolo e os caroços, e cospe o talo no chão.

– O carecão, ainda há pouco, disse que vamos para uma *Napola*. O que é isso exatamente?

– É... uma escola. Uma escola excelente! (Ufa! Até que enfim recuperei a voz.) É lá que os melhores elementos da juventude alemã são formados para se tornar soldados e, mais tarde, os futuros dirigentes do Reich – respondo, orgulhoso das minhas palavras.

– Os melhores elementos da juventude alemã? – ele repete, limpando os dentes com as unhas.

– Sim. Os filhos dos oficiais superiores. É uma grande oportunidade para nós. Enfim... para você – esclareço com condescendência. – Para mim, é normal.

– Filhos dos oficiais da SS, então?

– Sim!

Ele não fala nada por um longo momento. Contenta-se em olhar para o teto.

– Então estamos encrencados – conclui. – Bem encrencados.

– Por quê?

– Porque sou judeu.

FICO SEM VOZ DE NOVO.

Pior que isso, totalmente paralisado.

Incapaz sequer de refletir.

Não sei o que dizer. O que pensar. Sinto tontura, enjoo, tenho a impressão de que o chão treme sob meus pés, que o mundo inteiro desmorona ao meu redor.

Judeu. Ele é judeu. Lukas.

Aquele que eu considerava como um irmão. A quem eu me esforcei por proteger. Por quem desprezei as regras mais elementares ditadas por nosso Führer. Por quem arrisquei a minha vida. Afinal, eu teria feito melhor se o tivesse deixado morrer.

Ele me olha fixamente, desfrutando da surpresa que havia me causado. Ele não tem vergonha do que acabou de dizer. Ao contrário, tem ar de quem se orgulha disso. Ele sorri. Ele me desafia afivelando de novo seu sorrisinho irônico, esse maldito, desgraçado, esse sorriso diabólico que ele me dirigia quando eu cuidava dele depois das torturas das *Aufseherinen*. E esse sorrisinho é ainda mais odioso hoje, em seus lábios, inchados, intumescidos e estriados de sangue seco.

– Então? O que é que vai fazer? – me pergunta num tom maroto. – Vai me denunciar?

– ...

– Sim? Não?

– ...

– Bom, enquanto você decide vou tirar um cochilo. Estou exausto!

Com essas palavras, ele se deita de lado, me dando as costas, e menos de um minuto depois eu o ouço roncar.

BASTARDO! VERME! RALÉ! PORCO!

Que ele seja polonês, até passa. Ebner mesmo disse: “Uma semente da melhor qualidade que não foi plantada no lugar certo”. Mas judeu, JUDEU!!! É demais! Um judeu é irrecuperável!

O que é que ele está pensando, esse filho da puta? Que eu vou afinar? Claro que vou denunciá-lo! E logo! Eu me levanto de um salto, esquecendo minhas dores, e vou até a soleira da porta para chamar a *Aufseherin* que trabalha como enfermeira. Ela atende imediatamente. (Deve ter recebido ordens para isso: ela não só cuida de um BFPF e de um polonês germanizado, mas de dois futuros *Jungmannen*. Imagine quando ela souber o que vou dizer!)

– É preciso prevenir *Herr Doktor* Ebner imediatamente! – Eu estendo o dedo para apontar na direção de Lukas. – Ele...

Engulo as últimas palavras antes que elas saiam. Tão de repente que me faz tossir... Acabei de ter uma ideia de gênio. Enfim, acabo de recuperar todas as minhas faculdades de raciocínio. Lukas mentiu para mim! E eu quase caí na armadilha! Eu poderia, eventualmente, acreditar num erro absurdo da natureza, ou seja, um judeu de cabelos loiros e olhos azuis, exceto que Lukas ignora algo muito importante. Eu o vi pela primeira vez na noite de seleção. Ele não sabia que eu estava lá. Muito ocupado com suas provocações, não percebeu minha presença. Ora, eu vi... SEU PIPI! Inteiro! Não cortado como os pipis judeus! Ele mentiu para mim porque ele é pirado, tem um parafuso de menos. Colocar-se em situação de perigo é um tique para ele, uma mania, uma obsessão.

Dou um longo suspiro de alívio, enquanto a *Aufseherin* permanece diante de mim, em posição de sentido, esperando que eu termine a frase.

– Ele, o quê? – ela me pergunta afinal.

– Ele... ele... adormeceu.

Foi tudo o que achei para dizer.

Ela lança um olhar rápido em direção a Lukas.

– Sim, e daí?

– Daí, nada! Nada! É que... há pouco, pensei que ele tinha morrido. Mas me enganei, está tudo bem.

Os roncos de Lukas, que tinham se interrompido, recomeçaram nesse instante, como para confirmar o que eu tinha dito. Mas isso não foi suficiente para me livrar da *Aufseherin*, que me olha com ar desconfiado.

Sai, cadela! Vá embora! Já disse que está tudo bem!

Ela se aproxima e põe a mão na minha testa.

– Você está com febre – diz ela.

É claro que estou com febre! Como poderia não estar sob tanta emoção? Ela me enfia na boca uma colher de um xarope repugnante, viscoso e amargo, que engulo fazendo força para não cuspi-lo na cara dela. É preciso que ela vá embora. Urgentemente.

Assim que isso acontece, eu me lanço sobre Lukas e o sacudo para acordá-lo.

– Mentiroso! Porco mentiroso! Você não é judeu!

Para provar isso eu me adianto, antes que ele tenha tempo de fazer um movimento – ainda está entorpecido pelo sono profundo do qual acabei de tirá-lo –, e abaixo as calças dele.

Ele aperta os olhos, balbucia alguns palavrões para mim (acho que ele me chamou de pederasta!), puxa o pijama e me dá as costas.

– Foi minha mãe que não quis – resmunga, prestes a dormir novamente.

Não entendo. Eu o sacudo outra vez. Ele dá um suspiro mal-humorado, levanta-se e explica:

– Minha mãe, no dia da circuncisão, desmaiou vendo o rabino chegar com o bisturi! Ela não era praticante! Ela não ligava para os rapapés da religião, e como meu pai a amava, ele respeitou a vontade dela. É por isso que não sou circuncidado. Entendeu?

Sim, acho que entendi. Minhas esperanças caem por terra. Lukas é judeu. Seu pipi inteiro não prova nada. Mesmo que eu ainda me recuse a admiti-lo. Corro até a porta para fechá-la. Por trás dela, a poucos metros de nós, está a *Aufseherin*. Não sei se dentro de poucos minutos vou denunciar Lukas ou

não. Entretanto, pressentindo que ele vai continuar suas explicações, prefiro que elas permaneçam em segredo por agora.

Eu me sento na beirada da minha cama. Diante dele. De braços cruzados, espero.

DEPOIS DE UM SILÊNCIO interminável, Lukas resolve continuar.

– Minha mãe não era...

Ele parece estar limpando a garganta para clarear a voz, mas, na verdade, ele tenta abafar os soluços.

– Minha mãe não era uma mulher como as outras. Não era uma polaca antiga de lenço amarrado na cabeça e meias sanfonadas na altura dos tornozelos. Era linda, inteligente, independente. Ela fumava, se maquiava. Estudou, falava fluentemente francês e alemão. Ia regularmente à Alemanha porque tinha família lá que a hospedava. Foi assim que logo começou a sentir que seu Hitler de merda ia armar uma confusão. Foi por isso que me ensinou a falar sua merda de língua. Cedo, quando eu tinha apenas quatro anos. Ela disse ao meu pai: “É preciso que ele possa passar por alemão”, e como eu não era circuncidado, isso ficava mais fácil. Meu pai era soldado de profissão na cavalaria polonesa. Quando se casaram, ele deixou tudo para trabalhar com minha mãe em um comércio que ela havia herdado. Uma livraria...

Ele volta para mim o olhar que tinha deixado vagar pelo teto.

– Ei, Caveirão! Você sabe o que é uma livraria?... Você sabe para que servem os livros? Servem para ser lidos, não para ser queimados como fazem seus amigos, gritando como selvagens.

Não reajo a seus insultos. Eles deslizam por mim como a chuva sobre um impermeável. Isso é difícil para mim, mas eu consigo. Eu me decidi a não responder às suas provocações. Sou bem mais inteligente que ele, e ele vai acabar se cansando. De todo modo, a porta não está longe. Se atingir um ponto de saturação, chamo a *Aufseherin*.

– Quando os primeiros soldados alemães chegaram em Łódź, minha mãe disse a meu pai: “Para nós, acabou, mas ele pode ter uma chance de escapar”. “Ele” era eu, não meu irmãozinho. Ele tinha... Que idade você tem? Seis? Sete anos?

Separo os dedos da mão direita, levanto o polegar esquerdo, depois coloco o indicador esquerdo sobre o direito para dizer que tenho seis anos e meio. Não quero me rebaixar a falar com ele. Já faço muito em escutá-lo.

– Seis anos e meio? Sim, ele também deve... Ele teria essa idade hoje. Mas, naquela ocasião, ele tinha apenas três. Muito pequeno para escapar sozinho, enquanto eu já tinha dez, por isso minha mãe me escolheu. Logo, meus pais reuniram tudo o que tinham, dinheiro, candelabros, joias, e deram a uma cliente da livraria, uma polonesa góí, para que me escondesse na casa dela e me fizesse passar por seu filho. Depois de uma semana, eu me cansei e voltei para casa. Minha mãe ficou trancada no quarto com meu irmãozinho para não me ver, enquanto meu pai me passava a maior bronca da minha vida. “Jamais faça isso, compreendeu?”, ele me disse, depois de me dar três cintadas. “Você não nos conhece mais, você não é mais nosso filho! Vá embora!” No dia seguinte, todos os judeus da cidade foram fechados num gueto.

Lukas se interrompe. Não sei se o relato chegou ao fim ou vai prosseguir. Não sei mais se seu olhar está voltado para a porta por acaso, ou se pretende abri-la ele mesmo com a intenção de se denunciar. Ele seria bem capaz disso. Acho que ele espera que eu diga alguma coisa. Mas... não sei o que dizer.

– Na entrada do gueto havia uma placa grande amarela onde estava escrito: “Bairro judeu. Zona interditada. Perigo de epidemias”. Em torno do bairro havia um muro alto com arame farpado. Dois grandes blocos de madeira serviam como portões. Impossível de entrar. Mas eu sabia que, por trás do muro, do arame farpado e dos grandes portões de madeira, estava minha família. Então um dia tentei me esgueirar por um buraco que tinha descoberto no muro. Sofia, a polonesa góí que tinha me recolhido, me agarrou pelas calças e me deu uma bofetada, gritando: “Você está louco, Lucjan! Você vai pegar tifo indo ver esses vermes judeus? Vai levar piolhos para casa?”. Ela piscou para mim para que eu compreendesse que essas palavras se destinavam aos passantes que se encontravam ao redor, para provar-lhes que eu não era judeu, que era filho dela. Ao voltarmos para casa, ela me deu uma segunda bofetada e me disse: “Lucjan, nunca mais faça isso! É muito perigoso! Eu lhe prometo que vamos tentar ver seus pais, mas antes você precisa prometer que vai me obedecer”. Jurei, e ela me explicou que ia dar um jeito de mandar um recado para meus pais no gueto. Eles combinariam um encontro. Uma semana depois, Sofia me disse: “Escute bem, Lucjan, amanhã vamos pegar um bonde que passa pelo bairro judeu. Você vai ver seus pais. Mas não vai se mexer, não vai falar nada, não fará o menor sinal. Caso contrário, será a morte, para você, para mim e para toda a sua família. Compreendeu?”. Na manhã seguinte pegamos o bonde. Estávamos no vagão

destinado aos “inferiores”, isto é, aos poloneses; os alemães tinham seu próprio vagão reservado na frente. Os portões do gueto se abriram para deixar entrar o bonde, que foi logo parado. Um policial judeu subiu. Ele passou por todos os vagões e, com uma chave especial, trancou as portas para que só pudessem ser abertas pelo lado de dentro. Para evitar que um judeu tentasse fugir. Quando ele atravessou o vagão reservado aos alemães, os viajantes puseram um lenço diante da boca, com medo de pegar alguma doença. Se pelo menos isso fosse verdade! Se pelo menos os três bastardos da SS que estavam lá pudessem contrair uma doença fatal!

Lukas fecha os punhos. Os dois, até o do braço quebrado, o que lhe arranca um gemido de dor. Ele me lança um olhar sombrio. (Sim, um olhar sombrio vindo de olhos azuis, isso existe, e é terrível!)

Eu resisto a esse olhar. Não abaixo os olhos. Mesmo que ardam. Não sei o que tenho, um cisco deve ter se alojado sob minhas pálpebras.

– O bonde começou a andar. Sofia tinha me avisado. Depois da partida do bonde, no cruzamento da quarta rua, meus pais estariam lá. Eu devia olhar para eles o mais discretamente possível, sem me mexer, sem manifestar qualquer coisa. Apenas um relancear de olhos, no momento em que o bonde passasse pelo trecho. Os batimentos do meu coração contaram as ruas. Bum! a primeira. Bum! a segunda. Bum! a terceira. A quarta rua ficava mais longe. Não muito, alguns metros apenas, que me pareceram quilômetros e quilômetros. E depois eu os vi. Meus pais. Em pé na esquina, meu irmãozinho entre eles. Eles não se mexeram ao me ver, nada. O olhar de mamãe ficou grudado em mim durante o tempo que o bonde passou diante dela, mas foi tudo. Apenas percebi seus lábios tremendo, porque ela se segurava para não chorar, ou então porque lutava contra o sorriso que queria dirigir a mim. Vi que, ela que era tão bonita, tinha ficado magra e enrugada. Ela, que era tão elegante, estava vestida com trapos sujos e esburacados. Meu pai nem me olhou: no momento em que o bonde passou diante deles, ele se inclinou na direção do meu irmãozinho. Compreendi, depois, que fez isso para que Czeslaw não me visse, para que eu o visse, só isso. Ele era muito pequeno, poderia chorar ou gritar ou me chamar. Era muito perigoso... Não me mexi. Não me atirei pelo vidro do bonde como gostaria, não lutei, não berrei. Sofia segurava minha mão. Ela a apertava forte, tão forte que me machucava, mas eu nem percebi isso. Só quando voltamos é que vi uma marca vermelha no meu pulso. Quando o bonde continuou seu caminho, não

virei para trás. Não corri para a parte de trás do vagão. Eu me segurei. Eu me segurei também quando vi o resto do gueto. Todas aquelas pessoas, tão magras porque as estavam matando de fome, tão sujas, esfarrapadas, consumidas pelas doenças, por causa da falta de higiene e da desnutrição. Estavam morrendo lentamente, mortas pelos porcos dos boches que as tinham isolado nesse bairro podre!... E, no bonde, nenhuma reação dos passageiros. Para eles, o que se passava do lado de fora era normal.

NOVA INTERRUPÇÃO. Meus olhos pioram cada vez mais. Eu precisaria tirar esse maldito cisco, mas sinto que se esfregar os olhos vai ser pior. Isso vai me fazer chorar e Lukas poderia imaginar outra coisa.

– Sofia deu um jeito para que tivéssemos um encontro por mês. A cada vez, meus pais estavam ainda mais magros. Meu pai, que antes era tão corpulento, tinha-se reduzido à metade, mal parava em pé. A mesma coisa com mamãe. Quanto a Czeslaw, maior era o sofrimento que o impedia de crescer. Não passava de um pacotinho que devia pesar bem pouco nos braços de mamãe. Havia pessoas jogadas na sarjeta, com ratos que lhes subiam nas costas. Estavam tão fracas que não conseguiam se mexer. Ou então estavam mortas e não tinham sido recolhidas. Homens percorriam as ruas para levar os cadáveres numa carroça, mas na maioria das vezes não havia espaço suficiente... Fui umas cinco vezes ver minha família. Na última, em pé perto do cruzamento da quarta rua, eu vi apenas meu pai e minha mãe. Sem Czeslaw. Você compreende o que isso significa?

– ...

– Significa que ele estava morto. Morto de fome, ou de frio, ou por causa de uma febre. Naquele dia eu me levantei, não respeitei as ordens de Sofia. Não ia deixar meus pais sozinhos, sem filhos. Eu estava lá! Estava vivo e meu lugar era junto deles. Sofia me deu uma rasteira, me derrubou para impedir que eu me atirasse pela porta. Quando me levantei, o bonde tinha seguido seu trajeto e estava acabado. Naquela noite, Sofia me castigou. Fim dos encontros. Muito perigosos, ela não confiava mais em mim. Três meses se passaram. Supliquei a Sofia, jurei que, quando passássemos, não me mexeria. Ela disse não, não, depois me disse sim, e arranjou um novo encontro. Então nós fomos. No cruzamento da quarta rua, só vi minha mãe. Meu pai, o soldado, o ex-tenente da cavalaria, o robusto, o forte dos fortes, tinha morrido, não resistiu. Mantive minha promessa, não me mexi. Não

chorei... Não houve mais encontros. Não tinha por quê. Uma semana depois, todos os judeus do gueto foram enviados para Treblinka.

Lukas se interrompe para me olhar. Agora, que eu esperava o seu olhar mais sombrio, não, ele pousa os olhos nos meus sem que eu tenha a impressão de ser metralhado.

– Você sabe o que é Treblinka?

É claro que sei. Treblinka é como Ravensbrück ou Auschwitz. É um campo de prisioneiros.

– É um campo de concentração – especifica Lukas, como ecoando meus pensamentos. – E é quase impossível voltar de lá. Quando soube disso, fugi da casa de Sofia. Corri ao acaso por uma estrada e dei de cara com essas putas *Schwester* que me embarcaram no trem.

Silêncio, um longo silêncio. Penso que Lukas dessa vez terminou. Ele não chora. Nada, seus olhos estão secos, enquanto os meus estão molhados de lágrimas por causa daquele cisco que me incomoda atrozmente. Certamente ele acha isso engraçado, o cretino, porque ele sorri. Em seguida, deita-se, vira-se de lado como antes, pronto para pegar no sono.

– Agora, você decide, Caveirão! – ele me diz. – Depois de tudo o que lhe contei, não tem mais por que hesitar. Pode chamar a vigilante.

EU TAMBÉM ADORMECI. Puf! caí sobre o travesseiro como se alguém tivesse me abatido.

Só que tive um sonho ruim. Vi a *Aufseherin* entrar num rompante no quarto.

“*Raus! Jude! Raus* [\[8\]](#)”, ela gritava, louca de raiva.

Ela dava golpes com o bastão, batendo com toda a força até que o lençol que cobria o corpo sobre o qual ela se lançava tingiu-se de vermelho, encharcado de sangue. “Quer se juntar à puta da sua mãe em Treblinka? Pode ter certeza de que vai, acredite em mim! Se eu não matá-lo antes!”

Só que...

Ela se enganava e batia sobre o lençol que me cobria! Ela me reduzia a uma pasta. Eu gritava: “Não sou eu! Não sou judeu! É ele! Eu sou o BFPF!”. Ela continuava urrando ainda mais alto: “Não tem importância! Como você quer que eu faça a distinção aqui, agora que há judeus loiros de olhos azuis? Judeus com o pipi inteiro! O Führer se enganou redondamente ao batizá-lo!”

ACORDEI SOBRESSALTADO. Acho que gritei. Que chorei. Mas, felizmente, meu grito deve ter sido abafado pelo lençol porque não chamou a atenção da *Aufseherin* – a verdadeira, não a do pesadelo –, e também não acordou Lukas. O bom é que chorei muito enquanto dormia e as lágrimas lavaram o cisco que me irritava os olhos.

RECUPERO A CONSCIÊNCIA pouco a pouco. Preciso pensar. Saio da cama, portadora da ameaça de um novo pesadelo. Prefiro andar pelo quarto. Quando chegar à porta, tomarei minha decisão. De abri-la para chamar a *Aufseherin*.

Ou não.

Começo a recapitular tudo o que Lukas me disse. Ordenadamente.

Ele é judeu. Sem dúvida, ele é.

Uma olhadela na maçaneta. Devo tê-la visto ainda confusamente através das lágrimas, porque tenho a impressão de que ela se mexe, que uma mão invisível a está abaixando.

Em seguida, Lukas me falou de sua mãe. “Uma polaca diferente das outras”, ele disse. Ela trabalhava, era independente, fumava, se maquiava...

Igual uma puta! Ela falava alemão, ia regularmente à Alemanha. Quem sabe se, durante suas viagens, ela não dormiu com um alemão, guardando segredo disso para o marido quando percebeu que estava grávida?... O que significaria que Lukas era meio alemão! E que o sangue alemão que herdou do pai – o amante alemão da mãe, não o cavaleiro polonês – teria prevalecido sobre o sangue judeu!

Estou perto da porta e recobrei minha visão, a maçaneta não se move mais.

Sigo com meu raciocínio. Lukas em seguida me falou do que aconteceu à sua família quando nossas tropas entraram na Polônia. É o momento de me valer dos meus conhecimentos de história. Invadimos a Polônia em setembro de 1939. Lukas disse que tinha 10 anos na ocasião. Estamos em 1942. Umas contas de cabeça. Elementar. De 39 a 42, igual a 3. $10 + 3 = 13$. Lukas tem 13 anos. (Ebner estava bem enganado ao lhe atribuir como data de nascimento 18 de março de 1932.) Mas, apesar de ter 13 anos, mais do que o dobro da minha idade, ele não me impressiona! Um judeu – ou meio-judeu, ou três quartos judeu – de 13 anos permanece inferior a um ariano puro de seis anos e meio.

Depois, foi toda aquela história do gueto, do irmãozinho morto, do pai morto, da mãe deportada para Treblinka. A morte do irmãozinho me lembrou

a de Wolfgang. Foi duro. Fiquei muito mal da barriga, tive pesadelos durante vários dias... E se a família de Lukas não merecesse isso? Talvez tenha sido uma falha não fazerem uma exceção para eles? Quem sabe haja bons judeus? Como saber?...

Nessa altura do meu raciocínio, devo confessar que estou perdido, indo e voltando da porta.

Creio que o verdadeiro problema, seja para Lukas como para as outras crianças, polonesas ou não, judias ou não, é essa maldita ligação que os prende aos pais. Eles se sairiam melhor se, como eu, não tivessem família.

Bom. A porta. Desta vez estou aqui. Abro ou não?

NÃO.

Meu raciocínio não me ajudou a decidir, mas – eu deveria pensar nisso o mais cedo possível – não denunciarei Lukas, apenas para aborrecê-lo. Por espírito de contradição. Ele não deseja realmente que eu lhe faça essa gentileza.

Corro para acordá-lo e lhe declarar:

– Não denuncio você, com uma condição!

– Qual?

– Pare de me chamar de “Caveirão”!

Espantado, ele levanta uma sobrancelha.

– Combinado, mas quero saber quem você é. Vamos lá... Você é filho daquele filho da puta do Ebner?

Sacudo a cabeça negativamente.

– De um dos oficiais da SS que circulam por aqui? Da cadela da chefona?

Mesmo sinal de cabeça negativo.

– De quem, então?

– De... ninguém.

Espero um instante, depois acrescento:

– Sabe o que quer dizer *Lebensborn*?

– Sim, quer dizer... “Fonte... de... vida”.

– Não, isso é uma tradução de palavra por palavra. O sentido verdadeiro, o sentido em código, você conhece?

Coloquei a questão só para constar. Ele não tem a menor ideia do que eu lhe perguntei. Nunca vai conseguir adivinhar. É minha a vez de saborear o suspense antes de revelar meu segredo.

– Então, como você nasceu?

Bem... certo. Aí vai. Conto minha história desde o princípio.

As seleções pelas quais passou a *Frau* que devia me carregar em seu ventre, antes de se acasalar com um oficial da SS, meu nascimento no lar de Steinhöring, a substituição da *Frau* por uma ama de leite, as seleções pelas quais eu também tive que passar, como *Herr Doktor* Ebner me pesou, me mediu, me examinou. As seleções dos outros bebês que, em alguns casos, passaram a ser “coelhos” e acabaram picados em pedacinhos dentro de potes de vidro, nas prateleiras de “institutos científicos”. As adoções dos melhores elementos do *Heim* pelas famílias alemãs, e depois todos os outros lares criados na Europa e no conjunto dos países ocupados. Eu descrevi para ele a programação e a fabricação em série da futura juventude alemã da qual sou a amostra, o protótipo. Perfeito. Impecável.

Estou muito feliz quando termino e espero impaciente pela reação de Lukas.

Mas... adivinhe?

Ele não diz nada, absolutamente nada, durante um bom tempo. Nenhum comentário. Ele fixa um ponto no chão. Parece perturbado, espantado, o que lhe dá um ar completamente débil. Depois, enfim, ele levanta os olhos para mim e percebo que... ele chora. De verdade. Lágrimas copiosas. Suas bochechas estão molhadas.

Não compreendo. Ele não chorou quando contou sua história e faz isso agora, depois de ouvir a minha, que é simplesmente FORMIDÁVEL, EXTRAORDINÁRIA!!! Serão lágrimas de inveja?

Até que, depois de um tempo que me pareceu interminável, ele se decide a gaguejar algumas palavras.

– Então... Então... eles fazem isso também!... Eles matam as crianças judias e as substituem pelas... pelas... (ele desiste de achar a palavra que está procurando)... como você.

Concordo com um aceno de cabeça enfático. Ele compreendeu tudo.

Ele se deixa cair na cama, como se tivesse recebido um golpe de marreta. Ele não vai dormir de novo agora, vai?

– Escute – ele me diz, levantando-se bruscamente e me pegando pelos ombros. – Vou com você para esta *Napola* de merda! A partir de agora, não vamos nos separar. Ficamos amigos. Mas com uma condição!

– Qual?

Perguntei por perguntar. Ele pode exigir aquilo que quiser. E a resposta será sim!

SIM!

– Quando a guerra acabar, se conseguirmos sair dela, é preciso que testemunhemos, nós dois. Eu, pelo que os nâzis fizeram aos judeus e aos poloneses; você, pelo que fizeram a você.

– Combinado! – respondo, mesmo sem compreender essa história de testemunhar.

Testemunhar diante de quem? Por quê? Quando a guerra acabar, o Reich começará seu reinado de mil anos. O *Lebensborn* não será segredo para ninguém... Bom, deixa pra lá, é inútil contrariá-lo. Nunca se sabe qual será sua reação.

– Combinado! – repito, para ratificar definitivamente nosso compromisso recíproco.

E apertamos as mãos. Um aperto de mão forte e enérgico. Aquele dos dois *Jungmannen* que nos tornaremos num futuro próximo.

[8] Fora! Judeu! Fora!

TERCEIRA PARTE

UMA OBSERVAÇÃO antes de prosseguir. Não fiquem com pena. As lágrimas de Lukas, a emoção que manifestou depois de ouvir minha história, era uma encenação. Depois, nunca mais o vi chorar. Ao contrário, ele é que fez chorar mais de uma pessoa, como você vai ver na sequência do meu relato.

Ele não manteve sua promessa. Continuou a me chamar de “Caveirão”, embora eu tenha pedido para parar com isso. Detesto esse apelido. Tenho cara de anjo, não de caveira. Outro dia – foi alguns dias antes de deixar Kalish –, fui encontrá-lo para acertar as contas com ele. Mas, quando fui atacá-lo, pronto para quebrar sua cara novamente, ele deu risada e se contentou em me devolver uns tapinhas como resposta, como se não quisesse se rebaixar a medir forças comigo. Humilhante. Eu poderia muito bem tê-lo provocado, obrigado a lutar – ele tinha recuperado todas as forças, certamente teria levado vantagem sobre mim –, mas não insisti. Não por medo, não tenho medo de nada! Mas para não chegar a Potsdam com a cara quebrada. Isso daria má impressão. Para me vingar, eu o chamei de porco judeu. Acertei no alvo. O olhar dele se acendeu com um brilho guerreiro, e ele me chamou de filho da puta. Isso não me deixa envergonhado. É verdade.

A NAPOLA DE POTSDAM.

Magnífica. Deslumbrante. Grandiosa. Me faltam adjetivos. Em comparação, Kalish não passava de uma lixeira.

A escola fica fora da cidade, para que os alunos não tenham contato com a população externa, já que nossas atividades devem permanecer secretas. Os prédios são rodeados de um parque imenso, fechado por um muro alto. Dentro, gramados, jardins bem cuidados, vegetação. Antes de sua criação, em 1933, Potsdam era um hospital psiquiátrico com capacidade para dois mil doentes. *Raus*, os doentes! Em seu lugar, jovens são de corpo e mente,

distribuídos em uns cinquenta prédios. Além dos prédios de alojamento, locais dedicados ao esporte (piscina olímpica, pista de equitação, ginásio, pistas de corrida e de atletismo, instalações para jogos de equipe), uma oficina de carpintaria, horta, estufas, um estande de tiro e até uma fazenda, que permite à *Napola* ser autossuficiente. A antiga granja foi transformada em garagem para carros e motos, a capela foi transformada em salão de festas. Bem pensado! *Herr* Rosenberg, o arquiteto do Reich, rejeita tanto o cristianismo quanto a religião oriental. Então, sem mais *Kapelle*, o que, de minha parte, acho ótimo, porque guardo lembranças muito ruins daquela de Kalish, por causa das putas *Aufseherinen*. E não vai ser Lukas quem vai me contradizer nesse ponto. Primeiro, as *Aufseherinen* o tinham feito passar maus pedaços lá; segundo, ele não terá mais necessidade de parecer que está rezando em latim.

É tão grande que não sei mais para onde dirigir meu olhar. Tenho pressa de descobrir a parte interna. Por agora, os novos estão reunidos em uma das aleias, diante do edifício central, reservado aos dormitórios, salas de estudo e de aula. Ele é ladeado por duas torres, o que lhe dá a aparência de um castelo prussiano, melhor ainda, de uma fortaleza. Emana um sentimento de poder e invulnerabilidade. Sinto que vamos passar momentos magníficos aqui! Sairemos daqui grandes, fortes, invencíveis! Verdadeiros senhores!

LUKAS NÃO ABRIU a boca desde a nossa chegada. Também está impressionado. Estamos em pé, um ao lado do outro, em posição de sentido.

Ebner nos inscreveu como irmãos e *Volksdeutscher*, “pupilos da nação alemã”. Ele atendeu assim ao pedido que eu havia feito em Kalish quando Lukas ainda não estava germanizado. Ele restabeleceu a verdadeira data de nascimento do “meu irmão mais velho” e escolheu Potsdam para que não sejamos separados, porque é a única *Napola* que mistura os níveis primário e secundário. Para validar nossa inscrição, ele forneceu ao *Obersturmbannführer* Schmidt, o diretor, dois certificados verdes de aptidão racial, que nos dispensam da seleção pela qual os novos devem passar quando chegam. Para nós, nada de período de experiência. *Herr* Ebner se mostrou verdadeiramente indulgente: ele não especificou que Lukas é um polonês germanizado, senão ele não teria sido admitido em Potsdam, mas direcionado para a *Napola* de Rouffach, na Alsácia.

Quando penso naquilo que você já sabe. Um judeu com certificado de

aptidão racial! Em uma das mais prestigiosas *Napolas* do Reich! Pode-se dizer que Lukas é uma espécie de equilibrista. Ele caminha sobre uma corda bamba e, ao menor passo em falso... a morte. Prefiro não pensar nisso agora.

Em todo caso, espero que ele se dê conta da oportunidade que tem. Enquanto o diretor pronuncia um discurso de boas-vindas e nos expõe o funcionamento e as regras da escola, lhe dou uma cotovelada e lhe digo em voz baixa:

– Viu o que somos capazes de construir na Alemanha? Existem escolas tão lindas assim em seu país?

– No meu país, não se matam os doentes para se livrar deles.

Ele me lança essa resposta num tom neutro e frio, sem afastar os olhos do *Heimführer*.^[9] Ele se refere à “reinstalação” dos antigos pensionistas. Como ele sabe disso?

Percebendo minha surpresa, com um sorrisinho de canto de boca, ele se inclina para murmurar na minha orelha:

– Você sabe o que aconteceu com os doentes que se encontravam aqui, antes?

– Sim, foram “reinstalados”!

E me apresso em dar o significado preciso da palavra em código. “Reinstalados” = mortos.

Lukas se vira para mim e lança um dos seus olhares guerreiros. Seu sorriso se apaga, ele morde os lábios enquanto franze as sobrancelhas, formando uma ruga na testa. Ele tem vontade de me socar. Mas se abstém disso e, quando consegue se controlar, ele acrescenta:

– Diga-me, Caveirão, você sabe exatamente como eles foram mortos?

Não. Exatamente, eu não sei. E não me chame mais de Caveirão!

– Eles foram jogados em caminhões. Depois, fecharam esses caminhões. Enfiaram uma mangueira grossa no cano de escapamento para espalhar um gás mortal lá dentro. E os pobres-diabos sufocaram. Eles foram asfixiados. E isso levou tempo, muito tempo. Eles tentaram se debater, esmurraram as portas. Em vão. Do lado de fora, os caminhões pareciam grandes caldeirões que chacoalhavam, vibravam, como se estivessem cheios de água fervendo. Era uma morte lenta, atroz – concluiu ele, insistindo em cada uma dessas palavras que escorriam para dentro da minha orelha como gotas de veneno.

Ele fez questão de falar bem devagar, articulando dramaticamente, para me dar tempo de imaginar a cena. Em seguida, do nada, ele ficou em posição de

sentido, bem ereto, o queixo levantado, numa postura orgulhosa, enquanto eu estava com os ombros caídos e as pernas fraquejando.

Porco. Isso é bem dele! Acabar comigo num momento como este! Não lhe respondi, embora quisesse baixar sua crista. De qualquer maneira, pouco depois fomos separados. Lukas parte com os alunos do *Oberschule*,^[10] eu, com os do *Volksschule*.^[11]

MEU PUNHAL DE HONRA.

Aqui está ele. Enfim, eu o tenho.

Que emoção! Que orgulho quando o oficial o entrega a mim! Que prazer de senti-lo aqui, enfiado no meu cinto! Faz parte não só do meu uniforme, mas do meu corpo, tão indissociável quanto meus braços e minhas pernas. Esplêndido. Vinte e cinco centímetros de comprimento. Punho e guarda-mão de liga niquelada. O cabo é decorado com a insígnia nazista: um losango em esmalte cujas partes superior e inferior são vermelhas, as partes laterais brancas, enquanto no centro está a cruz gamada, preta. Na lâmina está gravada uma divisa: *Mehr sein als scheinen* (“Ser mais do que parecer”).

Meus novos camaradas e eu levantamos o braço direito num movimento único, vivo, enérgico, entusiástico, e fazemos o juramento:

“O futuro da Alemanha e o do nosso Führer bem-amado passam agora a ser o objetivo de todos os nossos esforços. Pertencemos a ele agora, amanhã, eternamente!”

Nossas vozes são altas, agudas – normal, tendo-se em conta nossa idade, alguns de nós têm apenas 5 anos –, mas gritamos tão forte que os muros parecem tremer à nossa volta. Fiquei arrepiado.

Entretanto, quando caiu o silêncio, uma preocupação me assaltou. Será que esse silêncio não vai ser quebrado brutalmente por um grito? um tiro? uma movimentação de pânico mostrando que um incidente ocorreu no grupo do *Oberschule*? Imagino Lukas recusando-se a prestar juramento. Ou modificando o juramento. Gritando alto e forte qualquer coisa como: *A destruição de sua puta Alemanha e a do seu Führer de merda passam a ser agora o objetivo dos meus esforços. Lutarei por isso hoje, amanhã, eternamente!* Eu o imagino cuspiendo na cara do oficial que está lhe entregando o punhal... Numa palavra, eu o imagino já caindo sem vida sob o fio da lâmina. Tento escutar. Espio. Lanço olhares furtivos ao redor.

Nada. Tudo parece normal. Lukas não se fez notar.

O EMPREGO DO TEMPO na *Napola* é praticamente igual ao de Kalish, portanto não há nada de novo aqui para mim.

6 horas: despertar e esporte com uniforme curto, qualquer que seja o tempo.

6h45: chuveiro. Todos os dias. (Em Kalish, o chuveiro era semanal. Ao menos aqui os dormitórios não cheiram mal. Enfim, não muito.)

7 horas: todos de uniforme. Chamada e *Flaggenparade* (o “hasteamento da bandeira”).

8 horas: trabalho dos punidos.

8h30: começo das aulas.

12h30: intervalo para almoço. Nós tomamos nossa refeição “com leitura”, isto quer dizer que os chefes de seção leem em voz alta trechos dos textos escritos por personalidades do Reich.

13 horas: aula de educação política. O professor comenta para nós os mesmos textos e aprendemos de cor certos trechos.

14 horas: atividades físicas para os *JungVolk*, paramilitares para os *Jungmannen*. (Temos quase catorze horas de esporte por semana, é absolutamente genial!)

16 horas: manutenção da escola e de nossos pertences pessoais. Um grupo deve limpar o dormitório, outro os chuveiros, um terceiro deve dar uma varrida nas salas de estudo. Evidentemente, existe um pessoal para fazer isso, mas essas tarefas nos ensinam a respeitar os locais e a manter uma higiene perfeita. A participação nos trabalhos domésticos e agrícolas, assim como em trabalhos manuais, faz parte igualmente da nossa formação.

17 horas: deveres de casa.

18h30: recolhimento da bandeira e chamada.

19 horas: jantar.

Das 19h30 às 20h30, para os menores, até 21h30 para os mais velhos, tempo livre. Reunião de grupo. Um instrutor nos lê – mais uma vez! – os textos. Ou fazemos uma sessão de críticas coletivas, de autocrítica. Duas vezes por semana, outro instrutor comenta para nós a situação militar.

Antes de deitar, inspeção do dormitório e de nossos equipamentos. Enfim, uma vez deitados, inspeção das camas pelos chefes de seção. Devemos nos deitar de costas, com as mãos expostas, fora dos lençóis.

É preciso fazer uma observação quanto a isso. Por que as mãos expostas?...

No começo eu não sabia, mas fui informado. Para que não nos masturbemos. “Masturbar-se”. Como eu ignorava o significado da palavra, perguntei. Quer dizer “acariciar o seu pipi”. Parece que isso é agradável. Talvez eu tente um dia, mas não agora, porque a punição é severa. Os educadores dizem que, se alguma vez alguém acaricia o pipi, mais tarde terá problemas psíquicos graves, irá se tornar homossexual, um triângulo rosa será afixado em seu peito e será internado num campo de concentração. Caso se acaricie o pipi, corre-se o risco também de mais tarde ter um “desvio de comportamento sexual”, isto é, não poderá se acasalar com uma *Frau* para ter filhos e fundar um lar como todo bom alemão que se respeite. Por essas razões, portanto, é proibido ficar com as mãos sob as cobertas, mesmo quando está frio, senão passa-se parte da noite em pé. (Ora, faz frio nos dormitórios: o aquecimento central só é ligado em alguns cômodos e, além disso, cada vez menos, pela falta de carvão.) Do mesmo modo, é proibido ficar com as mãos nos bolsos. Se alguma vez, quando da inspeção matinal, percebe-se que um aluno tem buracos nos bolsos da calça de pijama, ele é punido. (Os buracos provam que se conseguiu chegar ao pipi através do bolso.)

Mesmo querendo tentar, não quero ser punido. Mas, para isso, seria preciso lutar contra a fadiga, evitar todas as noites de mergulhar num sono tão profundo que, às vezes, lembra a morte, já que o dia não acaba forçosamente pelo apagar das luzes. Duas vezes por semana, às 22 horas, há “exercícios noturnos”.

FIQUEI SURPRESO AO PERCEBER QUE... polonês ou alemão, ariano ou não, a diferença não é tão grande. Meus camaradas, no conjunto, lembram muito aqueles que eu tinha em Kalish. Têm os mesmos defeitos. Sobretudo os pequenos de 5 anos. Têm problemas para se levantar às 6 horas em ponto para correr durante quarenta e cinco minutos quando está chovendo ou nevando. E para se vestir rapidamente para responder à chamada da *Flaggenparade*. E para não dormir durante as aulas. E nas atividades físicas da tarde, para pular do segundo andar para uma rede, ou para mergulhar sem saber nadar. E para limpar as privadas que os maiores fizeram questão de emporcalhar antes. E para suportar os castigos corporais, as quarentenas, as marchas noturnas, a solitária... Resultado: há algumas tentativas de fuga. Todas fracassadas, bem entendido. À noite, nos dormitórios, funga-se e chora-se.

Mas, como diz nosso chefe de seção – um *Jungman* de 12 anos, porque aqui o princípio básico é “a juventude educa a juventude e a juventude é educada pelos adultos” –, assim que esses chorões esquecerem papai e mamãe, tudo vai melhorar.

Decididamente, caímos sempre no mesmo problema. Os pais. É realmente a ferida! Pelo menos para os pequenos, porque, à medida que se cresce no seio da *Napola*, acaba-se por se desligar dos pais. A maior parte dos *Jungmannen* não vai para casa nas férias, ou então, se eles voltam temporariamente a seus lares, quando voltam, muitos deles denunciam os pais ao *Obersturmbannführer* Schmidt, por derrotismo ou pessimismo.

TENHO INÚMERAS VANTAGENS sobre os alunos da minha classe. Para começar, não tenho pais. Nunca fui paparicado, mimado, acariciado por uma *mutti*, tanto que isso não me faz falta. Depois, os anos passados em Kalish. O emprego de tempo era calcado no mesmo modelo, e os castigos corporais, eu os experimentei, tenho ainda nas costas as marcas das chicotadas que levei quando quis proteger Lukas. Enfim, minha *Draufgängertum*, a qualidade que todos os instrutores procuram descobrir em seus novos recrutas, eu a exerço há muito tempo. Então, atravessar um abismo sobre uma escada? Eu digo sim! Vou, sim! No corpo a corpo com meus camaradas, sempre saio vencedor.

Assim, muito rapidamente, sou considerado uma espécie de superdotado, e os instrutores decidem me trocar de grupo. Deixo o nível dois[12] da *Volksschule* para passar ao nível quatro.[13] Daqui para a frente, fico com as crianças de 9 a 10 anos. Estou muito orgulhoso dessa promoção.

Mas não sou o único a se beneficiar disso. Percebo um dia, para meu grande espanto, que Lukas conseguiu a mesma coisa. Ele passou do nível oito[14] para o nível 9.[15] Ele! Ele! O polonês, o... (Às vezes não me atrevo a pronunciar a palavra, mesmo em pensamento, achando que alguém vai me ouvir.) Apesar de sua... como dizer?... deficiência, ele também foi considerado superdotado! Ele se saiu bem. Muito bem.

Como? Eu adoraria saber, mas, para isso, seria preciso que pudéssemos nos encontrar, que tivéssemos oportunidade de conversar, só nós dois. Ora, isso não acontece nunca. Se os outros irmãos mais velhos visitam seus caçulas à tarde, muitas vezes na hora destinada aos assuntos pessoais, ou no tempo livre antes de dormir, ele, não. Nada. *Nichts*. Ele nunca vem me ver.

Não me manda nenhum recado. O ingrato! Eu o vejo de vez em quando, na outra ponta do refeitório, ou lá fora, quando ele parte em manobras com seu grupo. Ele mudou. Muito. Cresceu. As atividades físicas o deixaram musculoso. Os cabelos loiros cortados curto, à escovinha, assumiram um tom castanho dourado. A pele brilha de saúde e os olhos, agora livres de olheiras e daquele olhar irônico que criava ruguinhas nos cantos das pálpebras, estão de um azul hipnotizante. Sua postura é ainda mais orgulhosa. Fica bem de uniforme. Fica bem quando faz a saudação, o braço direito tão reto quanto um bastão. Fica bem ao bater os calcanhares. Fica bem quando grita com voz possante *Heil Hitler!*. E ele sabe disso. E ele desfruta disso... Dá para imaginar que quer usar sua promoção para gerar pederastas!

Ele fez amigos, dois principalmente, com quem ele treina o tempo todo. São filhos de oficiais que ocupam postos muito importantes no governo. Os duros dos duros. Lukas, Gunter e Herman estão sempre juntos, a tal ponto que os apelidaram *Die drei Musketiere*, “os três mosqueteiros”. Eles se exibem, riem, caçoam dos outros. Às vezes, pior que isso. Outro dia, eles pegaram um garoto na sala de estudo, rasgaram seus cadernos e lhe deram uma surra, chamando-o de intelectual. Esse tipo de aventura é muito temido no seio da *Napola*. Causa mais preocupação que as punições dadas pelos professores. Justamente porque os professores veem isso com bons olhos. Dizem que contribui para a “autosseleção”, a “autopurificação”. Os mais fracos são assim eliminados em proveito dos mais fortes.

Fiquei sabendo do incidente porque Herman tem um irmão na minha classe. E se ocupa dele! Vem vê-lo pelo menos duas vezes por semana. Aliás, ele teve a coragem de me chamar um dia de “Caveirão”. Em frente dos meus colegas. Inútil perguntar de onde ele tirou esse apelido. Briguei com ele, e isso me valeu um dia de quarentena. Proibido de falar. Obrigado a comer separado dos outros no refeitório. Posto em confinamento no dormitório. Tudo por causa do Lukas.

NÃO COMPREENDO.

Ele tem a aparência de quem se encontra em seu elemento na *Napola*. E, entretanto...

[9] Diretor.

[10] Nível secundário.

[11] Nível primário.

- [12] Equivalente ao 2o ano do Ensino Básico Fundamental.
- [13] Equivalente ao 4o ano do Ensino Básico Fundamental.
- [14] Equivalente ao 8o ano do Ensino Básico Fundamental.
- [15] Equivalente ao 9o ano do Ensino Básico Fundamental.

COMO?

Estou obcecado com essa pergunta.
Como Lukas se controla, quando...

NA AULA DESSA MANHÃ, estamos ansiosos diante da ideia de encontrar nosso novo professor de alemão, de volta do fronte depois de nove meses. (Por sua vez, o anterior, com quem começamos o ano, partiu para a guerra.) Ele entra solenemente na classe e faz a saudação. Se os combates o esgotaram, nada, na sua postura impecável, indica isso, exceto, talvez, um emagrecimento denunciado pelo uniforme que sobra ligeiramente no colarinho e na cintura. Aliviado por voltar ao abrigo da *Napola*, ele não quer, nessa retomada, nos dar uma aula de gramática ou o estudo de um texto. Assim, nos anuncia que, satisfeito com a elevação das notas que seu predecessor lhe deixou, ele pretende recompensar nossos esforços começando o dia com um momento de relaxamento. Podemos fechar livros e cadernos. Não vamos trabalhar, vamos cantar. Ele distribui folhas com a letra da canção que escolheu. Quando acaba, ele a escreve na lousa com sua linda escrita gótica.

*Os judeus atravessaram o mar largo e seco,
As ondas os submergiram,
O mundo se acalma e eleva uma prece.*

Como Lukas se controla, quando...

EXERCÍCIO DE MANEJO DE FACA. O alvo no qual exercitamos não é um disco com círculos concêntricos. Ele foi feito por encomenda do instrutor

para o nosso grupo, a fim de nos motivar pela diversão. É a figura de um homem em tamanho natural, que representa um judeu. Um judeu velho, com um nariz adunco pendendo sobre a boca, vestido com farrapos pretos e imundos, dedos encurvados em forma de garras. Tem o abdômen disforme e, no lugar do coração, uma grande moeda de ouro. Está bem claro que é a moeda que devemos visar se quisermos ser bem-sucedidos no arremesso.

O instrutor coloca o alvo a dez metros de distância e o exercício começa. Lançamos as facas, um após o outro. Quando todos os alunos passam, nos reagrupamos para avaliar nosso trabalho. O judeu tem uma faca em cada olho, em uma das orelhas, seu lábio superior está fendido, e o chapéu destruído. Nada mal. Entretanto, muitas facas, lançadas por mãos menos hábeis, tocaram apenas a barriga, as pernas ou os dedos. Porém, nenhuma lâmina se cravou na moeda de ouro. O conjunto assim é julgado insuficiente pelo instrutor, que nos ameaça de uma punição coletiva se a segunda tentativa não for melhor. A fim de nos motivar, ele exige que todos, a uma só voz, gritemos um dos inúmeros *slogans* da *Napola*:

Somente seremos duplamente felizes quando o sangue judeu escorrer de nossos punhais! Continuaremos nossa marcha, faremos todos voarem em estilhaços. Hoje a Alemanha nos pertence, amanhã, o mundo inteiro será nosso!

Declamamos essas frases uma vez, duas, três, dez, cem vezes. Mais forte! Sempre mais forte! Até que nossas vozes falham, até ficarmos com a garganta doendo. Em seguida, muito rapidamente, um depois do outro, enquanto o eco de nossos gritos ainda flutua no ar, miramos, lançamos!

Muito bem! A maioria das lâminas acertou em cheio na moeda de ouro. Quando retiramos as facas do alvo, no lugar do coração, há um enorme buraco.

Como Lukas se controla, quando...

ESTAMOS TODOS REUNIDOS no refeitório. Em pé, em posição de sentido. A comida está servida, mas ainda não fomos autorizados a nos sentar para comer. Hoje, os chefes de seção estão dispensados da leitura de textos, o próprio *Heimführer* vai se encarregar disso. É o costume, uma vez por quinquena.

O refeitório é um dos mais belos salões da escola. Imenso, ele comporta

todos os alunos. A decoração aqui é particularmente cuidada: as paredes são cobertas de quadros representando os combates dos heróis *vikings*, assim como cenas da mitologia germânica. O teto, muito alto – mais de cinco metros –, é enfeitado com uma porção de suásticas, espalhadas como estrelas fulgurantes no céu acima de nossas cabeças. O *Heimführer* se coloca em um balcãozinho de madeira situado a meia altura, ao qual ele chega subindo alguns degraus, como, em uma igreja, o padre sobe ao púlpito para pregar seu sermão. Nada de sermão neste momento, mas a leitura em voz alta, amplificada por um microfone, de trechos de *Mein Kampf*, o livro do nosso Führer. Isso deve ser feito em silêncio total, religioso. Nosso olhar deve permanecer fixo no *Heimführer*, em nenhuma circunstância devemos desviá-los ou abaixá-los. Nada de limpar a garganta, tossir, menos ainda bocejar, julgados como falta de respeito, que serão severamente punidos.

“Os judeus são parasitas vivendo sobre os corpos de outros povos. Se às vezes deixaram regiões onde tinham vivido até então, não foi voluntariamente, mas porque foram expulsos pelos povos cansados da hospitalidade que lhes dispensaram.”

O *Heimführer* levanta o nariz do livro e percorre o auditório com o olhar. Isso significa que devemos aplaudir.

“O costume que o povo judeu tem de se espalhar cada vez mais para longe é um traço característico dos parasitas; ele procura sempre um novo solo nutridor para sua raça. O judeu não tem a intenção de deixar a terra onde se encontra; ele permanece no lugar onde se estabeleceu e se agarra ali de tal modo que só com muita dificuldade se consegue expulsá-lo, mesmo empregando violência. Ele é e se mantém como o típico parasita, o papa-jantares que, como um bacilo nojento, avança cada vez mais. O efeito produzido por sua presença é igual ao das plantas parasitas: lá onde se fixam, o povo que o acolhe se extingue mais dia menos dia.”

Uma salva de palmas explode dessa vez, sem que o *Heimführer* a tenha incentivado. Foram os *Jungmannen*, os mais velhos, que deram o sinal para isso. Algumas palavras se perderam para os *JungVolk*, os menores, que não compreenderam tudo. O que quer dizer “papa-jantares”, “bacilo”? De

qualquer modo, seguindo os outros, eles também aplaudem com vigor. O *Heimführer* recebe esta mostra de entusiasmo com um sorriso, depois pede silêncio com um gesto de mão para continuar.

“É assim que o judeu vencia, o tempo todo, nos países de outros povos; ele formava seu próprio estado, que se dissimulava sob a máscara da comunidade religiosa, quando as circunstâncias não lhe permitiam manifestar completamente sua verdadeira natureza. Mas, quando acontecia de ele se achar suficientemente forte para poder abandonar o disfarce, deixava cair o véu e era subitamente aquele que muitos não tinham querido acreditar antes: o judeu.”

NOVOS APLAUSOS. A acústica é tal que a crepitação na sala ressoa como um bombardeio.

– Bom apetite! – conclui o *Heimführer*.

Pronto. Podemos deixar a posição de sentido e nos sentar para comer.

No cardápio, sopa de legumes, pão, queijo coberto com mel artificial, chá. Mergulho a colher na minha tigela de sopa. Já está fria. Não sei exatamente quais os legumes que entram na sua composição, porque tudo nela está partido, esmigalhado, diluído em uma grande quantidade de água, mas consigo distinguir assim mesmo alguns feijões que escaparam ao massacre quando consigo levá-los à superfície.

Não tenho fome. Não tenho *mais* fome. Antes da leitura do *Heimführer*, eu estava com uma fome de lobo, sentia-me capaz de devorar todas as porções da mesa. Minha barriga fazia tanto barulho que eu estava com medo de que a ouvissem, o que daria uma péssima impressão.

Agora a sopa está fria.

Sopa fria é asquerosa.

Além disso... Além disso, há as palavras do *Heimführer* que ficam dando voltas na minha cabeça, como os feijões na sopa.

Parasita. Bacilo.

Sou mais inteligente que meus camaradinhas, sei o que isso quer dizer. Parasitas são micróbios, bichinhos sujos microscópicos que se insinuam em seu corpo e o deixam doente. “Bacilo” é a mesma coisa, o que se chama sinônimo... espere! sou até capaz de encontrar outro sinônimo: “bactéria”. Quanto a “papa-jantares”, é aquele que vem filar a comida do seu prato,

consequentemente privando-o de sua nutrição, deixando-o com fome e fazendo você ficar doente. A única coisa que ignoro é a forma de um bacilo-parasita-bactéria. Será que é parecido, por exemplo, com os feijões que flutuam na minha sopa?

Começo a sentir uma dor na barriga. (Fazia muito tempo que não tinha isso!) Como se sentisse um bacilo-parasita-bactéria já começando a roer meus intestinos.

As palavras do *Heimführer* repetem-se continuamente. Os judeus são parasitas-bacilos-bactérias. Eles contaminam tudo, eles deixam vocês doentes.

Eu mexo. Mexo minha sopa com um movimento mecânico, repetitivo. Refletindo, acredito que os parasitas têm uma forma semelhante à dos feijões. Os judeus são parasitas. Os feijões contaminaram minha sopa. Há judeus na minha sopa! Uma infinidade de minijudeus fazendo caretas e debochando! Entre eles se encontra Lukas... Lukas, o feijão – no sentido próprio e figurado, já que ele esconde que é judeu, já que exagera seu desempenho diante de seus superiores, com seus dois camaradas idiotas... Sim, eu o vejo, como um pequeno ser maléfico, mergulhando no líquido quando as costas da minha colher o obrigam, para voltar em seguida à tona.

Impossível tomar uma sopa com vários Lukas dentro. Dou minha porção para o meu vizinho.

Levanto a cabeça e procuro Lukas com o olhar. O de verdade, ao natural, não o feijão que chafurdava na minha sopa. Será que ele chegou a comer? Será que aplaudiu agora há pouco? Será que, com Gunter e Herman, ele comentou sobre a “contaminação judia” depois da leitura do *Heimführer*?

Não consigo localizá-lo na massa de cabeças loiras inclinadas sobre os pratos. O refeitório é muito grande, eu precisaria me levantar, o que é proibido.

Como Lukas se controla, quando...

NA AULA DE HISTÓRIA, o professor nos apresenta todas as iniquidades do tratado de Versalhes, denunciadas pelo nosso Führer. Ele nos explica que os poloneses, com a ajuda dos judeus, atacaram a Alemanha socialista em setembro de 1939. (Eu tinha apenas três anos em 1939, estava ainda em Steinhöring, entretanto me lembro do acontecimento. No *Heim*, comemorou-

se o ataque alemão, não? Mesma coisa em Poznan...) O professor prossegue detalhando a vitória gloriosa de nossas tropas e nos prova a necessidade de submeter os poloneses, um povo inferior.

E na classe de Lukas, o que acontece? Será que ele anota a matéria? Será que ele escreve as palavras ditadas pelo professor? Quando ele escreve uma lição sentado na carteira, ladeado pelos seus dois brutamontes que, não tendo nada na cabeça, têm o hábito de colar dele, será que desenvolve com uma bela retórica a teoria do professor?

E na aula de educação política? Quando nos repetem que somos a elite, que amanhã governaremos o país ocupando os postos mais importantes?

Não sei como Lukas faz. Nunca falo com ele a sós. Mas eu penso nisso tudo e minha imaginação dispara. Como no episódio dos feijões na sopa. Ele aparenta se sentir completamente em seu elemento na *Napola*, Lukas, que, uma vez completada sua formação, depois de meses, anos, poderá se tornar ministro? Pode, em seguida, suceder ao Führer? O que ele fará então? Será que vai esconder a vida inteira que é judeu? Ou será que alguém, apesar de tudo, acabará por desmascará-lo e me denunciá-lo, por não tê-lo denunciado? Ou, ainda, outra possibilidade, a de que Lukas, com seus plenos poderes, se vingará, mandando para o campo de concentração toda a população alemã?

Minha cabeça dá voltas. Peço uma permissão excepcional para sair durante a aula de educação política. Enquanto o professor aceita meu pedido porque sou um elemento bom, muito bom, mas me advertindo para que isso não se repita, meus colegas caçoam de mim enquanto deixo a sala correndo como se fosse fazer minhas necessidades nas calças.

Como Lukas se controla, quando...

AQUI, O CALENDÁRIO GIRA em torno das festas comemorativas do nacional-socialismo. Com exceção do Natal, não damos importância às festas cristãs.

Estamos no dia 29 de janeiro. Amanhã, 30 de janeiro, é feriado, comemoração da tomada do poder pelo nosso Führer em 1933. Como não temos aula amanhã, o tempo de vigília antes de irmos para a cama é estendido e, para animar a noite, dar-lhe um caráter particular, os instrutores programam uma queima de livros. É uma festa!

Durante o dia, meus colegas só falam disso. Eles querem que a noite

chegue logo. Para alguns, essa não é a primeira vez; já assistiram à queima de livros em suas cidades de origem. Para outros, como eu, isso é novidade. As atividades físicas da tarde são substituídas pelo descarregamento dos caminhões que trazem os livros que serão queimados. Eles trazem um pouco de vários lugares, bibliotecas, particulares, provenientes da Alemanha ou dos países ocupados. Formamos uma corrente para transportar as caixas dos caminhões até o meio do pátio. Isso pesa! Nossos músculos trabalham! Estamos sem camisa apesar da temperatura negativa, mas o esforço logo nos faz esquecer o frio glacial. A atmosfera está relaxada, podemos conversar uns com os outros e nos divertir.

– Droga de livros produzidos pela escória judia!

– Bertolt Brecht, Sigmund Freud, Heinrich Mann, Karl Marx, Stefan Zweig! Que nomes bem alemães, bem nossos! E, entretanto...

– O Führer tem razão, o parasita judeu sabe se disfarçar sob um véu!

Para incrementar essa tarde festiva, assim que o descarregamento termina, recebemos chá e uma fatia de pão, o que em ocasiões normais não acontece, o esforço físico nunca é recompensado por um lanche. Depois da pausa, pegamos as caixas e as esvaziamos, distribuindo desordenadamente seu conteúdo no meio do pátio, como se se tratasse de detritos. São detritos, dejetos. Por isso é preciso queimá-los! É divertido ver os livros se desmanchando ao cair. É divertido saltar na pilha alta que eles formam para sapatear sobre eles, quebrar os blocos, arrancar as capas, rasgar as páginas, formar bolas com elas e atirá-la uns nos outros aos gritos, como se fosse uma guerra de bolas de neve. Alguns, agachados, fazem o gesto de limpar a bunda com as folhas. “Isso é que é bom! Uma verdadeira carícia!” Essa palhaçada provoca uma hilaridade geral. É uma tarde muito agradável, a alegria e o bom humor reinam no pátio.

QUANDO CHEGA A HORA H, estamos todos reunidos, professores e alunos. Limpos, banho tomado, esfregados, reluzentes como moedas novas, vestimos nossos uniformes de gala. Os chefes de seção, dois passos adiante dos outros, levam as bandeiras do Reich. O braço direito elevado e estendido, damos a volta à pirâmide formada pelos livros empilhados. Quatro *Jungmannen* são designados para jogar a gasolina usando grandes tambores. Depois, um de cada vez, eles riscam um fósforo e o jogam. O fogo começa a pegar na base da pirâmide. Nós os incentivamos com as canções que entoamos. Canções

enaltecendo nosso Führer, o Reich e seus mil anos de reinado, livres do judaísmo e do bolchevismo. No início, o fogo é lento, algumas pequenas chamas tímidas e inofensivas percorrem a base da pirâmide de papel, longe do topo, que parece lhes dizer em tom de menosprezo: “Estou bem mais no alto! Bem acima! Vocês não vão me alcançar nunca! Represento séculos de saber e de erudição! Isso não se reduz a nada em alguns minutos!”

Mas nós cantamos cada vez mais forte, marcando o ritmo com o martelar de nossas botas no chão. Iniciamos uma espécie de dança dando a volta em torno do braseiro. Como se o tivéssemos invocado por meio de encantamentos, o vento se levanta e sopra violentamente, atijando o fogo. E o fogo cresce, se avoluma. E as capas dos livros vão ficando negras, ressecam, se retorcem, o papel queima, as chamas crepitam, logo chegam tão alto que atingem a altura do primeiro andar do prédio junto ao qual nós estamos. Elas se refletem em cada uma das janelas, criando fontes de luz. É noite, mas vemos tão claramente quanto em pleno dia. Faz frio, mas o fogo nos aquece.

Eu também canto. Eu também giro em torno do braseiro. E uma vez mais procuro ver Lukas através das chamas. Para ver como ele canta, como ele dança... Adoraria saber se ele se lembra das palavras que usou, quando, na enfermaria de Kalish, me contou a história de seus pais. Quando me falou que sua mãe tinha uma livraria. Ele tinha me dito: “Ei, Caveirão! Você sabe para que servem os livros? Servem para ser lidos, não para ser queimados como fazem seus amigos, gritando como selvagens”.

Eu canto. Grito como meus companheiros, os selvagens. Mas isso não me impede de refletir, de deixar minha imaginação voar. Depois dos feijões judeus na sopa, depois da visão de Lukas como Führer, minha imaginação me fez ver não apenas uma pirâmide de livros em chamas, mas uma livraria inteira, aquela que pertencia à mãe de Lukas. E a mãe de Lukas está dentro dela. Sendo queimada viva. O ar está saturado de fumaça, tomado pelo cheiro de papel queimado, de couro queimado, de carne queimada.

Tenho vontade de vomitar.

Onde está Lukas? Só consigo vê-lo intermitentemente. Por trás das chamas, levado pela movimentação do grupo dos *Jungmannen*. Ele está, evidentemente, ladeado por Gunter e Herman, esses dois imbecis que berram mais alto que os outros, que giram mais rápido do que os outros. Tenho a impressão de que estão bêbados, devem ter bebido *schnaps* – alguns

Jungmannen bebem escondido. O calor e o mal-estar ajudam, eu os imagino atirando-se no fogo para tornar o espetáculo mais grandioso, para provar sua *Draufgängertum*. E arrastam Lukas com eles.

Como Lukas se controla, quando...

AULA DE BIOLOGIA.

Uma das nossas matérias preferidas. Por quê? Porque a sala onde as aulas são dadas é decorada de modo engraçado. Somos nós que a decoramos. Com nossos desenhos, recolhidos entre aqueles do professor de desenho, que trabalha muitas vezes em colaboração com o professor de biologia. Nossas obras são trabalhos práticos voltados para ilustrar o título do curso: “Sinais característicos e distintivos do judeu”.

No começo do ano, nossa produção ainda não enfeitava as paredes. Havia apenas fotos de judeus (verdadeiros), de frente e de perfil. Nós devíamos estudá-los. No início, nossos comentários eram feitos livremente, sem pensar, sem necessidade de construir frases corretas ou adotar uma linguagem polida. Como, por exemplo:

- Não é possível ser assim tão repugnante!
- É a foto de um espantalho!
- Sim! Em um campo ameaçado pelos corvos, seria útil!
- Ainda bem que as fotos não deixam passar o cheiro!
- Senão, isso federia a merda!

Era divertido falar tudo o que passava pela nossa cabeça. Mas isso não durou muito tempo, o professor acabou com isso, porque o ambiente corria perigo de degenerar em bagunça. Abandonando a fase lúdica, ele passou à fase científica. Devíamos estudar cuidadosamente as fotos, medindo o comprimento do nariz, das orelhas, a altura da testa, a espessura dos lábios, a distância entre os olhos. Precisávamos também encontrar os termos precisos para qualificar a cor dos olhos e dos cabelos. Devíamos escrever nossos resultados em uma tabela e compará-la com a tabela de referência onde figuravam as medidas arianas. Fácil. Elementar. Os números eram opostos. Quanto à cor dos olhos e dos cabelos, nenhuma necessidade de quebrar a cabeça: pretos. A classe inteira se saiu bem nesse primeiro teste.

Em seguida, o professor pregou um desenho na parede da sala. Com um título: *O judeu errante*. Via-se um senhor de idade anguloso, curvado,

enrugado, com o rosto magro e tão murcho quanto uma maçã podre, apoiado em um bastão, vestido com farrapos e carregando uma trouxa imunda nas costas. Embaixo do desenho, havia uma legenda: “Eles chegaram assim do Oriente...”. O professor insistiu nas reticências. Qual o significado delas? Cabia a nós descobrir. Nosso trabalho para a aula muitas vezes era imaginar a transformação do judeu, depois que ele se instalou na Alemanha ou em outro país da Europa. Duas opções para esse exercício: desenhar ou fazer uma redação.

NÃO GOSTO DE REDAÇÕES.

Também não gosto de desenhar.

Mordiscar meu lápis enquanto penso diante de uma página em branco não é meu estilo. Relembrar uma paisagem ou, no caso, um rosto, um corpo, para colocá-lo no papel, menos ainda. Os escritores e os desenhistas são intelectuais e covardes. Mas é preciso que eu faça qualquer coisa, senão vou ser castigado por não fazer um trabalho. Como não sou burro, sabia que a outra parte do desenho devia estar na sala de leitura – onde uma pilha de jornais com as notícias do fronte ficava à nossa disposição. Em todos os jornais, ou em quase todos, há caricaturas de judeus. Bastava eu achar aquele do qual tinha sido extraída a primeira parte do desenho. Mas não deu certo. É claro. O professor tinha previsto que pequenos maliciosos como eu tentariam trapacear, e ele teve o cuidado de retirar os jornais das prateleiras.

Se pelo menos ele nos tivesse pedido esse trabalho depois da leitura do *Heimführer* no refeitório, eu poderia desenhar um parasita em forma de feijão. É fácil desenhar um feijão, basta traçar uma espécie de semicírculo encurvado, acrescentam-se cabelos, olhos e está pronto. Mas a aula da qual estou falando aconteceu antes da leitura... Então, fazer o quê? Colar de um colega? Tentador, mas perigoso. Colar é uma desonra (ao contrário da delação e da espionagem, consideradas como valores fundamentais). A punição, muito severa, pode chegar até à retirada do punhal de honra, em público, diante de todos os alunos reunidos. Nem pensar. Faço muita questão de manter meu punhal.

Finalmente fiz uma barganha com Manfred. Ele é nulo em esportes, tem uma *Draufgängertum* tão desenvolvida quanto a de um padre, mas é um artista, adora desenhar, tem uma imaginação transbordante, ainda mais que, para ele, fazer um desenho extra para mim não daria trabalho, pelo contrário.

Em troca, quando fomos nos enfrentar numa luta de boxe, eu o deixei levar vantagem. O instrutor ficou surpreso, mas não me deu uma bronca, apenas disse:

– Há dias em que não estamos em forma, mas, mesmo assim, cuidado, Konrad, recomponha-se! Da próxima vez, não admitirei nenhuma fraqueza!

Ele me deu uma piscadela para me encorajar.

Acho que ele compreendeu que eu tinha sido pressionado a “fazer corpo mole”, como se diz na linguagem de boxe. Nosso professor de boxe não é um ilustre desconhecido, longe disso, é *Herr Rohloff*, campeão europeu de boxe. Suponho que não tenha chegado a campeão mundial exatamente porque também deve ter sido obrigado a “fazer corpo mole”. (Temos muita sorte na *Napola*. Como o esporte é a matéria principal, temos como professores personalidades célebres; por exemplo, o professor de lançamento de dardo dos *Jungmannen*, *Herr Stöck*, é campeão olímpico.)

Voltando ao que interessa, Manfred fez um desenho magnífico para mim. Um judeu barrigudo, sentado com as pernas afastadas sobre um saco enorme com a forma do globo terrestre, rotulado com a palavra “GELD”^[16] em letras maiúsculas. Ele está todo suado, tem as maçãs do rosto rubras como se tivesse bebido, pontilhadas de pontos pretos porque está mal barbeado. Parece bem vestido, mas sua roupa é feia e está amassada. Manfred a coloriu com tons que não combinam, sapatos roxos, meias verdes e uma gravata vermelha. O chapéu preto do judeu gordo e suado escorregou da sua cabeça úmida e jaz no chão.

Recebi os parabéns do professor e um 10 sobre 10. Meu desenho foi emoldurado antes de ser pregado na parede. O próprio Manfred tirou 9,5. O desenho dele – o segundo classificado – era também muito criativo. Intitulava-se: *O cogumelo venenoso*. O alto do cogumelo era um chapéu de judeu; o talo, um rosto de judeu com um nariz grande, orelhas de abano e uma barba em forma de corola vermelha. Na raiz do cogumelo, saindo da terra, uma estrela de cinco pontas. Dava o que pensar! O professor explicou que não lhe deu a nota máxima porque seu desenho, ainda que representando a mais estrita realidade, desviava-se do tema em relação às informações. Era preciso evocar a transformação do judeu depois de se instalar na Europa. Da mesma forma, estavam fora do tema proposto os alunos que, sem se esforçar muito, tinham desenhado os judeus com nariz de porco ou orelhas peludas.

O professor enfim revelou a segunda parte do desenho. O do jornal. Ele

representava o mesmo judeu que o primeiro, mas, em vez de magro e andrajoso, ele tinha se tornado gordo e vestia um terno de muito mau gosto, estava coberto de ouro e diamantes cintilantes, e fumava um cigarro. Com o pé, ele esmagava um cidadão alemão. Este tinha o rosto torturado, era quase possível ouvir o grito de sofrimento que ele lançava, e estava tão magro que se adivinhava que morria de fome. A legenda dizia: “... e ficaram assim no nosso país”.

Meus colegas aplaudiram. O ambiente estava agradável, relaxado, alegre, o que é raro durante as aulas.

Eu me pus a sonhar acordado observando as fotos, desenhos e esboços daquela parede.

Aquele velho judeu que chegava do Oriente, eu o comparei a um jovem judeu, que, se não vinha do Oriente, vinha do Leste. Da Polônia. Lukas. Ele, evidentemente! Será que ele poderia ser neto dele? Quando chegou a Kalish, Lukas já era loiro – a *Napola* não mudou a cor de seus cabelos –, *idem* para os olhos azuis. Mas estava magro, sujo, vestido com farrapos, a juba cheia de piolhos e o olhar cruel. E agora... Se alguém o desenhasse agora, o representaria vestido com um belo uniforme de *Jungman*, a pele rósea, o olhar claro e puro. Poderíamos desenhar sob sua bota o rosto de Walter, o garoto que ele tinha espancado na sala de estudo com Gunter e Herman. Embaixo do desenho, poderia vir a mesma legenda do jornal: “Ele chegou assim de Poznan e ficou assim na Alemanha, na *Napola*”.

Por outro lado, alguma coisa não se encaixava. Se as medidas de Lukas fossem inscritas na tabela que o professor nos deu no começo das seções, constataríamos que elas correspondiam às medidas arianas. Além disso, Lukas tinha um certificado verde de aptidão racial.

Tive vontade de contar tudo ao professor. De lhe dizer que Lukas era *judeu* e *ariano*. Para que ele me explicasse afinal essa contradição!

Mas não disse nada.

E agora me enchi do curso de biologia. Eu me aborreço até a morte. Não desenhemos mais. Escrevemos. Decoramos. O curso é modular, agora o título é formulado assim: “Como reconhecer um judeu?”. Seguindo o ditado do professor, devemos escrever:

O nariz judeu é curvado na ponta. Parece o número 6. Se alguns não judeus têm também o nariz curvado, é preciso saber que essa curva se dirige para cima. Os lábios dos judeus são grossos, as sobrancelhas, espessas. O corpo é pequeno, as pernas curtas e arqueadas, os braços retraídos. Tem a testa curta, afundada, cabelos pretos e frisados como os negros, as orelhas têm a forma das asas das xícaras. Seu cheiro é repugnante, a barba infestada de piolhos, e as roupas, engorduradas.

Detesto ditados. Tenho dificuldade com a concordância dos verbos. Eu me atrapalho com consoantes duplas. Não gosto de decorar, ainda menos de recitar diante da classe inteira.

Além disso, para a próxima aula, devemos achar outros qualificativos para acrescentar a esse texto, também emoldurado e pendurado na parede.

Eu não encontro esses malditos adjetivos qualificativos.

Ao contrário dos meus colegas.

Não participo mais da parte oral da aula.

Minhas notas caem.

Estou aliviado porque, algumas semanas depois, a aula de biologia parece tomar outra direção.

O professor nos fala agora dos animais. O que falta ao animal em comparação ao homem? Fácil, falta-lhe o raciocínio! Falta-lhe a capacidade de pensar! Sou o primeiro a levantar o dedo e a dar a resposta certa. Em seguida, o professor nos explica o funcionamento dos animais pequenos, como carrapatos e pulgas, que se alimentam de sangue e transmitem doenças aos homens. Ele nos mostra como, para preservar a saúde humana, é preciso combatê-los. Ele fala do progresso da medicina, da pesquisa.

Acho a aula apaixonante e, pela primeira vez, sou surpreendido pelo sinal, quando normalmente tenho a impressão de que está horas e horas atrasado.

Antes de nos liberar, o professor nos dá uma lição para a próxima aula. Boa notícia. Digo a mim mesmo que vou ter oportunidade de recuperar minhas notas.

Ele escreve o tema na lousa: “Explicar a necessidade de exterminar o povo judeu”.

Como Lukas se controla, quando...

O BANHO DE CHUVEIRO.

Ele é diário na *Napola*, já mencionei isso antes. O que é bem agradável e necessário, quando são praticadas catorze horas de esporte por semana. Os locais são limpos, reluzentes, impecáveis. Eles ficam ao lado do dormitório, que é dotado de lavatório separado, outro elemento de conforto destinado a desenvolver nos alunos um senso aguçado de higiene, indispensável aos arianos que somos.

O x da questão é o maldito sabão com que esperam que nos lavemos. Ele é de péssima qualidade, mas não se encontram outros na Alemanha já há alguns meses. Não faz espuma! Por mais que o passemos debaixo d'água, o esfreguemos entre as mãos, friccionando com vigor, só conseguimos esfolar a pele, sem jamais ver uma bolhinha de espuma. Além disso, ele fede! Ele exala um cheiro nauseabundo, um pouco como... como um pedaço de carne estragada que teria secado. Se levarmos em conta ainda mais as restrições de água quente a que somos submetidos nos últimos tempos, o chuveiro já não é verdadeiramente um prazer. Meus companheiros e eu nos queixamos, mesmo quando se torna um tema de gozação.

- Maldito sabão judeu!
- Ele fede a merda!
- Vamos lá, me passe um pouco disso para eu me esfregar, mesmo que não sirva para nada!

Sempre ouvi, desde a minha chegada na *Napola*, que esse sabão foi batizado de “RIF”. Não sei o que significam essas três iniciais. Com medo de demonstrar minha ignorância e de passar por bobo, nunca tive coragem de perguntar. Tentei adivinhar. R como... *Reich*? I como... *Immer*? F como *Falso*? Isso dá em: “Reich, sempre, falso”. Não faz sentido. R como... *Reisen*? I como... *Im*? F como *Führer*?... “Suba no Führer”. Totalmente sem nexos! Tentei ainda: *Richtig Ideal Farbe* (“cor exata e ideal”). Qual a relação com um sabão? Ainda mais que a cor do sabão é tão abjeta quanto o cheiro. Espremi os miolos fazendo inúmeras combinações de letras. Em vão.

Acabei desistindo e indo perguntar a Manfred. Manfred, o covarde, que é nulo nos esportes e passa o tempo livre desenhando, não teria interesse em caçar de mim. E, com efeito, ele me respondeu gentilmente, com sua vozinha aflautada:

– RIF? São as iniciais de uma indústria, *Reichsstelle Industrielle...* qualquer coisa, esqueci a última palavra... Mas, aqui, elas foram transformadas em *Rein Juden Fett!* Com um I fonético. *Rein Juden Fett!* – ele repetiu enquanto, boquiaberto, imóvel sob a água, que de morna tinha ficado gelada, eu virava uma estátua. – Por isso é que fede e não espuma! – completou Manfred. – Mas é melhor do que não ter sabão nenhum!

Rein Juden Fett.

Rein Juden Fett.

Ah, sim! Você precisa de tradução para compreender por que fiquei imóvel debaixo da água gelada, não é? Pois aí está:

“Gordura pura de judeu”.

Sabão fabricado com gordura de judeu. Os judeus que estão nos campos... Como, por exemplo, a mãe de Lukas, em Treblinka.

Não consigo mais me lavar.

Estou sujo e fedido.

Enquanto ele, ELE, toma banho todos os dias! Está limpo, está impecável. Até já começa a fazer a barba.

Ele se tornou ariano, e eu... eu... é como se eu tivesse me tornado um judeu.

[\[16\]](#) DINHEIRO.

AFINAL, ACABEI POR COMPREENDER como Lukas se controlava. Apesar da minha inteligência superior, não adivinhei isso sozinho, foi preciso que ele me explicasse.

De fato, eu jamais conseguiria imaginar uma coisa semelhante.

SALA DE ESTUDO. Eu queimo as pestanas sobre uma redação que deve ser entregue amanhã. O tema: “Imagine a transformação de um animal por uma poção mágica”. As crianças da minha idade adoram esse tipo de exercício, dá para acreditar? As crianças comuns, pode ser. Não os alunos de uma *Napola*. Não se trata de disseminar tolices descrevendo a transformação de um meigo cão peludo que brinca com sua bola em um enorme e terrível dragão cuspidor de fogo e ameaçando uma bela princesa. Essa redação, como todos os deveres que nos dão, deve ser escrita de uma perspectiva nazista.

Tenho algumas ideias em mente... O animal poderia ser Lukas, e a poção mágica, a *Napola*, que fez dele um ariano puro e duro. Ou, então, o animal seria eu, e a poção mágica com poderes maléficos, Lukas. Porque, tenho bem consciência disso, ele fez a maior confusão na minha cabeça desde que eu o conheci. E isso não vai se resolver. O contato com Lukas me transforma. Ele me “desarianou”, me “judaisou”. (Invento novas palavras para a situação.) Assim, seja o animal Lukas ou eu, saberei fazer meu dever, estarei preparado para descrever uma transformação muito específica. Mas como desenvolver qualquer das duas ideias sem me meter numa tremenda enrascada? Impossível.

Estou travado. Além dessas duas vias, não encontro outras. E cá estou eu, diante da minha página em branco, mordendo a ponta da caneta, roendo as unhas enquanto lanço um olhar triste pela janela. A noite cai lá fora e não

passa das 17 horas. A inspiração não vem. Tenho vontade de mandar tudo pelos ares! Estou farto!

Para completar minha irritação, Manfred está sentado ao meu lado e, curvado sobre seu caderno, não para de escrever, escrever. No ritmo em que está indo, arrisca-se a esgotar sozinho a quantidade de papel que nos foi dada para a noite. O raspar da sua caneta no papel ressoa no silêncio da sala. Arrepiante. O que é que pode estar contando esse débil? Lendo por cima do ombro dele, descubro que ele escolheu como animal a Alemanha em seguida à Primeira Guerra Mundial e, como poção mágica, o Führer. Ele foi no mais simples, no mais evidente, e vai tirar a melhor nota. Cretino!

Decido abandonar essa maldita redação por um instante e me ocupar de outra coisa. Uma vez por mês, cada um de nós deve enviar uma carta de apoio a um soldado na frente. Meu correspondente é um tal de Harald Schwarz, *Rottenführer* de seu estado. Bem, isso pelo menos é fácil, vou lhe mandar as mesmas frases da última vez, só que modificadas. Ele deve aguentar; mesmo se os combates forem rudes, sua pátria o ama, acredita nele, está orgulhosa dele e não duvida nem por um instante que a vitória final se aproxima a grandes passos, e para a qual ele terá contribuído com seus sacrifícios. Seu devotamento ao Führer não deixará de ser recompensado, ele voltará do fronte coberto de glória, etc. etc. etc. Desta vez, eu me empolguei, minha caneta corre rápida como a de Manfred. Redijo pelo menos dez linhas de uma vez, e só me interrompo um instante por causa de uma rápida câimbra na mão. (Posso correr ou nadar duas horas seguidas sem ter cansaço muscular, mas sustentar uma caneta, isso me faz mal!) Levanto então os olhos e percebo que a noite lá fora está linda e já caiu completamente. Está próximo o solstício de inverno. Os dias estão cada vez mais curtos. É desagradável a sensação de que a noite arrisca-se a ser eterna...

Por que isso me ocorre, de repente? Sem dúvida é ainda um efeito perverso da “poção mágica” que me corrói por dentro! Decidido a voltar ao trabalho, eu me recupero rapidamente, quando, apesar da penumbra, reconheço a silhueta que atravessa o pátio. Que se dirige ao prédio da *Volksschule*. Meu prédio... O que é que *ele* está fazendo por aqui? Será que finalmente, passados dez meses, ele se lembrou de que eu existo?

Espero, imóvel, à espreita. Logo escuto passos soando na escada, depois atrás da porta da sala de estudo, que não demora a se abrir.

– Olá, Caveirão!

Sobretudo não devo me mexer. Nem me virar para ele. Nem manifestar o que quer que seja, excitação, nervosismo. Alegria, menos ainda.

Afinal, não tenho nenhum motivo para me alegrar. Se Lukas se digna a dar o ar de sua graça, não é por sua amizade por mim, mas porque recebeu um golpe duro por esses dias. Ele vem procurar consolo junto a mim? Pode desistir. Eu talvez tenha minha vingança...

O GOLPE DURO FOI A MORTE de Gunter, na semana passada. Não sei quais foram as circunstâncias exatas, apenas que isso aconteceu durante um exercício paramilitar. Poderia ter sido Herman. Poderia ter sido Lukas, já que são inseparáveis. Aliás, Lukas ficou ferido. Seus rins foram enfaixados, o que não diminui em nada a elegância de seu porte, pelo contrário. Dir-se-ia a cintura de um toureiro. Ele se mantém ainda mais ereto. Parece ainda mais orgulhoso.

Em todo caso, *exit* Gunter, restam apenas dois dos três mosqueteiros.

Ele estraga a nossa vida até no fim da dele. Por causa de sua morte, a comemoração de Natal e a festa do solstício de inverno foram canceladas. A escola está de luto. Tivemos mesmo de participar de uma cerimônia. Um velório. *Heimführer*, diretor pedagógico, intendente, pessoal prestador de serviços (escritório, cozinha, lavanderia, enfermaria) e alunos, evidentemente, todos reunidos em volta do caixão de Gunter, coberto com a bandeira do Reich. Estávamos vestidos com os uniformes de gala, com uma braçadeira negra. Rituais e discursos se encadearam. E foi demorado. E estava frio debaixo de neve. E estávamos com sono. Os pais de Gunter eram os convidados de honra – eles foram embora levando o corpo logo depois. Não sei se a presença da senhora e do *Obergruppenführer* Lübeln foi determinante, ou se é de praxe se fazer o elogio de um morto. O fato é que Gunter, o débil, Gunter, o grosso, Gunter que tinha um feijão – ah!, eu me acho muito engraçado! – no lugar do cérebro, tornou-se de repente Gunter, o corajoso, Gunter, a fina flor da inteligência, Gunter, o *Jungman* modelo, o exemplo a seguir. Morreu provando sua coragem, demonstrando uma *Draufgängertum* incomparável. Ele levou ao pé da letra e ilustrou magnificamente a divisa principal das Juventudes Hitleristas: “Nós estamos aqui para servir o Führer e para morrer por ele”. O meu palpite é que, se ele tivesse, sozinho, destruído vinte blindados russos em Stalingrado, não teria recebido mais honrarias!

Bem... Só vendo para crer.

Os acidentes graves – jamais mortais – são comuns na *Napola*. Há um mês, um carinha tentou fugir. Uma caçada humana foi organizada para encontrá-lo. Todos os alunos da classe dele participaram, apaixonadamente. Quando o capturaram, eles o jogaram nu em um rio que passa nos fundos da escola, depois lhe deram uma surra de cinta. Algumas semanas depois, um garoto foi acusado de roubar dinheiro. Como punição, ele teve de saltar do quarto andar para o pátio, sem rede de proteção. Fraturou a bacia. Ainda está no hospital.

Com Gunter foi diferente. Ele não se contentou em ficar gravemente ferido, foi além. Pelo menos nisso, ele se destacou.

– VOCÊ CRESCEU, CAVEIRÃO.

É claro que cresci, já vou completar 8 anos. E isso não graças à sua ajuda. E você parece ter bem mais que 14 anos, já tem a aparência de homem.

Lukas senta-se ao meu lado, depois de ter ordenado a Manfred, com um simples movimento do queixo, para liberar o lugar e ir se sentar mais longe. Manfred apressa-se em obedecer, já que Lukas é um dos *Jungmannen* que os *JungVolk* respeitam e temem. Apesar das circunstâncias, não posso deixar de sentir certo orgulho.

Lukas coloca sua mão, forte, grande, com unhas impecáveis, sobre a minha carta. Um cheiro exala dele, um perfume, como uma água de colônia. Onde ele pode ter conseguido isso? Será que assim ele disfarça o mau cheiro do *RIF* com que se ensaboia todos os dias?

Digo um “Olá!” breve, como resposta. Frio, desligado, como se o tivesse visto na véspera, à noite, enquanto decorreram dez meses desde a nossa chegada à *Napola*. Afasto a mão dele para reaver minha carta, que tenho intenção de continuar. Mas ele a pega das minhas mãos e a lê.

Um sorriso, esse eterno sorriso gozador que tem o dom de me tirar do sério, surge rapidamente em seus lábios.

– Besteiras! – ele exclama, jogando a carta sobre a mesa.

Eu lhe envio meu olhar mais ofendido. Ele se apodera da minha caneta e vira a folha.

– Vou ajudá-lo a escrever esta carta – ele me diz.

– De jeito nenhum! Não é um judeu sujo como você que vai me ditar o que devo dizer a nossos soldados!

Manfred e outro aluno da minha classe que também está na sala de estudo voltam-se rapidamente e caem na gargalhada. Eles se divertem porque tratar qualquer um de “judeu sujo” é tanto uma gozação corrente como um xingamento tão insignificante quanto “bastardo” ou “babaca”. Eles não sabem, *não podem* saber, que, vindo de mim, não tem nada de gozação.

Lukas também ri – ainda que um riso meio amarelo; conheço a cristação característica de seus lábios –, depois, certificando-se de que Manfred e Kaspar voltaram a trabalhar, ele coloca o indicador sobre a minha boca para me forçar a não continuar a falar e depois me faz um sinal para que eu me aproxime dele. E escreve uma palavra na folha:

Gunter.

Aí está, bem que eu estava imaginando. Triste pela morte de seu *alter ego*, ele vem falar comigo. Eu me preparo para lhe dizer que vá chorar no ombro de Herman, mas não vou adiante. Seu sorriso, o brilho de júbilo em seus olhos... Estranho, Lukas não parece nem um pouco triste. Enquanto que durante o velório, os olhos cheios de lágrimas, ele recebeu os pêsames dos colegas com tanta emoção como se fosse irmão de Gunter. Alguma coisa está errada.

Sabe como ele morreu?, escreve Lukas.

– Sim, evidentemente, todo mundo sabe, ele...

Novamente ele me faz um sinal para calar a boca. Lança um olhar desconfiado na direção de Manfred e Kaspar.

Como ele morreu realmente?

Faço um sinal negativo com a cabeça. Lukas me olha longamente. Não sorri mais. Está tenso. Pega de novo a caneta e se põe a escrever. Bem rápido, sem parar.

Na véspera do exercício, Gunter conseguiu umas schnaps. Ele me convidou para beber com ele, como fazíamos sempre. Má ideia, visto o que nos esperava no dia seguinte. Mas ele não tinha a menor noção daquilo que nos esperava. Não sabia que um exercício muito perigoso estava previsto para o amanhecer do dia seguinte. Enquanto eu, sim... Há sempre um meio de dar um jeito de subornar um instrutor... Fiz de conta que bebia, que me embriagava com ele. Estávamos só os dois, Herman, mais prudente, tinha ido se deitar. Gunter adormeceu como uma pedra às duas horas da madrugada e quando, às 5h30, o sinal nos tirou da cama, ele estava em um estado

lamentável, com um bafo horroroso. Precisou que eu o ajudasse a se vestir, que eu enfiasse sua cueca, suas calças, que abotoasse sua camisa, como se fosse um bebê. Em seguida, precisei apoiá-lo em posição de sentido durante a chamada para impedir que caísse. No caminhão, durante o trajeto até o campo de manobras, ele vomitou barbaramente. Se ele não fosse o filho do distinto Obergruppenführer Lübeln, acho que os caras da seção o teriam linchado. Quando descemos do caminhão, o Scharführer de plantão nos atirou umas pás e nos enfileirou diante de três tanques que brotavam da névoa, com os motores roncando. Três panzers. Mastodontes de ferro: 7 metros de comprimento, 55 toneladas cada um.

– É do interesse de vocês cavar bem rápido, bando de merdas! E profundamente! É o momento de fazer a triagem entre os covardes, os degenerados e os verdadeiros soldados, aqueles que têm colhões!

Mãos à obra. Nesses casos, é cada um por si. Não dá tempo de se ocupar com o vizinho. Sabíamos que o sádico do Scharführer, que nos insultava e berrava conosco enquanto cavávamos, podia decidir, a qualquer momento, dar sinal de partida para os panzers. Fiz como os outros, cavei, sem me preocupar com Gunter que, como percebi com o canto dos olhos, tinha as mãos coladas pelo frio ao cabo da sua pá e nem havia chegado a cortar a camada de gelo que cobria a terra. Os veículos arrancaram. Pulei dentro do meu buraco. Gunter continuava em pé, imóvel, estarecido. Eu gritei para ele pular no buraco em que eu estava. Eu lhe garanti que havia lugar para dois, que tinha cavado bem fundo. Ele acreditou. Ele pulou. Quase me quebrou as costas quando caiu em cima de mim. Quando se deu conta de que a profundidade não era suficiente, que o topo de sua cabeça ficava fora do buraco, o tanque estava a um metro de nós, ele não tinha mais tempo de sair. Ele se pôs a pisotear minhas costas, a sapatear, para me obrigar a me achatar contra a terra. Ele berrava, soluçava. De repente, senti um líquido grudento escorrer sobre mim. Ele tinha feito xixi. Mas era tal o frio que fazia naquele buraco nojento, que o xixi quase me fez bem. Em todo caso me deu a força necessária não só para resistir aos golpes, mas para dar o impulso necessário para fazê-lo emergir do buraco, bem no momento em que o tanque passava por cima de nós, de tal modo que a cabeça dele foi arrancada.

Lukas para por um instante. Eu leio à medida que ele escreve. E ele

escreve rápido, sua mão treme, tenho dificuldade para decifrar seus garranchos. Tenho dificuldade também para acreditar no que leio, então volto atrás em uma ou outra frase, coloco minha mão sobre a dele para forçá-lo a diminuir a velocidade, e sinto seu tremor.

O Scharführer fez um relatório sobre o “acidente”, especificando que Gunter não tinha cavado um buraco e tinha pulado no meu, colocando os dois em perigo. (Ele não sabia que eu tinha embebedado Gunter na véspera. Com o barulho dos tanques, ele não ouviu quando chamei Gunter para pular no buraco em que eu estava.) Schmidt me chamou e me pediu, pela reputação da escola, pelos pais de Gunter, para corroborar com outra versão que não a do Scharführer, uma versão “oficial”. Um infeliz conjunto de circunstâncias, as esteiras do tanque estavam travadas... uma série de besteiras. Aceitei, e Schmidt me agradeceu calorosamente.

Levantei os olhos. Abri a boca como se fosse gritar, mas fiquei mudo. Havia realmente um grito ali, mas estava entalado, não saía e me sufocava. Eu me virei para Manfred, para Kaspar. Completamente absortos em seus deveres, eles não olhavam para mim. *Socorro!*

– O quê? O que é que há? – me pergunta Lukas em voz alta. – Acha minha carta muito dura?... Você se engana, Konrad! É preciso olhar a verdade de frente: seu correspondente, nosso valoroso soldado Harald, pode morrer a qualquer momento no fronte, ele sabe disso. Seu dever é explicar-lhe que a morte dele é necessária, perfeitamente justificada. Isso vai lhe dar coragem. Veja, vou acrescentar isso:

Quando Gunter morreu, gritando como um porco, pensei na morte do meu pai. Na do meu irmãozinho. Pensei em minha mãe que, ela também, pode ter morrido em Treblinka... Isso dá um contra três. Não é um acerto de contas justo. Mas esse é apenas o começo. “Olho por olho, dente por dente”, você conhece esse provérbio judeu?... Quero vingar a morte dos meus. Repiso isso onde quer que eu esteja. Por dentro. Isso faz mais mal ainda... Quando a mãe de Gunter me apertou em seus braços soluçando, eu disse para mim mesmo: “Porca suja, consegue imaginar agora o que milhares de mães têm passado?”. Quando o bastardo do marido me apertou a mão, eu disse para mim mesmo: “Isso é por todos aqueles que foram fuzilados por sua ordem”.

Continuo sem reação. Mudo como um peixe.

Você não me denunciou como judeu... Obrigado. Eu o recompensarei um dia. Mas você pode agora me denunciar como assassino. Você é quem decide.

Lukas me olha sorrindo. Não está tremendo mais. Ele se recompôs num instante. Ele pega a folha em que acabou de escrever, agita-a debaixo do meu nariz, depois se levanta e a joga nas brasas do aquecedor a lenha. Assim que o papel se reduz a cinzas, ele se volta para mim.

– O que é que você acha, Caveirão? Que vou fazer a tarefa em seu lugar?... Fácil demais! Eu lhe dei ideias para você criar sua carta, pode até se inspirar nelas, mas fora de questão copiá-las, você precisa encontrar suas próprias palavras... Logo nos veremos! – acrescentou enquanto saía da sala.

DEPOIS QUE ELE SE FOI, Manfred voltou a sentar-se ao meu lado.

– Você tem sorte de ter um irmão mais velho como Lukas – ele me diz. – É um modelo para você!

Eu lhe mando um soco na cara.

O SEGUNDO NA LISTA NEGRA de Lukas: Herman.

É claro.

Devo preveni-lo? Como? Enfiando uma carta anônima debaixo do travesseiro dele? Falando com o irmão dele, Ludwig, que está na minha classe?... Prevenir Herman é o mesmo que revelar que Lukas é o assassino de Gunter. Prevenir Herman seria me acusar como cúmplice. Porque, a esta altura, os acontecimentos se encadearam e formaram uma bola de neve: não denunciei Lukas, o judeu, o judeu que está disfarçado e que, sob a aparência de perfeito *Jungman*, pretende parasitar a *Napola* matando alguns de seus pensionistas. (Ao todo, quantos?)

Eu, que antes detestava o Herman, fico com pena dele. Toda vez que o vejo, rindo, comendo, bebendo ou azucrinando algum colega mais fraco que ele, tenho vontade de lhe dizer: “Aproveite! Daqui a pouco tempo você estará *kaputt!*”. Se ao menos eu tivesse uma noção do modo como Lukas pretende provocar essa segunda morte. Nem sei quando ele tem intenção de atacar.

De qualquer maneira, não tão rápido.

Várias semanas se passam sem que a escola seja perturbada pelo menor incidente. E se a ameaça de perder o irmão mais velho plana sobre Ludwig, só tenho a dizer que eu, em compensação, reencontrei o meu.

NOVIDADE. LUKAS VEM me ver regularmente. Sempre que é possível. Muitas vezes à tarde, durante a hora reservada para cuidarmos de nossos pertences pessoais. A primeira vez foi dois dias depois de sua revelação. Enquanto esperava que ele voltasse a me menosprezar como de hábito, ele apareceu no meu dormitório. Eu estava na pia, lavando minhas camisetas.

– Olá, Caveirão! Então, está lavando sua roupa suja? Como é tão pouca, e já que está fazendo isso mesmo, lave a minha!

Ele jogou o saco de roupa suja aos meus pés, estendeu-se na minha cama e, completamente descontraído, se pôs a folhear uma revista.

O sangue subiu à minha cabeça. Eu sacudi minha camiseta molhada bem na cara dele. Ele logo respondeu tirando uma das suas botas enlameadas e arremessando-a contra meu rosto. Revidei de novo, me armando com toda a roupa suja que estava de molho no lavatório. Ele então me lança sua segunda bota, depois o cinto, a calça. De minha parte, eu precisava de artilharia pesada. Fui procurar no fundo do meu armário minhas cuecas mais sujas, aquelas que datavam da época em que ainda não tinha me acostumado ao *RIF* e que me era impossível lavar roupa com o seu equivalente para lavagem de roupa fornecido pela escola. Bombardeei Lukas com essas armas formidáveis. Foi como um sinal de partida. Os outros, que até o momento se contentavam em nos olhar, entraram na brincadeira para alimentar uma gigantesca batalha de roupa suja. As peças voavam por todo o dormitório! (Percebi assim que eu não era o único a esconder uma parte da roupa suja. Vi cuecas tão impregnadas de urina seca que estavam lisas como cartolina. Outras exibiam vestígios bem significativos. Quando acertavam num alvo, era particularmente prazeroso. A vítima corria para os lavatórios para se lavar.) Quando a roupa suja esgotou, recorremos aos lençóis e travesseiros. Que farra! Era bom brincar, infringir as regras básicas de disciplina, saqueando esse dormitório desgraçado, sujando-o, fazendo uma confusão dos diabos!

Alertado pela gritaria, o chefe de seção logo apareceu. Só faltou ter um ataque apoplético ao ver a bagunça. O chão todo molhado, sujo de lama, as camas desfeitas, os travesseiros estourados, sem as penas que os recheavam, as cuecas sujas de cocô seco que se espalhavam pelo chão. Logo ele ameaçou com uma punição coletiva por degradação do local. Mas Lukas – que, nesse meio-tempo, ficou completamente sem roupa – plantou-se diante dele e o encarou do alto do seu um metro e setenta e cinco. O outro fracote, que mal lhe chegava ao peito, logo entendeu que era do seu interesse manter o incidente em segredo e esquecer a ameaça de punição. Abaixou os olhos em sinal de submissão. O olhar dele posa então no pipi de Lukas – não circuncidado, lembra-se? – e nos dois volumosos colhões que o enquadram. Vermelho como um pimentão, ele se vira sobre os calcanhares e desaparece sem falar mais nada.

LUKAS TAMBÉM VEM me ver no refeitório, no fim do almoço. Juntos, damos uma volta lá fora antes de retomar as atividades da tarde. Nós nos afastamos o suficiente para que ele possa fumar um cigarro. (Os *Jungmannen* fumam escondido; o tabaco faz parte dos produtos que são barganhados no mercado negro.) Ele me oferece uma tragada de vez em quando. Na primeira vez, imaginei que uma granada tinha explodido no meu peito. Depois, pouco a pouco, me acostumei. Gosto disso, acho que fumar me faz parecer um *Jungman*. Mas o que prefiro mesmo é o doce que Lukas me traz de vez em quando. Doce de verdade, não o horroroso purê de beterraba que estão nos servindo atualmente. Às vezes, Lukas consegue até chocolate. Ele chega a conseguir um montão de alimentos que faltam. É bom, porque a comida não é mais aquela que costumava ser na *Napola*, e frequentemente sinto a barriga roncando ao sair do refeitório.

NÓS NOS VEMOS também na fazenda, dentro das “práticas de trabalhos agrícolas”. Os alunos devem cada vez mais pôr a mão na massa para preservar as provisões que a fazenda nos fornece. Devemos cuidar dos últimos animais que nos restam. Lukas é imbatível quando se trata de pegar um frango. Ele me mostrou sua técnica, mas não sou tão jeitoso quanto ele. Esses bichinhos nojentos são muito rápidos quando sentem o perigo! Escapam por entre meus dedos, e me vejo estirado de bruços no chão, com o nariz enterrado nos seus excrementos.

– Você tem que imaginar que são judeus – Lukas me diz um dia, com um sorriso crispado nos lábios. – Exceto que – ele acrescentou pouco depois em voz baixa para não ser ouvido pelos outros – os frangos, ao menos eles, se debatem, não se deixam levar ao matadouro sem se defender.

O último frango sobrevivente na fazenda, Lukas deixou-o escapar. Eu não o impedi de fazer isso, porque sabia que ele não acabaria nos nossos pratos, mas nos do *Heimführer* e de alguns professores.

– Eu o nomeio chefe da resistência judaica – proclamou Lukas num tom cerimonioso, enquanto soltava o frango do lado de fora do muro que rodeava a escola.

Antes, ele havia providenciado um saquinho com grãos, que prendeu no pescoço do frango com um barbante, para que tivesse com o que se alimentar.

Devemos também tirar leite das vacas. O que fica cada vez mais difícil. Muito magras, mal alimentadas, elas fornecem apenas um fiozinho de leite.

– Sabe de uma coisa? Me enchi disso! Vou manusear outra coisa que não a teta dessas vacas vagabundas!

Num piscar de olhos, Lukas estava no fundo do estábulo, sem as calças. Ele estava de costas para mim, mas eu via os movimentos de sua mão direita que não parava de ir e vir com toda a rapidez, enquanto ele soltava uns “Oh!” “Ah!” “Uuh!”. Compreendi que ele estava acariciando o pipi. Ele se *masturbava*.

– Mas isso é proibido! – eu lhe disse, ofendido. – Não lhe basta ser judeu e assassino? Quer que, além da estrela amarela e do triângulo verde, preguem em você um triângulo rosa? A sua intenção é colecionar todas as figuras geométricas?

– Calma lá, Caveirão! Olhe e aprenda!

Ele me mostra como é preciso fazer. Nem um pouco evidente... Meu pipi é muito pequeno. Às vezes, funciona um pouco, consigo esfregá-lo contra o tecido da minha calça e me sinto estranho, como se um calor se espalhasse pelo meu baixo-ventre. É bárbaro, mas muito raro. Acho mais fácil fumar.

LUKAS, ÀS VEZES, também me leva à oficina de marcenaria. Não conversamos muito, nem com liberdade, porque raramente estamos só nós dois, já que a marcenaria é mais procurada que os trabalhos agrícolas. Lukas faz com muito cuidado um objeto de madeira, uma espécie de escultura. Ele me disse que é um brinquedo. Para mim. Será meu quando estiver pronto. Estou ansioso para ganhá-lo.

TUDO ISSO NÃO IMPEDE que regularmente despejemos xingamentos um no outro. Lukas – é do temperamento dele – não consegue deixar de alisar e arrepiar ao mesmo tempo.

– Filho da puta boche!

Isso lhe ocorre de repente, como um desejo de mijar pela boca.

– Judeu sujo!

– Názi!

– Cão polaco!

– Rebento do Reich!

– Raça inferior!

– Bastardo!

– Parasita!

- Seus pais transaram nas fábricas nazistas de fornicação!
- Os seus nunca mais vão transar!

Não me incomodo por brigarmos, nos xingarmos. Acho que é normal entre irmãos, nós nos amamos e ao mesmo tempo nos detestamos a ponto de, às vezes, querermos nos matar. Em compensação, o que tenho mais dificuldade de suportar é, quando menos espero, de maneira perversa, Lukas vem destilar em mim, uma a uma, gotas extras de sua “poção maléfica”.

O CINEMA É UM instrumento pedagógico muito importante na *Napola*. Projetam muitos filmes para nós, no mínimo um por semana. No começo, tratava-se sobretudo de filmes mostrando as grandes manifestações organizadas pelo Reich. Os cantos, os movimentos da multidão, os discursos públicos do nosso Führer. Magnífico! Agora, a guerra cada vez mais ocupa as telas. É também magnífico. Ficamos assim a par das novas armas desenvolvidas pela tecnologia do Reich. Fazem uma demonstração para nós, por exemplo, de um Panzer V ou de um Tiger. O narrador – ele tem uma bela voz, grave, quente, a dicção perfeita – informa que o *panzer* é o tanque mais temido pelos Aliados, que só têm para lhe opor o pobre Sherman, comparativamente muito fraco. Os próprios Aliados reconhecem que três dos seus blindados são destruídos antes que um *panzer* possa ser dobrado.

O narrador evoca também as façanhas dos Goliath. Verdadeiras joias! Trata-se de minúsculos blindados cheios de dinamite, teleguiados para penetrar em *bunkers* e explodir lá dentro.

Aplaudimos calorosamente na sala em que está sendo feita a projeção. E é nesse momento que Lukas aproveita para expulsar o aluno sentado ao meu lado e tomar o lugar dele. Ele aplaude como os outros. Sorri como os outros. Mas, ao mesmo tempo, imitando a voz do narrador, à qual acrescenta um sotaque polonês bem acentuado, ele cochicha insanidades nos meus ouvidos. O Panzer V não passa de uma réplica do formidável tanque russo, o T-434, que arrasa. Ele me descreve os aviões bimotores russos que, à noite, voam silenciosamente a baixa altitude no céu de Leningrado e destroem os comboios alemães. Eles foram apelidados de “Ivãs de aço”.

- Cala a boca! Você só fala bobagens!

Dou-lhe uma cotovelada e tento me concentrar na tela que nos mostra alguns episódios dos cercos de Moscou e de Leningrado. Está certo que nossos soldados sofrem com o frio, estão magros, exaustos, mas sorriem para

a câmera e exibem um ar confiante. O narrador nos fala a seguir da situação na África do Norte, onde o Afrikacorps de Rommel está bem posicionado. A África do Norte, isso nos parece tão longínquo! E, entretanto, essa região foi conquistada agora como parte do Reich. A Europa ocupada já é história velha... Quanto ao ataque de Pearl Harbour pelos japoneses, se, infelizmente, não temos as imagens dele, o professor encarregado da sessão descreve-o com muitos detalhes, várias vezes durante a semana. É preciso dizer que esses japoneses têm coragem, com seus aviões camicases! Isso desperta tal entusiasmo na sala – os *Jungmannen* mais velhos se levantam, como prestes a subir imediatamente em um desses aviões suicidas –, que o professor é obrigado a se interromper e tem dificuldade para restabelecer a calma.

Assim que o silêncio volta a reinar na sala, Lukas retoma a ofensiva.

– São montagens – ele murmura ao meu ouvido. – Não passa de propaganda falsa! Esses filmes são adulterados, não são atuais. O Afrikacorps está preso entre os ingleses a oeste e os franco-americanos a leste. Desde a entrada dos americanos na guerra, foram desenvolvidos novos meios técnicos, decifração das comunicações inimigas, radares, sonares, os submarinos alemães são destruídos em massa. Os boches capitularam em Stalingrado. Foram feitos noventa e um mil prisioneiros. Você e seus chapas podem tremer, porque o Exército Vermelho avança a grandes passos. Ele entrou em Kiev, libertou Leningrado, chega agora às portas de Varsóvia. Os Ivãs[\[17\]](#) se aproximam, Caveirão! Os Ivãs logo se porão em marcha para Berlim. Isso vai ferver, pode acreditar!

Falsidades. Mentiras. Idiotices. De onde ele poderia conseguir essas informações? Dos frangos que ele depenou na fazenda? Ele ouviu rádio pela teta da vaca?

Nada comprova o que Lukas afirma. Nada. Ou, quem sabe, um pouquinho... Certo, a comida está cada vez mais racionada. Tudo bem, inúmeros professores partem para o fronte sem ser substituídos. E os *Jungmannen* de 16 anos seguem um treinamento intensivo com vistas a uma mobilização excepcional. Mas, à exceção de algumas dificuldades, a vida segue seu curso na *Napola*. E lá fora, seguramente, as coisas devem estar correndo do mesmo modo... Seguramente.

O Reich é invencível. INVENCÍVEL!

Não aguentando mais ouvir as insanidades com que Lukas me brinda, pulo do meu assento como uma mola e incomodo todo mundo procurando achar

outro lugar. O professor me vê. Furioso, ele me pega pela orelha e me força a sair da sala, berrando em voz alta as faltas a que me são atribuídas. Falta de concentração. Insubordinação (porque tentei em vão protestar). Perturbação durante uma importante sessão de formação.

Fico de castigo, confinado, durante dez dias.

ACABARAM-SE OS PAPOS na fazenda ou na marcenaria. Fim dos cigarros, dos doces, do chocolate e de esfregação do pipi. Estou excluído de todas as cerimônias oficiais. (Não dou a mínima para isso! Faz algum tempo que não há quase nenhuma.) Como sozinho, faço meus exercícios sozinho, durmo sozinho, minha cama foi levada para a outra ponta do dormitório.

Apesar disso, uma noite, encontro alguma coisa debaixo do meu travesseiro. A escultura. O brinquedo que Lukas estava fazendo para mim. Ele terminou e deu um jeito de passá-lo para mim. Isso me consola um pouco, ainda mais que a escultura é muito bem feita. Trata-se de um Führer em miniatura. A madeira está incrivelmente bem talhada, deixando aparentes detalhes minúsculos, como o bigode, a mecha de lado, o fecho do cinto. Percebo que uma ponta de fio, enfeitada com uma bolinha de metal, atravessa a articulação da mão direita. Eu a puxo para cima, e a escultura se mexe como uma marionete. O braço direito se levanta, o busto do Führer se inclina a oitenta graus, o que faz ressaltar sua bunda e...

O barulho ressoa no silêncio do dormitório, desencadeando uma gargalhada geral. Eu cubro a cabeça com o lençol, de tanta vergonha.

O barulho é um peido.

Eu me apresso a esconder a escultura debaixo do colchão, antes que o chefe de seção apareça.

Bastardo do Lukas.

QUANDO MEU CONFINAMENTO ACABA, vou ao prédio do *Oberschule* para lhe devolver seu pretenso presente. Mas não me deixam entrar. Proibição formal de entrar naquelas dependências.

Aconteceu uma tragédia, uma tragédia terrível, me dizem.

Herman está morto.

[17] Apelido dado aos soldados russos pelos alemães.

JÁ FORAM DOIS.

A terceira vítima – quem será? – pode começar a tremer.

Herman morreu durante um “treinamento com granada”.

O exercício, muito frequente, é o seguinte: os *Jungmannen* devem colocar uma granada sobre seu capacete, ajustá-la em três segundos e fazê-la explodir. Quando o exercício é perfeito, o *Jungman* deve ficar completamente imóvel, sem mexer um músculo, sem tremer, se possível sem pensar – uma ideia qualquer poderia sobressaltá-lo. A granada fica bem equilibrada sobre o capacete, onde ela explode. Sem causar estragos. O aprendiz de soldado sai incólume. Fica meio grogue, sem dúvida, atordoado com o barulho da explosão e pelo medo indescritível que experimentou durante esses três segundos, que duram uma eternidade. Mas ele está inteiro.

Quando o exercício falha, a granada tomba – ela não foi bem colocada sobre o capacete, o *Jungman* mexeu, mesmo que ligeiramente, uma súbita vontade de espirrar, de tossir, um golpe de vento – e explode a seus pés. O aluno tem a metade de uma perna arrancada, ou a perna inteira, ou as duas, mas continua vivo e é logo transportado para o hospital. A *Napola* paga seu tratamento e lhe dará uma pensão vitalícia como indenização.

Para Herman, foi mais que um fracasso, foi uma matança. Uma carnificina. A granada caiu sobre o ombro, de tal modo que a explosão reduziu a cabeça dele a uma papa.

Exatamente como aconteceu com Gunter.

A assinatura dessa segunda morte é eloquente.

Pelo menos para mim, que sei que o primeiro foi assassinato. E o autor, Lukas. Dessa vez, não preciso de suas explicações para adivinhar o que se passou. Herman não tremeu, Herman não espirrou, senão teria tido apenas as

pernas amputadas. *Lukas queria que acontecesse assim*. Para isso, ele deu um jeito para que a granada caísse num local bem preciso: o ombro. Bastou um calombo imperceptível no capacete de sua vítima. Lukas certamente mexeu no capacete de Herman enquanto ele dormia. Ou, então, usando um pretexto qualquer, fez uma troca com o seu no último instante.

Creio ter adivinhado o que aconteceu, entretanto, jamais terei a confirmação do que acabo de dizer.

NESSE DIA, Lukas não está presente no refeitório. Nenhum vestígio dele na fazenda ou no ateliê de marcenaria durante a tarde. Será que foi desmascarado e a notícia da sua prisão ainda não foi divulgada?... Eu o imagino interrogado pelo *Heimführer*, depois julgado, declarado culpado, pendurado em um gancho de açougueiro e exposto, sangrando, aos olhos de todos no pátio, para servir de exemplo. Na hora do jantar, ele também não aparece. Não aguentando mais, acabo pedindo notícias dele a um aluno da sua classe. Fico sabendo então que, com alguns outros colegas, Lukas partiu para um estágio de vários meses.

Ufa!

Durante sua formação na *Napola*, os *Jungmannen* fazem regularmente estágios fora da escola. Diversos programas são estabelecidos: viagens de estudo ao estrangeiro, por exemplo, no seio de uma *Napola* criada em um país ocupado da Europa. Temporadas em casas de famílias alemãs, em cidades ou no meio rural, para ajudar na ausência dos homens e impedir que opiniões e atitudes derrotistas se propaguem. Trabalho no campo para fazer a colheita de batatas. Lukas foi enviado ao estágio “Ações Especiais”. Trata-se de vigiar os prisioneiros de guerra nas fábricas (antes, era nas fábricas montadoras dos Volkswagen; atualmente, é nas fábricas de armas e de munições). Trabalhadores vindos da França, da Bélgica, da Holanda, ou ainda russos, estes últimos gozando de má reputação. É preciso controlar seu ritmo de trabalho e impedi-los de roubar.

Estou duplamente aliviado. Lukas não foi desmascarado e, durante os próximos meses, nenhum aluno perderá a cabeça – literalmente.

Mas, enquanto espero, vou ficando confuso.

Existe aí alguma coisa que não bate. Sinto que alguma coisa está sendo tramada.

O ambiente da *Napola* mudou. A cada dia que passa somos menos

numerosos, tanto alunos como professores. Os professores ausentes não são substituídos, os alunos das últimas turmas são diretamente integrados ao exército, sem exame. Muitos outros, no *Oberschule*, passam, em ondas sucessivas, para o nível superior, como se, de repente, todos fossem declarados superdotados. As matérias ensinadas pela manhã estão reduzidas ao mínimo necessário. Nada de aulas de alemão, de história, de matemática, apenas uma aula de biologia de vez em quando. Em compensação, o treinamento físico se intensifica. Realiza-se desde a metade da manhã, é retomado à tarde e se estende, substituindo os deveres de casa. É exaustivo, não temos mais o menor direito de errar, indícios de fraqueza são severamente reprimidos, os instrutores beiram a histeria.

Mesma coisa com o *Heimführer*, que nos brinda, na hora das refeições, com uma ração dupla de discursos em lugar das leituras tradicionais. Sua voz, em geral bem empostada, vai subindo e fica aguda. O rosto congestionado, ele transpira, faz grandes gestos teatrais, varre com um olhar inquieto nossas fileiras, procurando algum dentre nós em uma atitude que denuncie incredulidade. A *Volkssturm*[\[18\]](#)! Só tem uma palavra na boca. A *Volkssturm* é criada. Um novo exército está em marcha. Nada o deterá, ele irá assegurar a vitória do Reich, tal qual a guirlanda final dos fogos de artifício. Nós, *JungVolk*, seremos os principais membros dele. Pegaremos em armas. Devemos estar prontos para qualquer sacrifício final pelo Führer.

Ração dupla de discurso. Meia ração a menos nos pratos. Agora que o treinamento físico nos abre um apetite de ogro. Os extras que Lukas me dava me fazem uma tremenda falta.

Sempre ausente, Lukas.

Entretanto, parece que ouço sua voz comentar a do *Heimführer* e desmentir suas afirmações. A “poção maléfica” é eliminada do meu organismo com muito menos rapidez que a comida. Uma voz interior – de Lukas? A minha?... Não sei mais – me diz que, se nos faltam professores, é porque estão todos no fronte. Se são mobilizados soldados cada vez mais jovens, é porque faltam adultos. Ou estão mortos ou foram feitos prisioneiros.

Os rumores circulam. Comenta-se que os instrutores formam comandos com alunos não mobilizados. Um deles, que partiu recentemente em missão, é composto de cinco jovens, um dos quais com treze anos. Dos cinco, só dois voltaram. Feridos gravemente. O jovem de treze anos teve a metade do rosto arrancada. Outros rumores dizem que, no país como um todo, cada escola

retira-se para outra à medida que o adversário avança – principalmente os russos. Mas nós não temos para onde nos retirar. Potsdam é muito perto de Berlim.

É difícil separar o verdadeiro do falso em tudo isso. Difícil saber se devemos ter medo de morrer ou nos alegrarmos por combater. Temos medo de combater nos alegrando em morrer.

A VANTAGEM DESSAS MUDANÇAS é que a vigilância relaxa, sobretudo à noite nos dormitórios. Não temos mais nosso chefe de seção nos controlando. E, mesmo se ele estivesse lá, não teria grande coisa a vigiar. Os meus camaradas, em sua maioria, estão tão exaustos que adormecem antes mesmo de se meterem na cama. Eles se deitam antes da hora, dispensando o momento de lazer concedido antes que o fogo se apague. Há um silêncio mortal no dormitório. Às vezes, nos perguntamos se, ao amanhecer, o sino não soará no vazio, incapaz de acordar cadáveres.

Quanto a mim, a fadiga deixa meus nervos à flor da pele e tenho dificuldade para adormecer. Não precisando mais desconfiar da vizinhança, posso “brincar” o quanto quiser.

Guardo sempre o presente de Lukas debaixo do travesseiro. O Führer-peidorrento. (Não o joguei fora, só farei isso depois de extrair de Lukas o segredo de sua fabricação, principalmente o barulho de peido. Que mecanismo é esse?) Afinal, gosto muito dele. Brinco com ele todas as noites. Converso com ele. Pergunto-lhe:

– E se por acaso você tiver se enganado? E se tiver mentido para nós? E que todos os seus lindos discursos não passavam de vento? Como seus peidos?... Vamos, responda! Responda de uma vez, babaca!

Ele permanece mudo e isso me irrita, então lhe dou uns tapas. Puxo seu braço para me vingar de seu silêncio. E ele peida, ele peida. E isso me diverte. Eu rio tanto, que acabo chorando. Depois, tenho vergonha. Sinto remorsos. Insultei o nosso Führer! Sacrilégio! Pus em dúvida a palavra dele! *Verboten!* Para me redimir da minha atitude odiosa, faço uma autocrítica. Sofri uma influência negativa. Mas eu me afastei dela e acredito sempre na vitória. Creio na invencibilidade do Reich. Minha atitude merece uma punição. Como não há ninguém para me punir, eu mesmo o faço. Pego meu punhal de honra e, com a ponta, faço talhos nas mãos e nos braços. Isso dói. Isso é bom. E acabo adormecendo, o nariz sobre o traseiro do Führer.

Faço isso todas as noites. Resisto melhor que o brinquedo. Mesmo ficando cada vez com mais cortes, eles não são profundos e cicatrizam bem, enquanto o Führer, de tanto ser manipulado, não somente deixa de peidar, como acaba em pedaços.

Eu o jogo no lixo.

[18] Nome dado à milícia popular alemã recrutada em 1944, composta essencialmente de soldados muito jovens ou, ao contrário, muito velhos.

EU ACREDITAVA QUE ELE retornaria em plena forma. Que se apressaria, na volta, em confirmar as más notícias vindas do exterior – más para mim, boas para ele –, o avanço dos Aliados, o espectro da derrota do Reich. Já tinha até preparado minhas respostas, alegando o poder do novo exército constituído pela Volkssturm.

Tinha certeza de que, ao retornar, faria explodir as cabeças de todos os alunos de sua classe. Que ele nem procuraria mais premeditar crimes perfeitos como os dois anteriores, que ele se aproveitaria do clima atual da *Napola* de deixar as coisas correrem para atingir uma porção de colegas.

Nada disso.

Ele volta transformado depois de seis meses de estágio. É outro Lukas que tenho dificuldade em reconhecer. Magro, pálido, os ombros encurvados, o ar perdido e alucinado, ele parece o Lucjan, de Kalish. Não, nem isso! O Lucjan de Kalish era cheio de arrogância. O Lucjan de Kalish tinha um olhar de guerreiro.

Eu o encontro sempre que possível, sem, entretanto, conseguir estabelecer o mínimo contato com ele.

– Lukas, como vai?

Silêncio absoluto.

– Como eram os trabalhadores russos? O que você fez na fábrica?

– ...

– Você trouxe chocolate? Doces? Salsichas? O que eu não daria por uma salsicha!

– ...

– Diga, é verdade que sujou lá fora? Aqui, está mais para merda.

– ...

– Mas, afinal, o que é que você tem???

Farto do seu mutismo, me planto diante dele.

De frente. Cara a cara. O olhar dele passa por cima da minha cabeça, como o olhar de um cego. Puxo sua manga, eu o sacudo, lhe dou um tapa; ele reage tanto quanto um fantoche. Eu o xingo de todos os nomes; isso não lhe provoca nem um piscar de olhos. Ele fica lá, imóvel, amorfo, fixando o olhar num ponto distante, um fantasma que ele seria o único a ver e com o qual ele tentaria entrar em contato.

No refeitório, durante o discurso do *Heimführer* sobre a Volkssturm, percebo que ele mal consegue se manter em pé, é um colega que o apoia, que o ajuda a ficar em posição de sentido, sem o que ele desabaria na cadeira. Em seguida, ele não come nada, um vizinho de mesa se apressa em pegar a comida do seu prato, sem que ele proteste.

Consigo ficar perto dele na saída do refeitório, quando ele está fumando. Isso pelo menos não mudou. Ou mudou, já que ele fuma agora muito mais do que antes. Ele fuma um cigarro após o outro, seguindo um estranho cerimonial. Ele puxa longamente cada tragada para extrair o máximo de fumaça, depois olha as espirais que vão se projetando no ar. Ele esboça então alguns passos, pouco firmes, como se quisesse seguir o caminho traçado pela coluna de fumaça. Faz gestos insensatos, estica o braço, fecha a mão para agarrar a fumaça, abre a mão e olha para a palma, vazia... E isso não é tudo. Em lugar de jogar as cinzas no chão, ele as recolhe meticulosamente em uma caixinha de madeira. (Ele mesmo deve tê-la feito. Oblonga, a caixinha tem uma tampa deslizante que lhe assegura um fechamento hermético. Parece um caixão em miniatura.) Depois de fumar uma boa quantidade de cigarros e quando a caixa de madeira está cheia de cinzas, Lukas a fecha, ajoelha-se e cava a terra para abrir um buraco. Enterra então a caixa. Por último, depois de colocar um lenço sobre a cabeça, ele recita uma estranha litania em uma língua incompreensível, bárbara. Imagino que seja hebraico. Acredito que seja uma prece.

Na minha opinião, ele ficou completamente louco.

Se alguma vez eu tento pará-lo, ele momentaneamente acha forças para me derrubar no chão, sem pronunciar uma palavra. Eu me contento então em ficar de vigia para que ninguém o surpreenda.

No dia seguinte, isso recomeça. Outro maço de cigarros. Outra caixa de madeira que ele fabricou nesse meio-tempo. Outra prece em hebraico.

Sem dúvida, alguma coisa se passou durante esse maldito estágio. E se não

foi um estágio, mas uma missão de comando? Lukas se viu no meio de um combate violento? Uma granada ou, pior ainda, uma bomba explodiu perto dele? Se teve a sorte de não ter sido arremessado longe, o choque o traumatizou e o deixou louco.

Ele não tem mais cérebro. Ficou retardado.

Eu me informo com seus camaradas, que não mostram nenhum sinal de traumatismo. Eles desmentem minhas hipóteses. Fizeram realmente estágio em uma fábrica. Está certo que o estágio foi abreviado por causa dos bombardeios, mas a fábrica não foi atingida. No começo, tudo corria muito bem para Lukas, que ficou amigo do SS supervisor da vigilância dos prisioneiros. Estavam sempre juntos, riam, faziam brincadeiras, depois, de repente, é verdade, Lukas mudou. Deve ter sido por causa da morte de Herman, concluem seus camaradas. Às vezes, só nos conformamos com a morte de um amigo tempos depois. A morte de Herman aconteceu exatamente antes da partida para o estágio, Lukas estava aturdido. Depois, teve consciência plena disso. Coitado! Seus dois melhores amigos mortos com poucos meses de intervalo, é mesmo muito duro!

Suas explicações não se sustentam um segundo. Eles estão completamente enganados. De tal forma, que nem podem imaginar.

Alguma coisa aconteceu.

ESSA QUALQUER COISA, afinal, eu a descubro numa noite.

Um cheiro de cigarro me acorda. Estou cansado, tenho sono, minhas pálpebras mal conseguem se abrir. Quando consigo pôr os olhos em foco, só vejo uma densa nuvem de fumaça que me rodeia. O que está acontecendo? Surgiu um incêndio e eu não ouvi o alarme? Será que estou mesmo acordado ou estou sonhando com um incêndio?

Não estou sonhando. O cheiro é real, ele se insinua pelas minhas narinas e me faz tossir. Com um esforço doloroso, abro completamente os olhos e levanto a cabeça do travesseiro. Vejo então Lukas sentado na minha cama. Inclinado por cima de mim. Armado de sua caixinha de cinzas, ele está fumando. E já faz um bom tempo, sem dúvida, porque, ao me levantar, vejo três bitucas no chão. Um raio de lua filtra-se pela janela e ilumina seu rosto, acentuando a palidez, a tal ponto que a cabeça dele parece flutuar, sozinha, sem estar ligada ao corpo. Eu começo a distingui-lo um pouco melhor quando meus olhos se acostumam com a penumbra. Não, sua cabeça não flutua no ar,

está bem presa ao corpo. Um corpo vestido de uma espécie de pijama listrado que não tem nada a ver com a camiseta e a ceroula habituais, à noite, nos dormitórios da *Napola*. É... é um uniforme de prisioneiro de campo de concentração.

Verifico com um rápido correr de olhos se alguém está acordado.

– Onde está com a cabeça de fumar aqui? Além disso, que disfarce é este? Você está doente ou o quê?

Eu me apresso a pegar o cigarro que Lukas prende entre os lábios e o apago. Ele não protesta, mas quando me preparo para lhe pedir explicações, ele põe um dedo sobre a minha boca para me forçar a ficar quieto, verificando, por sua vez, se alguém não nos espiona.

Enfim, ele vai falar. Ou escrever em um pedaço de papel o segredo que tem a intenção de me confiar, como fez na sala de estudo depois da morte de Gunter. (Ele veio me ver aqui, em plena noite, e isso significa que o que vai me dizer é muitíssimo importante.) Entretanto, ele não se mexe. Espero sem olhar para ele, porque, apesar de sua imobilidade, ele não tem mais o olhar vazio dos primeiros dias. Adivinho que ele simplesmente está com dificuldade para falar, como se as palavras, muito duras, muito pesadas, não pudessem ultrapassar a soleira dos seus lábios. Será que vai me contar que acabou de matar o próprio *Heimführer*?

Ao fim de alguns instantes que parecem durar uma eternidade, ele quebra afinal sua imobilidade e sacode debaixo do meu nariz a caixa de madeira com as cinzas dos seus cigarros.

– Eles acabam deste jeito.

– De que jeito, quem? Quem acaba? Do que você está falando? Não estou entendendo nada!

Eu me esforço para cochichar, mas tenho a impressão de berrar, de atrair a atenção do dormitório inteiro.

– Os judeus. É assim que eles acabam. Eles morrem com fumaça. Depois são reduzidos a cinzas.

– ...

Minha vez de não conseguir falar. A resposta de Lukas parece desprovida de sentido, entretanto, ele a formulou com sua segurança e sua locução habituais.

– É um programa que se chama “A Solução Final” – ele continua. – Foi iniciado em 1942 quando estávamos em Kalish. Deu frutos, é cada vez mais

utilizado. Em todos os campos de concentração, os judeus vindos de toda a Europa são enfiados em câmaras de gás, depois seus corpos são queimados em fornos crematórios. Eles morrem às dezenas de milhares.

– Não! Não! Impossível. Saberíamos disso. Os professores de biologia nos teriam dito, eles...

Não termino a frase. Em biologia, foi tratada a questão da “necessidade de exterminar o povo judeu”, sem que os meios de extermínio tenham sido especificados. Não nos dizem tudo na *Napola*, os acontecimentos dos últimos meses me provaram isso. As informações que nos transmitem são filtradas, deformadas. Os desmentidos de Lukas antes de sua partida para o estágio, nos quais eu não queria acreditar, aconteceram... Se joguei no lixo o Führer-peidorrento, foi porque senti que aquela marionete era o triste reflexo de seu modelo.

Enquanto me esforço para pensar, experimento uma sensação estranha. Uma reação física. Como se estourassem *flashes* no meu cérebro. Como lembranças sonoras nos meus ouvidos. Vozes, conversas entreouvidas em Kalish, e bem antes em Poznan, quando, na casa meio bombardeada, ouvia trechos de conversas, à noite, por trás da porta do doutor Ebner. Essas vozes voltam pouco a pouco. Débeis no começo, elas ganham força e confirmam o que Lukas disse. O doutor Ebner e seus colegas anunciavam números, tanto para tal campo, tanto para aquele outro, eles falavam de “melhorar o rendimento”.

Lukas me explica que conseguiu essa informação sobre a Solução Final do SS com quem ele parecia estar ligado na fábrica. Esse SS tinha trabalhado anteriormente em Treblinka. Ele viu tudo. Ele mesmo conduziu centenas de judeus para as câmaras de gás. No último dia do estágio, ele deu a Lukas o pijama horrível. De presente. Uma lembrança...

Lembrança. Meu cérebro reage novamente. Este pijama é atroz, revoltante, e no entanto ele me atrai... Procuro, procuro nas minhas lembranças mais remotas... E acabo por encontrar. A puta dissidente que me roubou quando eu era um bebê. Essa história que Josefa me repetiu tantas vezes permaneceu presente, em alguma parte dentro de um dos escaninhos do meu cérebro. A dissidente vestia esse pijama, eu estava em seus braços, o nariz contra o tecido áspero e sujo que me transmitia calor e consolo.

Levanto meus olhos para Lukas.

Ele acaba de acender outro cigarro. Não encontro nada para dizer em

protesto. É inútil. Ele se levanta e vai embora, deixando atrás de si uma nuvem de fumaça e um gosto de cinzas na minha boca.

É A MERDA.

Uma merda completa durante as semanas que se seguem.

O céu está cada vez mais ameaçador. Não falo de ameaças de chuva ou de tempestade, mas de bombas. Aviões inimigos cruzam os céus da *Napola*.

Isso é novo. É perturbador. Traumatizante.

Esses aviões dando voltas sobre nossas cabeças como aves de rapina. Ninguém nos deixou pensar que um dia isso seria possível.

A PRIMEIRA VEZ QUE o alerta soou foi no meio da noite. Nem nos preocupamos. Pensamos que era um exercício noturno comum, do tipo “gás de alerta”. Os professores lançam gás lacrimogênio nos prédios. Na mais completa escuridão e em meio a vapores tóxicos, devemos vestir nossos uniformes e nos reunir no pátio da escola. Lá, a inspeção: se o uniforme de um aluno estiver incompleto, ele deve correr o mais rápido possível para o dormitório e voltar a se apresentar. Esses exercícios estão entre os mais temidos. Vi inúmeros coleguinhas mais novos, meio asfixiados, fazerem diversas vezes a viagem porque tinham esquecido o boné, o cinto, ou porque suas botas não estavam bem engraxadas. O exercício, já penoso por si só, terminava muitas vezes com uma marcha noturna ou uma travessia de rio.

Nessa noite, quando o alerta soou, poucos de nós se levantaram. Quanto aos que conseguiram despertar, eles se vestiram de qualquer jeito, sem envergar o uniforme completo. Que importava? A maior parte dos instrutores ausentes, ninguém verificaria nossos uniformes. Mas, uma vez lá fora, logo compreendemos que as ordens eram berradas num tom fora do comum. Um sopro real de pânico varreu a escola. Não se tratava de um exercício, mas de um “perigo aéreo 15”, foi o que anunciaram, o que significava: “avião inimigo a quinze minutos”. Voltamos rapidamente para procurar os

preguiçosos que, debaixo de um bombardeio, poderiam muito bem permanecer em suas camas definitivamente. Depois, fizemos uma descida forçada aos abrigos.

Lukas, naquela noite, não desceu.

TAMBÉM NÃO DESCEU nas noites seguintes.

De fato, ele não deixou sua cama. Esticado, mudo, ele fuma, fuma o dia inteiro. Não responde aos alertas, recusa-se a participar dos treinamentos. Ele tinha se mostrado um elemento tão bom, que a direção se mostra complacente com ele. Atribui-se seu “estado depressivo” à dor causada pelas mortes de Gunter e Herman. Mas essa indulgência não ultrapassará um determinado limite: a depressão é uma doença vergonhosa, intolerável para um *Jungman*. Sobretudo quando se supõe que esse *Jungman* fez aperfeiçoamento a fim de juntar-se sem demora às fileiras da Volkssturm.

Fui designado – continuam a pensar que somos irmãos – para conduzir Lukas ao caminho certo. Tenho um mês para isso. O ultimato se parece tremendamente com aquele com que Ebner me confrontou em Kalish. Ora, não tenho nenhuma vontade de reviver o episódio de Kalish. Estou farto de nossos papéis serem invertidos. Lukas é o irmão mais velho, e eu, o menor! É preciso que ele compreenda isso!

No entanto, eu me dobro às ordens. Sem escolha, porque, embora as autoridades ignorem, estou ligado a Lukas bem mais do que por um pretenso laço fraternal.

MEU ÚNICO SUCESSO: Lukas consente em me dar seu uniforme de prisioneiro para que eu suma com ele. Fora isso, meus esforços são pouco recompensados. Cuido de guardar sua porção de comida na hora do almoço e à noite contra a voracidade de seu vizinho de mesa, e a levo para o dormitório. Eu o alimento com pequenas colheradas, como se fosse um bebê. Ele engole, quando muito, um terço do prato. Em compensação, continua a fumar como uma chaminé, como se quisesse se consumir, virar também fumaça. Sou eu que lhe forneço os cigarros. O *Heimführer* me avisou que a minha poupança, alimentada esses últimos anos pelo doutor Ebner, dadas as circunstâncias, tinha sido encerrada. Se eu quisesse, podia dispor da soma em dinheiro. Disse que sim. E me encontro cheio de moedas, mas não posso comprar nem chocolate, nem manteiga, nem doces no mercado negro, onde

não se acha mais nada disso. O intendente da *Napola* – intermediário do mercado negro – vende apenas cigarros. Dou a maior parte para Lukas e fumo o resto, o que diminui um pouco meu apetite.

De tanto fumar, Lukas tosse, cospe, fede. É nojento. O que é que ele está procurando? Morrer lentamente para partilhar o destino dos judeus massacrados?

Tento estimulá-lo como posso. Eu lhe proponho, quando ele está lá, espichado em sua cama:

– E se nós acariciássemos o pipi? Como fazíamos antes de você ir para o estágio?

Sem sucesso.

Sem ideias, chego a pressioná-lo para matar:

– Por que você não continua a matar alunos? Agora é fácil com os alertas. Quando o alerta aéreo 15 soar, você abate um ou dois rapidamente antes de descer para o abrigo, e cuida de não errar o golpe.

– *Nie dosc!*

“Não é suficiente!”

Pelo menos essa questão obtém uma resposta, prova de que ele não está completamente débil, que ele ainda detém o uso da audição e da fala. Ah, sim! Novo capricho, ele voltou a falar polonês. Não fala mais nenhuma palavra em alemão.

Penso um pouco, depois lhe pergunto:

– Por que você não ataca os professores? São os alvos mais importantes! E assim serão menos soldados no fronte!

– *Nie dosc!*

O que quer que eu lhe proponha, ele repete essa arenga. Entre duas preces em hebraico. Ele fica totalmente ridículo quando murmura nessa língua de bárbaros, com o lenço sobre a cabeça e o cigarro pendendo dos lábios!

– Por que você reza? Pensei que não era religioso!

– *Musze uczcic pamiec mojego ojca.*

“Devo honrar a memória do meu pai.”

– E sua mãe, ela também não era religiosa! O que ela diria se visse você pondo a vida em risco por causa de uma reza?

– *Moja matkaznikla.*

“Minha mãe virou fumaça.”

– Você não tem certeza! Quem sabe ela ainda está viva?

Um ínfimo brilho de esperança surge em seus olhos. Ele para por um instante de tragar o cigarro, depois sacode a cabeça.

– *Nie. Nie ma zadnej szansy.*

“Não. Nenhuma chance disso.”

E assim o diálogo se encerra.

Felizmente seus camaradas não lhe dirigem mais a palavra. Para eles que esperam firmes o combate com os soldados russos, ele se tornou um pária. Nada mais nada menos do que um molenga, um dejetos.

Um deles me diz certo dia:

– Quer ajudá-lo? Sugira a ele que se suicide. É o único meio para ele sair dessa com um pouco de honra.

Agradeço o conselho.

De todo modo, o suicídio é exatamente o que Lukas procura ficando na cama durante os ataques aéreos. Numa bela manhã, vou encontrá-lo transformado em cinzas, queimado no incêndio causado por um de seus malditos cigarros. Ou feito em pedaços no seu colchão, depois de um bombardeio.

Isso soa mal. Isso soa tremendamente mal.

NA VIDA, AS COISAS nunca se passam como previstas, e é horrível, porque o efeito surpresa faz você perder todos os seus recursos. Detesto isso. Odeio que os acontecimentos não sigam uma ordem lógica, preestabelecida! Abomino que eles sejam submetidos a uma série de incidentes imprevisíveis.

Os três incidentes mais importantes que bagunçaram a minha vida até hoje: Lukas, judeu.

A afeição que lhe dedico APESAR DISSO.

A derrota do Reich que se delineia.

Este último sendo de longe o mais absurdo, o mais inimaginável, o mais imprevisível de todos os acontecimentos! Não consigo me recuperar disso.

E entretanto...

Há rumores correntes de que os anglo-saxões teriam desembarcado no mês passado na Normandia e que dentro de pouco tempo a França e a Bélgica serão libertadas. Outros dizem que os soviéticos estariam já na Alemanha. A direção não confirmou esses rumores. Mais que as palavras, entretanto, as decisões tomadas recentemente falam por si mesmas.

A *Napola* sofre ainda de inúmeras mudanças, perdendo pouco a pouco tudo aquilo que constituía sua essência. Sopra sobre a escola um vento de deserção.

Para os *JungVolk*, a deserção é autorizada. A maior parte deles é reenviada para casa. Definitivamente. Uma partida em massa já foi organizada há algumas semanas, no momento em que não tínhamos ainda certeza do que acontecia no exterior, isso deixando a situação mais feia. Os pais – os que ainda estavam vivos, que tinham um teto em algum lugar da área rural, fora das cidades sitiadas pelo inimigo, e que tinham meios para se locomover – vieram buscar os filhos. Agora, as crianças que não receberam notícias da

família são reunidas em grupos da mesma região e devem voltar às suas casas por seus próprios meios, sob a direção de um chefe de seção munido de uma ordem de missão regulamentar.

Para os mais desembaraçados, esse retorno por meio do sistema D parece ter funcionado. (Ainda que nada nos garanta que eles tenham chegado sãos e salvos. No caminho, podem ter pisado em um campo minado, ou podem ter morrido em um bombardeio ou sob as balas dos fuzis inimigos.) Em todo caso, não voltaram mais, ao contrário de alguns, os mais simplórios. Como cães abandonados pelo dono num fim de mundo, mas que acabam encontrando o caminho de volta, nós os vimos, dois ou três dias depois de partirem, entrando pelo portão da escola. Estavam em estado lamentável, mortos de fome e maltrapilhos. Contaram, choramingando, que, quando mostraram suas ordens de missão à guisa de salvo-conduto para pegar o trem, o chefe da estação as devolveu, aconselhando-os a “limpar a bunda com elas”. A direção deixou que ficassem alguns dias repousando, depois os mandou para fora dos muros outra vez.

MANFRED FAZ PARTE do grupo que deve partir hoje. Malinha na mão, ele vem se despedir de mim. Eu me apresso a lhe estender a mão, cortando rapidamente sua intenção de me abraçar. (Não, olha lá! que veado, aquele ali!)

– Por que você não vai embora conosco? – ele me pergunta num tom lamuriento.

Sou pupilo da nação. Não tenho pais, nem lar. Não tenho para onde ir. É por isso que sou o único, entre os *JungVolk*, a ter autorização para permanecer na escola. Entretanto, se quiser, posso partir. Manfred sabe disso e tenta me convencer tocando, julga ele, uma corda sensível. (Ele se engana redondamente.)

– O que você vai fazer? Ficar sozinho com os grandes? Para quê?

– Não estou sozinho, tenho meu irmão!

– Seu irmão está doente, não poderá protegê-lo quando os russos chegarem.

– Quem disse a você que eu preciso ser protegido, seu merdinha? Quem lhe disse que meu irmão está doente? Quem lhe disse que os russos vão chegar? De onde você tirou todas essas idiotices, hein?

Como gritei com ele, Manfred abaixa a cabeça e não replica.

– Eu, eu... Eu tenho necessidade de ser protegido – ele me diz passados alguns instantes.

Ele levanta para mim seus olhos molhados de lágrimas e pestaneja como uma menina.

– Com você, eu me sentiria mais abrigado do que com Erwin. Tenho certeza de que quando chegarmos à estação ele vai nos abandonar.

Nisso, ele não estava errado. Erwin é o chefe de seção designado para o grupo de Manfred. É um completo imbecil. Nem um pouco confiável.

– Mas, não, tudo correrá bem.

Preciso mesmo encorajar o pobre do Manfred. Ele me dá pena. Parece que vai mijar nas calças, de tanto que treme. Ele nunca se sentiu em seu elemento na *Napola*. Muitas vezes eu o ouvi chamar “mami” à noite, no dormitório, e agora... Agora, como lhe dizer que há muitas chances de que “mami” – e “papi” também – estejam mortos. Sem dúvida! Senão eles teriam vindo quando ainda havia tempo. Mas decido não lhe baixar o moral. Então, me aproximo e lhe dou um tapinha amigável nas costas.

– Vai dar tudo certo, não se preocupe!

Eu me esforço para sorrir, faço de tudo que está ao meu alcance para tranquilizá-lo, para que nos separemos como amigos. Faço isso realmente de boa-fé. Mas... não é que este trouxo mete os pés pelas mãos e diz exatamente o que não devia?

– Sabe, meus pais são muito gentis. Sou filho único, e você é órfão. Tenho certeza de que papi e mami vão querer adotá-lo, e assim seremos irmãos e viveremos juntos quando a guerra acabar.

Órfão. Adoção.

Essas palavras me dão arrepio. Sobretudo a segunda. Congela meu sangue. Crispa a minha pele. Me deixa louco. Não quero ser adotado. *Nunca quis isso, mesmo quando ainda era bebê!* Então meto a mão na cara de Manfred. E junto-lhe um pé na bunda para que a mensagem seja entendida.

– Seus pais morreram! Vá embora!

AGORA QUE AS ONDAS sucessivas de partidas dos *JungVolk* terminaram, estou sozinho no dormitório. Recusei a proposta de ir para outro de uma seção superior; não quero. Teria a impressão de estar desertando. Ao menos, aqui, posso deixar minha imaginação voar antes de dormir. Sou um herói! Sou o único combatente que restou no campo de batalha. Sou também tão

determinado quanto os *Jungmannen* que vivem atualmente na *Napola*. São os mais fanáticos, os mais ardentes, os mais devotados ao Reich. Aqueles que renunciaram a seus pais há muito tempo. O *Heimführer* e os instrutores contam com eles para defender a escola quando os soviéticos chegarem aos nossos portões. E, apesar da minha pouca idade, eles podem contar comigo também!

Mas, se não tentar me motivar, isso não vai dar certo. É como se houvesse uma mola quebrada dentro de mim. O dormitório está sinistro. O silêncio é sinistro. Chego quase a desejar um alerta aéreo todas as noites, para quebrar a placa de chumbo insuportável que me esmaga. Além disso, este mês de julho está particularmente tórrido.

Estou banhado de suor e de torpor.

20 DE JULHO DE 1944.

Sei a data porque me forço a dizê-la em voz alta, todos os dias ao me levantar, para guardar pelo menos uma referência. (Foi-se o tempo em que um aluno escrevia a data na lousa da classe. Não existem mais alunos, nem classe, nem nada.)

São 18h30 e o calor não diminuiu. Eu me arrasto pelo dormitório. Antes, o fim da tarde era reservado às lições de casa. Na época, eu reclamava, hoje acho insuportável não tê-las. Fico vagando entre as camas vazias falando sozinho como um velho, para romper o silêncio, quando de repente uma voz cobre a minha. Levo alguns segundos antes de compreender que se trata de um aviso transmitido pelos alto-falantes da escola. Um aviso feito pelo rádio.

Joseph Goebbels, o ministro da Propaganda, dirige-se aos cidadãos alemães. O que ele se prepara para dizer se reveste de um caráter excepcional.

Fico paralisado. Toda a escola fica paralisada. Apesar de estar sozinho, eu sinto como se estivéssemos todos unidos em um só corpo. O meu. Meu sangue congela nas veias. O ritmo do meu coração diminui, seus batimentos, espaçados, parecem golpes de gongo que batem no meu peito. Ouço a voz do ministro. Ouço as palavras do ministro, mas essas palavras não têm sentido. Ou, se têm algum, eu me recuso a admiti-lo.

Uma coisa assim é simplesmente impossível, inconcebível.

Esta coisa – aquilo que o ministro está dizendo – é que hoje, 20 de julho de 1944, às 12h30, houve um atentado contra o Führer. Foi colocada uma bomba

na sala onde ele se reunia com seus generais.

Uma interrupção. Estalidos do microfone, amplificados pelo alto-falante.

O atentado falhou. Por pouco. Um milagre, conclui o ministro.

A voz do *Heimführer* substitui a do ministro para nos informar que por enquanto não se sabe mais nada do trágico acontecimento. Não vão deixar de nos comunicar assim que houver novidades.

TENHO A IMPRESSÃO de que o chão se abre sob meus pés. Despenco na cama. Olho fixamente para o travesseiro, como se ele pudesse me dar mais informações. Ora, ele não me fala nada, esse travesseiro maldito, exceto que, algumas semanas antes, ele abrigava o brinquedo que Lukas havia me dado. O Führer-peidorrento. Eu o destruí e joguei no lixo. Eu o revejo, completamente desmontado, desarticulado, em pedaços, fios e molas que ligavam os membros uns aos outros rompidos, quebrados. Como um corpo depois da explosão de uma bomba. Será que, com esse brinquedo azarado, eu teria antecipado o que aconteceu ao Führer? Ele escapou do atentado, disse o ministro, mas não disse em que estado ele se encontrava. Em pedaços? Pedaços que, em algum hospital, os médicos tentavam juntar? E, mesmo que ele esteja inteiro, será que não perdeu suas faculdades? Será que vão nos anunciar nas próximas horas que a Alemanha não tem mais Führer? O que significaria que, desta vez, realmente não tenho mais pai. Que estou definitivamente órfão e que teria feito melhor se tivesse partido com Manfred.

REUNIÃO À 1 HORA DA MADRUGADA. No refeitório.

Todos estão lá, entretanto o grande salão parece vazio. Não passamos de uma centena. Este aposento já não me parece tão impressionante como eu o achava antigamente. O teto sofreu com os bombardeios; a pintura, rachada, está descascando. Algumas cruzes gamadas perderam um dos braços, elas parecem mancas, suas cores empalideceram. Tanto quanto os rostos dos *Jungmannen*, encovados, macilentos, exauridos.

Lukas está lá, ele também. Noto sua presença maquinalmente. Percebo que está limpo, vestido, que ele não tem mais aquele ar idiota estampado no rosto. Mas não me importo de jeito nenhum. Não é mais com ele que me preocupo.

Empoleirado em seu púlpito, o *Heimführer* toma a palavra. Ele começa por nos tranquilizar, afirmando que o Führer está são e salvo. Apresenta apenas

alguns arranhões, nada além disso. Não necessitou sequer de hospitalização e compareceu a seu encontro com Mussolini. Estava em tão boas condições que pôde ir encontrá-lo na estação, como estava previsto.

Um murmúrio de alívio percorreu as fileiras. As expressões se relaxaram. O *Heimführer* prosseguiu explicando as circunstâncias do atentado. Ele aconteceu no quartel-general de Rastenburg, na Prússia Oriental. Tinha sido mais que um atentado, fora uma tentativa de golpe de estado, fomentada por uma coalizão de opositores do regime, que pretendiam tomar o poder para acelerar o fim da guerra e vender a Alemanha aos anglo-saxões. O Führer examinava os mapas na companhia dos generais. O principal conspirador, o traidor imundo, o conde Klaus von Stauffenberg, coronel e chefe do estado-maior do exército da reserva, colocou uma maleta com uma bomba perto dele, sob a mesa, e deixou a sala com o pretexto de um telefonema importante. Felizmente, um dos generais, incomodado pela maleta, empurrou-a ligeiramente, de tal modo que o Führer, durante a explosão, ficou protegido pela perna da mesa.

Os murmúrios recomeçam nas fileiras. Dessa vez, o alívio é total. O entusiasmo renasce pouco a pouco. Cada um quer fazer seu comentário. Não, o Führer não foi protegido por uma perna de mesa comum, foi protegido pelos deuses germânicos!... O Führer na verdade não precisa de nenhuma proteção! Nada pode atingi-lo, a prova está bem aí! Ele é imortal!

Os murmúrios crescem e são pontuados por um clamor generalizado. *Heil Hitler!* O grito é retomado muitas vezes em coro, e o *Heimführer* se junta aos alunos. Não pede silêncio. Ele sabe que seus jovens pensionistas passaram por um medo terrível, que devem relaxar a tensão.

Os *Jungmannen* dão-se as mãos, abraçam-se, saem da posição de sentido sem ter recebido ordem para isso, e alguns até chegam a se sentar, a cabeça entre as mãos, chorando de alegria.

Depois, de repente, o *Heimführer* levanta a mão. Silêncio! Acabaram de avisá-lo que o Führer em pessoa está falando no rádio.

Posição de sentido. Uma voz febril soa no salão.

Eu só retenho uma frase, uma só, do longo discurso que começa.

A repressão será terrível.

NOVA REUNIÃO, alguns dias mais tarde.

Dessa vez, ficamos na sala de projeção.

Assistimos às imagens do processo dos conspiradores. Uma delas me toca particularmente. Um general – esqueci o nome dele –, em pé diante dos juízes, é obrigado a segurar as calças com as duas mãos, porque não está usando cinto. Quando o juiz lhe ordena a ficar em posição de sentido para ouvir sua sentença, sua calça cai e deixa à mostra a cueca.

Rompem as risadas na sala do processo. Ecoadas pelos *Jungmannen* na nossa sala.

Os traidores, nos diz o *Heimführer*, foram executados imediatamente após o processo, no pátio do Bendlerblock. Os conspiradores foram fuzilados um depois do outro, depois seus corpos foram suspensos em ganchos de açougueiro.

E, a partir do momento que sucedeu a esse, eu não pensei mais.

Embora as imagens do processo e das execuções, que imagino sem esforço, voltem sem cessar diante dos meus olhos, embora ainda ouça na minha mente a voz do Führer anunciando uma *repressão terrível* em todo o país, embora eu me pergunte se um dos *Jungmannen* que me rodeiam não vai de repente tirar do bolso o meu Führer-peidorrento em pedaços e sacudi-lo, apontando para mim um dedo acusador e gritando “Ele também faz parte dos conspiradores! Vejam o que ele fez!”, nada disso que imagino acontece.

Está certo que um *Jungman* se levanta, mas isso não importa. É Lukas. Ele se coloca bem no meio da sala e, diante de todos nós, alunos, *Heimführer* e professores, ele tira o cinto de suas calças, que escorregam até os tornozelos, como aconteceu com o general no filme do processo. Não contente de ter abaixado as calças, Lukas tira em seguida a cueca e se inclina para a frente para mostrar a bunda para toda a assembleia. Depois disso, ele se põe a gritar:

– Vivam os conspiradores! Seu Führer não vai durar muito tempo! Vai morrer! É o fim! Me escutem bem, não sou alemão, sou polonês. Polonês e judeu!... Judeu! Judeu!

Um instante de pânico na sala. Um pânico mudo. Ninguém está em condições de reagir ou de dizer o que quer que seja, enquanto Lukas, enfurecido, para piorar, repete sem cessar a última frase, em polonês:

– *Jestem Polakiem! Polackiem i Zydem!... Zydem! Zydem!*

Os olhares se voltam para ele incrédulos. As bocas, abertas, não emitem nenhum som.

Depois, enfim, por ordem do *Heimführer* – o primeiro a reagir –, dois *Jungmannen* agarram Lukas e o levam preso.

Desta vez, aconteceu.

Ele agora é candidato a uma execução sumária. E também ao gancho de açougueiro no pátio.

O escândalo acabou por estourar, mas não como eu imaginava. Eu lhe disse antes, as coisas não se passam jamais como foram previstas. Isso se torna insuportável.

E as surpresas não acabaram.

DURMO.

Sono agitado por pesadelos.

Todas as imagens registradas durante o dia se misturam, embaralham-se em uma confusão infernal. Vejo o Führer, que perde as calças e mostra a bunda à nação alemã. Vejo Lukas, fuzilado, que desaba, ensanguentado, o corpo crivado de balas. Quanto a mim, eu me vejo pendurado no gancho de açougueiro, como um presunto gordo. Estou cercado por *Jungmannen* armados de facas. Esfaimados, eles cortam minha carne, que fatiam e devoram em seguida. No momento em que me preparo para gritar, uma sacudida violenta me desperta. O que é? Um tremor de terra? Um alerta aéreo?

Não. É Lukas. Um Lukas em forma. Alerta, apressado, ele carrega uma mala. Ele a põe no chão, abre-a e, fuçando nas minhas gavetas, vai pegando desordenadamente tudo o que lhe cai nas mãos.

– Você tem dinheiro em algum lugar?

Eu lhe mostro meu esconderijo, debaixo do colchão. Ele me arranca da cama e pega as notas.

– Anda! Anda! – grita para mim, jogando minhas roupas na minha direção.

– Trate de se vestir! Vamos embora!

– Como? Vamos embora? Para onde? Como você escapou da prisão?

– Não cheguei lá – diz ele, exibindo seu punhal de honra manchado de sangue. – Acertei os dois idiotas que me levavam para a prisão. E há cinco minutos mais ou menos pus fogo na escola. Se não quiser assar, Caveirão, siga-me!

QVARTA PARTE

OFEREÇA UM PRESENTE ÚTIL, dê um caixão!

A palavra de ordem desse Natal de 1944. Está colado em quase todos os lugares nos muros e paredes de Berlim. Até mesmo nos corredores do U-Bahn (o metrô), onde nós nos escondemos como ratos.

Há cinco meses que só andamos pelos subterrâneos de Berlim. Muito raramente nos arriscamos do lado de fora. Lá em cima, os incêndios, as montanhas de entulho, prédios desabados ou em ruínas. O ar está saturado com poeira de estuque. Uma poeira que gruda na pele, se infiltra na boca, se deposita nos dentes. Impossível livrar-se disso, ela faz tossir e cuspir. Inúmeras colunas de fumaça sobem ao céu incendiado, formando ali nuvens negras e densas que se aglutinam, sem jamais se dissipar. Tem-se a impressão de que a luz está suja. Que não existe mais luminosidade.

O Terceiro Reich devia nos tirar das trevas, mas pode-se dizer que, ao contrário, ele nos jogou nelas.

Quando Lukas me arrancou da cama para fugir da *Napola* e me anunciou que iríamos para Berlim, fiquei feliz. Berlim, a capital do meu país. Enfim! No caminho, eu me perguntava por que nós seguíamos no sentido inverso das pessoas em geral. Por que os alemães deixavam a cidade. Por que, malas nas mãos, eles andavam, andavam, noite e dia, como sonâmbulos, exaustos, alucinados, o semblante sem expressão. Por que, de repente, em uma vala, descobríamos tanto armas como utensílios de cozinha ou carcaças de cavalos. Acabei por compreender que não passavam de sinais de uma imensa derrota, uma fuga gigantesca. Um salve-se quem puder geral.

Não tinha nada a ver com a viagem de recreação que eu havia imaginado.

Durante todo o caminho, foi preciso evitar os membros da *Volkssturm*. Encontramos um dia com um grupo isolado, composto de *Jungmänner*. Eles organizavam uma resistência nos limites de uma cidade. Empilhavam troncos

de árvore para construir uma barricada capaz, imaginavam eles, de resistir ao assalto de um tanque. O chefe deles, com quinze anos de idade, como Lukas, vendo que vestíamos o uniforme da *Napola*, quis nos engajar. Eu queria me juntar à sua unidade. Por que não? Naquele momento eu ainda desejava lutar para defender meu país, tentar salvá-lo. Mas Lukas me impediu.

– Ei, Caveirão, esqueça todas as besteiras que lhe enfiaram na cabeça! Não há mais o que salvar além da sua pele! E estou farto desses merdinhas histéricos!

Com essas palavras, ele bateu no chefe do grupo, e quando os outros, pouco mais velhos que eu, tentaram protestar – embora não tivessem sequer uma arma –, eu me aproximei e lhes disse:

– Vocês escaparam de uma boa! Ele poderia decapitar ou apunhalar seu chefe! Ele já matou quatro *Jungmannen*. É um assassino em série!

E os deixei plantados lá, com os olhos arregalados como pires, meio cobertos por seus capacetes muito grandes. Rapidamente alcancei Lukas, que tinha retomado o caminho.

Desde a nossa partida, ele assume muito seriamente seu papel de irmão mais velho. Ele se encarrega de todas as decisões importantes. De um lado é bom, prefiro isso a vê-lo zozinho como nas últimas semanas na *Napola*, mas, de outro, não gosto que me deem ordens.

Aliás, eu jamais deveria tê-lo seguido até Berlim. Lukas quer esperar aqui a chegada dos russos. Os russos são seus amigos, ele diz. O que significa que são meus inimigos, não é mesmo?

Além disso, ele recomeçou a me chamar de “Caveirão”. Eu me vingo tratando-o de Lukas, enquanto ele quer ser chamado por seu nome polonês, Lucjan.

O METRÔ.

Estamos rodeados de uma multidão de mulheres, crianças e velhos. Amontoados, grudados uns nos outros. Sardinhas em lata. Colchões e travesseiros são postos entre os trilhos, cabides com roupas pendem dos cabos das placas de sinalização. Ternos, vestidos, casacos. Isso tem o dom de horrorizar Lukas.

– Pra que serve isso, pode me dizer? Os Fritz e sua obsessão pela aparência, pela higiene! O que é que eles pensam? Que vai haver um baile a partir das oito horas?

É verdade que esses cabides não servem para nada, a não ser ocupar lugar, que já está faltando. Que interesse há em ter as roupas passadas quando se está coberto de pó? De que valem mudas de roupa se não se pode lavá-las? Durante os cortes de eletricidade, os cabides pendurados nos cabos parecem espectros. Ou enforcados que balançam sobre a nossa cabeça. Refletindo sobre isso, penso que as roupas, bem passadas em seus cabides, ajudam a preservar um pouco de dignidade. Mas Lukas não está interessado em compreender isso. E eu detesto que ele critique meus compatriotas.

– Os *Fritz*, pelo menos, são limpos! – eu retruco. – Não como os polacos!

A prova é que Lukas não sofre tanto quanto eu com a sujeira e a falta de higiene.

Ele pouco se importa com suas roupas em farrapos, sujas, fedidas. Ele consegue fazer suas necessidades em qualquer lugar, mesmo nos banheiros em estado lamentável. Privadas entupidas, saturadas de merda e de todo tipo de substâncias líquidas e sólidas, que prefiro não saber de onde vêm, nem do que se compõem. Urinar ainda eu consigo, mas, para a obra mais pesada, é difícil. Fico constipado a maior parte do tempo, e quando consigo fazer cocô, depois me contorço como um verme, porque não tenho papel para me limpar e o traseiro sujo me incomoda. Afinal, é quase uma vantagem ter tão pouco para comer, o que evita ter que ir ao banheiro com muita frequência. Não se tem muita coisa para pôr para fora.

EM TODO CASO, a atmosfera natalina, isso eu dispenso. Não ligo para o Natal. Na *Napola*, festejávamos nessa época o solstício de inverno, e as longas vigílias com tochas debaixo de neve não me fazem falta. Nunca recebi um presente de Natal. Jamais acreditei nas histórias daquele velho barbudo vestido de vermelho que desce pela chaminé e vai meter o nariz nas meias para depositar ali os presentes.

– Os judeus comemoram o Natal? – pergunto a Lukas.

– Eles comemoram Chanuká. Acende-se uma vela em um candelabro suspenso durante oito dias e, no fim da semana, as crianças recebem os presentes.

Ah, é quase a mesma toada. As velas num candelabro ou as guirlandas nos pinheiros, os presentes estão em primeiro lugar. É a mesma coisa.

Uma garotinha, sentada perto de nós – ela deve nos ter ouvido –, pergunta à mãe:

– Teremos pato assado no jantar? Papai Noel vai descer no metrô esta noite?

A mãe acaricia os cabelos dela, esforçando-se para sorrir.

– Nós não teremos pato assado, minha querida.

Ela lança um olhar furtivo para o pão *Dauerbrot* e a lata de chá que conseguiu carregar antes de sair do seu apartamento às pressas, e que ela esconde sob uma pilha de roupas na mala.

– Mas Papai Noel virá, tenho certeza. Veja todas essas mensagens escritas nas paredes, é para que ele encontre o caminho.

Mentira. As frases escritas nas paredes, aqui, no metrô, assim como na superfície, nas paredes dos prédios, são recados deixados pelas famílias para um irmão, um filho ou um marido de volta do fronte, para indicar onde elas podem ser encontradas.

Por que ela não diz a verdade? Que Papai Noel este ano vai estar mais vermelho do que de costume, vermelho bolchevique, vermelho sangue. Que ele não virá de trenó, mas de tanque, trazendo o saco cheio de armas, e que vai atirar em tudo o que se mexer?

A garotinha me deu água na boca com seu pato assado. Para me vingar da tortura a que ela me submeteu – eu salivo, sinto câimbras no estômago, vejo o pato assado dançando diante dos meus olhos, exalando fumaça, seu cheiro enche minhas narinas –, eu poderia lhe dizer toda a verdade. Poderia.

AGORA PODEMOS falar livremente. Mais ninguém tem medo de ser denunciado, seja por suas opiniões, sua nacionalidade, religião ou qualquer outra coisa. Lukas poderia se pôr de pé sobre os trilhos e gritar por um megafone que ele é judeu, e acho que ninguém reagiria. Não tenho cem por cento de certeza disso, mas não sinto uma ameaça tão consistente como antes.

Em compensação, tenho dificuldade para adquirir novos hábitos. Por exemplo, não se levanta mais o braço para saudar. Fim. Acabou. Ninguém mais diz *Heil Hitler!* É até malvisto. Em vez disso, diz-se: *Bleib übrig!*, que significa: “Permaneça vivo!”. Às vezes, eu ainda tenho o reflexo de levantar o braço. É automático para mim. Lukas, que adivinha meu movimento antes mesmo que eu o esboce, agarra meu punho e me força a ficar imóvel.

– Chega de fazer o puto do seu robô! – ele me diz, lançando-me um olhar furioso.

Descubro que os berlinenses não têm mais nenhum respeito. Eles caçoam

de tudo com sua mania de cobrir os muros com grafites. Por exemplo, as iniciais LSR, que querem dizer *Luftschutzraum* (“abrigo antiaéreo”), eles transformaram em *Lernt schnell russisch*, “Aprendam russo rapidamente”.

Isso me assusta.

ANTES DE IRMOS parar no metrô, ficamos muitas semanas no *bunker* do zoológico. É um dos maiores abrigos antiaéreos, uma fortaleza em concreto armado, dotado de uma bateria antiaérea DCA no teto. É um imenso refúgio onde os berlinenses se amontoam.

Um dia, eu quis sair. Estávamos no zoológico, e eu nunca tinha visitado um. Lukas no começo recusou, depois, como eu insistisse, ele também ficou tentado, tanto que acabamos subindo. A visita foi rápida. Não por causa de bombardeios – havia uma calma naquela ocasião –, mas por causa dos animais; só havia cadáveres. As jaulas estavam quebradas, destruídas. Os macacos, ursos, gorilas, todos mortos, como se tivessem participado de combates violentos. Os cadáveres dos macacos tinham sido retalhados recentemente. Lukas e eu compreendemos que já tínhamos feito uma visita ao zoo sem saber. Dentro do nosso estômago. Na noite anterior, uma mulher tinha dividido um grande pedaço de carne conosco. Nós nos regalamos sem questionar sua origem.

Tivemos de deixar o *bunker* do zoo por causa dos banheiros. Não somente a higiene era deplorável, mas cada vez mais pessoas se suicidavam ali. Aliás, foi ali que começou a minha constipação intestinal. Sem dúvida, não dá para ninguém fazer as necessidades com os pés de um enforcado balançando diante dos olhos.

ANTES DISSO AINDA, estivemos no *bunker* da estação de Anhalter. Construída em cimento armado, ela tem três andares na superfície e dois outros subterrâneos. As paredes têm quatro metros e meio de espessura. Era relativamente confortável no começo. Tinha bancos grandes para as pessoas se sentarem – parecia-se um pouco com um refeitório imenso – e uma boa reserva de latas de sardinha. Mas as sardinhas não duraram muito. Quanto aos bancos, foram queimados para que pudéssemos nos aquecer. Em seguida, a água foi cortada, e logo a sede se tornou intolerável.

O *bunker* do zoo e o da estação estão ligados ao U-Bahn por cinco quilômetros subterrâneos, que são percorridos sem que a pessoa se exponha.

Você sabe o que encontramos em um dos degraus do *bunker* da estação? Depositado como um presente de Natal, ou melhor, como um fardo de Natal?... Manfred. Um Manfred ainda menor e mais frágil do que aquele que estava na *Napola*. Raquítico, encolhidinho. Braços e pernas da grossura das pernas de uma aranha. Cabelos, sobrancelhas e cílios cobertos de pó, brancos como de um velhinho. As partículas de reboco, incrustadas na pele, tinham aberto sulcos.

Ele vivia ali desde a sua partida, quando o chefe de seção os havia abandonado. Se cada um tinha dado um jeito dentro do possível, Manfred apenas se sentara num degrau e não tinha se mexido dali. Durante cinco meses! Ele não tinha tentado encontrar sua casa, seus pais, nada. Ele ficou imobilizado, congelado, e esperou. Ele devia sua sobrevivência às mulheres que, passando por ali, ao vê-lo, lhe davam comida.

Ele não me reconheceu. Quando me aproximei e dei um tapinha no ombro dele, levantou o braço para se proteger, como se eu fosse bater nele. Juro, ele me tomou por um soldado russo! Quando enfim me reconheceu, deu um pulo e se pôs a me abraçar, gritando:

– Konrad! Meu Konrad! É você mesmo?... Estou salvo! Estou salvo!

– Não sabia que você tinha uma noiva, Caveirão! – disse Lukas vendo o covardão pendurado no meu pescoço.

Resultado, Manfred gruda em nós. Uma verdadeira cruz. Basta que um de nós se afaste, ele treme, entra em pânico. Por outro lado, acho que sua presença equilibra um pouco as coisas. Lukas manda em mim, e eu mando em Manfred.

O QUE ME INCOMODA mais nesta Berlim destruída não são os bombardeios, nem as ruínas, nem a sujeira. Nem mesmo a resignação à derrota, que, entretanto, acho muito decepcionante.

São as mulheres.

Elas são muito numerosas! Estão em toda parte! Tomaram conta da cidade. Elas a dirigem. Não estou acostumado a ficar assim rodeado de mulheres. Na *Napola*, com exceção das cozinheiras, que víamos raramente, só havia homens. Lembro-me vagamente das enfermeiras de Steinhöring, mais precisamente das *Braune Schwester* – aquelas porcas *Schwester*! – ou das putas de Poznan. As últimas com que tive contato, e das quais me lembro mais, são as cadelas das *Aufseherinnen*, em Kalish.

Mas as berlinenses não são putas nem cadelas.

Acabou-se a época dos três K. Elas substituem os homens. Com arrogância, determinação, energia e eficiência. Não são loiras nem grandes, como nos ensinaram no curso de biologia, na *Napola*. Em sua maioria, elas, com algumas exceções, são morenas, pequenas, de ombros largos, musculosas à força de tanto transportar sacos de carvão e malas grandes em que enfiaram todos os seus bens, antes de descer para o abrigo. E elas são corajosas. Quando não há mais água, são elas que se arriscam lá fora diante das bombas d'água. Não têm medo dos bombardeios. Fazem fila durante horas diante das lojas por alguns gramas de margarina.

Sobra alguma coisa dos três K. Algumas não conseguem deixar de fazer alguma arrumação. Nós as apelidamos de *Trümmerfrauen*, as “mulheres dos entulhos”. Entre um bombardeio e outro, elas formam uma brigada para retirar os pedregulhos, as pedras, os paralelepípedos, que enfiam em sacos. E elas varrem, varrem. As ruínas, a poeira, a merda. Elas põem em ordem uma cidade que já não existe.

Outro dia, uma delas nos agarrou, a mim e a Manfred. Ela pôs na cabeça que tinha que nos dar banho. Uma ideia fixa, de repente.

– Deus não admite ninguém tão sujo! – ela exclamou, nos pegando pelo colarinho, como uma leoa pega seus filhotes pela pele do pescoço.

Com um pedaço de pano que encharcava na água fervente de um botijão, ela nos esfregou o rosto, as mãos, as axilas. Ela tentou até tirar nossas calças para lavar nossos traseiros. Manfred permitiu, mas eu lhe dei um chute e fugi.

Uma noite, em um abrigo, aconteceu outra coisa entre Lukas e uma mulher. Não que ela quisesse lavá-lo, não, impossível pegar um cara vigoroso como ele. Mas a mulher o ouvira dizendo palavrões. Sem mais nem menos, ela lhe deu um tapa.

– Há crianças aqui – ela lhe disse, com severidade. – Cuidado com a língua, garoto!

Lukas não retrucou.

– Desculpe, senhora – ele respondeu abaixando os olhos.

Outro dia, vi uma mulher que cortava em pedaços um cavalo morto por um obus e os colocava em potes de vidro cheios de vinagre. Ela me deu um deles. Cozinhamos a carne e, assim, tivemos três refeições consecutivas. O cavalo é menos duro e mais fácil de digerir do que o macaco, só que menos saboroso.

Estou cheio do metrô. Dos abrigos. Dos subterrâneos. De todas essas pessoas que não conheço. Cheio de respeitar regras que nos impõem. Desta vez, concordo com Lukas: depois de Kalish e da *Napola*, chega de comunidade! Queremos ficar sozinhos, nos unir e fixarmos nossas próprias regras, isto é, nenhuma.

Então, decidimos sair e nos instalar numa casa vazia. Há um grande número delas. Na superfície, Berlim está deserta. Tanto pior se, fora, precisaremos enfrentar um perigo duplo. Os bombardeios e os obuses inimigos de um lado, e de outro as equipes de repressão dos SS ou da Feldgendarmerie. Eles prendem as pessoas isoladas e as engajam à força nas companhias improvisadas. Nada a ver com as Juventudes Hitleristas com que cruzamos ao fugir da *Napola*. São os duros dos duros. Eles enforcam os recalcitrantes nos galhos das árvores, ao longo das estradas, ou nos postes de iluminação, e penduram um cartaz no pescoço deles com a inscrição “Sou um covarde”.

– À CHEGADA DOS RUSSOS e dos americanos! – grita Lukas.

Depois de ter bebido uma golada de *schnaps*, ele me passa a garrafa para que eu também dê um gole.

– À vitória do Reich! – eu grito estendendo o braço para matar dois coelhos com uma só cajadada: aborrecer Lukas e passar a garrafa para Manfred.

– À chegada dos russos e à vitória do Reich! – grita Manfred.

Que idiota! Sua cretinice me faz engolir atravessado.

– Não é possível! – eu lhe digo, cuspiendo no rosto dele o gole de álcool que quase me afogou.

– O que não é possível?

– Brindar ao mesmo tempo à chegada dos russos e à vitória do Reich. É uma coisa ou outra, escolha seu lado!

– Mas... Mas por que preciso escolher? Você dois são irmãos! Então, se Lukas está do lado dos russos e você do Reich, isso não quer dizer que as duas coisas são possíveis ao mesmo tempo?... Não? Vocês... Vocês não estão do mesmo lado? – pergunta Manfred, assumindo sua cara de cachorro abandonado, típica dos momentos em que ele diz ou faz uma besteira.

Decididamente, ele não liga nada a nada! Juro que ele não escutou uma só palavra das aulas de história ou educação política na *Napola*. E não compreendeu nada da situação atual. (Ele ainda acha que somos irmãos, Lukas e eu. Nós ainda não lhe dissemos a verdade. Por preguiça. A história seria muito longa para ser contada e, de qualquer jeito, ele não a compreenderia.)

– Calma lá! – intervém Lukas. – Os dois são idiotas, tanto um quanto o outro. Você em primeiro lugar – ele frisa, me olhando. – Você diz qualquer

coisa! Afinal, quando vai enfiar na cabeça, cabecinha de Caveirão, que a vitória do Reich é impossível?

Eu me preparo para responder-lhe, mas ele não me dá tempo. Seu rosto se abre de repente num largo sorriso, e ele diz:

– Vamos lá, dissemos que não brigávamos hoje, que é dia de festa! Feliz 1945!

Ele tem razão. Podemos fazer uma trégua excepcional no dia 31 de dezembro.

– Feliz 1945!

Pego de novo a garrafa das mãos de Manfred e tomo outro gole de *schnaps*, que dessa vez desce redondo.

– Feliz 1945! – repete Manfred.

Sim, é Ano-Novo. E está bem divertido. Mesmo que, lá fora, o barulho dos bombardeios e dos obuses redobre de intensidade. Somos obrigados a berrar para encobrir seu som. O céu está vermelho fogo. Quase se poderia pensar que essa explosão de cores é destinada a criar uma atmosfera festiva.

Não é meia-noite, mas meio-dia. Brindamos agora, porque nada nos garante que veremos o ano-novo. Temos *schnaps*, cigarros, além de um pedaço de tocinho, uma salsicha e batatas cozidas na água. É uma boa refeição, tivemos sorte. Mesmo que as batatas tenham gosto de sabão. O *schnaps* morno e os cigarros cortam a sensação de fome, e estamos muito confortáveis, em um apartamento!

Porque encontramos um.

Ao deixar o U-Bahn, Lukas perguntou a Manfred:

– Você conseguiria encontrar o caminho de casa? Lembra-se do endereço?

– Sim! Sim! Com certeza! Reichstrasse 1! É lá!

Os olhos de Manfred se acenderam como se iluminados por aquelas velinhas com que se enfeitam os pinheiros de Natal em tempos normais. Como se, de repente, “mami” aparecesse em letras luminosas no seu olho esquerdo e “papi” no olho direito. Para ele, encontrar sua casa era sinônimo de encontrar seus pais. Ele não tinha tido coragem de ir sozinho, mas conosco ele estava pronto para enfrentar o perigo. Ele imaginava que, quando chégássemos, veria a mãe na cozinha, com uma comida saborosa prontinha, e o pai, sentado na sala, o receberia, dizendo:

– Então, filhote, como foi o último trimestre da escola?

Lukas e eu evitamos dizer-lhe que não havia qualquer chance de que ele

fosse rever os pais. Nem mesmo, talvez, seu apartamento, levando-se em conta que poucos prédios ainda permaneciam em pé. Naquele momento tudo o que precisávamos é que ele nos levasse até sua casa. E foi o que ele fez.

BOMBARDEADO, danificado, o apartamento, é claro. Os vidros das janelas estavam quebrados e o pó do reboco tinha encoberto tudo com uma camada cinza, como se um vulcão tivesse entrado em erupção nas proximidades. Mas nem o teto nem o chão estavam destruídos; um pouco afundados, só isso, alguns buracos aqui e ali, fáceis de consertar e de evitar. Não tinha mais aquecimento central, nem eletricidade, mas, para nós, o apartamento era viável. Pelo menos para mim e para Lukas. Manfred estava arrasado.

– Não pode ser verdade! Não pode ser verdade! – repetia, ao constatar a extensão dos estragos.

Suas coisinhas tinham desaparecido. Seus brinquedos, desenhos, a maior parte da sua roupa, a mobília do seu quarto. Assim como a louça, os bibelôs, as cortinas. Não havia quase mais nada. Ele só se deu conta da ausência dos pais um pouco mais tarde. O que evitou a crise de choro que nós temíamos. Em seguida, ele se pôs a procurar uma carta, ao menos uma palavra, deixada por mami e papi para lhe dizer onde se encontravam. Nada. *Nix*. Nada de nada. Para consolá-lo, Lukas lhe afirmou que a carta devia ter sido levada pelo vento por causa das janelas quebradas.

Lukas e eu fizemos um reconhecimento do lugar. Uma cozinha. Os armários estavam vazios, é claro, os bicos do fogão não funcionavam, mas essa peça nos parecia ainda assim cheia de promessas. A cozinha é o lugar para se COMER. (Bastaria achar o que comer.) Uma sala. Duas grandes poltronas, que os saqueadores acharam muito pesadas para carregar, ainda reinavam ali. O forro tinha sido rasgado – sem dúvida, tinham achado que o dinheiro ou as joias estavam escondidos ali –, mas dava para sentar nelas. Nossos traseiros doloridos pelos trilhos do metrô ou as andanças no concreto dos abrigos apreciaram o seu contato macio. Dois quartos. Um dos pais, o outro de Manfred. Afinal, milagre, maravilha das maravilhas!... BANHEIRO! Empoeirado, mas limpo! Com o bônus de uma descarga que funcionava! Estávamos num palácio!

Nós brigamos para ver quem teria o privilégio de estrear esse banheiro de sonho.

Ganhei.

Minha barriga de repente exprimiou todo o seu sofrimento. Eu me pus a peidar tão forte, que meus adversários cederam diante desse ataque de gás mortífero.

Eu me fechei nesse casulo de encantamento e ali fiquei durante uma hora inteira, apesar dos berros de Lukas e de Manfred, que esmurravam a porta.

Em seguida, nova batalha quando quis me limpar com as páginas de alguns livros que eu tinha visto na sala, nas prateleiras caídas.

– Nem pensar! – gritou Lukas, me barrando o caminho. – Não estamos mais na *Napola*, caso tenha se esquecido disso!

– São os livros do meu pai! – protestou Manfred, escandalizado.

– Os livros do seu pai? – repetiu Lukas, de repente ficando desconfiado.

– Sim!

– O seu pai, o que é que ele fazia?

– Ele trabalhava no ministério de...

– Espere um minuto! – Lukas o interrompeu.

Ele foi procurar os livros e os folheou, um por um.

– Merda! Merda! E mais merda! – praguejava ele, à medida que seguia sua inspeção.

Ele fez duas pilhas com eles. Colocou a primeira no piso do banheiro e a segunda diante do aquecedor a carvão da sala.

– Tudo bem, você pode limpar a bunda com esses! São livros nazistas! Aquele em particular! – ele esclareceu, indicando o primeiro volume da primeira pilha. – O resto vai nos servir para fazer fogo e nos aquecermos... Uma pequena queima de livros, isso vai lhes trazer boas lembranças, não? – ele acrescentou com um sorriso irônico, olhando para mim e Manfred.

O primeiro livro da primeira pilha: *Mein Kampf*.

Hesitei. Por um bom tempo. Não podia me limpar com ele. Estava além das minhas forças. Eu escutava ainda a voz do *Heimführer* que nos lia trechos dele, no refeitório da *Napola*. Tinha medo que as palavras se soltassem do papel e fossem me cutucar a bunda em represália. Discretamente, eu o coloquei embaixo da pilha, esperando que, quem sabe, não chegaríamos ao fim de todo esse estoque de papel.

Depois da batalha do banheiro e do papel, uma última para decidir sobre os quartos. Lukas, adiantando que ele era o mais velho, concedeu a si mesmo o dormitório dos pais. Quanto a Manfred, ele fez questão de recuperar o seu, esclarecendo que eu poderia dividi-lo com ele. Não, obrigado. Disse a mim

mesmo que as duas poltronas da sala juntas dariam uma boa cama. Viver junto em um apartamento, tudo bem, mas dormir no mesmo quarto que Manfred me recordaria demais o dormitório da *Napola*.

Só que... Quando caiu a noite, quando a sirene começou a uivar, quando os bombardeios se sucederam em um ritmo frenético, quando o chão se pôs a tremer, o teto a rachar, foi zás-trás! Manfred e eu corremos para o quarto de Lukas. Que não nos mandou embora. Ficamos bem juntinhos na cama grande. Segurando as mãos. Forte. Mas não conseguimos mais fechar os olhos e logo compreendemos que devíamos descer para o porão.

O APARTAMENTO É PARA O DIA. À noite, escapamos para o porão. Infelizmente não é um porão privado, apenas para nós, como tínhamos imaginado não vendo nenhum vizinho nos outros andares.

Os vizinhos estão lá, eles moram o tempo todo no porão, e a falta de espaço se faz sentir dolorosamente.

Superlotação. Lata de sardinhas. Um dormitório onde todos se mexem e ninguém dorme.

Manfred está radiante porque encontrou uma amiga dos seus pais.

– Manfredinho! Meu garoto! Então você está vivo! Um milagre! Como você cresceu!

Cresceu? Bom, então ele era um anão antes de frequentar a Napola.

– Escute! Seus pais me confiaram uma carta para ser entregue a você! Sim, sim, sossegue, eles estão bem! Foram para o interior enquanto ainda dava tempo. Eles iam buscá-lo. Se não foram, é que alguma coisa os impediu... Não se preocupe, eu vou cuidar de você agora.

Manfred afinal conseguiu pegar a tal carta que ele tinha cansado de procurar. Ele passa o tempo lendo e relendo aquelas folhas, aninhado nos braços de *Frau* Betstein, que, com o passar dos dias – das noites, devo dizer –, substitui sua mãe. Ela o acalma, ocupa-se dele, arruma suas roupas, divide com ele suas rações de comida. (Na primeira noite, esse cretino do Manfred comeu nas nossas barbas, mas, no dia seguinte, Lukas e eu o chamamos à parte e acertamos os ponteiros. Ele agora compreendeu que deve guardar e dividir conosco o que a velha lhe dá.)

Organizou-se uma vida de verdade neste porão. Cada um cuida do seu canto, do seu espaço vital. Os mais prevenidos levaram com eles um edredom, um travesseiro, uma cadeira. Como Manfred, as pessoas passam o

tempo livre lendo cartas ou olhando fotos. Às vezes, quando têm papel, escrevem. Cartas? Para que serve isso? O correio não funciona mais. Também falam muito. Como, além de um velho, só há mulheres, elas falam sem parar.

Existe uma grande quantidade de loucos nesta população subterrânea. Viver debaixo da terra, isso faz mal para o cérebro, sem dúvida. Há, por exemplo, uma senhora que mantém sempre uma toalha enrolada na cabeça. Ela já é feiosa, mas esse tipo de turbante montado como um chucrute não ajuda.

– *Frau* Diesdorf, desculpe-me – perguntou-lhe um dia sua vizinha de mala. (Digo “vizinha de mala” porque as pessoas usam suas bagagens como cercas ou para marcar os limites de seus espaços.) – Por que você mantém essa toalha na cabeça? Saiba que, se é por causa dos piolhos, ela é completamente ineficaz, isso não vai impedir uma infestação e...

– Não tenho piolhos! Sou muito limpa! – scandalizou-se *Frau* Diesdorf. – Não como algumas pessoas! Saiba que essa toalha serve para me proteger das explosões!

Elas começaram a brigar. Não porque a toalha não serve para nada em caso de explosão; na verdade, nem sei mesmo qual foi o motivo que fez o tom da discussão se elevar tão rápido.

Outra carrega permanentemente a perna artificial do filho. Ela diz que é seu talismã. Melhor nem tentar entender.

Meu vizinho de mala: *Herr* Hauptman, um velho que tem mau hálito.

– No caso de você ficar sob uma bomba, meu garoto, lembre-se de se inclinar para a frente.

– Por quê?

– Para que seus pulmões não estourem.

Corro mais risco de morrer asfixiado por causa do seu hálito do que por topar com uma bomba.

Detesto este porão, enquanto Lukas e Manfred se acomodam bem aqui. Manfred, eu já expliquei o motivo. Lukas, porque sua vizinha de mala é uma garota da idade dele. Chama-se Ute! Caíram um pelo outro. Não param de trocar olhares adocicados. Sempre que têm oportunidade, eles aproveitam o aperto para se roçar, as mãos, os joelhos, as coxas; então ficam vermelhos como tomates. Com um ar ridículo. A mãe da garota acabou por descobrir as manobras. É uma matrona enorme – eu me pergunto como essa gordura não

some na mesma proporção que as rações de comida. Uma noite, ela trocou de lugar com a filha. E Lukas se viu imprensado entre suas dobras gordas e a parede. Bem feito!

UMA MULHER, SÓ UMA, é diferente das outras. Ela se mantém isolada tanto quanto possível, tendo em vista a falta de espaço. Ela se distingue por sua atitude. Não fala, ou fala muito pouco. É bonita. Raramente a vejo em pé, mas imagino que seja alta. Loira. Lindos olhos azuis. (Fazia muito tempo que eu não via reunidas numa só pessoa todas as características da raça nórdica.) Apesar das roupas puídas, ela é elegante. Passa o tempo olhando uma foto. Às vezes, uma lágrima rola pelo seu rosto. Deve ser a foto do marido. Sem dúvida, ele está morto e ela chora por ele. Ou então se trata de um irmão. Não de um filho. Ela parece muito jovem para ter um filho no fronte, ao contrário da maior parte das idosas que se encontram no porão.

Frequentemente ela me olha, esboça um sorriso, mas não chega lá, e suas lágrimas tornam-se ainda mais copiosas. Não sei por que ela me olha assim. Isso me lembra o tempo em que as mulheres se derretiam diante da minha cara de anjo. Mas esses tempos acabaram. Já não tenho cara de anjo. Tenho apenas um rosto sujo, pálido e cansado. Às vezes, gosto de sentir o olhar da mulher loira sobre mim. Isso me aquece. Mas, outras vezes, faz com que eu me sinta mal. Felizmente, ela não insiste. Prefere voltar para sua foto.

Quando as velhas tentam conversar com ela, a loira se esquivava educadamente. Responde com sim ou não. As outras acabaram compreendendo que é melhor deixá-la em paz em seu canto.

DE VOLTA PARA CIMA, para o apartamento, nos organizamos. Manfred se ocupa da limpeza. Nós lhe dissemos que é ridículo, já que a poeira que ele tira volta imediatamente, não tem jeito. Bem, se ele gosta de brincar de *Trümmerjungen*! Ele lava também nossa roupa quando não há corte de água. Lukas queimou seu uniforme da *Napola* no aquecedor a carvão. Ele exultou naquele dia. Dançava em volta do fogo, gritando:

– Queima, imundície! Queima!

Ele vestiu uma calça, uma malha e uma camisa do pai de Manfred que não tinham sido roubadas. São grandes demais. De todo modo, mesmo que fossem do seu tamanho, acho que ele está muito menos bonito vestido como civil. Está menos bonito de modo geral. Acho que é a adolescência. Seus

traços já não são tão finos, o nariz está achatado, os lábios também, o maxilar se alargou. Como não pode mais se barbear, os pelos, irregulares, formam tufo cinza nas bochechas e acima do lábio. Ele tem até uma ou duas espinhas na testa. Na minha opinião, se fizessem uma seleção agora, ele seria recusado. Aliás, todos os habitantes do porão seriam recusados. Exceto a loira alta.

Eu não tenho roupa para trocar. As de Manfred são muito pequenas. Mas como ele lavou meu uniforme e remendou os buracos, estou quase apresentável. Só os piolhos me torturam!

Manfred se desdobra para cozinhar. Não se sai mal. Ele sabe dar gosto às batatas meio podres, preparando-as de maneiras diferentes, de acordo com o que estiver à mão. Faz mingau de sêmola ou sopa de beterraba. Quando eu o vejo com seu trapinho amarrado na cintura à guisa de avental, cantando enquanto prepara a comida, digo a mim mesmo que ele devia sofrer muito na *Napola*.

LUKAS E EU TEMOS A missão de encontrar alimentos.

Requer organização, uma verdadeira estratégia. Antes de tudo, é preciso ouvir o que conversam os vizinhos, à noite, no porão. Aquilo que eles dizem bem baixinho, para não serem ouvidos. Por exemplo, informações sobre essa ou aquela loja ou mercado abandonados. Daí, assim que amanhece, Lukas e eu, em vez de voltarmos para o apartamento, saímos rapidinho. Porque a dica é a seguinte: o primeiro a chegar nos lugares será o mais bem servido. Se o endereço em questão não for muito longe, vamos a pé. O treinamento seguido na *Napola* nos dá vantagem, corremos mais rápido que os berlinenses. E sabemos lutar. Porque, nesses casos, não entra em questão a educação! Todos lutam ferozmente para se apoderar dos alimentos. Quando o lugar é muito longe, pegamos o bonde. Normalmente é preciso um cartão especial para entrar nele; os berlinenses, em sua maioria disciplinados, não pegam o bonde se não tiverem seu cartão de transporte, mas nós não estamos nem aí. O que vão fazer conosco? Como se o controlador dos cartões fosse mais perigoso que um obus, ou uma multa mais mortal que uma bomba.

Se não soubermos nada pelos vizinhos de porão, Lukas sai bem cedo à caça de informações. Ele espreita, escuta, observa. Se alguém corre, é sinal de boa coisa. Basta segui-lo. Foi assim que um dia ele ouviu que um vagão da Luftwaffe tinha sido abandonado com todo tipo de mantimentos dentro dele.

Lukas pegou vidros de conserva, café – de verdade, não a imitação –, garrafas de vinho e até mesmo alguns pães e chocolate! Voltou com o rosto tão inchado como se tivesse saído de uma luta de boxe, mas feliz e orgulhoso de si mesmo. E ele tinha do que se orgulhar.

Que banquete naquele dia! Precisamos nos policiar para não comer tudo de uma vez só. Deixamos uma parte das conservas de lado e fui trocar as garrafas de vinho por margarina e batatas. Fazer trocas é a minha função.

À noite, quando soa a sirene, guardamos nossos tesouros em uma mala e descemos para o porão. Lukas senta-se sobre a mala para que não seja roubada. Mas eu sou desconfiado, e o vigio. Quem sabe se, para seduzir Ute, ele não daria chocolate para a gorda matrona que é mãe dela... Devo reconhecer que, às vezes, eu também fico tentado a dar alguma coisa à mulher loira e alta. Ela está tão magra! Dá para ver que ela não luta por comida, que não se importa, que está se deixando morrer. De fome ou de outra coisa.

Um dia, Lukas se fantasia. Veste uma roupa que pertencia à mãe de Manfred (um vestido estampado com flores que não tinha sido roubado). Faz duas bolas de papel para formar dois seios falsos e pinta os olhos com um pedaço de carvão. Junta também a cabeleira no alto da cabeça – agora ele está com o cabelo comprido, todos nós estamos com o cabelo comprido. Eu o acho engraçado. Manfred, em compensação, não gostou nada da brincadeira. Derreteu-se em lágrimas vendo aquele homenzarrão vestindo as roupas da mãe dele e exigiu que Lukas se trocasse imediatamente. Só que não deu tempo, soou o alerta e foi preciso descer ao porão.

Na escuridão, o velho Hauptman, tomando Lukas por uma garota, nova, meteu-lhe a mão no traseiro.

ENTRE A CAÇA AOS ALIMENTOS e as longas sestas para recuperar as noites sem dormir passadas no porão, o tempo escoa de um modo estranho. Não conseguimos medi-lo. Entretanto, sabemos que ele passa depressa, muito depressa.

Não nos perguntamos sobre o futuro. E, no entanto...

Na Reichstrasse, como em muitos outros bairros de Berlim, o caos se intensifica. Centenas de veículos se dirigem para oeste, e são frequentemente bloqueados pelas carroças dos refugiados, cobertas com toldos, ou são metralhados pelos caça-bombardeiros soviéticos.

Nos porões, circula uma frase, que é ouvida cada vez com mais frequência:
Der Ivan kommt[\[19\]](#)!

[\[19\]](#) Ivã está chegando, ou seja: os russos estão chegando!

A NOITE NO PORÃO FOI particularmente agitada. Muitas bombas. As paredes tremeram. A luz fraca do lampião a querosene vacilava sob o encabeçamento das vigas, acima das nossas cabeças. Ele aguentará o golpe se o prédio inteiro vier abaixo? No fundo, será que é uma boa ideia acabar enterrado vivo? Será que não é mais perigoso ficar preso entre os escombros?

Ninguém fecha os olhos. Só temos um desejo, Lukas, Manfred e eu, ir para as nossas camas lá em cima e dormir. Dormir o dia inteiro, esperando que este seja um daqueles – cada vez mais raros – em que a sirene não soará a toda hora. Paciência se não comemos mais. Estamos cansados demais para sair à procura de comida. De todo modo, quanto menos comemos, menos temos fome.

Mas, quando voltamos do porão nesta manhã, o apartamento está ocupado. Logo percebemos isso, instintivamente. Adivinhamos. Sentimos isso. Um cheiro fora do comum paira no ar. De suor. De pólvora. Enquanto avançamos silenciosamente pela entrada, esbarramos em pacotes grandes espalhados pelo chão. Um passo mais e descobrimos, na sala, um soldado estendido sobre as poltronas que normalmente me servem de cama. Ele está dormindo. Profundamente. Os braços pendem de cada lado da poltrona, as pernas dobradas para o lado, o queixo enfiado no colarinho da jaqueta.

Sem dizer uma palavra, prendendo a respiração, nós viramos a cabeça. Como não havia porta, dali onde nos encontrávamos, enxergamos a cama do quarto dos pais. Quatro outros soldados estavam deitados, apertados uns contra os outros. Nosso olhar se dirigiu em seguida para o quarto de Manfred, em frente. Mais dois soldados, deitados invertidos, os pés tocando a cabeça um do outro, na cama de solteiro.

– Os... Ivãs? – cochicha Manfred, aterrorizado.

Ele treme tanto que, no silêncio, acho que escuto os seus joelhos se chocando.

Não lhe respondemos. Estamos sem voz. A garganta seca. Os batimentos cardíacos disparados. As pernas bambas. Olho para Lukas. Ele está pálido como um espectro. Os lábios sem sangue. Entretanto ele desejava a chegada dos Ivãs, não é mesmo? Agora que eles estão lá, será que por acaso ele também estaria nervoso?

Ele levanta uma das mãos alertando-nos para não fazer barulho, nem nos mexermos. Nenhum risco de isso acontecer, estamos petrificados. Com passos felinos, na ponta dos pés, ele entra em cada um dos cômodos e depois volta até nós.

– Não são Ivãs! – ele murmura. – Eles são Fritz!

Tranquilizado pela notícia, eu me arrisco também a dar uma volta pelos quartos, com Manfred nos meus calcanhares, colado a mim como se fosse minha sombra. São mesmo nossos soldados. Fazem parte das últimas unidades da infantaria que recua. Normalmente eles passam pelas ruas de Berlim à noite. De tempos em tempos, enxergamos alguns durante o dia. Os soldados marcham com um passo pesado, sem ritmo, mancam, arrastam-se, não olham para as pessoas com que cruzam.

Aqueles dormem um sono de pedra. Têm um ar exausto. Estão sujos, os uniformes estão enlameados, as calças maculadas. Magros, as faces encovadas, a barba por fazer. Eles dormem em posições extravagantes. Os pés calçados com botas sobre o capacete do outro. Alguns estão de bruços, dá para concluir que se deixaram cair na cama e assim ficaram. Eu os acho feios, lastimáveis, miseráveis. Já têm a aparência de prisioneiros. Parecem não se importar por ter perdido a guerra.

Depois de observá-los por um instante, eu me volto e vejo Lukas, ainda na entrada, armado de uma submetralhadora que deve ter retirado dos pacotes que estavam no chão. Ele a aponta para o soldado da sala. Reconheço imediatamente aquele brilho guerreiro no seu olhar. É isso aí! Voltou à sua mania de desafiar os alemães uniformizados.

Corro até ele. Não me preocupo com o barulho que faço correndo, e derrubo Manfred que está grudado no meu traseiro.

– Pare! Você não tem o direito de fazer isso!

– Ah, é? Isso vai me criar um problema? – berra Lukas. – Afaste-se, senão será em você que eu vou atirar.

Eu me jogo para cima dele e rolamos pelo chão. Tento arrancar-lhe a arma. Ele segura firme. Manfred se põe a esgoelar também.

– Parem! Parem! Vocês estão loucos!

Isso me lembra a nossa luta em Kalish. Só que aqui a luta acaba logo. Pam, pam, pam! A submetralhadora dispara, fazendo três enormes buracos na parede da sala. Congelamos, Lukas e eu.

– Vocês estão feridos? – berra Manfred. – Estão mortos?

Não, não estamos nem feridos nem mortos. Por milagre. Mas o fato mais milagroso é que o soldado que está na sala não acordou. Nem os outros. Nenhum deles se mexeu. Um longo silêncio.

Quando é que eles vão reagir? Impossível que não tenham ouvido os gritos, os disparos! E, no entanto, continuam dormindo. Dá para imaginar que já estão mortos.

Um riso nervoso toma conta de nós três. Nada mais vai acordar os soldados. Em seguida, passamos a falar normalmente, não há necessidade de cochichar. Lukas diz que é preciso se livrar deles. É preciso matá-los. Eu lhe digo que depois será preciso se livrar dos cadáveres, o que não vai ser fácil. Ele insiste, eu também. Corremos o risco de lutarmos como dois arruaceiros. O tom de voz sobe e nos arriscamos a lutar novamente. O uivo da sirene põe um ponto final na discussão.

É preciso escapar rapidamente, descer para o porão. As bombas e os obuses se encarregarão dos intrusos.

Antes de sair, não consigo deixar de fazer um último teste. Eu me aproximo do soldado que dorme na sala. É o mais graduado, tem três estrelas e duas divisas. Inclinado sobre sua orelha, eu grito:

– Olhe, *Hauptsturmführer*! Olhe o sujeito ali! (Eu aponto para Lukas.) É um judeu! Um judeu! De verdade!

Isso me faz bem. Me liberta. Todos esses anos com essa frase entalada na garganta! Jamais pude pronunciá-la! Agora que ela saiu, tenho a impressão de que respiro melhor.

Manfred me puxa pela manga para me forçar a ir embora.

– Pare de dizer o que quer que seja!

– Esse o que quer que seja é que Lukas é judeu! Você não acredita em mim? Pergunte a ele.

– Certo, certo, é isso! Tudo bem! Ele é judeu e eu sou francês! Vamos, rápido!

OS SOLDADOS FICARAM dois dias inteiros no nosso apartamento. Na manhã do terceiro, eles desapareceram.

Agora, o pânico se intensifica. *Der Ivan kommt! Der Ivan kommt!* Por toda parte, só se ouve isso. Noite e dia. Nos porões ou fora deles. Não existe mais rádio, nem jornais, mas a boca a boca funciona com força total. E o que se diz é verdade.

Frau Oberham, a matrona gorda, aproximou-se outro dia da mulher loira. Ela lançou um olhar rápido por cima do ombro da outra para ver a foto que a mulher segurava entre as mãos como sempre. Ela sacudiu a cabeça de um lado para o outro, deu um longo suspiro e lhe disse:

– Sei que é difícil, mas você deveria queimar esta foto. Se os russos virem você com esta foto, eles vão matá-la!

A mulher loira nem lhe respondeu. Apertou a foto contra o coração, como se a outra tivesse tentado tirá-la, e mudou de lugar.

AGORA, A TRANSMISSÃO BOCA a boca anuncia que o Exército vermelho está na periferia da cidade. Os apartamentos recebem seus proprietários por um breve instante. Tempo suficiente para destruírem tudo o que possa comprometê-los: retratos de Hitler, uniformes, insígnias do partido, cartas. Eles içam bandeiras brancas nas sacadas (expondo-se assim às brigadas de repressão da SS que matam os ocupantes das casas onde aparecem essas bandeiras).

Lukas também prende uma bandeira branca à sacada do nosso apartamento. Ele me manda trocar de roupa e queimar o uniforme da *Napola*. Como eu digo que não tenho outra roupa para vestir, ele sai e volta uma hora depois com uma calça e uma malha do meu tamanho. Elas estão manchadas de sangue.

Ele as pegou de um cadáver, na rua.

Não tenho escolha, eu as visto.

Agora realmente sou um Caveirão.

Meu uniforme nem acabou de se consumir e o telefone toca.

Nós três nos olhamos surpresos. Ainda mais assustados com esse som do que quando a sirene toca. Ainda mais espantados por este barulho tão

inesperado no apartamento bombardeado do que pela presença dos soldados dias antes.

O telefone não funciona mais, como pode tocar? Muitas vezes, Manfred e eu brincamos com ele. Ele não tinha sinal.

– O que pode ser isto? – pergunta Lukas.

– Como é que eu vou saber?

– Papi! Mami! – grita Manfred.

Antes que tenhamos tempo de fazer um movimento para impedi-lo, ele corre e levanta o fone.

– Alô!... Quem... Quem está falando?

Ele empalidece a olhos vistos. Treme. Com o fone colado ao ouvido como se fosse uma prótese, ele olha para nós com olhos arregalados de medo.

– *Nein! Nein!* – ele grita de repente. – Alô! Alô!

Seu interlocutor obviamente desligou na cara dele. Manfred solta o fone, que fica pendurado pelo fio, como os “covardes” pendurados nos postes de iluminação da rua, e vem grudar em mim.

– E então? Quem era? – lhe pergunta Lukas.

– Acho que... que era um Ivã.

– O que foi que ele disse?

– Não sei. Não entendi nada. Ele falava em russo, só no fim ele falou em alemão.

– Para dizer O QUÊ? – se irrita Lukas.

– Ele me perguntou: *Du, SS[20]?*. Respondi que não, mas tenho a impressão de que ele não acreditou.

Ficamos imóveis. Lukas me olha. Eu olho para Lukas. Manfred nos olha, a Lukas e a mim.

– Vamos dar o fora! Definitivamente! – grita Lukas para nós.

[20] “Você é um SS?”

A NOITE DOS IVÃS.

Noite branca.

Cada um retomou seu lugar no porão, com a diferença de que as malas não delimitam mais nenhum território. Temos necessidade de sentir o contato físico do vizinho, seu calor, sua respiração... Seus tremores. As malas foram colocadas diante da porta para servirem de barricada. Uma barricada insignificante. O efeito é puramente psicológico, mas nos reconforta mesmo assim.

Um pensamento me ocorre sem cessar. Estamos em 27 de abril de 1945. Fiz nove anos há uma semana. O presente de aniversário chega com um pouco de atraso. E ele é a chegada dos Ivãs.

A noite está calma. *Muito* calma. As bombas são raras. As paredes não estremecem mais, nós, porém, sim. Nada de conversas, nada de boatos. Mudos e calados. Cada um imagina um cenário diferente do que o espera. *Frau* Diesdorf parece estar pensando a todo vapor debaixo de sua toalha enrolada na cabeça. *Frau* Evingen aperta ferozmente sua perna artificial contra o corpo. *Frau* Betstein acaricia a cabeça de Manfred com um movimento repetitivo. A matrona gorda e Ute estão grudadas uma na outra. *Herr* Hauptman, embora sentado, parece estar em posição de sentido, ereto como um obus. Lukas não para de me olhar, careteando um sorriso que pretende ser encorajador. Parece estar mais preocupado comigo do que com Ute. A mulher loira, como sempre, não tira os olhos de sua foto.

Creio que os cenários que cada um de nós cria não são muito diferentes uns dos outros: vamos morrer. Todos. Exceto Lukas, talvez, porque ele não é alemão.

ÀS 5 HORAS DA MANHÃ, o teto começa de repente a vibrar, sacudindo o torpor em que pouco a pouco havíamos caído. Ronco de veículos motorizados, lá em cima, na rua. Eles param, estacionam provavelmente junto das calçadas. Um cheiro forte de combustível chega até nós. Depois, cai o silêncio novamente.

É *Frau* Diesdorf a primeira a falar.

– Quero saber o que está acontecendo!

Ela se levanta, não antes de se livrar da toalha, o que é importante. Um sinal de vaidade diante dos invasores? Ou está pensando em se suicidar expondo a cabeça descoberta às bombas? Ela sai e quinze minutos depois a ouvimos descer as escadas apressadamente. Fecha a porta atrás de si, assim como o cadeado, e recoloca às pressas a barricada de malas.

– ENTÃO? – perguntam as outras *Frauen* a uma só voz.

– Eles estão aí! Entraram no porão ao lado. Creio que... que... a situação está péssima.

– Como são eles? – pergunta *Frau* Betstein.

– Não sei. Só vi dois deles, e de costas. Eles são... grandes, vestem roupa de couro, botas de couro até os joelhos... A garota! – disse ela de repente, apontando para Ute. – Eles não podem vê-la! É preciso escondê-la já! Depressa! Depressa!

Mãos à obra. As *Frauen* tiram das malas todas as roupas que estão lá dentro, fazendo com elas uma grande pilha encostada à parede do fundo, e colocam a garota debaixo dela. *Frau* Oberham senta-se diante da pilha para disfarçar e pede a Lukas que se sente ao lado dela para melhorar a camuflagem. Ele obedece imediatamente.

E nós, então? Não precisamos de camuflagem, nós, os garotos? Por que só a Ute?

Manfred me lança um olhar angustiado e suplicante, como se me pedisse para intervir, para fazer alguma coisa para que as *Frauen* concordem em nos esconder também.

Outra vez o silêncio. A espera recomeça. Uma hora depois – ou duas, ou três, a não ser que não tenha se passado nem um minuto –, ressoam passos na escada. São desferidos golpes violentos contra a porta. O cadeado não resiste muito tempo, o amontoado de malas tampouco, a porta cede, abre-se e o facho de uma lanterna varre o porão, parando em cada um de nossos rostos. Ofuscados, piscamos os olhos, não vemos nada, depois, um por vez, assim

que a lanterna se afasta para iluminar o vizinho, enxergamos as botas, dois joelhos, um tronco – grande, como disse *Frau* Diesdorf – e afinal um rosto. Barbudo. Uma cabeleira longa, ondulada. Russa. As bochechas e o nariz vermelhos, carmins. Olhos negros. O olhar de falcão.

– *Ouri! Ouri!* – grita o Ivã que acabou de entrar.

Ele é tão grande que precisa se inclinar para não atingir o teto. Ele parece um ogro. E vai nos devorar!

Olhamos uns para os outros nos interrogando. Será que alguém, por acaso, falaria russo? Pelo menos uma palavra, aquela que o Ivã repete, cada vez mais enfurecido com nosso silêncio e nossa imobilidade.

Ele estende o braço, levanta a manga da jaqueta e retoma sua arenga batendo no punho:

– *Ouri! Ouri!*

Nada mais eficaz do que a linguagem dos sinais. Desta vez deu para compreender. *Ouri*, é *Uhr*, deformado. *Relógio*. Ele quer nossos relógios. As *Frauen* e *Herr* Hauptman rapidamente se desfazem dos seus jogando-os na sacola do Ivã, que os recolhe aprovando com vigorosos “*Ya! Ya!*”. Ele passa diante de mim e de Manfred sem parar, julgando sem dúvida que somos muito jovens para usar relógio. Em compensação, ele pega o braço de Lukas, o esquerdo, depois o direito, levanta suas mangas para verificar se não esconde nada. Depois, percebendo a pilha de roupas encostada à parede, ele aponta para baixo o facho da lanterna.

– *Keine Uhr hier!* – exclama rapidamente Lukas. – *Ouri, niet! Niet!*

É engraçado. Lukas espontaneamente se expressou em alemão, apesar de que o Ivã é seu amigo, seu aliado, não é verdade? É o momento certo de abandonar essa língua que ele sempre detestou. Por que Lukas não disse que era polonês, e além disso judeu? Por que não aproveita para deixar este inferno?... Por causa de Ute? Será que está tão apaixonado assim por essa garota?

O Ivã parece não compreender o que Lukas lhe disse e insiste, despejando outras palavras em russo, gesticula ainda, mostrando o pescoço, as orelhas e os dedos. As *Frauen* compreendem então que ele está pedindo as joias. Uma se desfaz de um anel, outra de uma pulseira, de uma corrente. Depois disso, satisfeito com o conteúdo da sua sacola, o Ivã vai embora.

ISSO É TUDO? Ele queria apenas os relógios e as joias?

Um suspiro de alívio percorre o porão. Afinal de contas, escapamos dessa. Não fomos mortos!

Voltam os sorrisos, a tensão diminui. *Frau* Betstein declara, com uma voz que quer parecer alegre, mas cujo tremor ela administra mal, que está na hora de tomar o café da manhã. Ela tem uma fatia de pão na mala, que vai repartir conosco, quem sabe até consiga fazer um pouco de chá quente.

Mas o café da manhã passa direto debaixo do nosso nariz. Ficamos contentes depressa demais. O Ivã volta sem que *Frau* Betstein tenha tempo sequer de abrir a mala. Acompanhado de dois soldados, desta vez ele vem armado com um revólver.

Ele o aponta para a mulher loira. Com um gesto, ele a intima a se levantar e subir as escadas. A mulher obedece docilmente. Ela não parece surpresa. Depois de ter dado alguns passos, apesar do Ivã que a empurra pressionando seus rins com o cano do revólver, ela para, se volta para mim e me lança um último olhar antes de desaparecer.

Estranho, esse olhar. Ele *pousou* em mim. No sentido literal do termo. Ainda que a mulher loira não esteja mais aqui, eu ainda o sinto. Como se ele jamais fosse me deixar. Logo sinto dores na barriga. No coração também.

Os dois soldados levam em seguida todas as *Frauen* do mesmo modo. Eles vão embora, nos deixando aqui, Lukas, Manfred, *Herr* Hauptman, eu e Ute, ainda escondida debaixo da pilha de roupas.

Em seguida, ouvimos gritos.

O MAIOR MEDO QUE sentimos foi naquela noite. Depois, fim. Logo compreendemos como os Ivãs funcionavam. Suas obsessões. Que são três.

A primeira: *Ouri! Ouri!* Parece que enfiaram na cabeça que vão levar todos os relógios da cidade. Não importa quais. Mesmo os que não têm nenhum valor, como as imitações baratas com o mostrador decorado com pequenas figuras. Alguns Ivãs carregam dezenas de relógios em cada braço, e os que não são de pulso enchem seus bolsos. Parece que eles os enviam para suas casas como presentes, porque lá os relógios são sinal de riqueza.

A segunda obsessão é a pergunta que eles fazem sistematicamente a cada homem que encontram que tenha a sua idade: *Du, SS?*. Melhor responder negativamente, senão eles atiram. Sem avisar antes.

Enfim, a terceira obsessão, e a mais importante, são as mulheres. Sim, aquelas que sofrem verdadeiramente com a chegada dos Ivãs são as *Frauen*.

Elas são violentadas. Todas, sem distinção.

Ora, claro, os Ivãs preferem as jovens, mas a palavra de ordem rapidamente circulou e as jovens estão escondidas. Algumas, como Ute, sob uma pilha de roupas, outras, nos desvãos, espécies de nichos encravados entre o telhado e o teto das cozinhas, onde em geral se guardam as malas. No século passado, parece que as empregadas dormiam ali. Uma médica arranjou uma sala dentro de um *bunker* antiaéreo e afixou um grande aviso na porta: “Atenção! Perigo de contaminação. Doentes com tifo”. É o esconderijo mais popular de Berlim, as mães disputam um lugar para suas filhas ali.

Na falta de carne fresca, os Ivãs se viram com o que encontram. Mesmo as *Frauen* de cinquenta anos. Mesmo as feiosas. Eles não ligam. Apesar de que preferem as mais gordas. Como se as gordas os fizessem esquecer todas as privações que sofreram. Como se, mais do que sexo, elas simbolizassem um guarda-comida. *Frau* Oberham, a matrona do nosso porão, passa pela provação mais frequentemente do que as outras.

Manfred e Lukas ficaram chocados, quando, na primeira vez, viram as *Frauen* do nosso porão voltarem em estado lastimável, os olhos vermelhos de tanto chorar, as meias enroladas na altura dos tornozelos, as roupas rasgadas.

– O que é que elas têm? O que fizeram com elas? – gritou Manfred, aterrorizado.

– Eu esperava que eles não fizessem isso também! – exclamou Lukas, sacudindo várias vezes a cabeça, como um velho.

– Mas o quê? O que é que eles fizeram com elas? – insistiu Manfred, que não conseguia uma resposta de ninguém, nem mesmo de sua vizinha.

Em lugar de se sentar ao lado dele como de costume, ela se encostou a um canto e, sem parar de fungar, contorcendo-se, tentava levantar a calcinha.

Manfred se pôs a choramingar.

– Nada! Não lhe fizeram nenhum mal! Mais tarde eu explico! – acabo por lhe dizer para que ele pare de fazer escândalo. – Você é muito pequeno para entender!

Herr Hauptman se contentou em dizer: “Coragem, senhoras! Coragem!”.

Afinal, sou o único a não ficar chocado. Apesar da minha idade, tenho uma grande experiência sobre estupros. Eu me lembro muito distintamente daqueles a que assisti, em Poznan, quando os soldados alemães agarravam as polonesas.

O estupro, imagino, é a guerra das mulheres. É só nesse momento que elas

estão no fronte.

EM TODO CASO, o estupro é preferível à morte.

Com o passar do tempo, as mulheres se resignam diante dessa constatação. Uma frase circula entre elas: “Melhor ter um russo sobre a barriga que um americano por cima da cabeça”.

Além do mais, os Ivãs nem sempre são brutais. Eles não levam as mulheres sistematicamente sob a mira do revólver. Às vezes, eles perguntam gentilmente:

– Você tem um homem?

Se a *Frau* responde não, bem... ela deve acompanhar o Ivã. Se ela responde sim, ela deve dizer onde está o seu marido. Como, na maioria das vezes, ele ainda não voltou do fronte, bem... ela também acompanha o Ivã.

Todo mundo acaba por se resignar.

É engraçado como é possível acostumar-se a tudo. Antes da chegada dos russos, tremíamos. Nós os imaginávamos uns monstros. Ora, são apenas homens. (Ou será que “homem”, “monstro”, é tudo a mesma coisa?) Agora que os Ivãs estão aqui, vamos tocando, pouco a pouco eles se integram ao ambiente que nos rodeia. Entre as ruínas, os prédios destruídos, calcinados, os escombros, a poeira e a fumaça dos incêndios, há agora seus veículos e seus cavalos. Os baldes que as *Trümmerfrauen* enchiam de entulho foram transformados em bebedouros. Caixas cheias de feno e de aveia se amontoam nas calçadas. Há bosta de cavalo em toda parte. O cheiro dos animais penetra até nos apartamentos. Numa esquina, vemos, de repente, os canhões antiaéreos russos, plantados lá, altos como torres. Quando os Ivãs chegaram, o sol de abril estava tão quente quanto o de um mês de agosto; agora, o vento leste se pôs a soprar, como se os russos o tivessem trazido na bagagem. Mas eles nos deixam nos aproximar de seus acampamentos quando, na calçada, fazem uma fogueira com pedaços de cadeiras. Podemos aquecer as mãos e os pés. Fora isso, a guerra continua no oeste, os tiros da artilharia (os contra-ataques alemães) se seguem. Do mesmo jeito que o uivo das sirenes e, daí, a ida obrigatória para o porão.

No nosso, cada um retomou sua pequena rotina. Sobretudo de manhã. É o momento mais seguro do dia, porque os Ivãs, depois de se embriagarem a noite inteira, fermentam seu vinho e roncam, espalhados pelos apartamentos

desertos. Podemos sair para tomar ar sem perigo. Ute deixa sua pilha de roupas e estica as pernas.

Manfred não fica mais aterrorizado quando as *Frauen* voltam de suas “noitadas” russas. Acabei lhe explicando o que elas faziam, lá em cima, com os soldados, para que ele me deixe em paz de uma vez por todas.

– Bem, é assim que a coisa acontece: elas deitam sobre uma cama, uma mesa, no chão, pouco importa, e os Ivãs enfiam seus sexos nas fendas delas. Como elas têm fendas alemãs, feitas para receber SS, as coisas não vão bem, e por isso elas gritam e choram.

– É nojento! – exclamou Manfred, franzindo os olhos.

– É nojento quando as fendas e os sexos não combinam! Senão, é normal, é assim que os bebês são feitos. Foi desse jeito que seus pais fizeram você, como é que você achava que tinha sido?

Eu me deitei para encurtar a conversa. A ignorância de Manfred me deixa furioso. Quando penso que ele era aluno de uma *Napola*! Com que será que ele sonhava durante as aulas de biologia? Lá insistiam conosco sobre a importância do acasalamento entre parceiros da mesma raça!

AINDA ASSIM, nosso porão mudou. Falta uma pessoa. A mulher loira. Ela não reapareceu desde a primeira noite dos Ivãs. Estranho, ninguém mencionou sua ausência. Como se ela jamais tivesse existido.

Um dia, chamo a atenção de Lukas para isso.

– Bem... já que você está falando disso...

Ele está com um ar constrangido. Ele nunca fica constrangido quando fala comigo. Não é normal.

– Onde é que ela está? Você sabe?

Ele hesita em responder, abaixa os olhos e fica olhando para as mãos, que esfrega uma contra a outra, como se quisesse se livrar da sujeira.

– Encontramos seu...

– Seu o quê?

Ele me deixa irritado por ter que lhe arrancar palavra por palavra.

– Seu cadáver. Encontramos seu cadáver na rua. Os russos a mataram. Sinto muito, Konrad, muito mesmo – ele acrescentou, segurando minha mão.

Konrad. Estou sonhando ou ele acaba de me chamar pelo meu nome em lugar de “Caveirão”? Ele disse que *sentia muito*. Ele segurou minha mão, teve um gesto afetuosos. O que será que ele tem?... Não compreendo.

– Eles a mataram porque ela não quis se deixar violentar? – eu lhe pergunto.

Isso, da parte dela, não me surpreenderia. Ela tinha um ar corajoso, era orgulhosa. Doce, mas orgulhosa. Uma verdadeira alemã.

– Não, acho que nem tentaram violentá-la. Eles a mataram por causa da foto. Você se lembra daquela foto que ela carregava sempre? Pois deveria tê-la destruído, como havia sugerido *Frau Oberham*. Foi isso que pôs tudo a perder.

Ele faz uma pausa. Parece ainda mais embaraçado que antes, agora que acabou de contar o que aconteceu. Ele está vendo que não me desmanchei em lágrimas. Como se isso fosse do meu feitio! Então, a mulher loira está morta. É triste, reconheço. Ela deixou um vazio no porão. Eu gostava quando ela sorria para mim. Não o tempo todo, por instantes. Mas mortes, já vi muitas e verei ainda outras mais.

– O que havia nessa famosa foto?

Aí, sinto que fiz a pergunta certa. Ou a errada, do ponto de vista de Lukas. Exatamente aquela que ele queria evitar.

– Venha cá! – me diz ele, depois de refletir um pouco.

Ele me puxa de lado, nos primeiros degraus da escada. Põe a mão no bolso e tira de lá a foto. Quando vou pegá-la, ele me impede levantando o braço.

– Vou mostrá-la rapidamente, mas, depois, vai ser preciso queimá-la, certo? É muito perigoso que nos vejam com ela, podem nos matar, como fizeram com a mulher!

Ele abaixa o braço. Ainda hesita.

– E então, você vai me mostrar ou não? Decida-se!

Ele se decide.

Na foto, vê-se a mulher loira, que posa ao lado do Führer em pessoa! Os russos certamente não gostaram disso. A mulher parece mais jovem. Está bem vestida, sorridente. Ela carrega um bebê nos braços. Eu me pergunto quem era esta mulher. Uma atriz célebre? A esposa do Führer?... E o bebê? É filho do Führer?... Impossível. Teríamos sabido se o Führer tivesse tido um filho. Noto que, embaixo da foto, à direita, há uma assinatura. Reconhecível entre todas: *Adolf Hitler*. Uma foto com dedicatória! Uma dupla razão para se fazer trucidar pelos Ivãs.

– Ora! Ela era corajosa! – digo a Lukas, devolvendo-lhe a foto. – Ela realmente devia amar o Führer! Não como as outras que não estão nem

ligando para o que lhe acontecer.

É verdade. Sabemos que o Führer está em seu *bunker*, fora isso, nada. E, de todo modo, ninguém está se importando. Quando as pessoas querem se referir a ele, dizem “o outro”. Não sabemos nem como ele suportou a chegada dos Ivãs a Berlim, a bandeira russa fincada sobre o Reichstag... Então a mulher loira tem duplamente valor por ter se mantido devotada a ele apesar de tudo.

– Sabe – Lukas recomeça a falar –, eu acredito que não era o Führer que ela amava, mas o bebê.

Pode ser. Sim. Ora. Não vejo que interesse pode ter esta discussão que já começa a me aborrecer.

Lukas segura delicadamente a foto que eu lhe entrego e – não antes de hesitar novamente – a vira. Ele me mostra então, apontando com o dedo, o que está escrito no verso.

Konrad von Kebnersol. Steinhöring. Junho de 1936.

O “Konrad” está riscado e substituído por outro nome: *Max*.

Eu viro e reviro rapidamente a foto, diversas vezes, até que meu cérebro consiga fazer as ligações, estabelecer o vínculo entre o bebê nos braços da mulher loira e a inscrição no verso.

O nome. *Konrad*. O meu.

O sobrenome. O meu também.

A data. A do meu *Namensgeburg*. Meu batismo.

O que significa que o bebê sou eu. BPFP. Batizado pelo Führer em pessoa.

Quanto a esse *Max*... Ele ressoa na minha cabeça enquanto eu o repito muitas vezes em voz baixa. Soa um pouco como... como uma nota musical. Ele me lembra qualquer coisa, mas não sei bem o quê.

– Acredito que... que ela era sua mãe – murmura Lukas. – Sinto muito por você.

– ...

Penso. Eu estou triste?

Não.

Todas elas morrem, as mães! Aquelas que criaram seus filhos, como Lukas e Manfred, e aquelas de quem tiraram seu filho.

As mães estão kaputt!

É a guerra.

A CONSEQUÊNCIA DOS ESTUPROS: se faz sexo por toda Berlim. Um arrebatamento generalizado. As filhas, com o consentimento e a bênção das mães, preferem se entregar a um jovem alemão, qualquer que ele seja, do que ser violentadas pelos Ivãs bêbados. Esbarramos com corpos enlaçados, em uma escada, atrás de uma árvore, de uma barricada improvisada, de uma pilha de escombros. Às vezes, de passagem, não dá bem para diferenciar entre os gritos provocados pelos estupros e aqueles dos acasalamentos consentidos. Tudo soa indiferentemente através das janelas quebradas.

E então, certo dia, ao amanhecer, *Frau* Oberham, assim que desceu ao porão depois de uma noite passada com os Ivãs, liberando Ute de sua pilha de roupas, toma-a pela mão, faz um sinal para Lukas segui-la até a porta e lhe pergunta:

– Bem! Que idade você tem, meu garoto?

– Dezesseis anos, senhora.

– Perfeito! Ute tem dezessete! Ela lhe agrada, você agrada a ela, então, tome-a! Ela é sua!

Com essas palavras, ela põe a mão de Ute na de Lukas, o faz dar meia-volta e o empurra para a escada.

– Mas, eu... Quer dizer que... – gagueja Lukas virando-se.

Ute não se manifesta. Ela parece não ter compreendido nada. Ainda entorpecida e tonta pela noite desconfortável que acaba de passar debaixo da pilha de roupas, ela boceja para soltar o maxilar.

– Vai! Vai logo! O que é que está esperando? Não espere que eu lhe dê instruções de como fazer isso! – grita *Frau* Oberham, irritada, com pressa para se enfiar debaixo do seu edredom e dormir.

Um momento de silêncio em que Lukas e Ute olham um para o outro. Ute acaba por reagir. É isso aí. Ela entendeu. Fica vermelha, esboça um sorriso,

ajeita os cabelos desgrenhados com a palma da mão, alisa a roupa, apoia-se num pé, depois no outro, mordendo os lábios. Sem soltar a mão de Lukas, ela a balança da direita para a esquerda, como fazem as crianças brincando de roda. Lukas tem as faces em fogo. Ele tenta corresponder ao sorriso de Ute, não consegue, volta-se e varre o porão com o olhar.

Todo mundo está lá, olhando para ele. No momento em que seus olhos chegam até mim e Manfred, nós não conseguimos evitar o riso. (De tanto ver os casais em ação, Manfred se liberou. Ele entendeu perfeitamente o que Lukas e Ute devem fazer aqui, agora, rapidamente.) Envergonhado, Lukas nos lança um olhar assassino e se esforça para se conter.

– Bem, está certo! – diz ele, prestes a enfrentar o desafio.

Fazendo um sinal para Ute ir na frente, ele sobe um degrau. Do qual desce em seguida.

– Não podemos fazer isso aqui, na frente de todos!

ELES NÃO FARÃO no porão, mas no nosso apartamento. É isso que fica decidido.

Então, retomamos nosso apartamento nessa manhã, pela primeira vez desde a chegada dos Ivãs. Eu digo “nós”, porque, apesar dos protestos de Lukas, eu insisto em acompanhá-lo, aproveitando a ocasião para sair daquele maldito porão. Sonho em ir ao encontro do meu banheiro divino, lá no alto, com seu estoque de papel. Quanto a Manfred, ele me segue, sempre grudado em mim.

– É preciso que alguém fique de vigia, não é? E se algum Ivã aparece quando vocês estiverem em plena ação, como é que vai ser?

Lukas é obrigado a ceder diante do meu argumento incontestável.

Por sorte, o apartamento está vazio, pelo menos nessa manhã, porque muitos indícios mostram que ele foi ocupado. Há bosta de cavalo no assoalho – os Ivãs sempre a carregam grudada na sola das botas –, cobertas sobre as camas, que nós não tínhamos antes, e a louça suja na cozinha. Tudo está imundo, nojento, até mesmo meu banheiro. Não tem mais papel. A pilha de livros desapareceu, sobraram só as capas. *Mein Kampf* serviu então para limpar uma bunda soviética!

Desesperado, Manfred retoma seus hábitos e passa a fazer uma limpeza a fundo. Lukas, depois de juntar e pregar umas tábuas para fazer uma espécie de porta para o quarto dos pais, fecha-se lá com Ute.

Eu me instalo na cozinha. Achei umas sobras. Uma lata de conserva de carne que os Ivãs consumiram pela metade, um pedaço de toicinho, algumas fatias de pão duro, leite.

Como.

Manfred, me vendo, cede ao chamado do estômago, deixa a vassoura e se junta a mim. Lá fora, nada de bombas, nada de botas martelando as calçadas, é a hora em que os Ivãs dormem. O que me faz ter a consciência de que, fora o barulho da nossa mastigação, não se ouve mais nada no apartamento. Este silêncio não é normal.

– Dê uma espiada no que eles estão fazendo! É preciso que eles se apressem, não temos a manhã inteira para isso!

Manfred não esperou uma segunda ordem. Levantou-se e colocou o olho num dos muitos buracos das tábuas que servem de porta.

– Eles nem estão pelados! – ele diz decepcionado, ao voltar.

– Não é preciso ficar pelado, idiota! Basta que Lukas abaixe as calças e tire a calcinha de Ute.

– Bem, ele não abaixou as calças e Ute continua de calcinha! Eles estão sentados na cama, de mãos dadas e olham um para o outro, sorrindo. Só isso! – conclui Manfred mergulhando sua fatia de pão duro no leite.

Dou um suspiro irritado. Nessa marcha, jamais vão acabar antes do meio-dia, e precisaremos nos apressar para deixar o terreno livre antes que os Ivãs acordem.

Mas minha suposição é desmentida alguns minutos depois. Parece que Lukas se decide a passar para o ataque. Ouvem-se cochichos, inaudíveis a princípio, um pouco mais articulados em seguida. Pedacos de frases: “Não! Espere, não é assim! Mais desse jeito! Com delicadeza! Com delicadeza!”... É a voz de Ute. Esquisito este acasalamento; naqueles a que assisti, era o homem que dirigia as operações, não a mulher. Decididamente a guerra virou tudo de cabeça para baixo.

“Sim, assim é melhor! É isso, é isso! Continue!... Sim! Sim! Não pare!”

Em seguida, param os cochichos, ouve-se apenas o ranger das molas do colchão. Cada vez mais forte. Fazendo estalar a madeira do assoalho. Enfim vêm os “Oh! Ah!... AH! AH! AH!!!” de praxe. A conclusão padrão.

Bem, se a operação demorou para deslanchar, ela teve o mérito de ser rápida na execução. Na base do cálculo – não tenho relógio para verificar,

nem eu nem qualquer outro alemão –, eu diria que o acasalamento de Lukas e Ute deve ter durado cinco minutos, quando muito.

Uma vez tendo terminado, eles se juntam a nós na cozinha. Lukas fica bravo porque Manfred e eu comemos quase tudo, mas Ute, revistando as prateleiras, descobre uma pilha de mantimentos: outras conservas de carne, leite, caixas de couve-rábano, grãos, aveia em flocos. Um verdadeiro festim!

Enchemos a barriga.

NOS DIAS SEGUINTEs, o emprego do tempo é idêntico. Noite no porão, manhã no apartamento. Acasalamentos repetidos de Lukas e Ute. Cada vez mais longos. Cada vez mais barulhentos. Eles pegaram gosto pela coisa! Depois comemos todos juntos. Como em todas as manhãs encontramos o apartamento do mesmo jeito que o deixamos, deduzimos que ele não faz mais parte daqueles que os Ivãs estão ocupando. Então arriscamos e nos instalamos aí tanto de dia como de noite. Com sucesso. Não somos expulsos porque nosso apartamento tem uma vantagem de que não tínhamos consciência: ele fica no quinto andar. Ora, segundo a rádio-boca-a-boca, os Ivãs não gostam de subir escadas. A maior parte deles é formada de civis, eles amam a terra, o contato com a terra, então preferem ficar no térreo. No alto, eles se sentem isolados e, em caso de retirada, perdem tempo.

Manfred se dedica a suas atividades domésticas para nos proporcionar um ninho acolhedor. Ute deveria ajudá-lo, já que é uma garota. Mas não, ela se recusa categoricamente. Fresca! Depois que não tem mais *Frau Oberham* grudada nela o tempo todo, e sobretudo depois que passou a dormir com Lukas, a madame se dá ares de princesa. Além disso, ela nos revelou que *Frau Oberham* não é sua mãe, mas uma professora do BDM do qual ela fazia parte. O pânico se espalhou tanto nos BDM como nas *Napolas*, um salve-se quem puder generalizado, pelo sistema D, Ute fugiu com *Frau Oberham*, da qual ela está bem contente de ter se livrado agora.

Nas primeiras noites, por medida de segurança, ela dorme no desvão da cozinha, depois Lukas tem a ideia de disfarçá-la de homem, com um terno velho que ele encontra em algum lugar, numa mala abandonada. Manfred se encarrega de lhe cortar os cabelos. Resultado: topamos com ela dia e noite. E os acasalamentos acontecem a qualquer hora.

Bom, se Lukas não se preocupa com a possibilidade de ser tomado por pederasta caso os Ivãs cheguem a subir ao quinto andar, o problema é dele.

AGORA NOS ORGANIZAMOS EM QUATRO.

Lukas percorre as casas que os russos ocupam à noite e nos traz suas sobras, muitas vezes bem substanciosas.

Lukas mudou novamente. Como está comendo melhor e se acasala como um coelho, está com a aparência de homem agora. Voltou a ficar bonito. Manfred cortou-lhe o cabelo. O cabelo curto, quase raspado, lhe cai muito bem. Valoriza a cor dos olhos, que parecem maiores. Sua voz baixou um tom. Quando ele fala, dá para ver aquela bola grande pulsar na base do pescoço – o pomo de adão, como é chamado. De tanto caminhar por toda Berlim, de subir as escadas dos prédios que ele visita à cata de alimentos, os músculos que tinha formado na *Napola* estão visíveis novamente sob suas roupas, que tendem a ficar esticadas. Ombros largos, bacia estreita, pernas sólidas, um verdadeiro *Jungman*, como antes. Seu temperamento suavizou. Ele está mais descontraído, menos agressivo. Sobretudo comigo.

De tempos em tempos, quando um frágil raio de sol aparece e a rua está um pouco mais calma, saímos. Só nós dois. Sentamos lá fora no pátio para fumar um cigarro. Certa manhã, quando estamos prestes a acender um cigarro que vamos dividir, vemos uma mulher que, com a saia levantada, faz suas necessidade bem no meio do pátio. Depois de um breve momento em que permanecemos ali, de boca aberta, olhando aquela mulher defecando à vista de todo mundo, caímos na risada.

– O orgulho nazista ficou para trás, hein, Max? – me pergunta Lukas.

Desde a morte da mulher loira, ele me chama de Max. Isso não me incomoda, é melhor do que “Caveirão”. Esse nome soa bem, pelo menos na boca dele.

Dou uma olhada na mulher agachada. Ela está desgrenhada, suja, descalça. Há muitas como ela aqui, as *Frauen* com ar desvairado que atravessam Berlim descalças. Penso nas enfermeiras de Steinhöring, nas *Braune Schwester* de Poznan, nas *Aufseherinnen* de Kalish, todas tão impecáveis em seus respectivos uniformes, e sou obrigado a admitir que sim, que o orgulho nazista foi aniquilado.

Pego o cigarro que Lukas me passa e aproveito este momento privilegiado, só nós dois, para lhe fazer uma pergunta que me incomoda há muito tempo.

– Por que não diz aos russos que você é polonês?

Lukas pega de volta o cigarro, puxa uma longa tragada e dá de ombros.

– Tentei fazer isso diversas vezes, mas... não sei... não sei se isso seria bom. Você sabe, quando eles invadiram a Polônia com os Fritz, os russos também não foram delicados conosco.

É verdade, os Ivãs eram nossos aliados no começo da guerra. Eu tinha me esquecido completamente disso.

– Fico desconfiado. Entre os russos, há também uma longa tradição antissemita – continua Lukas. – E, de todo modo, não quero que depois da guerra eles me mandem de volta para a Polônia. Não tenho mais ninguém lá. Prefiro esperar os americanos. Com eles, podemos esperar alguma mudança. Escute, Max – ele acrescenta, ficando emocionado de repente –, assim que os combates terminarem, quando pudermos sair de Berlim, precisamos dar um jeito de ir para oeste e nos encontrarmos com os americanos lá.

Sonhador, ele continua a tragar o cigarro, esquecendo-se de passá-lo para mim.

– Eles liberaram os campos, sabia? Parece que há sobreviventes. Muito poucos. Não sei se minha mãe faz parte desse grupo. É melhor que eu esteja preparado para o pior...

Ele se interrompe para olhar os anéis de fumaça que se desfazem. Durante alguns minutos, porque ele se lembrou da mãe, fico com medo que ele volte a sair dos trilhos como nas últimas semanas na *Napola*. Mas, não, ele retoma um tom sereno:

– Se me comunicarem que minha mãe morreu, então serei órfão como você, Max. E não seremos os únicos. O país estará pululando de órfãos, de todas as nacionalidades. Não vai ter lugar aqui para todo esse pessoal. Tenho certeza de que os americanos vão nos tirar dessa merda, eles vão nos mandar para fora, longe, para o país deles, ou... O que você acha de irmos para o Canadá, por exemplo, ou para a Austrália?

Fico pensando. Não sei bem onde fica o Canadá. Menos ainda a Austrália.

– Não sei. A Alemanha é meu país.

– Não agora, Max. Olhe aí, a Alemanha! Com o que ela se parece agora, hein?

Com um movimento do queixo, ele me aponta as fezes que a mulher deixou no pavimento do pátio. O cheiro chega até nós e é repugnante. Um pouco mais longe, soldados estão sentados na beira da calçada. Exaustos, imundos, nojentos. Alguns têm na cabeça curativos manchados de sangue, membros atrofiados ou amputados.

– O que acha que vai acontecer com você aqui? Vai acabar num orfanato, ou então numa família adotiva que você não terá escolhido. É isso que você quer?

Balanço a cabeça negativamente. Acima de tudo, nada de adoção. Não mudei de opinião quanto a isso.

– Mas... Mas e se você descobre que sua mãe está viva, se chegar a encontrá-la, você não voltaria para a Polônia?

– Não! Vamos zarpar! Vamos zarpar para o Canadá ou para a Austrália! E nós o embarcaremos junto... Agora é sua vez, meu velho! – ele acrescenta sem me deixar tempo para replicar. – Vivi com os nâziz durante anos, você poderá bem se acomodar com dois judeus, não?

Não digo nada. Só lhe sorrio de volta.

– Ute e Manfred também irão conosco? – pergunto depois de um tempo.

– Não, com eles é diferente. Os pais deles estão aqui. Eles têm chance de encontrá-los.

Fico refletindo novamente.

– Mas o que faremos no Canadá ou na Austrália?

– Não tenho a menor ideia. Quando chegarmos lá, veremos!

Esses momentos são muito raros.

Mesmo sabendo que Ute tem influência na transformação de Lukas (ter relações deve acalmar, diminuir a agressividade, a raiva), eu não gosto dela. Ela se intrometeu na nossa vida. Sem ela, Lukas passaria mais tempo comigo. Sem ela, nós dois talvez já tivéssemos partido para oeste. Ela me irrita com seu ar de princesa. Sob o pretexto de que somos mais novos, ela se arroga o direito de nos dar ordens, a mim e a Manfred.

Sabe o que nós parecemos às vezes? Uma família. Uma família amável, formada pelo pai, a mãe e dois garotos. Manfred se acomoda a isso. Sente-se tranquilizado, ele gosta de ser mandado e tratado como filho, mas esse não é o meu caso.

Detesto famílias. Desde sempre.

Então, uma manhã, aproveitando a ausência de Lukas, que tinha saído à procura de comida, digo a Ute, enquanto mordo uma fatia de pão que, milagrosamente, está coberta com uma boa camada de margarina:

– Quando a guerra acabar, Lukas e eu iremos para o Canadá. Só nós dois.

Ute, depois de levantar os olhos para o alto, troca um olhar cúmplice com Manfred, com ar de: “Preste atenção, isso não tem a menor importância!”, e,

sem se dar ao trabalho de me responder, passa margarina em uma fatia de pão.

Resolvo prosseguir o ataque. Dessa vez, com artilharia pesada.

– Lukas é judeu.

Manfred resolve se intrometer.

– Não se preocupe, Ute, Konrad faz direto essa brincadeira. É uma obsessão dele.

– Cala a boca! Não falei com você!... Lukas é judeu – eu repito, mergulhando meus olhos azuis nos olhos não menos azuis de Ute.

À guisa de consolo, ela acaricia os cabelos de Manfred, que assumiu sua cara de cachorro abandonado porque lhe dei uma bronca.

– Você não sabe mais o que inventar, hein? Seu fedelho imundo! – ela me responde afinal. – E, para seu governo, saiba que é impossível que Lukas seja judeu. Há... um pequeno detalhe secreto que prova que você está mentindo – ela acrescenta, fazendo trejeitos.

Acreditando que tinha marcado um ponto, ela admira suas unhas, pretas de sujeira, quebradas, com tanta satisfação como se tivesse acabado de sair da manicure. Depois morde com gosto seu pão.

– Você quer dizer o pipi dele que não foi circuncidado? É esse o pequeno detalhe secreto? Eu também caí nessa armadilha no começo, mas isso não prova nada. Isso não impede Lukas de ser judeu.

E em seguida eu despejei a história toda. Nosso encontro em Kalish, a germanização forçada, o que Lukas me contou sobre os pais quando estávamos na enfermaria, a morte do pai e do irmão, a deportação da mãe para Treblinka, depois a temporada na *Napola* e os assassinatos dos *Jungmannen*.

Quando acabei minha narrativa, Ute e Manfred tinham deixado cair suas fatias de pão na mesa. Tirei o apetite deles. E eu continuo a comer tranquilamente, saboreando com gosto a margarina sobre o pão e o espetáculo de suas caras desnorteadas.

– Bobagem! – exclama Manfred, o primeiro a reagir. – Lukas, polonês? Judeu? Não é possível! Ele é...

Adivinho que, pela primeira vez, ele se lembra das aulas de biologia na *Napola*. Talvez até se lembre do desenho que fez para mim naquela ocasião, aquele do judeu barrigudo, sentado sobre o globo terrestre rotulado com a palavra *Geld*. Concluo a frase em seu lugar.

– Ele é loiro de olhos azuis, eu sei! Ele é alto e esbelto, não pequeno, truncado. Não tem o nariz nem os dedos achatados e, no entanto, ele é judeu.

Cai o silêncio novamente. É uma novidade difícil de digerir no café da manhã.

– Então, vocês não são irmãos? – indaga Manfred.

Balanço a cabeça. Ute, que ainda não abriu a boca, chama a minha atenção. Ela também, como membro de um BDM, ouviu muitas coisas ruins sobre os judeus.

– Você vai continuar a dormir com ele?

– ...

– O que você vai fazer com seu bebê? – eu lhe pergunto, a fim de ferir ainda mais fundo.

– Que bebê?

– Aquele que está na sua barriga. O que você fez com Lukas.

– Mas eu... Eu não estou grávida! – ela afirma numa voz aguda.

Um brilho de pânico passa pelos seus olhos, e ela leva instintivamente as mãos ao ventre, como se para descobrir a presença do bebê que eu tinha acabado de anunciar.

– Você poderia oferecê-lo ao novo líder da Alemanha, quando soubermos quem vai ser.

UM NOVO LÍDER, SIM.

Porque Hitler está morto.

Ele morreu ontem. Dia 30 de abril de 1945. Descemos por pouco tempo ao porão para procurar uns pertences de Ute que ela queria recuperar. O rádio de *Frau* Betstein funcionava, pelo menos dessa vez. Ele transmitia uma marcha fúnebre de Wagner como fundo para a voz de Dönitz anunciando a triste notícia. Depois, houve um corte de eletricidade e o rádio emudeceu.

Ninguém reagiu. Ninguém. Todos estavam pouco se importando.

Inclusive eu.

– Hitler... acabou. Goebbels... acabou. Viva Stalin!

É o que gritam os Ivãs na rua. (Nesse meio-tempo, parece que Goebbels também se suicidou.)

Quem sabe Ute não possa oferecer seu bebê para Stalin?

AO CONTRÁRIO DOS bombardeios que rareiam, a rádio-fofoca-porão funciona a pleno vapor. Muito útil, ela nos ensina a compreender melhor os Ivãs e a adaptar nosso comportamento em função disso.

Assim, a história muito instrutiva de uma *Frau* morando na Berlinerstrasse circulou por todos os porões e chegou até o nosso bairro.

Uma noite, dois Ivãs bêbados irromperam em seu apartamento. Apesar dos conselhos dos vizinhos, a mulher tinha se recusado a se refugiar no porão. Eles derrubaram a porta com chutes e coronhadas, a agarraram e a encostaram contra uma parede, arrancaram-lhe a roupa, alegrando-se ao constatar que a sorte lhes tinha dado um bilhete premiado, pois a *Frau* era bonita, jovem e bem cuidada. Eles iam estuprá-la quando viram, de repente, num canto do quarto, uma caminha onde dormiam um bebê e um garoto de quatro anos. Eles pararam imediatamente, ajudaram a mulher a se vestir novamente e se desmancharam em desculpas.

– Seus filhos? – perguntou um dos dois, que arranhava algumas palavras em alemão.

Ele se aproximou da cama.

– Lindos! Tão lindinhos! Tão delicados! – ele acrescentou.

Ele tirou a jaqueta e delicadamente a colocou sobre as crianças, que não estavam cobertas. Os dois soldados em seguida saíram na ponta dos pés para não fazer barulho. No dia seguinte, Andreï, aquele que deixou a jaqueta, voltou para levar à *Frau* uma coberta quente, além de leite e chocolate. Ele voltou diversas vezes, levando outros mantimentos. Um dia, mostrou à *Frau* a foto de seus filhos, que ele não via desde 1941. (Os soldados russos não têm licença como os nossos.) Ele se desmanchou em lágrimas.

– A guerra está quase acabando, aguente firme, logo você vai rever seus filhos – consolou-o a *Frau*.

Andrei, por intermédio do intérprete que o acompanhava, respondeu-lhe então:

– Eu não choro pelos meus filhos. Choro por aqueles que os alemães mataram.

Ele parou por um instante, tempo suficiente para controlar seus soluços, e acrescentou:

– Na minha cidade, os militares alemães apunhalaram crianças. Alguns as pegavam pelos pés e quebravam-lhes as cabeças contra o muro. Vi com meus próprios olhos. Muitas vezes.

“OLHO POR OLHO, dente por dente”, Lukas tinha me dito quando a série de assassinatos na *Napola* havia começado. Aparentemente os Ivãs aplicam esse provérbio para as mulheres, estupradas elas também por nossos soldados, mas não para as crianças.

Então, se escondemos as jovens nos desvãos das cozinhas, sob pilhas de roupas ou se os fazemos crer que elas têm tifo, inversamente exibimos as crianças para comover os Ivãs.

Conosco, nessa espécie de família que formamos depois da instalação de Ute no apartamento, é Manfred que faz o papel da criança. Temos a mesma idade, mas ele é uma cabeça mais baixo do que eu. Ele é tão macilento e franzino que ninguém diz que tenha mais do que seis ou sete anos. Por isso, ele é escalado para se apresentar às cozinhas de campanha dos russos. E acontece sempre a mesma coisa; comovidos com esse pequeno tímido e pálido, os Ivãs lhes dão sopa quente, chocolate, salsichão, tudo o que Lukas não encontra entre as sobras nos apartamentos que visita ao amanhecer.

De vez em quando, Manfred insiste para que eu o acompanhe. Ele choraminga dizendo que tem medo, que as cozinhas de campanha estão longe, que é preciso atravessar muitos quarteirões. Eu me recuso.

– Você não poderia fazer um esforço, uma vez que fosse? – me diz essa peidorrenta da Ute, que não faz nada o dia inteiro, a não ser o que você já sabe.

– Ora, Max, seja bonzinho, vá lá! – Lukas me diz delicadamente.

Quando é Lukas que me pede, eu vou. Mas a contragosto. Não gosto que os Ivãs me ponham sobre seus joelhos ou enrolem uma das minhas mechas loiras em seus dedos grossos. Por mais que eu seja grande para a minha idade

e que nada na minha atitude arisca desperte alguma ternura, muitas vezes faço mais sucesso com eles do que Manfred.

– *Milyi! Milyi!*

“Pequeno”, eles repetem ao me ver.

Minha cabeleira platinada e meus olhos azuis muito claros os conquistam. E assim minha cara de anjo produz sempre seu efeito, mesmo nos Ivãs.

NAQUELA MANHÃ eu estava em um dia ruim, com um humor de cão. Recusei-me categoricamente a acompanhar Manfred. Ninguém conseguiu me convencer. Nem mesmo Lukas. Não sei o que eu daria para poder voltar atrás.

Impossível, essa é a verdade. Definitiva.

MANFRED PARTE COMO de costume, sua cestinha para carregar os mantimentos debaixo do braço. Uma hora depois, ele volta e coloca a cesta cheia em cima da mesa. E, então, não é mais como de costume, porque, na cesta, há um presunto. Inteiro. Enorme. Presente dos Ivãs.

– Ah, Manfred! Meu querido! Você é verdadeiramente geniaaaa! – grita Ute, com seu detestável acento esnobe.

– Boa jogada! Parabéns! – aprova Lukas.

Eu não digo nada. Estou envergonhado por constatar que esse cretino do Manfred soube bem como se virar. De qualquer maneira, mesmo que eu tivesse tentado falar, não teria tido tempo de abrir a boca, porque – tão excepcional quanto o presunto na cesta – ouvimos de repente passos na escada. Passos pesados, trôpegos. Firmavam em um degrau, pulavam um, voltavam dois outros, paravam, retomavam. Subindo desse jeito até o quinto andar. Até a nossa porta. Não tínhamos achado que valia a pena fazer uma barricada pregando tábuas ou empilhando móveis na frente dela. E a porta cede ao primeiro golpe de bota. Uma silhueta se enquadra no batente. É um Ivã. Um Ivã que oscila em cima das pernas grossas como troncos de árvore. Um Ivã que fede a álcool. Um Ivã que, ao contrário de seus camaradas, não dorme a esta hora para fermentar seu vinho, como deveria fazer. Mas por um motivo qualquer ele seguiu Manfred, sem que este percebesse.

Eu me senti mal. Disse a mim mesmo que, se eu tivesse acompanhado Manfred, teria ficado mais atento e esse Ivã não nos teria seguido. Na pior das hipóteses, eu teria dado um jeito de despistá-lo.

Mas o fato é que agora ele está aqui.

Por que ele seguiu Manfred? Não concordava em lhe dar o presunto inteiro? Tinha vindo pegá-lo de volta?... Sem problema, vamos devolvê-lo. Agora mesmo! Junto com o resto dos mantimentos!

Exceto que o Ivã não está interessado no presunto.

Seu olhar cai em Ute. Ela veste calças e camisa de homem, mas sem a jaqueta. E, como a camisa não está abotoada até em cima, dá para ver o alto dos seios. Ela está com a cabeça descoberta, não enfiou o chapéu até a altura dos olhos. Em vez de alisar os cabelos com água, ela os deixou cacheados. Com um velho batom que havia encontrado caído no chão, ela realçou a cor dos lábios.

Ela está perdida. Vai sofrer. Vai ser violentada.

Para dizer a verdade, não me importo. Mas Lukas não gosta nada dessa ideia. Ele se levanta. Ou pelo menos tenta, porque o Ivã o impede apontando-lhe uma submetralhadora.

– *Du, SS?* – pergunta ele aos berros.

Essa pergunta é legítima, tomo consciência disso enquanto uma onda de pânico me invade. Lukas é loiro. Tem os olhos da cor do aço. É grande. Passou a adolescência numa *Napola* e manteve o porte dos *Jungmannen*. De tanto dormir com Ute, ele parece um homem. Então, sim, ele poderia muito bem passar por um SS, jovem, um daqueles que foram recrutados no fim, às pressas, ou por um membro da *Volkssturm*. E esses são executados sempre pelos russos quando são descobertos nos fundos de um porão.

O Ivã não está interessado no presunto. Nem em Ute. Ele está atrás de Lukas.

– *Du, SS?* – ele repete, berrando ainda mais alto.

Petrificado, Lukas se põe a sacudir a cabeça em resposta. Só faz isso, balança bobamente a cabeça, sem pronunciar uma palavra. Como ele não se decide a responder? Responder em sua língua materna, o polonês? Por que não fez isso até agora, ele já me explicou, mas é necessário fazer isso neste momento. É **ABSOLUTAMENTE** necessário.

– *Niet! Niet! Ne SS! Polski! Yevreïskie! Yevreïskie!*

Sou eu que, arranhando algumas palavras em russo, grito que não, não, ele não é um SS, mas polonês, e judeu, judeu! Manfred e Ute, depois de um momento de pânico, gritam também, junto comigo:

– *Jude! Jude!*

– *Nix Juden! Juden kaputt!* – responde o Ivã.

“Não há mais judeus! Os judeus foram mortos!”

Os pensamentos se atropelam na minha cabeça. Ouvi dizer que houve muitos incidentes nos porões. Nazistas quiseram se fazer passar por judeus a fim de salvar a vida. Foram desmascarados porque não falavam nem ídiche nem hebraico.

– Lukas! Diga uma reza em hebraico! Você precisa provar a ele que é judeu!

Lukas me olha, aturdido. Abre a boca, mas não emite nenhum som. Compreendo que ele teve um lapso de memória. Justo agora. Causado pelo pânico, sem dúvida. Não sabendo mais o que fazer, avanço com a cabeça abaixada, na louca esperança de chegar até o Ivã e tomar-lhe a arma. Talvez isso dê tempo para que Lukas reaja, recupere seu ânimo. Mas o Ivã é mais rápido que eu, com uma bofetada ele me manda direto para o chão, tão facilmente como se eu fosse o presunto que estava na mesa. Sem deixar de olhar Lukas, ele se aproxima e o agarra pela gola, obriga-o a se levantar, encosta-o contra a parede e vasculha seus bolsos.

– *Du, SS!* – grita de repente, sacudindo alguma coisa.

Zonzo, eu me levanto, minha testa sangra. Um filete de sangue escorre sobre os meus olhos e me impede de ver o que o Ivã, furioso, agita na mão, na que não está segurando a submetralhadora.

Mas percebi que o *Du, SS!* que ele acaba de gritar não é mais uma pergunta. É uma afirmação.

Este dia era 2 de maio de 1945. Berlim acabava de capitular, às 4 horas da manhã. No norte e no sul da Alemanha, os combates continuavam a ser travados, mas não havia mais tiros em Berlim.

Exceto um, o último, que ressoou em nosso apartamento.

Mesmo se tivéssemos falado fluentemente em russo, Ute, Manfred e eu, o Ivã teria atirado.

Mesmo se Lukas tivesse decidido responder em polonês, mesmo se tivesse recordado uma reza em hebraico, o Ivã teria atirado.

Porque ele estava bêbado.

Porque a guerra é assim.

Porque, de qualquer modo, ninguém jamais, *jamais* quis acreditar que Lukas era judeu.

PORQUE, ACIMA DE TUDO, ele tinha guardado no bolso, em lugar de queimá-la, a foto da mulher loira e seu bebê (eu) posando com o Führer.

Por quê? Por que Lukas guardou essa maldita foto? O que pensava fazer com ela?

Eu não fiquei triste depois da morte da mulher loira. Não sofri depois da morte do Führer.

Mas, com a morte de Lukas, sim, eu sofro e estou triste. Agora, só agora, eu me sinto órfão. Terrivelmente, desesperadamente ÓRFÃO.

O CARRO FÚNEBRE, um carrinho de mão. O sudário, um impermeável velho que *Frau* Oberham tirou da mala. O cemitério, um pedaço de terra no jardim de uma casa abandonada.

Foi assim que enterramos Lukas. Como outrora os moradores dessa casa podem ter enterrado seu cão, a pedido das crianças.

É permitido. É comum. Na cidade em ruínas, se os vivos abandonam suas casas, vale o mesmo para os mortos. Eles não seguem mais para o cemitério, mas para os parques públicos ou jardins particulares. Quando não apodrecem debaixo dos escombros.

Armados com pás que encontramos na rua – afiadas como facas, elas serviam de armas para os Ivãs nos combates corpo a corpo –, cavamos um buraco. Não é muito fundo. A terra revirada, preta, contrasta com o resto do jardim, coberto de uma poeira branca. Quase poderíamos acreditar que é neve, que estamos em dezembro e não em maio. Os troncos das árvores, eles também empoeirados de branco, estão crivados de balas, como se tivessem sido gravemente feridos em combate. Feridos, mas em pé. Enquanto Lukas, com apenas uma bala, caiu.

Nesse preciso instante, senti mais raiva do que pesar. Por que Lukas está morto? Morto instantaneamente? Por que não ficou apenas ferido? Por que não permaneceu em pé, como as árvores, em lugar de ficar estendido, inerte, no chão?

Ele não manteve sua promessa. Devíamos partir *os dois*, no fim da guerra, para o Canadá ou para a Austrália. Ele me garantiu naquela manhã em que fumamos um cigarro no pátio do prédio. Ora, ele partiu *sozinho*.

Ele me abandonou.

Nosso pequeno grupo faz um círculo em volta do buraco aberto. *Herr* Hauptman, as *Frauen* Betstein, Diesdorf e Evingen, Manfred, Ute e eu.

Agora é preciso colocar Lukas no buraco. *Herr* Hauptman dá o sinal, pegando o corpo pelos ombros, enquanto *Frau* Oberham o pega pelos pés.

Eu não me mexo. Não os ajudo, ao contrário de Ute e Manfred que se adiantam para dar-lhes uma mão. Eu cavei. Cavei vigorosamente, imaginando que, a cada vez que afundava a pá na terra, eu dava uma punhalada na barriga do assassino de Lukas. Eu cavei com vigor, porque me fazia bem me soltar fazendo um exercício físico. Como na época da *Napola*. O exercício físico expulsou minha tristeza por um breve instante.

Não quero tocar no cadáver de Lukas. Este corpo enrolado às pressas, atado como uma múmia com a ajuda do cinto do impermeável, este corpo que já começa a enrijecer, não é mais Lukas. Há uma mancha no impermeável. O sangue que escorreu do ferimento. A nódoa, de um marrom escuro, dá a impressão de que o peito está perfurado. Isso me faz pensar no alvo em que lançávamos nossas facas, na *Napola*. O judeu de papelão que o instrutor tinha feito e que, no final do exercício, exibia um buraco enorme na altura do coração.

Este corpo, dentro da terra, eu não olho mais. Quero guardar a lembrança de Lukas grande, orgulhoso, bonito. Mesmo que isso tenha sido sua perdição.

Frau Oberham pronuncia um rápido elogio fúnebre. O defunto demonstrou uma grande coragem. Ele se sacrificou para defender Ute... Em seguida, *Herr* Hauptman faz uma prece. Também rápida. Uma prece católica. (De comum acordo, Ute, Manfred e eu decidimos não revelar que Lukas era judeu. Era muito complicado explicar. Qual seria a reação de nossos “vizinhos de porão”? Eles teriam concordado em nos ajudar no enterro se tivessem sabido que Lukas era judeu? Não tenho certeza.)

Lukas foi morto como alemão, e assim foi enterrado. Decididamente, o destino o perseguiu até o fim. Sem dúvida, ele teria preferido uma prece em hebraico, mas qual a importância disso depois de tudo? Nada mais tem importância agora. Os vermes que vão se nutrir do seu cadáver vão tratá-lo diferentemente? Serão vermes nazistas que receberam ordens de só devorar carniça ariana e jamais carniça judia? De todo modo, os vermes nazistas também foram vencidos, *kaputt*.

Estouros interrompem bruscamente o silêncio que segue a prece. Por um instante entramos em pânico, não compreendemos mais nada. Os tiros recomeçaram? A guerra então não acabou? Depois, levantando o nariz, constatamos que se trata de fogos de artifício. Os russos os soltam para

comemorar a vitória. De repente, isso dá um ar de festa ao enterro. E nos apressa também. É preciso acabar. Pegamos as pás, cobrimos de terra o corpo de Lukas e deixamos o jardim.

A festa vai prosseguir em outro lugar. Com uma refeição de verdade, como é costume nos enterros em tempos normais. Porque, *Frau Oberham* foi quem primeiro o ouviu, um boato circula pelas ruas: os russos entrariam nas casas para levar-lhes mantimentos. Pedacos de carne que eles dizem querer dividir com a população. Eles até proporião brindar a paz com todos.

Nosso grupo, como todos os berlinenses, não resiste ao apelo do estômago. Vamos. Vamos pisando em ovos, com medo ainda de alguns excessos, caso os Ivãs festejem a vitória com muito *schnaps*, mas aceitamos o convite.

Eu também. Estou com fome e vou comer com os assassinos de Lukas.

É a paz.

NOS DIAS SEGUINTEs, as notícias nos chegam através dos jornais russos ou pelos próprios russos: todos os generais foram presos; Mussolini, derrotado também, foi morto pelos italianos. No Elba, os russos encontraram os americanos e confraternizaram com eles.

Vaivém incessante de veículos motorizados. Acabaram as carroças e os cavalos, e as bostas no chão. Os Ivãs partem. Antes, abarrotam os caminhões com travesseiros e edredons que pegaram dos apartamentos para deixá-los mais confortáveis. Eles vão dar lugar a outros seus compatriotas, a administração militar.

Folhas mimeografadas são afixadas nas portas dos prédios ou nos muros. “Aviso aos alemães”. Segue-se o texto da nossa capitulação.

As ruas pululam com fileiras de soldados que não acabam mais, sentados ou deitados nas beiradas das calçadas, exaustos depois de dias de caminhada. Descobrimos também outros, que tinham sido escondidos e cuidados pelas mulheres nos abrigos. Agora eles voltam à superfície. Pelo menos aqueles que os Ivãs não encontraram. Como ratos que sentem cheiro de comida. É estranho ver Berlim povoada de homens de novo. Alguns correm, fazem atividades. Querem se mostrar enérgicos, sobem aos apartamentos para procurar armas. Para que querem armas agora? Para defender suas mulheres? Tarde demais. De qualquer maneira, eles não encontram nada, a não ser fuzis velhos e inúteis.

Os berlinenses pouco a pouco retomam suas casas. As mulheres se

dedicam à arrumação e à cozinha. Modestamente no que se refere a esta última: os russos vão colocar à disposição da população novas rações de comida, mais substanciosas, mas elas ainda não foram distribuídas. Enquanto esperam, as mulheres costuram. Fazem bandeiras com retalhos de tecidos que recuperam aqui e ali. As bandeiras nazistas, sem o motivo preto e branco e a cruz gamada, tornam-se bandeiras russas; são mais fáceis de fazer, pelo menos em relação às cores. Mas é preciso também se dedicar às bandeiras americana, inglesa e francesa. Nos pátios, substituindo o barulho dos tiros, ressoam as máquinas de costura.

Ainda que sejam confusas, as notícias anunciadas pelo rádio dizem que, daqui em diante, as fronteiras da Rússia se estenderão até Holstein; os ingleses receberão o Reno e a Renânia; os americanos, a Baviera. Os franceses também devem ter sua fatia do bolo, mas ainda não sabemos qual será. Dizem que os Aliados aterrissaram aos milhares no aeroporto. Para eles, as bandeirinhas que as mulheres confeccionam e que logo vão ser agitadas nas janelas.

À semelhança da Alemanha, Berlim será também dividida em quatro. O que corre é que os bairros ao sul ficarão para os americanos, os bairros a oeste, para os ingleses.

Não compreendo nada dessa história de divisão. Como vai ser feita? O que vai acontecer com os moradores que ficam nas zonas fronteiriças? Vão ser divididos em pedaços? A cabeça fica no norte, as pernas no sul?

Não sei para onde ir. Fico perdido sem Lukas. Era ele quem tomava as decisões desde nossa partida da *Napola*. Era ele quem dava as ordens. Isso me chateava, mas, agora, me faz uma falta terrível. Desde que nasci, eu obedeco, e hoje ninguém mais me dá ordens.

Norte? Sul? Leste? Oeste? Como escolher? No cara e coroa? Lukas não tomou nenhuma dessas direções. Ele foi *para lá*, debaixo da terra.

Depois me lembro de que, naquela famosa manhã em que fumamos só nós dois no pátio, ele tinha me dito: “É preciso ir ao encontro dos americanos”. Ao que parece, os americanos estão no sul.

Então, vou para o sul.

Eu ando.

Ando.

SAÍ SEM ME DESPEDIR de Manfred e de Ute. Ele voltou a viver com *Frau*

Betstein, ela com *Frau* Oberham, os dois esperando receber notícias de seus pais. Não tenho mais vontade de viver com eles.

A única coisa que desejo, quando paro de andar, é dormir.

Por causa da tristeza. A tristeza exaure. Bem mais do que o tempo em que fui punido quando estava em Kalish. Muito mais do que as práticas esportivas ou o treinamento paramilitar da *Napola*. Ainda mais do que os últimos meses, quando, com Lukas, eu me desdobrava para encontrar comida.

Ando tanto quanto minhas forças me permitem. Às vezes, pego carona em um jipe ou subo num trem, um desses trens abarrotados que foram apelidados de “expresso hamster”, porque centenas de pessoas se apertam ali. Em seguida, durmo. Não importa onde. Ao relento, na carcaça de um bonde ou em um tanque calcinado. Ou numa casa abandonada que escolho ao acaso.

Não sei bem quanto tempo eu ando. Dois dias. Semanas. Meses. Aboli o tempo.

UMA NOITE, quando entro em um apartamento, percebo que ele não está vazio. A família a que pertence ainda se encontra aí. Só que está morta. Suicídio com veneno. (Há muito disso em Berlim e nos arredores. Suicídios coletivos por veneno ou por enforcamento.)

Os pais estão cuidadosamente vestidos. O pai veste seu uniforme de *Oberführer*, acinturado, abotoado até em cima. A mulher, um bonito vestido de seda e elegantes sapatos pretos de verniz. Estão deitados na cama, no seu quarto, de mãos dadas. No quarto das crianças, um garoto que deve ter mais ou menos a minha idade está estendido na primeira cama. Está bem vestido também: calças curtas azul-marinho, camisa verde-oliva e gravata. Na segunda cama, uma garotinha, mais nova. Ela abraça um bichinho de pelúcia. Continuando, descubro um terceiro quarto, cuja cama está vazia. Talvez pertencente a um irmão mais velho, morto no fronte?... O meu irmão mais velho também está morto. Isso cria um ponto em comum entre mim, o garoto e a garotinha.

Agora, sou órfão. Preciso de uma família adotiva. Essa me convém. Não porque seja nazista, mas porque não está mais em condições de me impor qualquer regra. É exatamente disso que estou precisando.

Na cama vazia, encontro lençóis de verdade, um cobertor quente e limpo. Escorrego para dentro das cobertas estremecendo de prazer e caio num sono profundo.

Sem pesadelos.

Não sonho nem com Lukas. Nada. O buraco. O abismo, como se eu estivesse debaixo da terra como ele. *Com* ele.

Quando acordo – não sei se no dia seguinte ou dois dias depois –, digo a mim mesmo: “Vamos lá, levante-se! É preciso continuar a andar, é preciso ir ao encontro dos americanos!”. Mas a casa é tão calma! As crianças não se levantam, nem os pais. Isso quer dizer que ficar na cama até mais tarde é permitido. É muito bom ficar à toa na cama. Há quanto tempo eu não fazia isso? Então pego no sono novamente.

E não abro mais os olhos.

UM ROSTO INCLINADO SOBRE MIM. Uma mulher. Cabelos curtos, castanhos, olhos azuis acinzentados. Não é jovem. Nem velha. Ela usa um uniforme branco, saia e camisa, e uma espécie de colete marrom, sem mangas, felpudo. Na cabeça, uma touquinha, branca também. Ela me lembra uma *Braun Schwester*. Sem dúvida por causa do uniforme que combina o branco e o marrom. Com a diferença de que as *Braune Schwester*, em seu horroroso vestido marrom que mais parecia um saco de batatas, só tinham o colarinho e os punhos brancos. Aqui, é o contrário, o uniforme da mulher é mais branco do que marrom. E ela é nitidamente menos feia que uma *Braun Schwester*. O sorriso que ela me dirige não é nem falso nem distorcido.

– Ei, bom dia! Estou contente por você estar conosco.

Ela fala inglês. Compreendi o que ela acabou de dizer. Nós tínhamos aulas de inglês na *Napola*. Logo no começo, algumas horas, abandonadas em seguida. Em compensação, quando ela continua, eu perco o fio e não consigo entender mais nada. Ela percebe e prossegue em alemão, trocando com tanta naturalidade de língua, como se tivesse apertado um botão para isso. Apesar do sotaque carregado, seu alemão é fluente.

– Você está com fome? Quer comer alguma coisa?

Se estou com fome? Essa pergunta eu teria entendido em qualquer língua. Lógico que estou com fome! Basta escutar os roncoss da minha barriga – uma linguagem universal. Eu me levanto. A mulher então me dá uma sopa. Delicadamente, colherada por colherada. Ela me diz que não devo ingerir comida sólida por enquanto porque talvez não fosse suportá-la, por ter ficado subalimentado durante muito tempo. A sopa é boa. Quente, mas não fervendo. É uma sopa feita com legumes de verdade. Eu poderia enumerá-los com precisão: cenoura, nabo, alho-poró, abobrinha, vagem. Legumes americanos, provavelmente. Legumes tão saborosos não podem crescer numa

terra tão cheia de poeira como a nossa depois dos bombardeios. Isso significa que já estou nos Estados Unidos? Consegui viajar até aqui?

Comer clareia minha mente. Desperta minhas lembranças. Recordo-me das minhas longas caminhadas, do apartamento silencioso, dos ocupantes mortos. Da cama limpa em que adormeci. Por muito, muito tempo, até que de repente ouvi um barulho na casa silenciosa. Passos. Vozes. Carregam-me e me colocam em uma maca. Vultos se movem inclinados sobre mim. De uniforme. Soldados. Nem Ivãs, nem alemães. Não consigo reconhecer as insígnias bordadas nas mangas ou nos colarinhos. Em seguida, uma viagem de trem. Há outras crianças comigo. Muitas.

A retirada da casa. Os soldados. Um trem repleto de crianças. E agora esta mulher em seu uniforme branco e marrom... Fui capturado pela versão americana das *Braune Schwester*. As... *Brown Sisters*? Será esse o nome delas em código? Há muitas delas na sala em que me encontro, todas vestidas do mesmo modo, todas se ocupando de crianças acamadas como eu. Algumas estão muito mal. Bem mais que eu.

– Coitadinho! Quando o encontraram, você estava quase morto. Faltou pouco para isso.

A *Sister* interrompe-se um pouco para limpar minha boca – tenho tendência para engolir sofregamente, e a sopa escorre para o queixo. Depois ela retoma:

– Seu sobrenome é Glaser, não é? Qual é o seu nome?

Glaser? De onde ela tirou isso?... Ah, compreendi! Deve ser o sobrenome da família do apartamento. A *Sister* pensa que os mortos eram meus pais, irmão e irmã. Eu balanço a cabeça vigorosamente para mostrar que ela está enganada. Eu me sinto bem – um pouco fraco, amorfo, mas não sinto dor em lugar nenhum; entretanto, não sei o que acontece, é como se minha voz tivesse sido quebrada. Como se os pedaços estivessem no fundo da minha garganta e me fosse impossível juntá-los nesse instante.

A *Sister* não se incomoda com meu silêncio. Ao contrário, ela sorri. Ela não tem o ar malvado como o das *Braune Schwester*. Uma *Braun Schwester* já teria me dado duas bofetadas por não responder às suas perguntas. Ela me dá mais algumas colheradas de sopa, esperando que eu as engula antes de continuar.

– Meu nome é Abigael, mas me chamam de *Abi*, é mais simples. Você também tem um apelido?

Não é maldosa, mas é esperta. Ela tenta me fazer cair numa armadilha. Se eu lhe disser meu apelido, acabarei lhe dando meu nome e sobrenome, os verdadeiros.

Mudo, eu me limito a comer.

– Você não tem nenhum motivo para ter medo de dizer que os Glaser eram seus pais – retoma a *Sister*. – Ninguém vai lhe fazer mal. Mesmo que seu pai tenha sido um oficial nazista, você não tem nada a temer. As crianças não devem pagar pelos erros dos pais.

Ela deve estar falando da “desnazificação”. Eu ouvi falar disso quando estava andando, quando pegava indiferentemente um carro ou um “expresso hamster”. As forças de ocupação prendem os nazistas por toda a Alemanha. Verificam as atividades políticas de todos os alemães de mais dezoito anos.

Abi se engana em relação ao meu silêncio. Não tenho medo de dizer que meus pais eram nazistas. (E que nazistas!) Acontece que não eram os Glaser.

– Eu, não Glaser. Eu, Konrad von Kebnersol. Dois apelidos: Caveirão e Max.

Aí está, minha voz destravou. As palavras saem independentemente da minha vontade. E ainda por cima em inglês. Um inglês meio rudimentar. Estou falando como as crianças polonesas em Kalish. O que me leva a pensar que, depois de ter sido trazido pelas *Brown Sisters*, devo estar em um Kalish americano.

Surpresa com o que acabo de dizer, Abi recua. E com ela a tigela de sopa. Eu a pego de suas mãos. Já estou em condições de tomá-la sozinho. Ela me olha franzindo ligeiramente as sobrancelhas, com cara de estar se perguntando se estou bem da cabeça.

– Konrad von Kebnersol? É este o seu nome?

Eu confirmo.

– E apelidaram você de... Como é mesmo que você disse?

Eu repito.

– Estranho! Sobretudo o primeiro!... Por que o apelidaram assim?

Não respondo. Seria preciso explicar que foi Lukas que inventou esse apelido. Seria preciso falar sobre Lukas. Não tenho vontade. Lukas morreu. *Kaputt*. Está enterrado em Berlim. Num jardim, como um cão.

– Então, os Glaser não são seus pais? Mas então o que você fazia na casa deles?

Para provar a Abi que não estou mal da cabeça, e que até mesmo sou muito

inteligente, devo abandonar meu inglês rudimentar e falar em alemão.

– Se os Glaser fossem meus pais, eles teriam me envenenado, como fizeram com o garoto e a garotinha que estavam no quarto. Entrei no apartamento deles por acaso. Apenas para dormir.

– Tudo bem, Max, tudo bem.

Ela escolheu me chamar de Max, não de Konrad. Talvez por ser um nome que parece mais americano do que Konrad?

– Se eu insisti – ela continua –, é porque sabemos onde se encontra o filho mais velho dos Glaser. Ele está vivo e, se você fosse irmão dele, teríamos podido reunir os dois...

Ela se interrompe por um breve instante, pensando que vou reagir, que vou me trair, pular de alegria ao ouvir falar de meu irmão mais velho. Engana-se. Meu irmão mais velho está morto.

– Bem, vamos esquecer os Glaser! – ela se decide, finalmente.

Já não é sem tempo.

Ela me livra da tigela de sopa que acabei e cujas beiradas lambi gulosamente e a coloca na mesinha de cabeceira ao lado da cama. Bem que eu gostaria que ela me desse mais alguma coisa para comer, ainda estou com fome.

– Você está no convento de Kloster Indersdorf. Eu e minhas colegas (ela indica as outras *Sisters* na sala) somos enfermeiras e trabalhamos para uma organização que se chama “UNRRA”, Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas. Simplificando, nós nos ocupamos aqui de todos os órfãos ou crianças desacompanhadas. Nós os ajudamos a encontrar suas famílias. Você compreende?

Sim, eu compreendo. Mas nem ela nem suas colegas poderão fazer nada por mim. Eu *realmente* não tenho família. Nem jamais tive uma, o que ela não consegue compreender. Seria preciso que eu lhe explicasse, mas estou cansado demais para isso. Fecho os olhos sem responder. O que não deixa de ser uma resposta: “Deixe-me em paz!”.

Ela compreende a mensagem.

– Vou deixá-lo descansar agora – diz Abi, com uma ponta de decepção na voz. – Virei vê-lo mais tarde.

Ela se levanta, afasta-se e, entreabrindo os olhos, vejo que ela deixa a sala.

Não tenho vontade de dormir, ao contrário das crianças que me rodeiam. Acho que já dormi o suficiente no apartamento dos Glaser, no trem e aqui.

Esta sala lembra muito um dormitório. Perdi o costume de ficar em dormitórios, não os suporto mais.

Tento resumir as palavras de Abi. Estou no convento de Kloster Indersdorf. Então, na Alemanha, mais exatamente na Baviera. Portanto, no setor americano. No convento, cuidam dos órfãos. Kalish também era um mosteiro desativado. Em Kalish também se ocupavam dos órfãos. “Ocupar-se dos órfãos” era uma expressão em código que significava que os germanizavam, depois lhes arrumavam uma família adotiva. Abi me falou em linguagem codificada para não me assustar. Ela omitiu que vão me americanizar. Daí... *Max*. É isso aí! Já me deram um nome americano.

Abi tem uma aparência gentil, mas me pergunto se não é uma cadela como as *Braune Schwester*. Eu me pergunto também se a americanização vai ser assim tão rude quanto a germanização em Kalish.

Não tenho nenhuma vontade de ser americanizado.

Preciso sair daqui.

Dou uma olhada na porta. Nenhuma *Aufseherin*. (Não sei como se diz “vigilante” em inglês.) Eu me levanto.

ANTES DE FUGIR, decido visitar um pouco o lugar, porque percebo que posso ir e vir livremente. Então não preciso me apressar. E, depois, para onde eu iria? Aqui pelo menos tem comida. Tenho interesse em me recuperar totalmente antes de ir embora.

Entro em um cômodo que, este sim, é um dormitório de verdade. A sala que acabei de deixar era uma enfermaria. Outras crianças. Estas não estão doentes. Apenas assustadoramente magras. Como eu, aliás. Algumas estão reunidas em uma cama e jogam baralho ou conversam. Outras estão sozinhas, à parte, sentadas em cadeiras, ou deitadas, com os olhos fixos no teto, ou em pé, os olhos então fixados no chão. Todas estão vestidas do mesmo modo. Roupas cinza com um avental branco. Elas devem tê-las recebido aqui. Eu ainda visto as minhas roupas, o que indica que devo ter chegado há pouco tempo. As *Sisters* não tiveram tempo de me trocar.

Aqui também, nada de *Aufseherin*. Aparentemente as crianças não são obrigadas a ficar em silêncio. Pelo contrário, fazem bastante barulho. Atravessando a sala e passando por elas, ouço várias línguas, entre as quais eu reconheço o polonês, o alemão, o russo, o francês também, pelo que me parece. Mas há muitas outras.

Prossigo na minha visita de reconhecimento. Um grande refeitório: bancos enfileirados, mesas. Eu surrúprio de passagem um tablete de chocolate e uma caixinha de leite, que bebo escondido, agachado num canto.

É bom. É delicioso. Passarei aqui antes de fugir.

Subo um andar. No patamar há uma janela, pela qual vejo o pátio do convento. Dois caminhões estão estacionando. Quando as portas se abrem, as crianças descem.

“O país vai pulular de órfãos”, Lukas havia dito. Ele tinha razão. Havia dito também que era preciso ir ao encontro dos americanos. Quanto a isso, não tenho certeza se ele tinha razão.

PARO EM UMA SALA. Na soleira da porta. As crianças fazem fila e passam em sequência diante de um soldado, que as fotografa. Este soldado é...

NEGRO.

Nunca vi um negro em carne e osso. Unicamente nos filmes que passavam para nós na *Napola*. Tratava-se de negros combatentes do exército francês. Pareciam fantasiados, com seus uniformes imundos e muito grandes para eles. Faziam um exercício de tiro que era um verdadeiro desastre. O narrador dizia que os negros não sabiam usar armas, quaisquer que fossem, e que, apesar disso, os franceses os punham assim mesmo na linha de frente para servir de escudo. E assinalou que essa era uma das razões pelas quais tínhamos vencido tão rapidamente a França. A famosa *Blitzkrieg*.

Exceto que a guerra não tinha sido nada fulminante. *Durou seis anos. Não seis meses.*

Exceto que os franceses, agora, são vencedores. E, portanto, também os negros.

Fascinado, fico um bom tempo observando o soldado negro, que não tem a aparência de quem está fantasiado. Ele veste bem seu uniforme. Ele é grande, musculoso, tem movimentos flexíveis, um pouco felinos. Quando sorri, mostra dentes grandes e brancos, bem alinhados, e o sorriso se reflete em seus olhos. Ele me lembra o Jesse Owens, o atleta negro que recebeu quatro medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de 1936. Eu me pergunto se o soldado corre tão depressa quanto ele. Se for esse o caso, preciso escapar antes que ele me perceba. Eu não ganharia dele na corrida.

Quando afinal consigo despregar meus olhos dele, descubro três enfermeiras que circulam pela sala. A primeira ajuda as crianças a se

sentarem bem diante da máquina fotográfica, de acordo com as orientações do soldado. Queixo mais alto. Olhos mais baixos. Não se mexa na hora do *flash*. Ela cuida de acertar a cartolina, presa ao pescoço das crianças por um barbante, onde estão escritos seu nome e sobrenome. A segunda consulta um registro, a terceira, enfim, faz anotações em um caderno.

Elas também são *negras*, como o fotógrafo!

Alguma coisa suspeita se passa nesta sala. Apesar do medo que me assalta, tento pensar. Rápido. Rápido! Porque depois será preciso correr com o Jesse Owens nos meus calcanhares.

A conclusão a que chego é a seguinte: Abi mentiu para mim. Ela não me contou que, antes de se “ocupar dos órfãos”, eles passavam por uma *seleção*! Como em Kalish. E, a julgar por aqueles que fazem esta seleção, para ter sucesso nela é preciso ser negro. Ou, pelo menos, ter a pele morena e os olhos escuros.

ESTOU PERDIDO.

– VOCÊ CONSEGUIU SE LEVANTAR?

É Abi, que acaba de aparecer atrás de mim. Eu tenho um sobressalto violento.

– Como está se sentindo? Não está tonto?

– Por que estão tirando fotos das crianças? – pergunto sem fazer caso da pergunta. – Vocês as selecionam? O que fazem com aquelas que não são selecionadas? Vocês as matam? Enviam para o campo de concentração? Vocês vão me matar?

Ela me lança um olhar assombrado. Um olhar que significa: “Este pobre moleque está completamente louco!”.

Mas não, não estou louco! Ao contrário, nunca estive tão lúcido! É preciso que Abi compreenda que não sou um garoto comum. Não conseguem me enganar!

– Uma se-le-ção? – ela repete, destacando cada sílaba da palavra acompanhada de uma mímica aturdida. – De onde você tirou essa ideia?... Escute bem, Max! Aqui não se selecionam crianças! Nem matamos ninguém! E não existem mais campos de concentração!

Ela para um instante, o tempo necessário para deixar as palavras percorrerem seu caminho pelo meu entendimento. Mas o caminho está difícil. Não estou convencido. Ainda não.

– Se fotografamos as crianças, é porque nos ajuda a localizar os pais delas. Você acredita em mim? – ela pergunta.

Não respondo. Estou perdido. Ou Abi é sincera, ou é uma atriz incomparável. Percorro a sala com um novo olhar, o mais afiado possível. Não vejo aparelhos de medição. Nem *Aufseherin*. Nem soldados que espancam crianças. Apenas o grande Negro que está sempre sorrindo. E as crianças não têm ar de quem está com medo. O único que treme de pavor sou eu, e isso não se parece comigo. Preciso me recompor.

– Sim, acredito.

Apenas um murmúrio, mas Abi me escutou.

– Ótimo, perfeito. Escute, já que você está aqui, podemos tirar uma foto sua se você quiser, por que não? Entre na fila de espera, não vai demorar.

– Não.

– Não?

– NÃO.

Abi olha para o alto e dá um suspiro de aborrecimento. Eu a irrita. Ela também me deixa nervoso com suas ideias fixas. Antes, os Glaser, agora, a história da foto.

– Você não quer ser fotografado? Por quê? Você não quer mais ver seus pais?

– Meus pais estão mortos. Os dois.

– Você tem certeza?

– Sim. Minha mãe foi morta por um Ivã e meu pai se suicidou.

– Mas você pode ter um irmão ou uma...

– Meu irmão também morreu. Morto por um Ivã.

– Mas sem dúvida, em algum lugar, deve haver um tio, uma tia, um primo que gostaria de ter notícias suas?

Balanço a cabeça negativamente.

– Escute, a foto de qualquer maneira vai ser útil, nunca se sabe. Espere e tire-a de uma vez! Não vai demorar muito.

Como ela faz menção de se afastar, eu digo:

– Tenho a foto dos meus pais.

Ela volta.

– Ah, mas isso é muito bom! Me mostre!

Ponho a mão no bolso. Lá dentro, a foto da mulher loira posando com o Führer. A foto que Lukas tinha guardado, aquela que o matou. Eu a recuperei

e não me separei mais dela. Porque é a única lembrança que tenho de Lukas. Porque acho que ele tinha a intenção de mostrá-la aos americanos. Mas eu hesito em dá-la. Sinto que Abi não vai gostar dela.

– E então, o que é que está esperando? Mostre para mim! – ela insiste, ajoelhando-se na minha frente.

Bom, foi ela que insistiu. Tiro a foto do bolso.

Abi a pega, olha e na mesma hora recua instintivamente, o que a faz perder o equilíbrio. Eu a seguro pela mão para que não caia, mas ela se solta com um gesto nervoso, como se não suportasse o meu contato.

Eu tinha certeza de que ela detestaria aquela foto! Não deveria tê-la mostrado. Deveria tê-la destruído. Esta maldita foto vai me matar, como matou Lukas.

Mas sei bem como me defender. Abi é apenas uma mulher. Ela não está armada com uma submetralhadora como o Ivã que matou Lukas. Além disso, a guerra acabou, não é verdade?

– Há pouco você me disse que as crianças não deveriam pagar pelos erros dos pais.

Minha frase surte efeito. Abi se recompõe. Seus olhos não faíscam de raiva como antes, ela esboça um sorriso. Não consegue, mas tem boa vontade.

– Vamos para outro lugar!

Ela me leva para um aposento contíguo, fecha a porta atrás de mim, senta-se diante de uma escrivaninha coberta de dossiês, faz um sinal para eu me sentar numa cadeira diante dela e coloca a foto sobre a escrivaninha, olha-a de novo – com mais calma, evitando demorar-se na figura do Führer – e me pergunta:

– Por que você diz que são seus pais?

– Porque é verdade.

Como minha resposta aparentemente não a satisfaz, acrescento:

– Ela (indico a mulher loira) é a *Frau* que se acasalou com um oficial da SS para me fazer (indico o bebê) e me dar de presente a ele (indico desta vez o Führer).

Abi me olha fixamente. Em seguida, olha para o teto, tamborilando nervosamente os dedos na escrivaninha. Um segundo depois, ela abre a boca para começar uma frase, mas desiste de dizer seja lá o que for.

– Max – ela retoma enfim, esforçando-se para ficar calma. – Não se dá um bebê de presente. O que está tentando me dizer? O que esta foto significa?

Que sua mãe teve oportunidade de se encontrar um dia com Hitler? Depois ela fez você acreditar que ele era seu pai? Sem dúvida, era um modo de falar...

Eu a interrompo com um gesto.

É minha vez de olhar para o alto e suspirar.

Bom, como Abi não compreende o que quero dizer, terei de lhe contar minha história. Inteira. Isso vai demorar. Nem sei por onde começar...

Talvez pelo começo? Pego a foto e a viro, apontando com o dedo a palavra *Steinhöring*.

– Foi lá que nasci. Steinhöring. É uma casa perto de Munique.

E então, de repente, agora que acabei de começar minha narrativa, Abi me interrompe.

– Você disse Steinhöring?

– Sim.

– Espere um minuto!

Ela procura entre os dossiês que estão na escrivaninha, tira um deles, abre-o e tira uma folha da qual lê rapidamente o conteúdo, depois de ter colocado os óculos.

Acho que ela fica feia com esses óculos que a deixam com grandes olhos de mosca.

– Nossos soldados estiveram em Steinhöring em abril – ela diz, sem estar realmente se dirigindo a mim. (Tem mais o ar de quem está pensando em voz alta, continuando sua leitura.) – Encontraram lá trezentos bebês. *Trezentos!* Abandonados à própria sorte nos locais bombardeados. Os pequenos estavam num estado lamentável. Nossos soldados não encontraram nenhum papel, absolutamente nada para identificá-los e...

Eu arranco a folha das mãos dela. É preciso que ela pare de tagarelar e me deixe falar.

– Eu sei quem são esses bebês. Sei *como* eles foram feitos. Sei *quem* os fez, *quem* pediu para que fossem feitos, *quem* os selecionou para que só fossem mantidos os mais perfeitos. Sei onde os seus soldados podem encontrar outros. Sei tudo. Fui o primeiro desses bebês.

Abi não procura recuperar a folha que subtraí dela e tira os óculos. Não está mais com olhos grandes de mosca, mas uma tensão crispa sua fisionomia.

Vendo que, desta vez, ela está realmente preparada para me escutar, eu

inspiro profundamente.

E começo a falar.

Nasci em 20 de abril de 1936. No dia do aniversário do nosso Führer...

QUANDO ACABO MINHA narrativa, já é noite. A salinha está mergulhada na escuridão.

Abi não teve o reflexo de acender a luz do abajur que está sobre a escrivaninha. Não fez um só gesto durante todo o tempo que falei. Parecia uma estátua.

Só agora ela resolve acender a luz. Com um gesto longo e cansado. Como se o abajur estivesse muito longe dela, embora se encontre a apenas alguns centímetros. A paisagem por trás do vidro da janela – apenas um pedaço de céu azul que passou a cinza, depois ficou preto – desaparece para deixar refletir o interior da sala. Principalmente meu rosto. Eu o vejo tão nitidamente como diante de um espelho.

Faz muito tempo que não me olho no espelho. Verifico que continuo loiro. Que meus olhos continuam azuis. Nada mudou.

Sim, um detalhe: estou chorando.

Pela primeira vez, eu choro. Será que isso significa que me tornei uma criança igual às outras?

LUKAS TAMBÉM TINHA chorado no dia em que, na enfermaria de Kalish, eu lhe contei minha história. A primeira parte dela, a que vivi antes de conhecê-lo. Naquele dia, ele me disse: “É preciso que testemunhemos, nós dois. Eu, pelo que os nâzis fizeram aos judeus e aos poloneses; você, pelo que fizeram a você”.

Cumpri minha promessa.

EU NÃO TINHA compreendido por que Lukas tinha chorado ouvindo minha história. Nem tinha compreendido o significado da palavra “testemunhar”.

Agora, sim. Normal. Eu cresci. Tenho nove anos e meio.

E tenho certeza de que, para uma criança, em tempos de guerra, os anos contam em dobro.

NOTAS DA AVTORA

ESTE ROMANCE É inspirado em fatos reais:

O programa *Lebensborn*, iniciado por Heinrich Himmler e posto em prática a partir de 1933 na Alemanha, foi estendido aos países ocupados em 1940-1941. Estima-se em cerca de oito mil o número de crianças nascidas nas casas do *Lebensborn* na Alemanha, entre oito e doze mil na Noruega, algumas centenas na Áustria, na Bélgica e na França.

O sequestro e a germanização de crianças polonesas. (Crianças ucranianas ou originárias de países bálticos também foram envolvidas. Estima-se que o número de crianças tiradas de suas famílias sobe para mais de duzentos mil.)

A UNRRA (Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas), com outros organismos de ajuda a pessoas desalojadas, trabalhou para que uma parte dessas crianças pudesse reencontrar a família depois da guerra.

Entretanto, meu herói, Konrad, não foi inspirado em nenhuma personagem real. Foi inventado por mim totalmente. Lukas tem um equivalente na realidade histórica na pessoa de Salomon Perel. Em 1941, judeu adolescente, ele, por milagre, conseguiu se fazer passar por ariano. Ele lutou no fronte leste, durante um ano, em uma unidade alemã, depois integrou uma escola de elite das Juventudes Hitleristas. Ao contrário de Lukas, ele sobreviveu.

Diversas personagens – algumas são apenas citadas, outras desempenham um papel mais importante no meu enredo – realmente existiram:

Max Sollmann, diretor administrativo do *Lebensborn*.

Gregor Ebner, médico e general da SS, que não só dirigia várias maternidades do *Lebensborn*, mas também supervisionava a seleção e a germanização de milhares de crianças sequestradas.

Johanna Sander, diretora da casa de Kalish.

As *Braune Schwester*, as “Irmãs Marrons”, que orquestravam o sequestro das crianças.

Herr Tesch, *Frau Viermetz*, *Frau Müller* (NSV), Karl Brandt (médico pessoal de Hitler), sua mulher, Anni Reborn.

Em 1947-1948, Sollmann, Ebner e seus cúmplices foram julgados em Nuremberg, mas o tribunal aliado não levou em consideração o “caráter criminoso” do *Lebensborn*. Eles foram libertados na conclusão do processo.

AGRADEÇO PARTICULARMENTE ao notável livro de Marc Hillel: *Au nom de la race* (Fayard, 1975), que me forneceu a matéria indispensável para meu romance. A obra de Marc Hillel é, creio eu, a única que reúne todas as informações referentes ao *Lebensborn*.

Une femme à Berlin, journal (autor anônimo, Éditions Gallimard, coll. Folio, 2006) foi igualmente uma grande fonte de inspiração para descrever as aventuras dos meus dois heróis na Berlim destruída do fim da guerra.

Estes livros foram outras fontes preciosas para mim:

Napola, les écoles d'élite du Troisième Reich, Herma Bouvier, Claude Geraud, L'Harmattan, 2009.

La Chute de Berlin, Antony Beevor, Éditions de Fallois, 2002.

Les Fiancées du Führer, Will Berthold, Presses de la Cité, 1961.

Europa, Europa, Sally Perel, Ramsay, 1990.

Les Enfants de Vienne, Robert Neumann, Éditions Liana Levi, 2009.

Le Roi des Aulnes, Michel Tournier, Gallimard, coll. Folio, 1970.

Eu deveria acrescentar a esta lista inúmeros *sites* da internet que consultei e dos quais infelizmente não pude anotar as referências durante minhas “visitas”.

Muito obrigada a Zosia Orlicka pelas traduções em polônês.

Agradeço afinal, calorosamente, a Thierry Lefèvre. Há alguns anos, foi ele quem me sugeriu escrever este romance, e acompanhou meu trabalho incentivando-me constantemente.

JULIE CROSS

o amanhã é agora



Bônus da Série **tempest**



O Amanhã é Agora

Cross, Julie

9788555390814

40 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Amanhã é Agora é um livro bônus da série Tempest.

[Compre agora e leia](#)

Saga
Acompanha
Shadow Falls

Levada ao Entardecer

OS SOBRENATURAIS

C. C. Hunter



Levada ao entardecer

Hunter, C.C.

9788564850262

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste terceiro livro da saga Acampamento Shadow Falls, Kylie quer saber a verdade por pior que ela seja! A verdade sobre quem é a sua verdadeira família, a verdade sobre os seus poderes sobrenaturais e a verdade sobre o que ela sente com relação a Lucas e Derek. E pra completar, um fantasma vive atrás dela com um aviso terrível: "Alguém vive e alguém morre". Enquanto Kylie tenta desvendar o mistério e proteger aqueles a quem ama, finalmente descobre o segredo da sua identidade sobrenatural. E a verdade é bem diferente e muito mais inesperada do que ela jamais imaginou!

[Compre agora e leia](#)

Nele Neuhaus

Autora best-seller com mais de 6 milhões
de exemplares vendidos no mundo

LOBO MAU

SUSPENSE POLICIAL

UMA ADOLESCENTE ENCONTRADA MORTA COM SINAIS DE ABUSO SEXUAL

UMA FAMOSA APRESENTADORA DE TV BRUTALMENTE ATACADA

UMA TRAMA DE GELAR OS OSSOS



Lobo-mau

Neuhaus, Nele
9788564850897
496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma adolescente é encontrada morta no rio Meno, nos arredores de Frankfurt. Sua identidade é um mistério. Aparentemente, ela é a terceira vítima de uma festinha regada a álcool que terminou tragicamente, mas a polícia descobre que a água nos pulmões da garota não é do rio, e que seu cadáver mutilado está ali há dias. Pia Kirchhoff e Oliver von Bodenstein, os detetives do best-seller Branca de Neve Tem que Morrer, agora trabalham para descobrir quem aprisionou, estuprou e brutalizou a jovem. Enquanto isso, mais crimes acontecem: a apresentadora de um programa de TV sensacionalista é espancada, estuprada e trancada no porta-malas de seu próprio carro e uma psiquiatra sofre uma morte terrível. A ligação entre os crimes é uma rede de violência e corrupção que atinge a elite da sociedade e o próprio departamento de Pia. Mas talvez seja tarde demais para ela e Oliver descobrirem quem é o lobo mau.

[Compre agora e leia](#)

LIVRO DOIS
AS CRÔNICAS
dos
IRMÃOS CELESTIAIS

MESSIAS O PRIMEIRO JULGAMENTO

UM ROMANCE ÉPICO DE
WENDY ALEC



Messias - O Primeiro Julgamento

Alec, Wendy

9788564850873

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Combinando a interpretação bíblica com a pesquisa histórica e uma narrativa cinematográfica, este livro descreve de maneira sublime a arrepiante conspiração de Lúcifer e a jornada de Jesus entre os homens, numa batalha sangrenta e selvagem em que os vastos exércitos reais do primeiro céu combatem as hordas de decaídos do inferno.

[Compre agora e leia](#)

UM ALEMÃO VETERANO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

UMA JUDIA RUSSA EM BUSCA DO SEU DESTINO

Hannah e Emil

BELINDA CASTLES

Uma História
Irresistível,
de Grande
Amor e
Coragem
em Tempos
de Desespero



BASEADO EM FATOS REAIS

Hannah e Emil

Castles, Berlinda

9788564850798

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Emil e Hannah vivem em meio ao turbilhão da primeira metade do século XX. Emil, um alemão veterano da Primeira Guerra Mundial, ao voltar para casa, encontra uma nação turbulenta em meio à frenética agitação política da recém-criada República de Weimar. Seu envolvimento com a resistência contra a política de extrema direita do nascente Partido Nazista termina por forçá-lo a abandonar sua família e seu lar. Hannah, uma judia russa determinada a ganhar o mundo, sai de casa para percorrer a Europa.. Em Bruxelas, ela encontra um Emil arrasado. Por um breve período, ambos apaixonados, fazem da Inglaterra seu lar. Porém, a tão temida guerra causada pela Alemanha estoura, e Emil, um estrangeiro, considerado inimigo, é preso e em seguida enviado para longe. Hannah, determinada a encontrá-lo, prepara-se para uma viagem perigosa e solitária através dos mares em busca de seu grande amor.

[Compre agora e leia](#)